

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DOUTORADO EM FILOSOFIA

LUIS ALBERTO MÉNDEZ GUTIERREZ

**A HOSPITALIDADE INCONDICIONAL AO MIGRANTE: A SUPERAÇÃO DA TOLERÂNCIA
PARA UMA ÉTICA DA HOSPITALIDADE NO PENSAMENTO DE DERRIDA E DE LEVINAS**

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DOUTORADO EM FILOSOFIA

LUIS ALBERTO MÉNDEZ GUTIERREZ

**A HOSPITALIDADE INCONDICIONAL AO MIGRANTE: A SUPERACÃO DA
TOLERÂNCIA PARA UMA ÉTICA DA HOSPITALIDADE NO PENSAMENTO DE
DERRIDA E DE LEVINAS**

Tese apresentada à banca examinadora como
requisito parcial para obtenção do grau de Doutor
em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em
Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: Ética e Filosofia Política.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza

Porto Alegre
2022

Dedico este trabalho à memória dos 72 migrantes ilegalizados do massacre de San Fernando, no Estado de Tamaulipas, ao norte do México, que se deslocavam em busca do sonho americano.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este trabalho, estou ciente de que se trata de um processo de permanente construção...

Quero agradecer a Deus pelos caminhos que me tem levado nesta vida, minha vida singular, única. Pelo conhecimento adquirido com minha família, meus amigos, nas creches, nas escolas, nos liceus, nas faculdades e com todos os não iguais a mim. Agradeço pelos contrastes, pelos traumas, pelos desafios e pelas decepções que me tornaram melhor ou, pelo menos, não o mesmo.

Neste momento quero agradecer à Província São Francisco de Assis, aos provinciais anteriores e ao atual, Frei Marino Roden, pelo estímulo, pela confiança e esperança em me tornar melhor para servir à Ordem e à Igreja Católica Universal.

Agradeço aos professores da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, aos professores, colegas e funcionários que contribuíram neste processo de conhecimento e crescimento. Ao professor Ricardo Timm de Souza, por acreditar neste trabalho. A Isis Freitas, pelo seu carinho e paciência com meu “único português”, difícil de domar. Aos professores da banca da pré-defesa, que me deram luzes, indicaram limites e me conduziram por outros caminhos inesperados.

À Capes, pelo apoio financeiro para poder viabilizar meu doutorado nesta prestigiosa Universidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo propor uma ética da hospitalidade para com o migrante em detrimento de uma lógica da tolerância que predomina nos vários ambientes e setores da sociedade, gerando, dessa maneira, uma situação de tensão constante e de esgotamento. A tolerância supõe uma atitude, uma ação provocada por alguém que tem poder e que coloca as regras do jogo. Nesse contexto, a parte mais débil não tem a chance de escolher, mas somente de aceitar as regras impostas e de ser tolerado. Por isso, propõe-se uma ética da hospitalidade, de abertura, de acolhida sem restrições e sem condições, em que todos são chamados a praticar a hospitalidade, porque é abertura total ao desigual que se apresenta, sem regras, sem carta de recomendações. O migrante deve ser acolhido na sua diversidade, pois na sua presença há uma vida, um ser que pensa, que sonha, sofre, ama e quer viver com dignidade a partir dele. Os migrantes centroamericanos, durante o percurso pelo corredor mexicano, são invisibilizados, sequer tolerados em diversas oportunidades, sofrem inúmeros rechaços e violências. Em algumas ocasiões são tolerados, mas com a condição de submeterem-se a várias condutas desumanas. Há muitas experiências de hospitalidade nos centros de apoio aos migrantes, assim como ajuda de várias pessoas e famílias que, de forma silenciosa, oferecem um pedaço de pão, gesto por meio do qual se expressa toda a hospitalidade incondicional. Em suma, embora os gestos concretos não decorram de grandes reflexões filosóficas e teológicas, são eles que provam que a hospitalidade incondicional é possível.

Palavras-chave: hospitalidade incondicional; tolerância; migrante.

RESUMEN

La presente investigación tiene como objetivo proponer una ética de la hospitalidad hacia el migrante en detrimento de una lógica de tolerancia, que predomina en los diversos entornos y sectores de la sociedad, generando así una situación de constante tensión y agotamiento. La tolerancia supone una actitud, una acción provocada por alguien que tiene poder y que establece las reglas del juego. En este contexto, la parte más débil no tiene la oportunidad de elegir, sino sólo aceptar las reglas impuestas y ser tolerado. Por este motivo, se propone una ética de la hospitalidad, de la apertura, de la acogida sin restricciones y sin condiciones, en la que todos están llamados a practicar la hospitalidad, porque es apertura total a lo desigual que se presenta, sin reglas, sin carta de recomendaciones. El migrante debe ser acogido en su diversidad, porque en su presencia hay una vida, un ser que piensa, sueña, sufre, ama y quiere vivir dignamente a partir de él. Los migrantes centroamericanos, en su recorrido por el corredor mexicano, son invisibilizados, ni siquiera tolerados en varias ocasiones, sufren innumerables rechazos y violencias. En algunas ocasiones son tolerados, pero con la condición de que se sometan a diversas conductas inhumanas. Hay muchas experiencias de hospitalidad en centros de apoyo a personas migrantes, así como la ayuda de diversas personas y familias que, en silencio, ofrecen un trozo de pan, un gesto a través del cual se expresa toda la hospitalidad incondicional. En suma, aunque los gestos concretos no resultan de grandes reflexiones filosóficas y teológicas, son ellos los que prueban que la hospitalidad incondicional es posible.

Palabras clave: hospitalidad incondicional; tolerância; migrante.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2. A CAMINHO DAS BESTAS. “AQUI COMEÇA O INFERNO”	13
2.1 Primeiro círculo: por que sair e deixar o país? Migrar é um direito!.....	15
2.2 Segundo Círculo: preparar a saída para a indeterminação. “Ninguém é ilegal neste mundo”	22
2.3 Terceiro Círculo: Sobre a perda de direitos dos migrantes	25
2.4 Quarto Círculo: A dificuldade do trânsito pelo México	27
2.5 Quinto Círculo: Há muros físicos, mas o pior é o muro humano	30
2.6 Sexto Círculo: Massacre de São Bernardo, os 72 migrantes assassinados pelos Zetas, no México.....	34
2.7 Sétimo Círculo: <i>El omnibus de las lágrimas</i>	37
2.8 Oitavo Círculo: As crianças migrantes	38
2.9 Nono Círculo: Entre “La Bestia” e “La Muerte”	41
3 SOBRE A HOSPITALIDADE: UMA TRÉGUA NO CAMINHO	47
3.1 Hospitalidade incondicional	53
3.2 Hospitalidade sagrada	55
3.3 A Chegada ao norte.....	57
4 SOBRE A TOLERÂNCIA	61
4.1 Surgimento da tolerância	61
4.2 O consenso e a falsa hospitalidade.....	63
4.3 Tolerar o migrante.....	66
4.4 O estranho, o estrangeiro	69
4.5 O outro é um monstro	71
4.6 Te toquei e te conheci	71
5 DA HOSPITALIDADE CONDICIONAL À TOLERÂNCIA	74
5.1 Hospitalidade condicional é tolerância	74
5.2 Hospitalidade na tradição.....	75
5.3 Hospitalidade condicional.....	76
5.4 A hospitalidade tolerante e sua violência.....	79
5.5 O limite da tolerância	81
5.6 A hospitalidade desacomoda e incomoda	82
5.7 O hoste e hostil migrante	84
5.8 O migrante é hostilizado e tolerado	87
6 A SOCIEDADE TOLERANTE E SEU MAL-ESTAR	90
6.1 A perda de sentido.....	90
6.2 A idolatria de mercado leva ao ser.....	94
6.3 Alguém tem que ser sacrificado.....	95
6.4 Fetichismo e mercado	97
6.5 O Deus que quer sacrifícios humanos.....	99
6.6 Deuses nossos de cada dia	103
6.7 Viver de ilusões para esconder o sem sentido.....	105

7 SOBRE A IDOLATRIA DO MERCADO CAPITALISTA	110
7.1 Da idolatria de mercado à perda do sentido	110
7.2 As coisas vivem e as pessoas viram coisas. Migrante lugar sem lugar	114
8 O OUTRO COMO MIGRANTE	115
8.1 O encontro se dá na diferença	115
8.2 Estrangeiro-Migrante-Apátrida-Refugiado: quem são?.....	116
9 JESUS COMO MIGRANTE, HOSTIL E HÓSTIA	120
9.1 Mais idolatria ao mercado, mais migrantes	123
9.2 O migrante econômico	125
9.3 O Migrante como refugio.....	126
9.4 O Migrante, o Outro – o Vadio e o Refugio	128
10 “QUEDA-TE EM CASA”: A migração em tempos de pandemia	132
10.1 Queda-te em casa! Que casa?	133
10.2 A chegada do terceiro	134
10.3 O protecionismo e o negacionismo na pandemia.....	137
10.4 Migrantes nos Estados Unidos e a pandemia.....	140
10.5 A pandemia em centro-américa	143
10.6 Migração na América Latina durante a pandemia	147
10.7 Hospitalidade na pandemia	151
10.8 Tolerância e migração na Guerra da Ucrânia.....	154
11 CONCLUSÃO	156
REFERÊNCIAS	159
EXCURSO I	
VIDA E OBRA DE EMMANUEL LEVINAS E JACQUES DERRIDA	181
Emmanuel Levinas	181
Seu êxodo e suas influências.....	182
Os anos no cativo.....	183
Vida e obra de Jacques Derrida	185
Infância e influência intelectuais	186
EXCURSO II	
REGISTRO DE FOTOS. ACERVO PESSOAL	190

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce e começa a ser vivenciado desde o meu tempo de criança, nos trilhos do trem de um pequeno povoado chamado Carlos Reyles, no Estado de Durazno, no Uruguai. Nasci em uma casa do lado da estação de trem dessa localidade; esse tipo de moradia era disponibilizada pelo governo uruguaio para os funcionários. Meus avós, tios e meu pai trabalharam na estação ferroviária do Uruguai. Quando criança, as brincadeiras eram em cima dos vagões, dos trilhos, com faróis, bandeiras; todas as brincadeiras com meus irmãos e primos estavam vinculadas ao mundo ferroviário. Aprendi a caminhar na via-férrea pulando cada madeira que sustenta os trilhos para não bater os pés nas pedras afiadas que dão suporte aos trilhos de ferro.

Cada vez que passava um trem de carga ou de passageiros, todas as crianças pulavam e abanavam para o maquinista e para os passageiros, que retribuía abanando suas mãos para nós. Ficávamos com uma alegria eufórica. Ao passar o último vagão, todos coríamos e nos deitávamos, colocávamos nossos ouvidos para escutar o barulho do trem desaparecer aos poucos. Sabíamos que se o barulho no trilho continuava era porque se tratava de um trem longo, com vários vagões. Os de carga, por exemplo, pelo seu peso, eram os que causavam mais impacto e demoravam a deixar de vibrar no trilho.

Aprendi com meu pai a olhar longe pelos trilhos do trem, até desaparecerem no horizonte. À medida que se distanciavam os dois trilhos se aproximavam cada vez mais até se unirem e ficarem na ilusão de ótica somente um trilho desaparecendo em alguma curva ou pequena subida daquela planície dos campos uruguaiois. Meu pai me ensinou a caminhar sobre os trilhos do trem, enquanto ele levava o farol aceso que era colocado em uma coluna que dava autorização para o trem entrar na estação ferroviária. Esse poste branco ficava há um quilômetro da estação, e eu aprendi a caminhar sobre os trilhos vários metros sem perder o equilíbrio, até que um pé mal colocado no trilho perdia o equilíbrio e o ritmo e, assim, próximo pé caía fora, a cada metro, centímetros a mais era uma conquista. Segundo meu pai, isso me *serviria para a vida*, talvez sem saber que, de fato, ao buscar o equilíbrio nos trilhos, buscaria equilíbrio para sempre na minha vida.

Viajei várias vezes para a capital do Uruguai em trem de passageiros. E, aos 18 anos, saí de meu amado povoado, Carlos Reyles, e nunca mais voltei a morar lá. Migrei como a maioria de meus amigos e colegas que tiveram que migrar para a cidade grande em busca de novas e diferentes oportunidades. Migrei para o Brasil quando tinha 24 anos. Não foi e não é uma migração forçada, que é a centralidade deste trabalho, mas mesmo assim senti muita

dificuldade em me inculturar em terras rio-grandenses. Vivi dias vazios, sem sentido e sem alegria, pensei muitas vezes em retornar. Levei um ano para me adaptar a diferentes gírias, sotaques e comidas. Até hoje tenho dificuldade em comer alguns alimentos; meu corpo ainda não se acostumou.

Se a minha migração, que não foi forçada, provocou tanto sofrimento em mim, como serão as dificuldades daqueles que migraram de forma indocumentada, forçada e em condições inumanas? Essa pergunta sempre apareceu em diferentes momentos, principalmente quando encontrava migrantes indocumentados. Em várias ocasiões, durante a missão como franciscano, nas periferias, depois no trabalho pastoral como sacerdote, me deparei com migrantes ilegalizados – pelas leis que os países criam a partir de uma lógica de tolerância – violentados, escravizados, soropositivos, dependentes químicos e vivendo no mundo da prostituição. Ao conhecer a obra e o pensamento de Levinas e sua proposta ética da alteridade durante a graduação, escrevi a minha monografia sobre a *Alteridade na obra Totalidade e Infinito*. Depois, durante a graduação em Teologia, tive a oportunidade de ampliar o conhecimento sobre a obra do autor. No mestrado, decidi me aprofundar ainda mais no pensamento de Levinas. Para isso, tive que conhecer mais e pesquisar sobre a cultura e o mundo judaico, sobre o nazismo e a história geral para entender o contexto no qual surge o pensamento e a obra de Levinas. Foi nessa aventura que conheci a obra de Jacques Derrida e seu pensamento sobre *Hospitalidade*, o que despertou muito a minha atenção.¹

A Hospitalidade é a proposta central deste trabalho, que começou como já falei anteriormente a ser gestado e vivenciado há muitos anos. Sempre me inquietou muito a questão da migração, da movimentação humana e a busca de pessoas, de povos por uma vida mais digna. No fundamento da minha fé cristã está presente a mesma situação que procurei aprofundar nesta pesquisa. Nesse sentido, analisamos o individualismo, a tolerância, a migração enquanto movimentação humana pela busca de terra e de bem-estar e a hospitalidade, tomando como cenário os relatos do *Povo de Deus* em sua saída do Egito num contexto de exaustivo exílio para chegar à Terra Prometida.

O migrante é fruto de uma sociedade que tolera demais, que se sente compelida a suportar, que vive uma violência velada, uma paz falseada com atitudes tolerantes e, para tentar evitar essa situação, exclui o outro totalmente outro, que está presentificado no migrante, quer

¹ Destaco neste momento que ambos os autores têm muitos pontos antagônicos, não fico neles, me centro naqueles que se aproximam e se complementam, como neste trabalho resgato os conceitos de alteridade e hospitalidade.

ele longe de si para não poder enxergá-lo, para justificar os atos violentos ou o seu extermínio. Desse modo, o migrante é demonizado, é o outro totalmente outro derridiano² que posso querer matar. Centro-me no migrante empobrecido e ilegalizado e procuro dissociá-lo do estrangeiro, porque o estrangeiro nem sempre é migrante, o estrangeiro como estranho e diferente é também aquele que mora fora de nosso país, mas que pode estar em situações de privilégio.

Começo o trabalho fazendo um recorte com o trabalho de campo realizado em Guadalajara no Centro de Refúgio aos migrantes em curso para os Estados Unidos. Antes que mais nada são pessoas, depois migrantes que saíram de seus países na América Central, por causa de desemprego que assola esses países com uma violência estrutural por causa das Maras e outros grupos delitivos que torna a vida das comunidades já empobrecidas levando-as a um grau de indignidade insustentável. São crianças, adolescentes, jovens, mães grávidas que transitam pelo México em forma silenciosa, invisibilizados e criminalizados por não possuírem documentação nem vistos. Viajam em transportes organizados pelos coyotes, a pé, pendurados no trem *La Bestia*, que é o trem de carga que percorre todo o México do sul ao norte do país na fronteira norte-americana. As inúmeras experiências sofridas por estes migrantes que vivem no limite, há tolerância no meio do caminho quando há troca de dinheiro, de pertences, de sexo, de abusos ou simplesmente de diversão.

A travessia é um verdadeiro calvário, um inferno como a maioria dos migrantes a definem. Por esse motivo, o primeiro capítulo designei: *A CAMINHO DAS BESTAS. “AQUI COMEÇA O INFERNO”*, o qual é dividido em nove círculos com o objetivo de fazer uma alegoria com os círculos da Divina Comédia, de Dante Alighieri, e os nove círculos do inferno. Porém, no caso do círculo dantesco, já de entrada há uma advertência no sentido de *perder toda esperança*; no inferno asteca os migrantes sempre têm esperança de serem mais fortes que os sofrimentos que possam enfrentar, pois há luz no Norte.

Mas, no meio desse calvário, surge a hospitalidade incondicional de pessoas muito simples que entendem que a dignidade humana deve ser preservada. Essas pessoas não frequentam os grandes círculos de privilégio, nem círculos políticos ou culturais, mas nos deixam um exemplo de humanidade, pois enxergam o que nós dizemos não enxergar. São famílias de pequenas cidades, aldeias que se encontram ao lado dos trilhos do trem onde passa *La Bestia*.

² Advirto que sempre que me referir ao outro totalmente outro o farei a partir de Derrida.

É esse tipo de hospitalidade que precisamos praticar onde estamos e vivemos. Essa hospitalidade não se aprende nas grandes Universidades nem nos círculos políticos e de poder, mas na vivência, na prática, no encontro nu com o outro.

Neste trabalho intitulado “*A Hospitalidade Incondicional ao Migrante: a superação da tolerância para uma ética da hospitalidade no pensamento de Levinas e Derrida*” o objetivo consiste em problematizar como, na sociedade atual, se enaltece a tolerância enquanto estratégia para ocultar as relações de poder do mais forte para os mais fragilizados, que devem aceitar as condições impostas por aquele que tolera, mas não aceita nem acolhe e ainda pode impor condições para o hóspede. A tolerância estabelece um ambiente de tensão e de aguento permanente e, na sua máxima expressão, estabelece uma hospitalidade camuflada, que apresento como hospitalidade condicional.

Proponho, para essa questão, a Hospitalidade incondicional que Jacques Derrida nos deixou como legado, que nos incentiva e nos desafia, ainda hoje, a acolher o outro migrante incondicionalmente, a recebê-lo e deixá-lo chegar. Há uma invasão do outro em nós, cria-se um clima de instabilidade na nossa vida, no bairro, na cidade ou num país porque, com sua presença, ele nos questiona sobre essa desigualdade social e mostra que em dignidade somos iguais. A hospitalidade incondicional deixa o outro migrante chegar a mim, sem condições prévias; não há tolerância, porque não há aguento nem normas que eu possa estabelecer. Hospedar o hostil que chega, ser hospital para o doente que entra para ser recuperado, o hostil que se transforma em hóstia e chega para comungar nossa vida. A primeira atitude na hospitalidade incondicional é acolher sem questionamentos, sem normas, recuperar, curar e sarar, depois a gente vê os transtornos e os meios para dignificar ao outro.

No final do trabalho também menciono a pandemia de Covid-19 e a situação dos migrantes que, nesse contexto, encontravam-se em trânsito e não podiam continuar com seu objetivo de chegar ao norte, mas também não podiam retornar, a experiência de ser migrante indocumentado e, ainda, representar um perigo porque poderia transportar o vírus.

2. A CAMINHO DAS BESTAS. “AQUI COMEÇA O INFERNO”³

Neste capítulo, pretende-se refletir sobre a saída do migrante, o momento em que decide deixar sua família e seu país, o ambiente de miséria no qual se encontra, cansado da violência das *Maras*⁴ e dos grupos guerrilheiros que invadem as periferias das cidades. A decisão não é fácil e, quase sempre, é a última opção, tendo em conta que não há muitas opções para escolher. Ele já tentara muitas alternativas para solucionar os problemas econômicos e, nessa direção, migrar é a última carta que tem para ser jogada. Para sair e chegar ao *norte*⁵ terá que enfrentar muitas adversidades. *La bestia*⁶ (trem) é a primeira que terá que desafiar e sobreviver a ela e, se chegar, deverá enfrentar a segunda *besta*, o próprio país, o capitalismo inumano, a soberba de um país soberano e cruel.

Para isso, traremos presente a grande obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, com o intuito de fazer uma analogia com o terceiro livro da obra, em que o autor fala do inferno e o transcurso para chegar ao paraíso e que, necessariamente, tem que entrar pela porta do inferno. Já na porta há uma mensagem que vai advertir – ao migrante – que no momento em que passar pela porta – pela fronteira de entrada ao México – *Abandone toda esperança, quem por aqui passar*⁷; queremos resgatar toda a experiência de Dante pelos nove círculos que fazem parte do inferno.

Pretendemos comparar a experiência de Dante de estar em uma selva escura paralisado na frente de três animais⁸, feras que o ameaçam e não o deixam avançar⁹; essas feras são os *coyotes, mareros e policiais*. Este capítulo será dividido em nove círculos, muros físicos ou

³ Alusão a “Divina Comédia” de Dante Alighieri, dividida em três partes: inferno, purgatório e paraíso. O inferno é a entrada no livro e durante a passagem por eles, Dante vai encontrando muitas personalidades do momento; os nove círculos que fazem parte do inferno se encontram as pessoas pagando seus pecados e quanto mais aumenta o número de círculos mais sofrimentos.

⁴ As *Maras* são organizações juvenis criminais, as mesmas estão presente na América do Norte e América Central. Para aprimorar conhecimento sugiro a leitura do livro: JÚNIOR, Fayet Ney; FERREIRA, Marta da Costa. *Fenômeno marero na América Central: uma abordagem criminológica de seus pressupostos existenciais*. 2. ed. Porto Alegre: Nuria Fabris Editora, 2014.

⁵ Quando os migrantes dizem que querem chegar ao Norte é os Estados Unidos, veremos esta expressão em vários relatos.

⁶ Trem de carga que sai do sul do México e atravessa todo o país até a fronteira sul norte-americana. Os migrantes empobrecidos e sem condições econômicas, por não terem documentação (visa) para transitar pelo México, e para evitar os postos de migração, viajam pendurados nos trens de carga. As inúmeras situações inumanas e de bestialidades que têm que enfrentar deu o nome a este trem de *Bestia*.

⁷ ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno*. Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Principis, 2020, p. 19.

⁸ Uma pantera, um leão e uma loba.

⁹ ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno*. Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Principis, 2020, p. 5-6.

simbólicos que o migrante terá que enfrentar nesse inferno que se tornou o muro transversal que é o México.

¿Que camino vamos pues a privilegiar hoy? Una decisión, toda decisión parece – digo bien, parece – concernir siempre en el fondo a un camino que hay que tomar o a una huella que hay que seguir en un camino que hay que determinar. Decidirse es decidir una dirección, un sentido en el sentido topográfico de la orientación. Ésos son al menos la figura o el tropo dominantes. ¿Adonde ir? ¿Adonde dirigirse? ¿como orientar nuestros pasos? Ésa es la forma de cualquier pregunta que concierne a una decisión, a una decisión que hay que tomar. ¿Adonde ir? ¿Adonde dirigirse? ¿Voy a dirigirme ahí o no, aquí o allí? ¿Cual es el mejor camino?¹⁰

O migrante, quando sai, sabe que quer chegar ao norte, pois ouve falar do norte e das histórias de conhecidos que, como ele, estavam vivendo na miséria no seu país de origem e se aventuraram a sair em direção ao norte e emprender uma vida nova sem as necessidades econômicas. Uma vida frutuosa que lhes permitem viver bem e ainda poder ajudar seus familiares na América Central. Para o migrante, o importante é sair dessa miséria generalizada, é ir para o norte; ele não sabe aonde vai especificamente, em que vai trabalhar, onde vai morar, essas são coisas que depois, quando passar a fronteira e estiver nos Estados Unidos, verá o que se lhe apresentará. A saída acontece na incerteza.

Pero solo hay decisión allí donde, en un primer momento, no se sabe adonde ir. Cuando se conoce de antemano el camino, el mejor camino, cuando se conoce el mapa, cuando se sabe de antemano hacia donde dirigir los pasos y hacia qué destino, no hay ni reflexión, ni deliberación, ni justificación que dar, ni pregunta, ni decisión, porque no hay indecisión ninguna. Está decidido de antemano, no hay por consiguiente ninguna decisión que tomar. El camino ya está tomado y, como suele decirse, es “una bobada”.¹¹

O migrante sabe que a travessia não será fácil, pois também escutou falar da *Bestia* e *La Muerte*¹²; sabe também o quão difícil é enfrentar *coyotes*, *mareros* e *militares*. Escutou falar dos inúmeros casos em que migrantes foram abusados sexualmente, roubados, mortos ou, ao enfrentar a *Bestia*, sofreram amputações de algum membro. Mas, assim mesmo, a situação paupérrima na qual se encontra o encoraja a enfrentar esse inferno mexicano.

Su travesía por el llamado país azteca, es un calvario. Son víctimas de todo y de todos. Pero el saber que habían asesinado a una cantidad de esa magnitud e de esa manera tan cobarde, me hizo pensar que el problema ya había llegado muy lejos. [...].

¹⁰ DERRIDA, Jacques. *Seminario La Bestia y el soberano II*. Trad. Luis Ferrero; Cristina de Peretti; Delmiro Rocha. Buenos Aires: Manantial, 2011, p. 72-3.

¹¹ DERRIDA, Jacques. *Seminario La Bestia y el soberano II*. Trad. Luis Ferrero; Cristina de Peretti; Delmiro Rocha. Buenos Aires: Manantial, 2011, p. 73.

¹² O trem de carga que sai do sul do México e atravessa todo o país até a fronteira com os Estados Unidos é chamado pelos migrantes como: *La Bestia* ou *La Muerte*.

Recorrer México con los migrantes centroamericanos en el lomo de la bestia, visitar los albergues, caminar por las vías ferroviarias donde se aglomeran a lo largo del país, esperando el también llamado “tren de la muerte”, sentarme con ellos a platicar y escuchar las historias y los testimonios de los crímenes más horribles que se cometen en su contra, y ver su cara de miedo ante las autoridades y asaltantes, me permitió conocer el sufrimiento humano más grande de todos. Atravesar México de manera ilegal es para cualquier migrante un verdadero calvario, un “Vía Crucis” de miles de kilómetros. Yo sólo puedo catalogar este recorrido como la travesía más cruel, más sangrienta y más sufrida que pueda existir en ninguna otra parte del mundo. Siempre me ha molestado saber que el gobierno mexicano se queje constantemente ante su homólogo americano por los abusos a mexicanos en Estados Unidos, mientras que permite que en su país los migrantes centro y sudamericanos sean abusados, pero cincuenta veces más, y en muchas ocasiones por sus mismas autoridades.¹³

2.1 Primeiro círculo: por que sair e deixar o país? Migrar é um direito!¹⁴

Porque migrar? Qual é o motivo pelo qual o migrante decide sair da sua terra e se aventurar a viver em outro país? Qual é a realidade na qual se encontram os países que terminam expulsando seus próprios habitantes para fora da sua soberania? Quando não há mais espaço para tanta gente que quer trabalhar e viver uma vida digna. Como é a realidade social dos países centroamericanos?¹⁵

Há causas estruturais que obrigam famílias inteiras a saírem do seu país. Nenhum dos migrantes deixa sua terra, casa, família, filhos para fazer uma experiência de aventureiro, em que pega a sua mochila e sai mundo afora. Ninguém vai arriscar sua vida a cada instante, sofrer violência, física, sexual, psicológica pelo simples fato de fazer uma experiência diferente. Um dos motivos não é um motivo, seria dentre os motivos pelos quais o migrante decide migrar destacam-se a violência, a desigualdade social, a pobreza e causas naturais.

¹³ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia*: La tragedia de migrantes centroamericanos en México. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 9; 13.

¹⁴ “Migrar é um direito” frase que tirei de vários cartazes escritos nas manifestações em prol dos migrantes que se organizam para lutar pelos direitos dos migrantes, apátridas e refugiados. Trata-se de um direito previsto na Declaração Universal dos Direitos Humanos, inerente a todo ser humano. Mas esse direito não necessariamente é contemplado. Por exemplo, a Resolução Normativa nº 13, de 12 de dezembro de 2017, prevê:

“Art. 1º O Ministério do Trabalho poderá conceder autorização de residência, nos termos do art. 42 e do art. 151, caput, do Decreto nº 9.199, de 2017, a imigrante, pessoa física, que pretenda, com recursos próprios de origem externa, realizar investimento em pessoa jurídica no Brasil, em projeto com potencial para geração de empregos ou de renda no País.

Art. 2º A concessão de autorização de residência prévia a imigrante ficará condicionada à comprovação de investimento, em moeda estrangeira, em montante igual ou superior equivalente a R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais), mediante apresentação de Plano de Investimento ou de Negócios.”

Portanto, podemos concluir que essas exigências são inviáveis para o migrante em busca de oportunidade de trabalho que está desempregado e empobrecido.

¹⁵ Podemos encontrar dados significativos a respeito da migração, seus motivos e as dificuldades que os migrantes estão enfrentando no site: <https://publications.iom.int/es/books/informe-sobre-las-migraciones-en-el-mundo-2020-capitulo-10>.

En 1998 el huracán Mitch llevó a la quiebra a muchas empresas hondureñas. El desempleo y el subempleo combinados afectan al 43 por ciento de los hondureños. Los puestos públicos van para gente de ciertas familias o que tienen buenas conexiones, afirma Norma. La mayoría de los vecinos de María Isabel, incluyendo a veinticinco en su misma cuadra, no tienen trabajo. Sólo sobreviven porque alguien de la familia se fue al norte y gira dinero. Según Norma, los hijos de madres solteras son los que más sufren.¹⁶

Os países centroamericanos sempre foram explorados pelos Estados Unidos e pela Europa. A indústria cafeeira explorou e foi se apoderando das terras dos pequenos agricultores que, ao não ter sua própria terra para produzir seu próprio alimento, acabavam trabalhando e dependendo do trabalho de safra. Também poderíamos citar a famosa indústria bananeira, que explorou e saqueou a população.

Durante várias décadas (1821-1840) esta oligarquia, latifundiária, exportadora de anil, pecuarista e comerciante, experimentou o desafio de uma *nascente burguesia modernizante, baseada sobretudo na introdução do café na América Central*. O efêmero – historicamente – triunfo da oligarquia conservadora e atrasada deu lugar, com a Reforma Liberal (iniciada na Guatemala, em 1871 – vinte anos mais tarde que no México), ao começo da consolidação de uma tentativa de configuração de uma classe social burguesa, nacional, dominante. [...]. Ao mesmo tempo nos outros países, a economia cafeeira, diversificada primeiro nos bancos e no comércio, foi experimentando o contrapeso da presença invasora das companhias bananeiras, criadoras de “enclaves” econômicos que disputam o predomínio do poder com a burguesia cafeeira e com a oligarquia, que não se resigna a perder seu papel influente. O caso-limite de poder triunfante das bananeiras é Honduras, enquanto o único em que as companhias frutíferas (UFCO, Standar Fruit) não lograram introduzir um enclave é El Salvador.¹⁷

Como vemos, os países foram saqueados e continuam sendo explorados sem limites, há uma sangria constante da parte das famílias oligárquicas que fazem parte do poder político e governam os países em seu proveito. O estado de exploração permanente por parte dos fazendeiros, em que os agricultores empobrecidos, sem formação técnica para melhorar seu trabalho na agricultura, deve ser enfrentado a cada dia.

Las razones para la circulación de personas son diversas. Muchas emigran por causa de desastres naturales, otras en razón de la falta de alternativas económicas y de condiciones de sobrevivencia o por serias violaciones de los derechos humanos. En ese caso, probar la vida en otro país o región va a representar una alternativa u oportunidad para recomenzar la propia existencia. [...]. El migrante huye de la pobreza o de necesidades económicas extremas y busca mejores oportunidades de

¹⁶ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 252.

¹⁷ INSTITUTO HISTÓRICO CENTROAMERICANO. *América Central 1979-1986*: O beco sem saída da política dos EUA no terceiro mundo. São Paulo: L&PM, 1986, p. 15-6.

trabajo y condiciones de vida, particularmente la satisfacción de necesidades básicas: como salud, educación o mayor seguridad alimenticia.¹⁸

A América Central tem passado, nas últimas décadas, por vários terremotos, furacões, ciclones e outros desastres naturais, e isso tem ajudado a piorar a situação de países. Diante da negligência dos governos que se tornam omissos à realidade, a migração¹⁹, para muitas famílias desempregadas e desabrigadas, torna-se a única saída viável.

Para el año 2019, la cantidad de entradas a Panamá registradas en siete meses, desde enero hasta agosto, ya superan en un 24 por ciento el total la cantidad de personas registradas en el 2018. Estos son, en su mayoría, migrantes provenientes del Caribe, especialmente de Cuba, cuyos nacionales representan el 71 por ciento del total de entradas. Con respecto a las personas que entraron a ambos países de forma irregular, los datos disponibles solamente reflejan los grupos que lograron ser detectados y registrados por las autoridades migratorias, por lo tanto, los registros disponibles son parciales. [...]. El segundo crecimiento importante de la población migratoria extraregional en condición irregular se observa durante el 2019, con un nuevo incremento con respecto al 2018 en los flujos provenientes de África (79 % en Panamá y 78% en México), y principalmente del Caribe (1.275% en Panamá y 725% en México).²⁰

Portanto, podemos perceber que um dos motivos para migrar é a fome, a falta do acesso à alimentação para se manter dignamente. O trabalho escravo desumaniza; os agricultores empobrecidos e ao mesmo tempo quase escravizados acabam tendo que vender suas poucas terras das quais tiravam seu sustento e conseguiam plantar na agricultura artesanal. Os furacões, as secas prolongadas impossibilitaram a colheita do que haviam plantado; o que restou foram as dívidas e, para saldá-las, vendem suas propriedades e começam a trabalhar para os grandes fazendeiros.

Las migraciones forzadas pueden ser provocadas también, por el hambre masivo o situaciones de catástrofe económico-social, donde parte de la población se encuentra en estado de necesidad económica extrema, o sea, sin lo necesario para la sobrevivencia con un mínimo de dignidad o tenga su existencia amenazada por las posibilidades de subsistencia drásticamente reducidas.²¹

¹⁹ “Globalmente, el número estimado de migrantes internacionales ha aumentado en las últimas cinco décadas. El total estimado de 272 millones de personas que vivían en un país distinto de su país natal en 2019 es superior en 119 millones a la cifra de 1990 (153 millones) y triplica con creces la de 1970 (84 millones; véase el cuadro 1) Aunque la proporción de migrantes internacionales a nivel mundial también aumentó en ese período, está claro que la inmensa mayoría de las personas siguen viviendo en los países en que nacieron”. In: <https://publications.iom.int/books/informe-sobre-las-migraciones-en-el-mundo-2020>, p. 23.

²⁰ Internacional Organization Migration (IOM). World Migration Report 2022. In: IOM. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2022>. Acesso em: 15 jul. 2022, p. 19-20.

²¹ MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane: *Políticas Públicas para las Migraciones Internacionales: Migrantes y refugiados*. Trad. al español: Maruja Cabrera fc Varese. Alliance Gráfica: Brasil, 2007. MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane (Org.). *Políticas públicas para las migraciones internacionales: migrantes y refugiados*. 2. ed. Brasília: Alliance Gráfica, 2007, p. 33.

Nessa situação de abandono na qual os agricultores e suas famílias encontram-se – lembrando que os agricultores têm vários filhos para poder trabalhar no campo – a exploração e a escravidão têm lugar no dia a dia, diante do desespero e da falta de alimentação, o trabalho forçado e escravo é uma alternativa.

Los cambios ambientales y desastres naturales pueden producir desplazamientos forzados masivos y puntuales. En una época de cambios climáticos, causadas por la acción humana desordenada en el medio ambiente, ese aspecto se vuelve cada vez más importante. Dentro de las causas ambientales tenemos: las inundaciones, secas prolongadas, desertificación y contaminación del suelo o del agua que pueden causar epidemias graves, esterilización de las zonas de cultivo, carencia crónica de alimentos o aún las catástrofes naturales que destruyen millares de fuentes de trabajo como el Tsunami, en Asia, el Huracán Mitch, en América Central, y el Katrina, en los Estados Unidos.²²

Nesse ínterim, temos que ter em conta que Honduras, El Salvador e Guatemala são os países mais violentos²³. Muitos jovens saem das favelas com medo de serem perseguidos, violentados ou mortos pelas *maras*.

Sin duda, el actual proceso económico mundial provoca movilidad humana, estimulada por la necesidad y por el deseo de las personas de encontrar un lugar donde se puedan integrar y ser incluidas en el proceso de desarrollo social. La búsqueda de empleo en otro país, por ejemplo, se coloca para muchos como la última oportunidad para alcanzar las condiciones para una vida con dignidad.²⁴

No México, há vários refúgios que acolhem os migrantes²⁵; dezenas de migrantes chegam diariamente e, ao mesmo tempo, muitos continuam sua viagem ao norte. Numa oportunidade, um dos migrantes relata:

²² MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane: *Políticas Públicas para las Migraciones Internacionales: Migrantes y refugiados*. Trad. al español: Maruja Cabrera fc Varese. Alliance Gráfica: Brasil, 2007 MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane (Org.). *Políticas públicas para las migraciones internacionales: migrantes y refugiados*. 2. ed. Brasília: Alliance Gráfica, 2007, p. 33.

²³ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 131.

²⁴ MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane: *Políticas Públicas para las Migraciones Internacionales: Migrantes y refugiados*. Trad. al español: Maruja Cabrera fc Varese. Alliance Gráfica: Brasil, 2007 MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane (Org.). *Políticas públicas para las migraciones internacionales: migrantes y refugiados*. 2. ed. Brasília: Alliance Gráfica, 2007, p. 28.

²⁵ Quando estive visitando o refúgio que se encontra ao lado dos trilhos do trem numa das periferias da cidade de Guadalajara, bem perto dos trilhos onde o *Trem da morte* – ou *Bestia*, como é conhecido – passa diariamente trazendo e levando migrantes. No mesmo refúgio os migrantes podem ficar até três dias, tempo necessário para comer, lavar roupa e descansar. O refúgio se mantém com doações da comunidade religiosa. No dia em que estive visitando o local conversei com vários migrantes que, na noite anterior, tinham chegado de *Bestia*. A maioria hondurenhos; haviam muitas crianças menores de 15 anos.

Yo sabía que Honduras estaba cada vez más peligroso. Según las Naciones Unidas, tiene la tasa de homicidio más alta del mundo. Bandas como los Zetas, la organización de narcotraficantes más violenta de México, han tomado control de grandes porciones del territorio de Honduras – incluyendo el barrio de la familia de Enrique – en una puja por controlar rutas para el transporte de drogas al mayor consumidor del mundo, los Estados Unidos.²⁶

Nesses países há inúmeras mortes, mesmo sem guerra oficialmente declarada. As *maras* têm tomado conta destes países e funcionam como polícia paralela, e até há interesse de ter representação política no parlamento. “*Una mayoría desproporcionada de los 36.000 pandilleros que hay en Honduras viene de familia en las que la madre ha migrado al Norte, dice Zamora*”²⁷. Por outro lado, vivem grandes Magnates, donos de cafezais e da indústria de estratificação. Claro que também estamos falando de um dos países mais desiguais da região. Há uma economia de morte que empobrece a cada dia mais pessoas e famílias inteiras. “*Sus desplazamientos son causados por la exclusión –cada vez mayor – de un sistema esencialmente economicista, donde ellos son privados de sus derechos y mantenidos al margen de la inclusión social en los países para los cuales se dirigen*”²⁸. Uma política econômica que, através da estratificação, empobrece e destrói a terra, deixando-a totalmente improdutiva. As famílias que resistirem e permanecerem serão sepultadas vivas no meio de uma terra que não tem mais condições de produzir e ficarão sem fontes de água potável, já que as vertentes não existem mais, e o que sobrou de água está totalmente contaminada pelos produtos químicos.

Fenomenologicamente, este novo sujeito histórico aglutina: a) o camponês ou o trabalhador agrícola, a quem a terra não proporciona o preço do que produz, nem o salário para o sustento da família ou a emergência das enfermidades; b) o emigrante rural que abandona, por falta de terra, o solo nativo em busca de novas fronteiras agrícolas, arriscando sua vida em regiões inóspitas”.²⁹

O exílio torna-se a saída, mas os migrantes podem ser sepultados vivos na travessia pelo México ou, se chegarem ao norte, massacrados por um sistema idolátrico mercantil, xenófobo e cruel.

²⁶ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 288-9.

²⁷ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 310.

²⁸ MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane: *Políticas Públicas para las Migraciones Internacionales: Migrantes y refugiados*. Trad. al español: Maruja Cabrera fc Varese. Alliance Gráfica: Brasil, 2007 MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane (Org.). *Políticas públicas para las migraciones internacionales: migrantes y refugiados*. 2. ed. Brasília: Alliance Gráfica, 2007, p. 18.

²⁹ INSTITUTO HISTÓRICO CENTROAMERICANO. *América Central 1979-1986: O beco sem saída da política dos EUA no terceiro mundo*. São Paulo: L&PM, 1986, p. 12-3.

Durante décadas as burguesias cafeeiras, mais o menos em aliança com as oligarquias atrasadas, governam os países centro-americanos por meio de representantes de uma mesma classe social. [...]. Cafeicultores transformados em caudilhos militares haviam sido os precursores desta mudança na Guatemala. [...]. Em El Salvador a transformação começa com o general Maximiliano Hernández Martínez, ministro da Defesa golpista do último governo civil que o país teve até 1979, salvo uma efêmera junta em 1960. O general Carías, em Honduras, é o equivalente de Ubico na Guatemala e de Hernández Martínez em El Salvador.³⁰

Vemos como a estrutura dos países centro-americanos não tem muitas perspectivas de mudança, visto que a casta política oligárquica é quem controla a economia. A pobreza e a fome são fontes de riqueza para os fazendeiros que se encontram no poder político. A mão de obra barata, quase escrava, é necessária para seus altos rendimentos. Aliado a isso, temos os bancos que lucram muito com o migrante.

Ella trabajaba duro, pero no ganaba lo suficiente para alimentar a cuatro hijos. “Me pedían comida, y yo no la tenía”. Muchas noches se iban a dormir sin haber comido. Ella los arrullaba con consejos para calmar las punzadas del hambre. “Dormí boca abajo para que no te hagan tanto ruido la tripa”. Carmen se marchó a Estados Unidos por amor. Esperaba poder dar a sus hijos una salida de la pobreza agobiante.³¹

Quando um membro da família, da cidade ou do interior consegue passar para o norte, depois ajudará a sustentar as famílias em seu país de origem. Muitas famílias centro-americanas vivem das remessas mensais que seus filhos, mães, pais enviam – recursos financeiros provenientes dos Estados Unidos.

Los inmigrantes también giran sumas enormes desde los Estados Unidos a sus familias en el país de origen, típicamente un dólar por cada diez que ganan, lo que significa una inyección de 40.000 millones de dólares anuales a la economía de Latinoamérica. El flujo de dinero en efectivo representa un asombroso 15 por ciento del producto bruto nacional de El Salvador, y en México este rubro está en segundo lugar después del petróleo por su contribución a la economía. El dinero se gasta en comida, vestimenta, atención médica e educación de los niños. Los abuelos que reciben dinero para cuidar de los niños estarían en la indigencia sin estas remesas.³²

Podemos perceber, então, que os bancos não estão preocupados em eliminar a migração forçada e clandestina³³. Talvez possamos entender qual é a pressão que os governantes recebem

³⁰ INSTITUTO HISTÓRICO CENTROAMERICANO. *América Central 1979-1986: O beco sem saída da política dos EUA no terceiro mundo*. São Paulo: L&PM, 1986, p. 16.

³¹ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014. Prólogo, ix.

³² NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 310.

³³ FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A.C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 26.

por parte dos bancos para não mexerem demais na questão migratória. Podemos perceber, ainda, que há um sistema perverso que, ao mesmo tempo que cria o migrante, o criminaliza e concomitantemente o explora, exploração que é sem limites.

Regionalmente, em 2019 a Europa recebeu a maior quantidade de migrantes internacionais (82 milhões), seguida da América do Norte (59 milhões) e norte da África e Ásia Ocidental (49 milhões). Em termos de locais, cerca de metade dos migrantes internacionais mora em apenas dez países, sendo que os Estados Unidos recebem a maior quantidade de pessoas (51 milhões), o equivalente a 19% do total mundial. Alemanha e Arábia Saudita estão em segundo e terceiro lugares (13 milhões cada um), seguidos pela Rússia (12 milhões), Reino Unido (10 milhões), Emirados Árabes Unidos (9 milhões), França, Canadá e Austrália (cerca de 8 milhões cada um) e Itália (6 milhões). Com relação ao local de nascimento, um terço dos migrantes internacionais é originária de apenas 10 países, sendo que a Índia lidera o país de origem, com 18 milhões de pessoas morando no exterior. Migrantes do México constituem a segunda maior diáspora (12 milhões), seguidos por nacionalidades chinesas (11 milhões), russas (10 milhões) e sírias (8 milhões).³⁴

Em nota, a organização diz que metade dos fluxos financeiros vai para áreas rurais, [...]. Gilbert Hounbo afirmou que “as pequenas quantias de US\$ 200 ou US\$ 300 que cada migrante envia para casa compõem cerca de 60% da renda da família, e isso faz uma enorme diferença nas suas vidas e nas comunidades onde vivem.” [...]. A ONU pede que governos, setor privado e sociedade civil encontrem formas de aumentar o impacto das remessas através de ações individuais ou coletivas. A organização propõe a redução dos custos de transferência e maior inclusão financeira. [...], as organizações da diáspora podem apoiar os migrantes informando sobre o mecanismo mais barato e seguro de transferência, oferecendo educação financeira e organizando um dia de sensibilização, envolvendo os migrantes retornados.³⁵

Temos, todavia, outra questão, que os familiares que vivem em Estados Unidos mandam valores em dólares, que é um valor considerável para os países empobrecidos. Os familiares já estão sem trabalho, se tem, não são todos os membros da família que podem ter esse privilégio, os que trabalham devem sustentar aqueles que não têm trabalho, a falta é suprida pelo dinheiro das remessas. Claro que isso mantém essa situação de conformismo e de pobreza. Por outro lado, sem essas remessas a situação social seria pior, e os governantes nada fariam além de ver qual seria a estratégia para continuar explorando o povo.

Si las remesas pueden significar la solución para algunos problemas puntuales vividos por los parientes que quedaron en el país de origen, hay también el riesgo de crearse

³⁴ ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). Notícias - Local. *Estudo da ONU aponta aumento da população de migrantes internacionais*. Disponível em: <https://brazil.iom.int/news/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-popula%C3%A7%C3%A3o-de-migrantes-internacionais>.

³⁵ ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas (ONU). ONU News. *Remessas de 200 milhões de migrantes melhoram vida de 800 milhões de familiares*. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/06/1676441>.

la dependencia de esos recursos e de liberar al Estado de la obligación de garantizar condiciones mínimas de calidad de vida para las poblaciones más marginalizadas.³⁶

2.2 Segundo Círculo: preparar a saída para a indeterminação. “Ninguém é ilegal neste mundo”³⁷

El éxodo de inmigrantes también ha resultado agrídulce para los países que estos dejan. El drenaje de población ha proporcionado una válvula de escape para países con enormes problemas económicos como México y Honduras. Las altas tasas de desempleo no se han disparado porque los que se quedan ocupan los puestos de trabajo que de otro modo habrían ocupado los migrantes. [...]. “Estamos presenciando la desintegración de la familia”, advierte Norberto Girón, el funcionario de migraciones de Honduras. “Mantener la familia unida, aun si son pobres, es más importante que irse y mejorar su situación económica”.³⁸

A saída já é conflitiva porque devem se associar ao crime organizado, pois não há outra alternativa, tendo-se em conta que não podem ir de avião, nem por meios convencionais, visto que serão barrados no primeiro momento; então, têm que se aproximar dos meios informais e agir fora da lei. De início, já se tornam um *fora da lei*. Primeiro, procuram um *coyote*³⁹ nos bairros de periferias, aqueles que ficam tomando bebidas nos bares e falando da vida nos Estados Unidos, ostentando relógios, carros que são a porta de entrada para despertar o interesse e a curiosidade dos jovens. Depois de negociar com o *coyote*⁴⁰, devem esperar o anúncio do dia da saída, que somente saberão um dia antes. É uma saída cautelosa, sem informações e silenciosa. A passo de lobo.

³⁶ MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane: *Políticas Públicas para las Migraciones Internacionales: Migrantes y refugiados*. Trad. al español: Maruja Cabrera e Varese. Alliance Gráfica: Brasil, 2007. MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane (Org.). *Políticas públicas para las migraciones internacionales: migrantes y refugiados*. 2. ed. Brasília: Alliance Gráfica, 2007, p. 51.

³⁷ Em 23 de agosto de 2020 se realizou em Cidade do México, um ato em memória dos 72 migrantes assassinados pelo crime organizado. Após dez anos dessa tragédia, havia vários cartazes que me chamaram a atenção, num deles dizia: “ninguém é ilegal neste mundo”; me apropriei dela para este título. GLOWER, Belem. *Instalan un ‘antimonumento’ a 10 años de la masacre de 72 migrantes en Tamaulipas*. Disponível em: <https://cnnespanol.cnn.com/2020/08/23/instalan-un-antimonumento-a-10-anos-de-la-masacre-de-72-migrantes-en-tamaulipas/>.

³⁸ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Random House trade Paperbacks, 2014, p. 310.

³⁹ *Coyotes* ou *coiotes*, são pessoas, geralmente homens, que fazem parte de uma organização criminosa que organizam grupos de pessoas que desejam migrar. Eles devem pagar ao coyote de 6 mil a 20 mil dólares para que eles as levem com certa segurança até a fronteira com os Estados Unidos, tendo em conta que, depois que os migrantes pagam a quantia solicitada, muitos são abandonados e mortos pelo caminho. Devemos ter em conta que esta facção criminosa está nas estradas e à beira dos trilhos do trem esperando migrantes indocumentados para raptá-los e depois solicitar recompensa aos familiares, em outros casos para a venda de órgãos ou prostituição.

⁴⁰ O valor que deve ser pago a um coyote depende muito, pode variar entre 2800 dólares a 4.000 dólares. In. FM4 PASO LIBRE. *Travesías migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A. C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 38-9.

Una especie de introducción, de intrusión discreta, incluso una especie de fractura inaparente, sin espectáculo, cuasi secreta, clandestina, una entrada que hace lo que sea para pasar desapercibida y, sobretudo, para no dejarse detener, interceptar, interrumpir. Avanzar “a paso de lobo” es caminar sin hacer ruido, llegar sin prevenir, proceder discretamente, de forma silenciosa, invisible, casi inaudible e imperceptible, como para sorprender a una presa, como para prender sorprendiendo lo que está al alcance de la vista pero que no ve venir lo que ya lo ve, el otro que se dispone a prenderlo por sorpresa, a comprenderlo por sorpresa.⁴¹

A saída do migrante, independentemente do país, sempre é similar. É imprevista, não há muito tempo para juntar o dinheiro para o *coyote*. Começa com a clandestinidade; sempre silenciosa, na maioria das vezes ocorre às escondidas até dos membros da família. Algumas mães solteiras que deixam seus filhos com as avós não chegam a despedir-se deles, esperam que à noite estejam dormindo para que possam sair. Geralmente, os *coyotes* escolhem o horário da noite, que é mais seguro de viajar com os furgões lotados de gente, e este é o momento em que há menos policiamento nas estradas.

Carmen no ha podido ahorrar lo suficiente como para contratar un contrabandista que los traiga a los Estados Unidos. Además, rehúsa someter a sus hijos a ese viaje lleno de peligros. Durante su travesía hacia el norte en 1985 el contrabandista asaltó a Carmen y le robó el dinero que llevaba, dejándola sin comida por tres días. Ella teme que sus hijas sean violadas en el camino. Además se niega a traer a sus hijos al barrio pobre, plagado de drogas y delincuencia donde vive en Los Angeles. [...]. Carmen me dice que muchas mujeres inmigrantes que han venido a Los Ángeles desde Centroamérica y México son como ella: madres solteras que dejaron sus hijos en sus países de origen.⁴²

É uma saída que deve ser pensada a cada momento, depois da partida, haja vista que tudo se torna inimigo, mas também tudo vira presa que pode ajudar a chegar ao norte. É clandestinidade, é não ser, é invisibilidade, informalidade, é *Khôra*.

Pero lo que daría lugar a éstos, a pesar de no garantizar ningún suelo ni ningún fundamento, sería justamente *Khôra*. Ésta daría *lugar* –sin *dar* nunca nada- a lo que denomina la venida del acontecimiento. Antes que dar, *Khôra* recibe. Platón la presenta, por lo demás, como un receptáculo. A pesar de que viene “antes de todo” no existe por sí misma. Sin pertenecer a nada, prepara el sitio *sin formar* parte, *sin ser de ello*, ni ser algo distinto o alguien distinto; y, no dando nada ni nada distinto, daría lugar. *Khôra*: antes del “mundo”, antes de la creación, antes del don y del ser –y *Khôra*, que *hay* quizá “antes de” todo “hay” como *es gíbt*.⁴³

⁴¹ DERRIDA, Jacques. *Seminario La Bestia y el soberano*: Trad. Cristina de Peretti e Delmiro Rocha. Volumen I: 2001-2002. 1. ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Manantial, 2018, p. 21.

⁴² NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014. Prólogo.

⁴³ DERRIDA, Jacques. *Canallas*: Dos ensayos sobre la Razón. Trad. Cristina Peretti. Madrid: Editorial Trotta, 2002, p. 14.

A saída do migrante lembra a saída dos hebreus do Egito⁴⁴, silenciosa, violenta em todos os sentidos; há certeza da saída, mas há o medo do indeterminado, da situação vivida. É o deserto, a falta de segurança, o medo das bestas, dos lobos, *coyotes* que estarão prontos para assaltá-los, raptá-los para pedir uma recompensa ou para vendê-los depois. Lembrando que ver um migrante é sinônimo de dinheiro. No momento da indeterminação, há uma suspensão da existência humana; nenhum migrante enquanto está em trânsito está a passeio e vivendo com dignidade humana. Suspende-se tudo; há o que Primo Levi define como zona cinzenta.⁴⁵

As bestas, os lobos são reais, concretos, mas também são homens que bestialmente usam o migrante como um meio para lucrar. O Papa Francisco evidencia essa questão na sua Encíclica *Fratelli Tutti* quando, entre outros assuntos polêmicos da atualidade, aborda o tema do migrante.

Os migrantes não são considerados suficientemente dignos de participar da vida social como os outros, esquece-se de que eles têm a mesma dignidade intrínseca de toda e qualquer pessoa. [...]. Nunca se dirá que não são humanos, mas, na prática, com as decisões e a maneira pela qual são tratados, manifesta-se que são considerados menos valiosos, menos importantes, menos humanos.⁴⁶

As *maras* e os *coyotes* que estão durante o exílio por todo México atuam como verdadeiras bestas, pois vão se comportando de acordo com a situação, adaptando-se, esperando, organizando a emboscada. É difícil comparar o homem e seus comportamentos vis com uma besta, com um lobo. O último age por instinto, ataca somente para matar e sobreviver, não é um ato pensado e maldoso, é sobrevivência. A besta, o lobo, não faz maldade, não é cruel, não pensa em fazer o mal para seu proveito, para lucrar com o outro. A besta real e concreta, o lobo, é igual em todo lugar.

Los lobos reales atraviesan, sin pedir autorización, las fronteras nacionales e institucionales de los hombres y de sus estados-nación soberanos; los lobos en plena naturaleza, como suele decirse, los lobos reales son los mismos más acá o más allá de los Pirineos o de los Alpes; pero las figuras del lobo pertenecen, a su vez, a cultura, naciones, lenguas, mitos, fábulas, figuraciones, historias.⁴⁷

⁴⁴ Livro do Êxodo 15,22. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

⁴⁵ Primo Levi, no seu livro *Os afogados e os sobreviventes*, fala de zona cinzenta para aquele espaço de indeterminação moral onde havia uma colaboração com o poder para poder sobreviver. “faixa cinzenta, cujos componentes, em relação aos não privilegiados, eram unidos pela vontade de conservar e consolidar seu privilégio. [...] Deve estar claro que a máxima culpa recai sobre o sistema, sobre a estrutura mesma do Estado totalitário” LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016, p. 33.

⁴⁶ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 29.

⁴⁷ DERRIDA, Jacques. *Seminário La Bestia y el soberano: Volumen I: 2001-2002*. Trad. Cristina de Peretti e Delmiro Rocha. 1. ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Manantial, 2018, p. 23.

Mas os homens que se comportam bestialmente têm estratégias diferentes para devorar sua presa-migrante, visto que a conhecem e sabem onde esperá-la e não têm piedade nenhuma delas. “Violência sofrida pelo estrangeiro: ter que fazer valer seus direitos numa língua que ele não fala. Suspender essa violência é quase impossível, uma tarefa interminável em todo caso”.⁴⁸

La bestia sería devoradora y el hombre devoraría a la bestia. Devoración y voracidad. *Devoro, vorax, vorator*. De lo que se trata es de la boca, de los dientes, de la lengua y de la violenta precipitación a morder, a engullir, a tragarse al otro, a tomarlo dentro de sí, también, para matarlo no llevar a cabo su duelo. [...]. ¿Será su fuerza, su poder, su mayor fuerza, su poder absoluto, por esencia y siempre en última instancia, poder de devoración.⁴⁹

Os *mareros* e os *coyotes* não só se encontram nas periferias das grandes cidades, mas também conseguem seduzir as pessoas empobrecidas e desesperadas por trabalho, os que se encontram nas pequenas cidades, subúrbios, estratégicos, à beira dos trilhos; esperam sua presa para roubá-la, sequestrá-la. Migrante é dinheiro fácil. Vendê-lo ou matá-lo, matá-lo e depois vendê-lo.

La canallocracia es también un poder corrompido y corruptor de la calle, poder ilegal y fuera de la ley que reagrupa en un régimen canallocrático, por consiguiente, en una formación organizada y más o menos clandestina, en un Estado virtual, a todos aquellos que representan un principio de desorden –no de caos anárquico sino de desorden estructurado, por así decirlo, de complot, de conjura, de ofensa o de ofensiva premeditada contra el orden público. Incluso, se dirá de terrorismo –nacional o internacional.⁵⁰

2.3 Terceiro Círculo: Sobre a perda de direitos dos migrantes

A saída implica em perder os direitos como cidadão, uma vez que o fato de ter direitos não significa que teria muitos privilégios. Os migrantes, antes de sair saírem de seus países, estavam com todos seus direitos normativamente previstos, direito a uma vida digna com todas as consequências decorrentes disso, trabalho, educação, saúde etc. A Constituição do país, assim como todas as constituições, prevê esses direitos. Mas, na prática, sabemos que pouco disso é efetivado, e os textos constitucionais estão fadados a privilegiar alguns poucos.

A primeira perda que sofreram essas pessoas privadas de direito não foi a da proteção legal mas a perda dos seus lares, o que significa a perda de toda a textura social na qual haviam nascido e na qual haviam criado para si um lugar peculiar no mundo. [...].

⁴⁸ DERRIDA Jacques. *Papel Máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 251.

⁴⁹ DERRIDA, Jacques. *Seminario La Bestia y el soberano: Volumen I: 2001-2002*. Trad. Cristina de Peretti e Delmiro Rocha. 1. ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Manantial, 2018, p. 43.

⁵⁰ DERRIDA, Jacques. *Canallas: Dos ensayos sobre la Razón*. Trad. Cristina Peretti. Madrid: Editorial Trotta, 2002, p. 88.

O que era sem precedentes não era a perda do lar, mas a impossibilidade de encontrar um novo lar.⁵¹

Porém, na saída, o migrante perde tudo, até sua existência, no momento que sai do território do seu país, passa a não existir, durante todo o trânsito pelo México, há uma invisibilidade total, visto que está, mas, ao mesmo tempo, não pode aparecer, há um intervalo, uma suspensão do ser. Por isso, tudo pode acontecer, todos sabem, mas fingem não saber.

A segunda perda sofrida pelas pessoas destituídas de seus direitos foi a perda da proteção do governo, e isso não significava apenas a perda da condição legal no próprio país, mas em todos os países. Os tratados de reciprocidade e os acordos internacionais teceram uma teia em volta da terra, que possibilita ao cidadão de qualquer país levar consigo a sua posição legal, para onde quer que vá. [...]. No entanto, quem está fora dessa teia está fora de toda legalidade. [...]. A perda da proteção do governo foi um fenômeno tão sem precedentes quanto a perda do lar.⁵²

O estado mexicano não se responsabiliza, porque o considera um criminoso que entra no país de forma ilegal e clandestina. A remoção dessa peça criminosa é uma necessidade. O migrante não quer ser deportado, portanto, prefere seguir na clandestinidade e na indeterminação. Isso abre a possibilidade para que aconteçam inumeráveis situações de crimes, violações, abusos com os migrantes, que preferem não denunciar seus opressores para não serem vistos e deportados ou sofrerem retaliações.

A calamidade dos que não têm direitos não decorre do fato de terem sido privados da vida, da liberdade ou da procura da felicidade, nem da igualdade perante a lei ou da liberdade de opinião. [...], mas do fato de já não pertencer a qualquer comunidade. Sua situação angustiante não resulta do fato de não serem iguais perante a lei, mas sim de não existirem mais leis para eles; não de serem oprimidos, mas de não haver ninguém mais que se interesse por eles, nem que seja para oprimi-los.⁵³

O migrante se encontra nesse receptáculo, nessa indeterminação que Derrida conceitua como *khôra*.

Khôra “quer dizer”: lugar ocupado por alguém, país, lugar habitado, sítio marcado, fileira, posto, posição conferida, território ou região. E, de fato, *khôra* será sempre já ocupada, investida, mesmo como lugar geral, e enquanto se distingue de tudo o que toma lugar nela. De onde a dificuldade em trata-la como espaço vazio ou geométrico, ou, até mesmo, é o que dirá Heidegger, como aquilo que “prepara” o espaço cartesiano, a *extensio* da *res extensa*.⁵⁴

⁵¹ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 399.

⁵² ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 400.

⁵³ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 402.

⁵⁴ DERRIDA, Jacques. *Khôra*. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Papirus, 1995, p. 41-2.

2.4 Quarto Círculo: A dificuldade do trânsito pelo México

O trânsito dos migrantes pelo México, como corredor migrante, no momento em que partem de seus países em centro-américa até os Estados Unidos, é uma inumanidade gritante, uma vergonha para a humanidade. Os países centro-americanos e latinos sofrem constantemente o intervencionismo dos Estados Unidos. Possivelmente seja o intervencionismo mais violento e perverso por meio do qual os países estão aprisionados. A América Central, hoje, é fruto desse intervencionismo, dos roubos, despojos, da corrupção das classes dominantes americana e europeia. Exemplo disso foi a Revolta de Santo Domingo, no Haiti, e a independência do Haiti com a França. Mas não foi de graça essa independência, com o espírito colonialista e escravocrata da França, como todos os países europeus, que impõem um pagamento para compensar a perda que a França sofrerá por essa independência.⁵⁵

Os migrantes, durante o trânsito pelo México, não têm nenhum tipo de segurança nos seus direitos Humanos, nem garantias contra a violência física e psicológica que sofrem durante o percurso. Há um desrespeito à vida, ausência de justiça e de integridade física. O Estado Mexicano despreza totalmente a vida dessas pessoas; a terra mexicana tem se tornado um lugar de massacre, de canibalismo, não sem o conhecimento das autoridades políticas.

O governo mexicano assumiu a responsabilidade pelo policiamento maciço de sua fronteira sul e pela interrupção efetiva da onda de lixo humano empobrecido que flui dos países latino-americanos para os Estados Unidos. Desde então, centenas de milhares de migrantes têm sido detidos, encarcerados e deportados pela polícia mexicana antes de atingirem a fronteira norte-americana.⁵⁶

A cada passo que dão os migrantes enfrentam adversidades. Os muros circunstanciais dos quais se aproximam a cada dia, a cada cidade, a cada povoado, não são somente físicos. Esse muro transversal e contínuo de que falávamos anteriormente. São poucos os momentos em que o migrante consegue avançar sem ter que tropeçar com um obstáculo.

Pero hay otros que ya han pasado una temporada en el infierno: mujeres han sido secuestradas en algún lugar de Vera Cruz o Tamaulipas. Encerrados con decenas de rehenes, algunos han sido forzados a convertirse en sicarios; les han dado de tablazos en la espalda o les han quemado los genitales para obligarlos a revelar los números telefónicos de sus familiares en Estados Unidos o Centroamérica, a quienes les piden mil, dos mil, hasta seis mil dólares a cambio de su libertad.⁵⁷

⁵⁵ Sugiro a leitura do livro: PIKETTY, Thomas. *Capital e ideologia*. Trad. Maria de Fátima Oliva do Coutto; Dorothee de Bruchard. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020, pp. 199-222.

⁵⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 80.

⁵⁷ MARTINEZ Sanjuana et. al. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 6.

Esses são os muros reais que o migrante enfrenta; não são muros físicos de arame e cimento, mas são muros que se sentem na carne, na dignidade desapontada. Quem comete esses crimes? Pessoas concretas que vivem do dinheiro que roubam do migrante, tirando seus pertences, roupa, relógio, celular e vivem dessa exploração, do sofrimento extremo do desgraçado que já não tem nada para dar, e se não tem nada para dar, pode se tornar uma peça de brinquedo, de prazer sexual e, talvez, até a sua vida possa valer alguns dólares.

Los centroamericanos secuestrados no sólo representan dinero para sus captores. En ocasiones han sido reducidos a objetos de entretenimiento como si fueran soldaditos de plomo o bichitos de jardín, ¿o acaso no todos los niños han pisado hormigueros o le han cortado las alas a las moscas? Lo mismo ocurre en estas casas, situadas en medio de ranchos robados o en barrios de clase media de alguna ciudad del Golfo de México. Aburridos, los secuestradores les dan mazos y martillos a sus presas y los obligan a matarse a golpes. A un adolescente lo forzaron a violar a su madre. A grupos de hombres les han pasado tractores encima de sus cabezas. ¿Y esa crueldad para que? Para matar el tiempo y demostrar quiénes mandan.⁵⁸

Isso não acontece na clandestinidade, mas na via pública, nos postos de controle militar; sabe-se que acontecem os maiores abusos de funções, poder e sexual. Além dos militares estarem em complô com os *coyotes*. Todas as autoridades e a sociedade mexicana sabem disso, mas tudo acontece numa certa indiferença.

Pero México actúa como si la migración no fuera un drama propio, sino un crimen ajeno que debiera castigar. En México se exprime a los transmigrantes centroamericanos hasta el último centavo con el pretexto de que su tránsito por el país es “irregular” o “indocumentado”. Si los detienen los agentes del Instituto Nacional de Migración – y no lo entregan a los secuestradores – entonces terminarán en una cela migratoria como se hubieran cometido un delito antes de ser deportados.⁵⁹

A invisibilidade do migrante é necessária para poder sobreviver; ele existe e está presente, mas não pode ser visto, *ele é e*, ao mesmo tempo, *não é*, porque não pode ser neste mundo, ou neste inferno.

Lo cierto es que la mayor parte de esos jóvenes en tránsito, son personas importantes para su familia. De hecho, en su conjunto, es la juventud productiva de Centroamerica la que está desplazándose silenciosamente, en un éxodo interminable, hacia el Norte, en busca de su sueño. El hambre merma las fuerzas, pero no mata el derecho de soñar. Sueño y esperanza se confunden, y alimentan la lucha por una vida digna. Los migrantes son luchadores valientes que incomodan a los que llevan una vida segura.

⁵⁸ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 6-7.

⁵⁹ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 8-9.

Sobrevivir al paso del México “católico” y “Guadalupano” es su prueba más dura. Si, si sobreviven a México, ya pueden soportar las peores condiciones de vida en los Estados Unidos o en cualquier parte del planeta.⁶⁰

Sobreviver a essa via sacra nem sempre é uma vitória. Mas, ao chegar, se encontram em um país que os espera com uma vida de escravidão, discriminação, incertezas sobre serem deportados ou criminalizados. É uma *vida nua*⁶¹, como define Agamben quando se refere aos excluídos como *bando*⁶², *aqueles que eram banidos, excluídos*. O poder soberano gera vidas nuas. Nessa situação está dada, claramente, a possibilidade de trabalho forçado pela classe média americana.

A Fortaleza América – a Área de Livre Comércio do Atlântico Norte, o mercado interno norte-americano ampliado para incorporar o Canadá e o México (‘depois do petróleo’, aponta Naomi Klein, ‘a mão de obra imigrante é o combustível que impulsiona a economia do sudoeste’ dos Estados Unidos) - foi complementada em julho de 2001 pelo ‘Plan Sur’.⁶³

Os casos que mais podem gerar violações de direitos são os dos migrantes desprovidos de documentação ou em situação migratória não autorizada. Dentre esses, há os que ingressaram de forma regular no país, mas perderam essa condição em virtude da expiração de seu visto de permanência ou do não reconhecimento da condição de refugiados, por exemplo. Há também aqueles que, ainda que possuam a permanência regular, exerçam atividades remuneradas incompatíveis com sua situação migratória, como nos casos dos turistas.⁶⁴

Podemos perceber que o migrante termina se adaptando às normas impostas pela sociedade, que lhe permite fazer parte do meio social se cumprir com o pré-estabelecido, se deixar-se subjugar, explorar para poder sobreviver, respeitar as normas estabelecidas, não somente dos países, mas dos grupos sociais que criam normas paralelas e que chantageiam o migrante ilegalizado, ameaçando denunciá-lo às autoridades. Destaco, aqui, o conceito de *panoptismo*, de Foucault, como um princípio de construção aplicável a qualquer tipo de estabelecimento, ou grupo social, no qual qualquer tipo de pessoa – aqui o migrante ilegalizado – está sendo vigiado, observado por ‘alguém’. Esse método panóptico, segundo Foucault,

⁶⁰ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 84.

⁶¹ Agamben sugere esse conceito para referir-se a uma simples vida, destituída de direitos, matável e em estado de exceção permanente. Para maior esclarecimento, sugiro a leitura do livro *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I*. Nesta obra o autor aborda vários conceitos que estamos acompanhando neste trabalho, como, por exemplo: poder, soberano, totalitarismo moderno, exclusão, bando, inclusão e exclusão, vida nua.

⁶² Sugiro a leitura dos livros: AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. 2ª impressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007 e AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção (Homo Sacer, II, 1)*. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

⁶³ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 80.

⁶⁴ MARTIN, Nardão Cássio; GERSZTEIN, Coelho Paola Paola Coelho Gersztein. In: DUTRA, Cristiane Feldmann; PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima (Orgs.). *Direitos Humanos e xenofobia: violência internacional no contexto dos imigrantes e refugiados*. Curitiba: Editora Prismas, 2017, p. 77.

introduz um processo de normatização. Quem é vigiado pelo observador, não percebe em que momento é vigiado; na realidade, não percebe em que momento não está sendo vigiado. Diante dessa incerteza, passa a vigiar a si mesmo para não sair da norma imposta pelo grupo social.⁶⁵

2.5 Quinto Círculo: Há muros físicos, mas o pior é o muro humano

As pessoas vítimas de mobilidade humana forçada, os migrantes econômicos têm que enfrentar várias fronteiras e muros para poder chegar à terra prometida. Essas fronteiras não são somente geográficas, nem os muros são somente físicos, há vários obstáculos que se apresentam no caminho.

O México, assim como todos os demais países das Américas, tornou-se um país dividido, consequência dos sistemas políticos totalitários, fascistas e nazistas, como já refletíamos nos capítulos anteriores. A população está dividida; há um ódio crescente quando se fala em migrantes. Há rancor, ódio, consequências da idolatrização nos sistemas políticos e do mercado, dos populismos que provocam a polarização e o negacionismo⁶⁶, promovendo um ódio crescente contra o que é diferente e plural. Os migrantes se tornaram, nas últimas décadas, a fixação desses grupos totalitários⁶⁷. Esses sistemas têm gerado muita pobreza, exclusão, deslocamento, marginalização, doenças, crimes de lesa humanidade⁶⁸ e um holocausto velado,

⁶⁵ Sugiro a leitura do livro: *Vigiar e punir: o nascimento da prisão* de Michael Foucault, principalmente o capítulo III que fala do Panoptismo. Também sugiro a leitura de: BIGO, D. Security, exception, ban and surveillance. In: D. Lyon (Org.), *Theorizing Surveillance: The panopticon and beyond*. Cullompton, Portland: Willan. 2006. Este autor Cunha o conceito de *Banóptico* numa abordagem sociológica internacional. *Banóptico* é uma palavra de junção entre *Panóptico* e *Bando*, que anteriormente tínhamos citado de Foucault e Agamben respectivamente. Didier junta os termos e forma o conceito de *Banóptico* para explicar o método para disciplinar e punir uma pessoa ou grupo social através da observação que é usada como ferramenta para normatizar a pessoa ou grupo banido. Criando perfis a partir dos bancos de dados que as redes sociais adquirem com nosso consentimento e disponibilizamos indiscriminadamente. Também sugiro para ampliar a reflexão a leitura do livro: ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Trad. George Schlesinger. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda., 2021.

⁶⁶ Sugiro a leitura de dois livros para entender melhor a lógica do populismo, negacionismo e polarismo: FANCELLI, Uriã. *Populismo e negacionismo: o uso do negacionismo como ferramenta para a manutenção do poder populista*. Curitiba: Appris, 2021. BRUZZONE, Andrés. *Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital*. São Paulo: Contexto, 2021.

⁶⁷ “Pues ese 14 de mayo ahí estaban esos cientos de jóvenes procedentes de nuestros países hermanos de Centroamérica. ¡Que vergüenza! Más de 500 años de evangelización y catolicismo, no han conseguido en buena parte de su membresía, más que verlos con indiferencia, con ceguera e insensibilidad. No han podido identificar en esos forasteros a Jesús, Rey y Señor, que sufre todavía su viernes santo, mientras celebran tranquilamente las misas en el templo, en una religiosidad que casi nada tiene que ver con la vida cotidiana” In: MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 85.

⁶⁸ “**Crimes Contra a Humanidade:** ocorrem quando perpetrados no âmbito de um ataque generalizado ou sistemático contra uma população civil, por quaisquer dos seguintes atos: homicídio; extermínio (*imposição de condições de vida desumanas, tais como privação de acesso a alimento ou medicamento com o fim de destruir a população*); redução à escravidão; prisão ou outra forma de privação grave de liberdade física que violem os

mas de conhecimento das autoridades e da maioria da população. “*Chiapas, dice, es ‘un cementerio sin cruces donde la gente muere sin siquiera una oración’*. Según un informe de derechos humanos de 1999, los migrantes que atraviesan Chiapas se enfrentan con “una verdadera carrera contra el tiempo y contra la muerte”.⁶⁹

A polarização tem levado a população a dividir-se entre aqueles que se solidarizam com o migrante e aqueles que a cada dia sentem mais ódio por ele. Nesse momento, centraremos a exposição naquelas pessoas que, talvez, por fazerem parte da massa manipulada, tornaram-se insensíveis para com o migrante que passa. Há um muro físico que é difícil de enfrentar.

Lo más probable es que los habitantes de la casa no le den nada. Chiapas está harto de migrantes de Centroamérica, dice Hugo Ángeles Cruz, profesor e experto en migraciones del Colegio de la Frontera Sur en Tapachula. Éstos son más pobres que los mexicanos y la percepción es que son atrasados e ignorantes. La gente piensa que traen enfermedades, prostitución y delincuencia además de quitarles los empleos. En los retenes también causa de balaceras. Los lugareños temen que los tiros que la migra dispara al aire para hacer que los migrantes se rindan podrían lastimar a un niño que estuviera jugando fuera.⁷⁰

O percurso dos migrantes insere-se dentro de uma crise humanitária, não só no México, assim como em Lampedusa⁷¹, que se tornou conhecida pela visita do Papa Francisco. O mundo parece que não conhecia Lampedusa; quem havia escutado falar sobre essa região? Possivelmente muitos de nós nunca tinha se escutado nada. O Papa deu visibilidade e mostrou o grande escândalo humanitário que está presente lá. Mas também há outras situações de opressão, crimes de lesa humanidade contra a Palestina e os países africanos que continuam

Direitos Humanos; tortura (*física ou mental*); estupro, escravidão sexual; prostituição, gravidez ou esterilização forçada; perseguição contra grupo por ordem política, racial, nacional, étnica, cultural ou religiosa (*por perseguição entende-se a negação voluntária e grave de direitos fundamentais, por motivos ligados à identidade do grupo*); desaparecimento forçado (*caso de pessoa presa por um Estado ou Organização Política que se recusa a revelar a ocorrência da privação da liberdade*); crime de *apartheid* (*prática de atos desumanos, cometidos no quadro de um regime institucionalizado de opressão sistemática ou de domínio de um grupo racial sobre outro ou outros, com o fim de manter esse regime*) e outros atos desumanos análogos que causem grande sofrimento físico ou mental. Convém registrar que para o Tribunal Penal Internacional, os Crimes Contra a Humanidade, podem ser cometidos tanto em tempo de guerra, como em tempo de paz, tanto em conflitos externos, como em conflitos internos”. CRAVO, Pedroso. Marco Antonio. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.com.br/author/marco-cravo/>.

⁶⁹ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: la arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 75.

⁷⁰ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 87.

⁷¹ VATICANO. Papa Francisco foi a Lampedusa "chorar os mortos que ninguém chora". Disponível em: <https://www.publico.pt/2013/07/08/mundo/noticia/papa-francisco-escolhe-lampedusa-para-primeira-viagem-do-seu-pontificado-1599582>. Acesso em: 15 mar. 2022.

penando, sobretudo neste tempo de pandemia, que tem empobrecido ainda mais as pessoas em geral e enriquecido os poucos de sempre.

Chiapas, significa lo peor. La peor vergüenza de México y América. Es lo peor. Oaxaca es un estado muy corrupto quiero que sepa, pero aún no llega al grado de corrupción que hay en Chiapas. Tratándose de los migrantes, Chiapas es un infierno. Es un calvario para cualquiera. Desde que entran hasta que salen de Chiapas viven un atropello constante. No hay autoridades civiles que hayan parado esto. La misma iglesia católica tampoco lo ha podido detener. Es un estado donde parece que existe una coordinación general para cometer delitos y donde se echan la culpa unos a otros. Lo peor es que finalmente no se detienen los asaltos, las violaciones y las muertes.⁷²

Mas, voltando ao foco, que é a migração centro-americana pelo corredor diabólico do México, podemos perceber que as fronteiras não são somente físicas; há fronteiras humanas, de pessoas concretas, com um policiamento ostensivo e ofensivo, agredindo, reprimindo as pessoas que tentam passar para o norte. Sabemos, por meio de testemunhas, que é comum que os policiais de alfândegas cobrem coimas, exijam pagamentos em dinheiro, objetos de valor, sexo. Dada esta realidade de corrupção, é um lugar muito propício para que o crime organizado esteja presente, não só nos lugares específicos da fronteira na alfândega, mas nas estradas que levam a esses lugares. A corrupção e a impunidade estão presentes de forma escancarada, os pactos, a troca de favores entre a polícia e os *coyotes* e *mareros* é abertamente visível.

Los migrantes describen experiencias similares. “No corras o te matamos”, les gritan. Sacáte la ropa. Échate al suelo. Los bandoleros apoyan el filo de sus machetes contra las gargantas o las orejas de los migrantes mientras estos se desvisten. No hagas ruido, les dicen. No mires para arriba. Uno rasga las cinturas de los pantalones, los cuellos y los puños de las camisas en busca de dinero escondido. Se quedan con los cinturones, los relojes y los zapatos. Los que se resisten son apaleados o asesinados. Todos reciben una advertencia final: “Si hablas con las autoridades, te vamos a encontrar y te vamos a matar”. Los lugareños ven pasar grupos de migrantes desnudos por los senderos de tierra; les han sacado absolutamente todo.⁷³

Por referencia de los jóvenes centroamericanos, escuché por vez primera la descripción de los policías veraces, responsables de tantas acciones delictivas contra ellos. “Padre, a mi un policía me robó mi reloj y me quitó mi dinero”; “a mi, otro me sacó mi dinero y me amenazó con una pistola”. “y a mi ...” “Y a mi ...” Pasé un largo rato escuchando aquellas quejas y anotando la descripción de aquellos bandidos con placa, agazapados en la institución para combatir fechorías.⁷⁴

⁷² ULTRERAS, Pedro. *La Bestia*: La tragedia de migrantes centroamericanos en México. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 42.

⁷³ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Random House trade Paperbacks, 2014, p. 83.

⁷⁴ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 94.

Como consequência, o sofrimento das pessoas deslocadas se incrementa. A clandestinidade se torna óbvia, a invisibilidade é necessária. Por esse motivo, o migrante deve se movimentar pela noite, quando o faz pelas estradas, para não ser visto pela polícia, pelos *coyotes* ou *mareros*, conforme já mencionamos, ver um migrante, é ver dinheiro. O México se tornou um campo de guerra, em que há que ter muito cuidado em cada passo a ser dado, porque é um campo minado, espaço da indeterminação. Em qualquer lugar pode haver um *coyote* escondido, um *marero* que viaja com um grupo, passando-se por migrante. Pode haver uma cobra, mosquitos, gatos selvagens, fome e falta de água.

Minutos después de hacer su entrada esa especie de locomotora mamá, el contingente fue asaltado, según refirieron los centroamericanos y vecinos, en dos flancos: la policía municipal por uno, y la ministerial por otro. Fue una acción conjunta, coordinada y rápida. En un breve lapso a los recién llegados los robaron, despojándolos de dinero, relojes, cadenas, y cuanta pertenencia pudiera servir a los también empobrecidos e envilecidos policías, víctimas de un sistema añejo y corrupto que los ha olvidado y los ha agredido también a ellos. Sólo unos cuantos, menos de setenta migrantes, lograron escapar a esta “cordial bienvenida”.⁷⁵

Portanto, o México, atualmente, é um muro transversal no qual encontramos, em todo seu percurso, vários rastros de migrantes, desde tênis, bonés, roupas, calcinhas manchadas de sangue pelo crime forçado, sacolas de viagem, ossos de corpos que ninguém sabe a história desse rastro do outro. Essa situação, que é de conhecimento tanto das autoridades do México como do mundo, não será alterada, já que a corrupção das autoridades fronteiriças, o narcotráfico e o crime organizado ajudam a promover a xenofobia, além de movimentar milhões de dólares anualmente.

Los bandidos son tan conocidos y operan con tal impunidad que Mario Campos Guterrez, un supervisor del Grupo Beta Sur, cree que las autoridades colaboran con ellos. Según Campos, muchos de los bandidos son agentes de policía en actividad o retirados. Si son arrestados, salen rapidamente en libertad pagando sobornos. Las declaraciones de testigos contra ellos desaparecen misteriosamente. Los migrantes no pueden esperar durante meses hasta el juicio. Hace tiempo que los bandidos han intimidado a todo habitante de La Arrocera que consideró testificar contra ellos. "Si “hablas te matan”⁷⁶

Os sequestros de migrantes também movimentam milhões de dólares por ano e são de conhecimento das autoridades e dos governos dos países. O dinheiro que os *coyotes* exigem das

⁷⁵ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 86-7.

⁷⁶ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 84.

famílias como resgate em centro-américa ou nos Estados Unidos é depositado em contas bancárias dos próprios *coyotes*.

En un México que de suyo se ha tornado a la barbarie debido a la disputa por las drogas, no hay peor tragedia humanitaria que la exploración de los migrantes centroamericanos. Son el dinero más fácil: el secuestro de cada uno de ellos reporta entre mil e cinco mil dólares de ganancia e se encuentra a miles o decenas de miles al año. [...]. La industria del secuestro masivo: de los ladrones y violadores con machete y pistola a los comandos de Zetas con armas largas y autoridades cómplices. El auge del secuestro coincidió con el sexenio de Felipe Calderón y la militarización del combate al narcotráfico.⁷⁷

Amnistía Internacional (AI) publicó en 2010 el informe *Víctimas invisibles* en donde el adjetivo más recurrente es “generalizado”: los secuestros, las violaciones sexuales, las extorciones, los asesinatos, las desapariciones y la complicidad de las autoridades son generalizados, como generalizada es la indiferencia de los distintos niveles de gobierno. México atraviesa por una “epidemia oculta” de secuestros sobre todo en las fronteras y en las rutas de paso: Chiapas, Oaxaca, Tabasco, Veracruz y Tamaulipas.⁷⁸

2.6 Sexto Círculo: Massacre de São Bernardo, os 72 migrantes assassinados pelos Zetas⁷⁹, no México

Neste ponto, destacaremos uma das maiores atrocidades que aconteceu no México com um grupo de migrantes, homens e mulheres que se deslocavam para o norte. O crime deles? Tentar chegar aos Estados Unidos, conseguir um trabalho e poder ajudar a sua família que ficou esfomeada e escravizada pelos estados de seus países. Chama-se: *A tragedia dos 72*.

El 22 de agosto del año 2010, una matanza en el nordeste de México enlutó a toda Latino América, a organismos defensores de los derechos humanos, y a cualquier persona que aprecia y respeta la vida. Setenta y dos migrantes centro y sudamericanos habían sido asesinados de una manera cruel y salvaje. Se error, ser migrantes indocumentados de paso por México, y haber llegado a un estado controlado por el crimen organizado en el nordeste del país. Los migrantes asesinados eran originarios de Guatemala, El Salvador, Honduras, Ecuador y Brasil. Fueron secuestrados por el

⁷⁷ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 21.

⁷⁸ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 22-3.

⁷⁹ “Los Zetas, una organización de narcotraficantes, se apoderaron de Nuevo Laredo y la ciudad se convirtió en una zona de guerra. Los tiroteos a plena luz del día se volvieron un fenómeno común. [...]. Los Zetas han tomado control de la ruta ferroviaria central. [...]. Los falsos contrabandistas entregan a los migrantes al cartel de narcotraficantes. Los Zetas los golpean y los torturan para extraerles información acerca de sus parientes en los Estados Unidos, a quienes exigen rescate. [...]. Según un informe de Human Rights Watch publicado en 2012, cada año estas bandas secuestran a unos 18.000 migrantes centroamericanos al cruzar la frontera mexicana. Los que no tienen dinero son asesinados”. In. NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 292-300.

grupo criminal conocido como “Los Zetas”. La masacre fue perpetrada debido a que los migrantes o sus familiares no pagaron el dinero que les exigían para que los dejaran libres, y porque no aceptaron ser parte de esa banda de criminales, según dijo uno de los sobrevivientes.⁸⁰

Percebemos, desse modo, a crueldade das milícias e das organizações criminosas que estão interligadas entre os países, desde os países centro-americanos, nas periferias das cidades, onde surge o migrante, depois durante todo o percurso pelo México e, finalmente, nos Estados Unidos, onde tiram o último dinheiro possível. Esse grupo assassinado cruelmente, e que não encontra os verdadeiros responsáveis, e, portanto, ninguém foi condenado, sofreu todo tipo de violações possíveis. A mensagem dos responsáveis é clara: quem duvidar e desrespeitar as regras que os Zetas impõem acabará sendo morto.

El masivo asesinato de esos 72 hombres y mujeres centro y sudamericanos se había convertido en un parteaguas social en el asunto del constante abuso de migrantes en tránsito por México. Ese 22 de agosto marcaría un antes y un después para quienes entran de manera irregular al país. Ese día, con las protestas, las denuncias y los debates surgidos a raíz de la masacre, se empezaría a escribir por primera vez en la historia de México una ley de inmigración que exigiría respeto a los derechos de cualquier migrante indocumentado que entre o cruce dicho país. Fue por la noche que vi la historia completa en uno de los noticieros nacionales en español de Estados Unidos. Mis ojos no podían dar crédito a las imágenes que mostraba la televisión: eran 58 hombres y 14 mujeres tendidos bocabajo, atados de las manos, algunos apilados encima de otros; todos habían recibido un balazo por la espalda o en la cabeza. Dos migrantes habían sobrevivido porque se hicieron pasar por muertos, aunque estaban heridos.⁸¹

Los Zetas estão presentes como organização criminosa em todos os países centro-americanos. Se instalam nas periferias das cidades e também agem em todos os níveis da vida social. São eles que organizam, junto com outras organizações criminosas, as viagens clandestinas para que os cidadãos possam se deslocar para o norte. Há um esquema montado que envolve abusos, coimas, cobranças de favores. Nas periferias, a violência desses grupos leva muitos jovens a fugir e morar no norte como uma possível saída.

La canallocracia es también un poder corrompido y corruptor de la calle, poder ilegal y fuera de la ley que reagrupa en un régimen canallocrático, por consiguiente, en una formación organizada y más o menos clandestina, en un Estado virtual, a todos aquellos que representan un principio de desorden –no de caos anárquico sino de desorden estructurado, por así decirlo, de complot, de conjura, de ofensa o de ofensiva

⁸⁰ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia*: La tragédia de migrantes centroamericanos en México. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 7.

⁸¹ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia*: La tragédia de migrantes centroamericanos en México. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 9.

premeditada contra el orden público. Incluso, se dirá de terrorismo –nacional o internacional.⁸²

Los Zetas têm o controle nas periferias, impondo um código comportamental, impostos, coimas e, assim, controlando a vida das famílias.

Los Zetas y otras bandas criminales imponen un “impuesto de guerra” a los conductores de autobuses e comerciantes. Cada mañana, un agente de los Zetas acude a la parada de taxis acerca del barrio de Enrique con una lista de choferes. Amenazan o asesinan a los que no hayan pagado el impuesto diario de 13 dólares. Según la creencia generalizada, la policía recibe su tajada de las extorciones, así que nadie los llama.⁸³

Mas também estão presentes durante todo o percurso que faz o migrante, desde a saída em centro-america, quando deixa o seu país, na fronteira, porque ali poderão cobrar para ajudar a cruzar nas balsas, durante o corredor do inferno, cobrando pedágios fictícios, cometendo sequestros, fazendo cobranças de resgate acomodados com guardas e policiais alfandegários.

Hoy principios de septiembre, hubo un secuestro masivo en Reynosa, frontera norte de México. Al menos treinta y cinco migrantes centroamericanos fueron bajados por un comando armado de Los zetas cuando los indocumentados llegaban a esa ciudad montados como polizones en el tren de carga.⁸⁴

Eles controlam toda a estrada ferroviária, em complô com os seguranças e policiais da alfândega. Viajam juntos com os migrantes, passando-se por um migrante a mais; assim coletam informações que passam para um grupo que em determinado lugar, junto com a polícia alfandegária, faz um controle do trem, aí quando chegam são roubados, sequestrados para pedir recompensa, mortos, alguns deportados ou objeto de diversão.

En 2001 los Zetas bajaron de un autobús a setenta y dos migrantes. [...], los mataron a balazos uno por uno. Más tarde ese mismo año, hallaron los cuerpos de 193 migrantes en tumbas clandestinas cerca de allí. La policía los encontró guiada por miembros de los Zetas que confesaron haber secuestrado y asesinado a pasajeros de autobús, muchos de ellos migrantes.⁸⁵

⁸² DERRIDA, Jacques. *Canallas: Dos ensayos sobre la Razón*. Trad. Cristina Peretti. Madrid: Editorial Trotta, 2002, p. 88.

⁸³ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 289.

⁸⁴ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 161.

⁸⁵ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 300.

2.7 Sétimo Círculo: *El ómnibus de las lágrimas*

Neste ponto, brevemente resgataremos a experiência pela qual o migrante não deseja passar. Quando o migrante é pego, obviamente de forma irregular, depois de ser roubado, na maioria das vezes, pelos próprios agentes alfandegários. Depois de golpeado, abusado até sexualmente, é encaminhado para a deportação. “*Sólo unos sesenta hombres y mujeres se quedaron. Me acerqué a ellos, platiqué. Nos externaron su temor de ser asaltados por policías, ya que cuando estaban asaltando a sus compañeros de viaje, se habían apeado del tren, manteniéndose a distancia*”.⁸⁶

Os migrantes que serão deportados são colocados em um ônibus e enviados de volta a seus países. Esse ônibus é conhecido como o *El omnibus de las lágrimas*.

Enrique ruega poder lograrlo en el próximo intento. Lo llevan a otro autobús impregnado de olor a sudor y gasóleo. Ve con alívio que no hay pandilleros centroamericanos a bordo. Éstos a veces se dejan apresarse por la migra para entonces golpear y robar a los migrantes que van en los autobuses. Van de asiento en asiento amenazando a los pasajeros con picahielos y exigiéndoles que entreguen todo lo que llevan.⁸⁷

Não é difícil imaginar o porquê desse nome: *El omnibus de las lágrimas*. O migrante, saiu com a esperança de chegar ao norte, se endividou para poder pagar o *coyote*, este o abandona e o rouba; em alguns casos sofre acidentes e volta mutilado. A seguir apresentaremos alguns testemunhos da experiência de alguns migrantes, que voltaram com lágrimas no rosto, porque a última alternativa que tinham para melhorar de vida era chegar ao norte e, agora, devem retornar, piores do que saíram. Não é fácil para o migrante retornar e mostrar o fracasso de não poder ter chegado ao norte. Voltar endividado, sem perspectivas e, às vezes, sem algum membro.

Como muchos otros, Enrique ha hecho varios intentos. El primero: Salió de Honduras con un amigo, José del Carmen Bustamante. Ellos recuerdan haber viajado treinta y un días y unas 1000 millas hasta el estado de Vera Cruz en el centro de México, donde la migra los capturó en el techo de un tren y los mandó de regreso a Guatemala en lo que los viajeros llaman el *bus de lágrimas*. Estos autobuses hacen hasta ocho viajes por día, deportando a más de 100.000 infelices pasajeros por año.⁸⁸

⁸⁶ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 88.

⁸⁷ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 65.

⁸⁸ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 55.

As deportações fazem parte da dinâmica da migração, e expressam o fracasso do migrante que tentou burlar *La Bestia* ou *La Muerte, coyotes, mareros, policía*, e não conseguiu. Entregou tudo o que levava, não sobrou nada, só a vida. Todos lucraram com ele, tiraram vantagem da sua situação e, depois que já não tem mais nada para tirar, o deportam como criminoso. Foi despojado pelos muros humanos, pelo ódio, pela avareza desmedida, pela xenofobia e por dinheiro, que produz morte.

Con la adopción del programa por parte de miles de departamentos de policía, las deportaciones aumentaron 40 por ciento entre 2006 y 2011, año en que se deportó a más de 400.000 inmigrantes en todo el país. Durante esos mismos cinco años, casi se duplicó el número de inmigrantes indocumentados que hay cada noche en las cárceles de Florida. [...]. Entre 2010 y 2012, fueron deportados unos 200.000 padres de ciudadanos estadounidenses, y hay, 5.000 niños sin padres en casas de crianza porque alguno de sus progenitores fue detenido o deportado. El incremento de las deportaciones hizo que la familia de Enrique y los migrantes de todo el país vivieran en estado de miedo constante. [...] El Centro de Detención del condado de Baker reserva una de sus dos alas solamente para inmigrantes detenidos. El gobierno le da al condado 85 dólares al día por inmigrante que alberga, un promedio de 21.264 dólares por noche para el año fiscal de 2011.⁸⁹

2.8 Oitavo Círculo: As crianças migrantes

Não podemos deixar de falar de uma realidade lastimável que encontramos neste círculo do inferno azteca, que é a presença das crianças migrantes. Há inúmeras situações que levam crianças e adolescentes a transitarem pelo México, como *crianças criminosas e ilegalizadas*. Durante a visita que realizamos ao *Abrigo do Migrante*, encontramos quatro irmãos que viajavam juntos, o maior deles tinha 14 anos, o menor, nove anos. Fiquei imaginando aquelas crianças pequenas, fisicamente fracas, pulando na *Bestia* e viajando nove horas ininterruptas penduradas entre os vagões. Como é possível que essas crianças hondurenhas tenham conseguido realizar essa façanha. Essa é a pergunta que podemos e devemos fazer. Que fazer quando são encontradas quatro crianças sozinhas a caminho do norte? Denuncia? Deporta? Ajuda, para que continuem? Deixaremos a resposta para amadurecer no caminho que empreendemos em direção ao norte.

Muchos viajan al norte en busca de trabajo. Otros huyen de familias que los maltratan. Según consejeros de un centro de detención en Texas donde el INS alberga la mayor

⁸⁹ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 286-7.

cantidad de los niños detenidos sin acompañante, casi todos los centroamericanos van para reunirse con uno de sus padres. De estos, el 75 por ciento busca a su madre. Algunos niños dicen que necesitan saber si sus madres aún los aman.⁹⁰

As crianças que saem dos países de origem, como já referido anteriormente, são filhos de mães que, em determinado momento, tiveram que sair em busca de trabalho no norte. Essas crianças foram deixadas com avós, tias, tios, parentes próximos. Não foram avisadas acerca da saída dos pais, geralmente da mãe. Um dia acordaram e sua mãe não estava mais. Ficam sabendo que foi para o norte em busca de trabalho e com o tempo virá buscá-los ou mandará recursos financeiros e ajuda para que eles também possam ir ao norte. O impacto e o ressentimento que essas crianças sofrem deve ser considerado. Por esse motivo, reportamo-nos a vários testemunhos e relatos de experiências de crianças muito novas que decidem, assim como sua mãe, sem avisar, saírem às escondidas em direção ao norte, lá onde já está a sua mãe.

Algunos son muy pequeños. Empleados ferroviarios mexicanos han encontrado niños que viajan en busca de sus madres. Cerca de las vías del tren en el centro de Los Angeles, un policía encontró a un niño de nueve años que le dijo: “Busco a mi mamá”. El pequeño había salido de Puerto Cortés en Honduras tres meses antes. Sólo lo guiaban sus astucia y el único dato que poseía acerca de su madre: el lugar donde vivía. A todos preguntaba: “¿Cómo se llega a San Francisco?”⁹¹

Minor ha hechado de menos a su madre intensamente. No podía soportar otra Navidad u otro cumpleaños separado de ella. [...]. Minor me cuenta de su peligroso viaje como autostopista. Lo amenazaron y le robaron. Sin embargo, él dice que tuvo suerte. Cada año miles de otros niños que van a buscar a sus madres a los Estados Unidos viajan de manera mucho más peligrosa. Viajan en los techos de los trenes de carga mexicanos. Lo llaman el tren de la Muerte.⁹²

Se calcula que hay un millón de niños, la mayoría de México y Centroamérica, que viven ilegalmente en los Estados Unidos. Como Enrique, casi todos han estado separados de un progenitor antes de ir en su busca a los Estados Unidos. Hoy en día, uno de cada cuatro escolares del país es inmigrante o hijo de inmigrantes, un porcentaje mayor al 6 por ciento registrado en 1970. Para el año 2020, estos niños constituirán el 30 por ciento de la población escolar del país.⁹³

En todo México, hay más y más mujeres embarazadas y padres con niños pequeños que viajan en los trenes de carga. Algunos padres llevan bebés en brazos.⁹⁴

⁹⁰ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Random House trade Paperbacks, 2014, p. 5.

⁹¹ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Random House trade Paperbacks, 2014, p. 6-7.

⁹² NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Random House trade Paperbacks, 2014. Prólogo x.

⁹³ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Random House trade Paperbacks, 2014, p. 299.

⁹⁴ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Random House trade Paperbacks, 2014, p. 301.

Mas quem pensa que no inferno azteca há lugar para sentimentalismo, solidariedade, empatia com as crianças se engana. Criança migrante também é roubada, morta, abusada, vendida. Tudo o que possa dar lucro é bem-vindo para o *Coyote*, *marero* e para a *polícia*. Existem, inclusive, relatos de crianças que foram abandonadas, abusadas sexualmente, vendidas. Se não dá dinheiro, deve ser divertido ou satisfazer as maiores perversões.

Venia callado, venía llorando. Y les pregunté, [...]. Y no quería decir nada. Cuando ya comió y descansó, él me dijo que quería platicar conmigo, no confidencialmente, quería hacerlo delante de sus compañeros porque habían sido testigos. Dijo que como no traía dinero los asaltantes lo hicieron “pagar con cuerpo” y lo violaron, y él tenía mucha rabia y decía que quería volver, y aunque ya no pudiera regresar a su tierra o ir a Estados Unidos, él quería regresar a desquitarse de eso que le hicieron.⁹⁵

A impotência de estar sempre lutando contra as contradições no caminho, e todas elas são humanas, todos os empecilhos, os muros, as adversidades de todo tipo, não é por uma questão climática, de frio intenso à noite, calor extenuante durante o dia. As adversidades mais difíceis são aquelas impostas por pessoas concretas, por humanos, pelo seu semelhante que rouba uma criança, a golpeia e ainda abusa dela sexualmente e depois a vende ou a mata.

Llegó muy mal. Lo único que nos pudo decir es que a su grupo lo habían asaltado. Estuvimos platicando – yo soy terapeuta – al principio no quería abrir-se, pero platicando finalmente aceptó hablar de lo que vivió. Pedro, es que lo que había pasado también era terrible. Me dijo, “Padre, mire, si a mí como ser humano me quitan mis pertenencias no me da coraje, si me quitan lo que me quiten no me da coraje, pero que me hayan violado, eso no lo acepto padre, porque é una injusticia. En qué grado de animalización están esas personas degeneradas que hacen esto sin importar la vida de uno. Tal vez a otros no les importa padre, pero a mí si me importa y estoy destrozado”.⁹⁶

Mas a maldade humana é única, possivelmente somos o único ser vivo que sabe que pode fazer o mal, tem consciência que está fazendo o mal, que deteriora a alteridade do outro, que usa o outro como um meio para lucrar e, mesmo assim, sabendo conscientemente o que faz, continua realizando a maldade sem limites. Para o *coyote*, não há lástima; criança serve para vender, para dar dinheiro, não há sentimentalismo para com as crianças. Elas foram tiradas de suas famílias, desestruturadas, mas muitas famílias foram levadas, muitas vezes enganadas

⁹⁵ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia*: La tragédia de migrantes centroamericanos en México. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 46.

⁹⁶ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia*: La tragédia de migrantes centroamericanos en México. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 46-7.

para o norte, em um percurso no qual tudo é possível, em que toda oportunidade para lucrar é viável.

Lourdes se entera que muchos contrabandistas abandonaran a los niños a su suerte ante la primera señal de dificultades. En México los albergues temporarios para niños del gobierno acogen a los niños migrantes que las autoridades encuentran abandonados en aeropuertos, estaciones de autobús y en las calles. Estos de hasta sólo tres años de edad. Víctor Flores tiene cuatro años, quizás cinco. Un contrabandista lo abandonó en un autobús. No lleva identificación alguna, ni número telefónico. Va a dar a Casa Pamar, un albergue en Tapachula, México, justo al norte de la frontera con Guatemala. El albergue divulga fotos de los niños en la televisión centroamericana por si las familias los están buscando.⁹⁷

Francisco Gaspar, un niño de doce años oriundo de Concepción Huixtla, Guatemala, está aterrorizado. Está sentado en un pasillo de un centro de detención mexicano en Tapachula. Con el borde de su camiseta de Charlie Brown, el niño se enjuga las lágrimas que le corren por la barbilla. Está esperando que lo deporten. Su contrabandista lo dejó atrás en Tepic, una localidad del estado de Nayarit en la costa occidental. “No vio que no me había subido al tren”, dice Francisco entre sollozos. Con sus piernas cortadas no pudo treparse a bordo. Fue presentado por agentes de inmigración que lo mandaron en autobús a Tapachula.⁹⁸

2.9 Nono Círculo: Entre “La Bestia” e “La Muerte”

Consideramos que o nono círculo seria interessante para partilhar sobre um muro que, sem dúvidas, é o mais conhecido e está presente de forma impactante durante todo o percurso pelo México. É o trem, conhecido pelo migrante como *La Bestia*, mas também como o trem *La Muerte*. Eles vão pendurados por muitas horas e têm inúmeras experiências em cima da *Bestia* e da *Muerte*. “*La Bestia, esos trenes de carga mexicanos que atraviesan el país de frontera a frontera, a los cuales miles de migrantes ven como única alternativa para cruzar México sin ser detenidos por las autoridades migratorias*”⁹⁹. O migrante passa por várias experiências de fé, de partilhas de histórias e dos motivos reais que o levaram a sair de seu país, experiências de solidariedade, de partilha dos alimentos que ganham na passagem por alguma cidade. Mas o migrante também experimenta tensões diante da dúvida de que algum *marero* esteja disfarçado de migrante e esteja passando informações para que, nas próximas cidades, sejam roubados.

⁹⁷ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 23.

⁹⁸ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 24.

⁹⁹ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia: La tragedia de migrantes centroamericanos en México*. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 11.

Le llaman la bestia porque no cualquiera se sube y vive para contarlo. Cuando va a madre, no cualquiera se sube y logra domarlo así como domamos a un toro. [...]. Porque cuando viene de frente y a toda velocidad se les asemeja una bestia queriéndolos embestir. Otros coincidieron en señalar que al ver el tren de frente a ellos, sobre todo de noche, les parecía ver y oír rugir una bestia a la que habían que encarar.¹⁰⁰

Essa *Bestia* que enfrenta sem medos, pode trazer o inesperado, um *coyote*, *marero* que tornará mais difícil a sobrevivência.

Diez o veinte de ellos abordan el tren armados con machetes, cuchillos, caños de plomo y pistolas. Cuando el tren gana velocidad, rodean a un grupo de migrantes. Suelten el dinero o los matamos, les dicen. Las drogas los envalentaron. Los pandilleros llevan marihuana y cocaína en roca en las viseras de sus gorras de béisbol. [...]. Con frecuencia los pandilleros arrojan del tren en movimiento a los migrantes que los hacen entrar en cólera porque no tienen dinero o porque se resisten; o lo dejan muertos en el techo del tren para que los encuentren los empleados ferroviarios en la próxima estación.¹⁰¹

Enfrentar esta *Bestia* é uma espécie de condição que o migrante vai ter que assumir, visto que não tem dinheiro para pagar um transporte e, se o tivessem, também não seria possível, porque a entrada se dá de forma ilegalizada no México; os controles na procura de migrantes ilegais ocorrem nas estradas, e vários postos de controle militar que estão para coibir o trânsito para os Estados Unidos. A *Bestia* é a maneira mais econômica e na qual podem se esconder. Todos enfrentam a *Bestia* ou a *Morte*, mulheres, crianças, mulheres grávidas, homens.

Hoy no se ven mujeres en el tren; es demasiado peligroso. Hay varios niños, algunos mucho más pequeños que Enrique. Uno de ellos tiene sólo once años. Según cálculos del Grupo Beta, un grupo oficial de defensa de los derechos de los migrantes de Chiapas, entre el 20 y el 30 por ciento de los niños que abordan los trenes en Tapachula tienen quince años o menos. Este pequeño de once años le cuenta a Enrique que él también quedó con su abuela en Honduras. Él también viaja solo para encontrar a su madre en los Estados Unidos. Dice que está desesperado por verla.¹⁰²

Os controles de migração sabem que na *Bestia* há muitos migrantes; durante o percurso há vários controles de migração que param o trem e realizam a captura aos migrantes. Alguns conseguem fugir, a maioria é presa e saqueada, como já falamos em outros momentos, e depois deportados no ônibus das lágrimas.

¹⁰⁰ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia: La tragedia de migrantes centroamericanos en México*. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 27-8.

¹⁰¹ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 92.

¹⁰² NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 74.

Cuatro de cada cinco migrantes que llegan al Albergue Belén em Tapachula han sufrido robos, golpizas o extorsiones a manos de la policía, afirma el cura del albergue, Flor Maria Rigoni. En la estación de trenes de Tapachula, hay refriegas entre la policia municipal y la estatal para decidir quién atraca a un grupo de migrantes. Éstos cuentan casos de agentes de la policía que meten preso a un migrante hasta que un pariente en los Estados Unidos puede girar el rescate y comprar su libertad. Para los agentes de inmigración, sacarles dinero por la fuerza a los migrantes es una parte central de su trabajo, ya que les permite comprarse casas grandes y bonitos automóviles aunque están mal remunerados.¹⁰³

La Bestia ou *La Muerte* não tem piedade com ninguém, pois segue seu curso, não para e não diminui a velocidade para que o migrante possa pular e segurar-se com facilidade. Cada um faz e enfrenta-a como pode, ela não sente nem frio nem calor, enfrenta os calores extenuantes durante o dia, mantem seu ritmo quando enfrenta as temperaturas baixíssimas na parte da noite. *A Bestia* e *La Muerte* machucam, ferem, deixam marcas eternas; elas matam.

En una ocasión, en agosto del año pasado [...], estuvo el tren parado y no hubo operativo, pero cuando empezó a andar, justamente cuando estaba andando, inmigración hizo un operativo. Esto ocasionó varios heridos y la muerte de una niña de 14 años. El tren la mató. Se llamaba Marielena. [...]. A uno de ellos el tren le cortó la cabeza, de verdad. A otro le mutiló una pierna, otro se tiró del tren, se suicidó por la presión que vivió, se tiró del tren.¹⁰⁴

Há um genocídio secreto acontecendo em terras mexicanas, é verdade que muitos migrantes chegam com vida ao norte, mas há milhões de migrantes que perecem no caminho, alguns perdem parte de seus corpos, que alimentarão os urubus.

Por las noches, Guillermina Gálvez López, que vive en una choza de madera, junto a las vías en La Arrocera, oye los trenes y al poco rato los alaridos penetrantes de los migrantes. [...]. En un plazo de diez meses, los que viajan en trenes han traído diez veces a su puerta hombres y niños sin brazos, sin piernas o decapitados. Con frecuencia sufren las heridas cuando tratan de subir o bajar del tren huyendo de los agentes.¹⁰⁵

Outros perdem a dignidade ao serem submetidos às experiências mais imorais que um homem possa exigir de outro. Como no caso do filho que foi obrigado a abusar da sua própria

¹⁰³ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 53-4.

¹⁰⁴ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia: La tragédia de migrantes centroamericanos en México*. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 44.

¹⁰⁵ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 82-3.

mãe¹⁰⁶, ou da mulher que ficou grávida de um policial que a abusou:

La policía los persiguió. Los lugareños dicen que los agentes empezaron a disparar. Una bala hirió en un brazo a una muchacha hondureña de diecisiete o dieciocho años. La chica estaba embarazada de ocho meses, según explicó porque la había violado un policía en Chiapas. [...]. Tres agentes la alcanzaron, la agarraron del pelo, la patearon y la golpearon con sus bastones.¹⁰⁷

O genocídio também acontece quando o marido é obrigado a assistir como sua mulher é abusada, e outras tantas mulheres que são abusadas na frente de vários migrantes ameaçados e obrigados a assistir a esse ato bestial¹⁰⁸, mais humano que bestial. Porque nenhum animal, nenhuma besta é capaz de realizar um ato consciente de obrigar uma filha a assistir como outros homens abusam da sua própria mãe.

Juan Carlos aún estaba alterado y furioso. Sus ojos destellaban rabia y sus palabras dejaban escapar una profunda impotencia por lo que vio y lo que vivió. Se sentía indignado e de alguna forma responsable por no haber hecho nada por él mismo, o por no evitar el abuso sexual de una madre compatriota de él, perpetrado frente a los ojos de su propia hija.¹⁰⁹

Não foi somente nos trens nazistas que morreram milhares de pessoas consideradas de segunda categoria, que deviam ser exterminadas. Na *Bestia* e na *Muerte* também morrem e são esquartejados milhares de migrantes. E, assim como no nazismo, as autoridades e a população civil sabiam que isso acontecia, e hoje, em 2021, as autoridades e o mundo sabem acerca do genocídio que está acontecendo no México. Há milhares de migrantes que morrem asfixiados nos vagões dos trens.

A medida que el tren avanzaba al norte, los migrantes se fueron tomando toda el agua que llevaban. El aire del vagón se impregno de olor e sudor. Zepeda apenas podía respirar. La gente empezó a gritar y a pedir ayuda. Algunos se arrodillaron y le rogaron a Dios que detuviera el tren. En el vagón estallaban peleas de puños cuando los migrantes maniobran para respirar aire fresco por unos diminutos agujeros de óxido que había sobre las puertas. Transcurridas cuatro horas, relata Zepeda, una mujer asmática suplicó que le dieran agua, luego se desplomó inconciente en el suelo. Otros le abrieron la boca y trataron de darle las pocas gotas de agua que encontraron.

¹⁰⁶ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 6-7.

¹⁰⁷ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 130.

¹⁰⁸ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia: La tragédia de migrantes centroamericanos en México*. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 30.

¹⁰⁹ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia: La tragédia de migrantes centroamericanos en México*. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 169.

Finalmente, la dejaron por muerta. Algunos se pararon sobre ella para alcanzar los agujeros de aire que estaban mas altos.¹¹⁰

Aqueles que sobrevivem à *Bestia* ou *La Muerte* contam as inúmeras situações que enfrentaram e como escaparam da morte, outros já mutilados que sobreviveram contam sobre a dificuldade que é viver agora mutilados, sem ter realizado a façanha de chegar ao norte. Alguns deles, já não querem voltar para seus países de origem, não querem ser um peso a mais para suas famílias. Então, decidem morar em albergues nos quais são acolhidos, o que os ajuda a mitigar o sofrimento e a decepção.

El Albergue Jesús el Buen Pastor del Pobre y el Emigrante, mejor conocido como el “albergue de doña Olga”, como todo el mundo llama a Olga Sánchez, la fundadora y directora de dicho lugar. Aunque hay muchas personas que se refieren a este sitio como el “albergue de los mutilados”, debido a que la mayoría de sus residentes han perdido alguna extremidad de su cuerpo en los trenes de carga mexicanos. [...]. Aquí solo llegan los migrantes víctimas de los accidentes en los trenes cargueros, los que se han caído, los que han tumbado o quienes han sido golpeados por autoridades o asaltantes y no tienen adonde ir. [...]. Pues “basura”, así me dicen algunos de manera despectiva: “¿Para que lleva basura a su albergue?” Y es que aquí llegan migrantes que ya vienen sin piernas o sin brazos o baleados o macheteados o enfermos que van en el camino y que les pega la deficiencia renal.¹¹¹

Willian de Jesús, de Guatemala, de treinta y dos años, perdió su brazo derecho. Preguntaba por su esposa, que venía con él. En otra habitación estaban juntos Julio César Lambert, también de Atlántida, Honduras, veinticuatro años de edad, joven atleta, de 1,90 de estatura, perdió su pierna izquierda, casado con Xiomara, dos hijos: Ismael y Mídrret. Julio se veía más tranquilo, incluso hasta pudo sonreír. [...]. Alan Roberto Delgado Quintana, de apenas veintidós años, de San Pedro Sula, Honduras. [...]. Perdió su pierna derecha.¹¹²

O sonho americano também mata, também tira partes do corpo, visto que não é fácil realizar esse sonho, embora alguns consigam. Muitos perdem sua dignidade, chegam com profundas marcas e dores perpétuas depois de sofrer todo tipo de abusos. Outros não conseguem realizar esse sonho, acordaram antes, a realidade é cruel, não os deixa sonhar.

José: Es una ilusión que uno lleva, pero a veces el “sueño americano” lo lleva hasta punto de perder la vida. Así como a muchos nos ha pasado en estos caminos, muchos perdemos la vida porque en México hay muchos caminos que no tienen regreso. No sabemos adónde nos deje el tren tirados, y tal vez nuestras familias en nuestros países

¹¹⁰ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 76.

¹¹¹ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia: La tragédia de migrantes centroamericanos en México*. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 137.

¹¹² MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 96.

nos hacen en Estados Unidos y dicen, “Que mi esposo, que mi hijo ya no me ayuda nada, que se ha olvidado”, y tal vez estamos sepultados en tierras mexicanas que ni cuenta se dan nuestros parientes. Este camino es como un cementerio sin cruces.¹¹³

Os abusos sexuais fazem parte do dia a dia, pois são a possibilidade de abrir uma porta como pagamento para seguirem em frente; também o abuso pode ocorrer por simples diversão.

Bueno, las mujeres son las que más sufren e estos caminos. Son presa fácil de cualquier ladrón o violador. Y si se oponen a que les hagan lo que quieren, como dejarse violar, lo que hacen ellos es matarlas. Les pegan su balazo. [...]. Y si andan con su hombre, los matan juntos. Me acaban de contar de un caso que pasó hace unos tres días... Es algo muy duro. Una muchacha que viajaba con su hermano no se dejó que la violaran. El hermano trató de defenderla, pero lo mataron. Le cortaron la cabeza con un machete, me contó el muchacho que vio todo.¹¹⁴

Creo que una de las cosas más fuertes que he visto fue cuando nueve pandilleros, creo que eran de las “maras salvatruchas”, violaron a una muchacha frente a un grupito de migrantes que nos conocimos en el camino y viajábamos juntos. Hasta hacían fila para violarla. La muchacha se desmayó tres veces e inconsciente la seguían violando. Volvía en sí y la violaban de nuevo y se volvía a desmayar. ... La hicieron garras a esa pobre mujer. Yo casi me volví loco al ver eso. Y nadie pudimos hacer nada porque ellos estaban armados. Además te amenazan y hasta te encañonan con el arma mientras violaran a las mujeres.¹¹⁵

¹¹³ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia*: La tragedia de migrantes centroamericanos en México. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 106.

¹¹⁴ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia*: La tragedia de migrantes centroamericanos en México. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 29.

¹¹⁵ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia*: La tragedia de migrantes centroamericanos en México. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 30.

3 SOBRE A HOSPITALIDADE: UMA TRÉGUA NO CAMINHO

Se oye la bocina del tren. Magdalena y su hermano tienen dos minutos. Entran corriendo a la casa. Su madre, Esperanza Román Gonzales, que tiene setenta años de edad, se ciñe un delantal rosado y recoge su bastón. Jesús saca tres tricotas de una bolsa de plástico llena de ropa que les han dado unos parientes. Les hace un nudo para que sean más fáciles de arrojar. Magdalena pone tortillas en una bolsa naranja y panes en una bolsa azul. Con un cucharón llena una botella plástica con limonada y la prisa le hace derramar un poco. La bocina de la locomotora se oye cada vez más fuerte y más frecuente. En la estufa de la cocina, Magdalena vierte un tazón de guiso en una bolsa de plástico. “¿Listo?”, murmura. “Tenemos pan, tortillas...”. Corre a la sala. La bocina se oye como una detonación cercana. Jesús y Magdalena corren hacia afuera, donde su madre ya cruza cojeando el portón de madera. Sus largas trenzas grises se mueven de aquí para allá. [...] El maquinista toca la bocina cinco veces para advertir a la veintena de personas que se han acercado con comida, bebida y ropa que tengan mucho cuidado. Jesús y Magdalena se aproximan a las vías, se paran firmes sobre los talones e se sostienen el uno al otro para que la corriente de aire que genera el tren no los vaya a succionar hacia las ruedas. Jesús avista migrantes en el techo de un furgón. “¡Allá arriba hay algunos!” grita, y agita las tricotas sobre su cabeza. [...] “Que Dios los lleve!” vocifera Jesús con una sonrisa en la mirada. En silencio, Esperanza alza las manos al cielo y le reza a la Virgen de Guadalupe. Le pide que lleve a salvo a todos.¹¹⁶

Mas, depois de passar muitas provações e dificuldades, sempre há uma trégua, talvez várias tréguas, que vão se apresentando no caminho. Há espaço de solidariedade, de fôlego para o migrante. Há pessoas, como vimos anteriormente, que são capazes de praticar todo de tipo de maldade. Mas também há inúmeras pessoas que não têm limites para praticar o bem. Encontramos vários exemplos vivos de pessoas que, no silêncio e no anonimato, ajudam muitos migrantes, outros que se organizam em grupos para dar um pouco de comida ao migrante, que passa pendurado nos trens, outros que materializaram ainda mais a sua solidariedade abrindo albergues. Muitas instituições religiosas católicas têm atendimento ao migrante através de refúgios, mas há também leigos, pessoas humildes que tem seus abrigos-refúgios para ajudar o migrante que passa. Essas mulheres que têm como único valor a defesa da vida e são chamadas a dignificar, pelo menos por algumas horas, a vida desses mortos vivos que pedem ajuda. Elas, mulheres santas, vivas e santas, são capazes de pedir esmola nas portas das igrejas para poder comprar alimentos, para dar um pedaço de pão para quem tem fome. Levinas pontuou que não há ato mais sublime que matar a fome de quem pede um pedaço de pão.¹¹⁷

¹¹⁶ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Random House trade Paperbacks, 2014, p. 120-21.

¹¹⁷ “Ahí irrumpe en toda su fuerza el otro, que se me impone en su unicidad inmediata, que tiene sus gestos y me arranca el pan de la boca, que me hace responsable de él antes de que pueda poner en marcha mi actividad.” In: LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 31.

Ella va mendigando de coche e coche con una foto del migrante mutilado al que quiere ayudar y la receta del remedio que necesita. Con frecuencia la gente le dice que está loca por ocuparse de extranjeros que roban y asesinan, y que en vez debería ayudar a mexicanos. [...]. Olga y una amiga de la iglesia, Marilú Hernández Hernández, piden limosna a la salida de siete iglesias en distintos pueblos. [...]. Olga baña a los pacientes. Cocina. Les proporciona píldoras para el dolor. Les da ánimo y se alegra cuando dan sus primeros pasos con una prótesis.¹¹⁸

A hospitalidade é assim mesmo, não acontece nem na abundância, nem quando tudo está em ordem e quando tudo está bem. O espaço onde a hospitalidade se dá é na indeterminação, na fratura, na falha, no caos, na *Khôra*¹¹⁹, no *il y a*¹²⁰. A hospitalidade vem para mitigar uma dor existente, para curar uma ferida exposta, para matar a fome de alguém. Ou acontece hospitalidade nos ambientes harmoniosos? A hospitalidade se dá no deserto mexicano, na *Bestia* e na *Morte*, nos trilhos do trem, no grito de alguém que acaba de perder uma perna, um braço, no pedido de oração daquele que foi partido ao meio pela *Bestia*, e as últimas palavras foram nos braços do padre ao pedir uma prece. Ali, na falta de dignidade humana, na desesperança, na revolta, na indignidade, na dor que me provoca a dor do outro¹²¹, aí a hospitalidade se materializa.

Muchos migrantes que pierden extremidades en el tren van a dar al Albergue Jesús el Buen Pastor en Tapachula, a doce cuerdas de la estación donde abordaron el tren al emprender el viaje. Olga Sánchez Martínez, la directora del albergue, trata de curar a los migrantes malheridos por la bestia. Olga es una mujer menudita de edad mediana con sedoso cabello negro largo hasta las caderas y un simple rosario blanco al cuello. Está constantemente en movimiento, impaciente por solucionar problemas. Compra sangre y medicinas para que los migrantes no mueran. Los cuida hasta que puedan regresar a casa. “Nadie me puede decir que algo es imposible. Todo se cura. Nada es imposible”, asegura Olga.¹²²

¹¹⁸ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 105-6.

¹¹⁹ Sócrates “[...] se serve da palavra *Khôra* (19^a) para designar o lugar atribuído às crianças: é preciso criar ‘as crianças dos bons’, transportar as outras em segredo para um outro lugar, continuar a mantê-las em observação e efetuar uma nova operação de passagem pelo crivo, atribuindo a cada uma seu lugar (*Khôran*). Depois dessa observação, Sócrates se diz incapaz de fazer o elogio dessa cidade e de seus homens. Nisso, ele se sente próximo aos poetas e aos imitadores. E eis aqui o *genos* ou o *ethnos*. Sócrates diz nada ter contra o povo ou a raça, a gente dos poetas”. In: DERRIDA, Jacques. *Khôra*. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Papyrus, 1995, p. 39-9.

¹²⁰ Levinas usa *Il y a*, que é um estado total de ausência de luz; há uma escuridão, uma noite estancada, na qual os entes não se enxergam e estão no anonimato porque não se percebem. Esse anonimato é *não ser* porque vive na impessoalidade e na neutralidade. O *Il y a* é um intervalo entre o nada e o ser; é o horror de ser, não é a angústia de não ser; é um desafio constante à existência e de sair do anonimato da não consciência.

¹²¹ LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Trad. Daniel Enrique Guillot. Buenos Aires: Sigilo XXI editores, 2005, p. 130-1.

¹²² NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 100.

Essas são pessoas comuns que entregam sua vida, seu dinheiro para atender o migrante. Sua recompensa não é nenhum prêmio internacional; a única recompensa que enche o espírito deles e que os motivam a continuar realizando essa dádiva no deserto é o agradecimento sincero do migrante.

El esposo de Olga ayudaba a vestir y a lavar a los muchachos que no tenían brazos. Olga mendigaba dinero para comida, medicinas, sillas de ruedas y para que los migrantes pudieran regresar a casa. En 1999, abrió un albergue para migrantes heridos en una diminuta fábrica de tortillas que alguien le prestó. [...]. “Dios nunca me ha abandonado”.¹²³

Con más de cien años de edad, María Luisa Mora Martín es una mujer encorvada que durante la Revolución Mexicana se vio reducida a comer la corteza de su árbol de plátanos. Con sus manos nudosas se afana llenando bolsas con tortillas, frijoles y salsa para que su hija de setenta años, Soledad Vásquez, pueda bajar aprisa por una pendiente rocosa y arrojarlas al tren. [...]. Muchos de los que dan comida en esta zona viven en pueblos pequeños en los que aproximadamente uno de cada cinco jóvenes se ha marchado a los Estados Unidos. En estos lugares, la gente entiende que los pobres dejan su tierra no porque quieren sino por extrema necesidad. Han seguido con preocupación el duro camino que recorren sus hijos para llegar a los Estados Unidos y saben que éste es más difícil aún para los centroamericanos.¹²⁴

Mas a generosidade gera hospitalidade, visto que os membros das famílias que se envolvem e se comprometem com a causa do migrante, assim como os vizinhos assumem esse ato sublime de acolher, de se expor pelo migrante¹²⁵, de dar, se dar, fazer-se cargo dele¹²⁶, ser hospedeiro daquele que chega. Não há questionamento, não há pergunta pre-conceituosa, não importa como chegou a perder um braço, uma perna, uma mão, o que importa é que precisa ajuda, cura e cuidado. Depois, com o tempo, o migrante vai contar porque saiu de seu país, qual era seu sonho, o que aconteceu de fato no dia do acidente.

El albergue rema a contracorriente. El sacerdote dominico Gonzalo Ituarte me cuenta que su congregación mantuvo durante años un albergue para migrantes en Ciudad Juárez, y que nunca tuvieron problemas con la comida porque la población juarense, de un millón 300 mil habitantes, era muy solidaria. Ciudad Ixtepec es lo contrario: un pueblo de veinticinco mil habitantes en donde prevalece la xenofobia hacia los

¹²³ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 102.

¹²⁴ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 116.

¹²⁵ LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Trad. Daniel Enrique Guillot. Buenos Aires: Sigilo XXI editores, 2005, p. 60.

¹²⁶ LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Trad. Daniel Enrique Guillot. Buenos Aires: Sigilo XXI editores, 2005, p. 58.

centroamericanos. Basta decir que los ixtepecanos que quisieron quemar el albergue en junio de 2008 eran nada menos que sus vecinos de barrio.¹²⁷

Nos albergues que se encontram em vários lugares estratégicos para acolher o migrante, o atendimento é gratuito e não se lhes exige nada ao migrante. Exigir que? O único que devem deixar seus documentos e dinheiro – por questão de segurança – na secretaria dos albergues, ali são solicitados os dados básicos e se lhes permite entrar em contato por 3 minutos com a família. Depois, podem lavar sua roupa, dormir, se lhes proporciona curativos para os pés, se lhes entrega roupa e calçado, caso tenha sido assaltado, podem tomar banho e descansar até três dias. Depois, devem continuar a viagem.

En estos albergues también se orientan sobre el camino que deben tomar. En algunos de esos refugiados en el sur de México, tienen mapas que muestran las rutas que recorrerán a lo largo del territorio mexicano o mapas de la Unión Americana indicando la ubicación geográfica de las principales ciudades. Esto sirve para que los migrantes tengan una idea de dónde se encuentra el lugar a donde se dirigen. Muchos de estos migrantes no saben en qué parte de la Unión Americana está ubicada la ciudad que llevan como destino, porque nunca antes han visto un mapa de los Estados Unidos.¹²⁸

La mayoría de los albergues para migrantes que hay a lo largo de México les permiten quedarse sólo tres días, tiempo suficiente para descansar y retomar energías, pero muchos se van antes; saben que entre más avanzan más pronto llegarán a su destino. Y es ahí en los albergues donde empiezan a hacer amigos o a formar pequeños grupos para no viajar solos.¹²⁹

Destacamos que estes refúgios não tem nenhuma ajuda governamental, haja vista que são ignorados pelo governo mexicano. A ajuda que recebem é de ONGs, da Igreja Católica. Muitos deles existem por Providência Divina, são famílias empobrecidas que a compaixão as impele a fazer alguma coisa por aqueles migrantes.

El refugio “Hermanos en el Camino” está ubicado en una especie de cuneta. Para acceder hay que bajar una pequeña pendiente donde lo primero que sobresale es un letrero azul con letras en color blanco y negro que lee. “Aquí se construye la capilla del migrante propiedad de la iglesia católica”. Unos 30 metros después del letrero está la puerta de la cerca que rodea el refugio de migrantes. [...]. En el amplio patio y sobre la cerca de alambre que rodea el complejo, era común ver tendida ropa de los migrantes que lavaban a mano con agua de una llave localizada al lado izquierdo de la entrada principal. El resto del patio era aposento perfecto para cualquier migrante

¹²⁷ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 77.

¹²⁸ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia: La tragedia de migrantes centroamericanos en México*. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 20.

¹²⁹ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia: La tragedia de migrantes centroamericanos en México*. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 20.

que llegaba cansado; un par de cartones y un poco de sombra de algún árbol o algún tejaban era más que suficiente para tirarse a dormir.¹³⁰

Chegar a um albergue depois de dois dias expostos às intempéries, comendo mal, em uma tensão constante diante do perigo de cair do trem, da possível presença de algum *coyote* ou *marero* que esteja viajando junto, passando-se por migrante. O migrante passa dias sem dormir, é perigoso porque quando dorme rendido pelo cansaço, pode cair do trem e ser esmagado. Quando consegue descer da *Bestia* está esgotado, porém deve cuidar para não ser mordido por cobras, que são abundantes nessa região, mosquitos; mas, o pior é ser acordado por chutes dados por policiais, *coyotes* ou *mareros* que o acorda para roubá-lo. Quando o migrante, depois de passar por todas essas experiências, chega a um albergue, é um oásis de hospitalidade.

Llegan exhaustos de cansancio físico, y agotados emocionalmente. Aterrorizados por lo vivido en ese recorrido de 275 kilómetros. En el albergue “Hogar de la Misericordia” de Arriaga, les dan comida y refugio. Además les curan las heridas hechas en el camino. La mayoría son los pies ampollados e inflamación por tanto andar, aunque también hay otras lesiones que pueden ser producto de alguna golpiza surgida al momento de un atraco. Los abusos sexuales a las mujeres migrantes son muy comunes en esta trayectoria entre Tapachula y Arriaga. Cuando llegan en este albergue, sus zapatos están muy gastados, las suelas inservibles. En este refugio les arreglan el calzado, usando suelas de zapatos que hayan sido donados o que otros migrantes dejaron en mejores condiciones.¹³¹

Como mencionamos anteriormente, há vários albergues que funcionam contra a vontade do governo, que tolera a sua existência, mas que não proporciona nenhum tipo de auxílio. Mas há também muitos grupos solidários que estão presentes durante o grande inferno mexicano. Nos trilhos em que passa *La Bestia* e *La Muerte*, se encontra muita solidariedade. Muitas famílias oferecem uma sacolinha de alimentos que são jogados para cima do trem, e sempre há um migrante esfomeado que a recebe. *Las Patronas*, é um exemplo de mulheres que com suas famílias praticam esse gesto silencioso, mas de uma ética levinasiana de fazer-se responsável pelo outro, antes que todos.

Cuando el tren pita por primera vez, ellas empiezan a correr, cargan las cajas de plástico repletas con bolsas de comida y salen rumbo a las vías ubicadas apenas dos cuadras abajo. [...]. El maquinista de la ruta del Golfo las ve. Baja la velocidad. El

¹³⁰ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia: La tragedia de migrantes centroamericanos en México*. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 40-1.

¹³¹ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia: La tragedia de migrantes centroamericanos en México*. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 22.

silencio es roto por el estruendo de la locomotora que se acerca. De la oscuridad emergen sombras colgadas en las esquinas de los vagones donde hay pequeñas escaleras. Apenas se ven sus rostros. Estiran el brazo para alcanzar el alimento. Algunos llevan días sin comer. En un vagón abierto viene una docena de migrantes centroamericanos. Van sentados, otros de pie; se amontonan para agarrar las bolsas. Los primeros gritos se funden con el crujir de los fierros: “Gracias”.¹³²

Mientras habla, Norma no para, sigue organizando la cocina, da instrucciones para llenar bolsas con comida. En el terreno de al lado, junto a la casa de sus padres donde crecieron los quince hijos, hay una fogata con una gran olla llena de café y otra más de ponche de frutas que expide un penetrante olor a canela. Corre a las vías del tren con sus compañeras de esta causa humanitaria, cargando las cajas de plástico con comida. La historia se repite varias veces durante el día y la noche. Una llamada a la madre Dolores, del albergue de Tierra Blanca, les proporciona información del número de migrantes que subieron al tren y ellas preparan las bolsas necesarias y un poco más. Siempre un poco más para que nunca falte y nadie se quede con hambre.¹³³

Há muitos gestos de hospitalidade para com o migrante e, sem dúvidas, essa hospitalidade materializada ajuda a cada migrante a carregar e ajudar a viver esse excesso de ser, aqui podemos perceber a substituição levinasiana, de ajudar a carregar o fardo pesado demais do migrante. Se encontram albergues pequenos, não conhecidos pelos meios de comunicação, são anônimos, a ética da hospitalidade não acontece em nenhum palco, não acontece a luz, acontece onde a vida – no caso do migrante – é quase inexistente.

Ofrecer una hospitalidad a todos los excluidos. [...]. Que es lo que los convierte en seres parate, en excluidos o en extraviados, en descentrados que deambulan por las calles, sobre todo las de las afuera? [...]. el bribón, aunque el *roué*, lo mismo que el *voyou*, se defina siempre con vistas a alguna calle, a esa vía normal que es la calle en una ciudad, en la urbanidad y los Buenos usos de la vida urbana; el canalla y el bribón introducen el desorden en la calle, y son designados, denunciados, juzgados, condenados, señalados con el dedo como si fuesen delincuentes actuales o virtuales, como si fuesen acusados; y son perseguidos por el ciudadano civilizado, por el Estado o la sociedad civil, por la buena sociedad, por su policía, a veces por el derecho internacional y sus policías armadas que velan por la ley y las costumbres, por la política y por la cortesía, en todas las vías de circulación, las zonas peatonales, las zonas de autopistas, las marítimas y aéreas, la informática, el *e-mail* y la *Web*.¹³⁴

Mas nem tudo é fácil e bonito nos albergues. Eles enfrentam muitas adversidades, também. São ameaçados pelos grupos criminosos que sentem que os albergues destroem seus negócios e lhes tiram a presa fácil que é o migrante.

¹³² MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 163.

¹³³ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 166.

¹³⁴ DERRIDA, Jacques. *Canallas: Dos ensayos sobre la Razón*. Trad. Cristina Peretti. Madrid: Editorial Trotta, 2002, p. 85-6.

Los Zetas le demostraron que conocían la operación cotidiana: quién cocinaba, qué se comía, qué tareas desempeñaban los voluntarios. Pero no solo lo *Zetas* han provenido las amenazas, intimidaciones e agresiones. También las *maras*. [...]. El *marero* desafía con su presencia constantemente al albergue, pero que primero tenía que registrarse como cualquier otro migrante, ser revisado y sujetarse a las reglas. El *marero* lo tomó como una ofensa personal y advirtió que se vengaría. Los voluntarios del albergue supieron que el altercado provocó una discusión al interior de las *maras* de Ixtepec: un grupo quería vengar la afrenta y ejecutar a Doris. Pero otra facción se negaba por la persecución que desataría sobre todos ellos. Esta última facción prefirió delatar ante la policía a los *mareros* que estaban por matar Doris.¹³⁵

La lucha del padre Solalinde por defender a los migrantes de paso por México, las constantes denuncias de secuestros, extorciones y asesinatos ya sea por grupos de criminales como de las mismas autoridades, le ha valido serias amenazas de muerte de parte del crimen organizado, incluyendo la conocida banda de “Los Zetas”. Sin embargo, nada lo ha hecho desistir de continuar su labor humanitaria.¹³⁶

3.1 Hospitalidade incondicional

Falamos de hospitalidade e como ela acontece no dia a dia do migrante. Aprofundaremos, nessa direção, esta ideia da hospitalidade, assim como anteriormente já tínhamos exposto acerca da proposta entre tolerância e hospitalidade incondicional¹³⁷. Podemos perceber, através dos fatos relatados, a partir das vivências e testemunhas diretas, aqueles que estão em cena permanente, não há hospitalidade nem tolerância para com o migrante. Há muitas pessoas ainda que sentem um desprezo, uma repulsa para com o outro como migrante. Os *mareros*, *coyotes* e *militares alfandegários*, sentem e materializam o desprezo pelo migrante, já que é visto como objeto, uma mercadoria.

A atuação do grupo das *Patronas* e outros anônimos, que generosamente levam alimentos quando *La Bestia* ou *La Muerte* passa, não é sinônimo de tolerância, mas de hospitalidade incondicional. Nessa atitude reside a verdadeira incondicionalidade.

O gesto da hospitalidade é, de início, o de descartar a hostilidade latente de todo ato de hospitalidade, pois o hóspede, o estrangeiro, aparece frequentemente como reservatório de hostilidade: seja pobre, marginal, errante, sem domicílio fixo, seja louco ou vagabundo, ele encerra uma ameaça. Sua posição de exterioridade marca sua diferença.¹³⁸

¹³⁵ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 74.

¹³⁶ ULTRERAS, Pedro. *La Bestia: La tragedia de migrantes centroamericanos en México*. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 51.

¹³⁷ Quando aprofundo o conceito derridiano de hospitalidade incondicional, convivo a ter presente o livro *Da hospitalidade*, nessa entrevista o autor expõe a incondicionalidade.

¹³⁸ MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 32.

Há inúmeros relatos acerca da maneira como as *Patronas*¹³⁹ e outros grupos trabalham incansavelmente preparando *quentinhas*, as mais importantes viandas para entregar a um ser humano que está esfomeado. Elas cuidam cada detalhe para que o migrante, quando passar rapidamente pendurado no trem, tenha como pegar nessa sacola tudo o que necessita para se alimentar e tomar água.

Más de una docena de personas, en su mayoría mujeres y niños, salen corriendo de sus casas junto a las vías llevando unos ataditos. Algunos migrantes se asustan. ¿Vendrán a arrojarles piedras? Se tumban en el techo del tren. Enrique ve a una mujer y un niño correr junto a su tolva. “¡Oralé, chavo!”, gritan. Le arrojan un paquete de galletas. Es la primera dádiva.¹⁴⁰

Nesse momento, não há diálogo nenhum, não há pergunta, de onde vem? Porque está aí? Que fez para estar aí? Para onde vai? Isso, na hospitalidade incondicional, não é necessário num primeiro momento. A hospitalidade acontece num abrir e fechar de olhos; não há tempo sobrando. O necessário e urgente é dar de comer, acolher, receber, sem pré-conceito. O diálogo aí estabelecido não precisa de palavras, é um *muito obrigado!* É o olhar de agradecimento, é a força do braço que pega a sacolinha com a dádiva.

Las familias arrojan tricotas, tortillas, pan y botellas plásticas llenas de limonada. Un panadero que tiene las manos cubiertas de harina arroja los panes que le han sobrado. Una costurera arroja bolsas llenas de emparedados. Un adolescente arroja plátanos. Un carpintero arroja burritos rellenos con frijoles. El dueño de una tienda arroja galletas con forma de animales, pastelitos del día anterior y botellas de medio litro de agua. Los que han visto a los migrantes caerse del tren debido al agotamiento les traen jarras de plástico llenas de Coca-Cola o café.¹⁴¹

As dádivas que os migrantes recebem no percurso pelo México são as inúmeras situações que implodem a hospitalidade incondicional. Implodem do coração misericordioso daquelas mulheres indígenas, mexicanas, baixinhas, gordinhas, mas ágeis para fazer o bem. Elas são invisíveis; não há propaganda, não há organizações não governamentais que as ajudam, mas tudo chega. Nem elas entendem como chegam as doações; é um maná que cai todos os dias. Nunca falta comida, sempre tem o necessário. Chegam para preparar diariamente as

¹³⁹ “Las Patronas”, en el estado de “Vera Cruz”. Estas mujeres por años se han dado a la tarea de salir al paso del tren y tirar botellas con agua y bolsas con comida a los migrantes que van colgados de los trenes. In: ULTRERAS, Pedro. *La Bestia*: La tragédia de migrantes centroamericanos en México. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012, p. 19.

¹⁴⁰ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 114.

¹⁴¹ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 115.

sacolinhas com o esperado alimento. A hospitalidade incondicional se materializa assim, em comida¹⁴², em água, doados pelas famílias empobrecidas mas que sentem, sabem e olham que há alguém que precisa mais que eles.

Enrique mira hacia abajo. Allí está la misma mujer con el niño. Le arrojan una bolsa de plástico azul. Esta vez el bulto aterriza de lleno en sus brazos. “¡Gracias! ¡Adiós!”, dice en la oscuridad. Los desconocidos desaparecen en un abrir y cerrar de ojos, y Enrique no sabe si lo habrán oído. Abre la bolsa y encuentra media docena de panecillos. La generosidad lo deja atónito.¹⁴³

Los pueblos de Encinar, Fortín de las Flores, Cuichapa y Presidio son particularmente reputados por su generosidad. Señalando el suelo de Veracruz, un joven migrante hondureño llamado Fernando Antonio Valle Recarte dice: “Aquí la gente es buena. Aquí todos dan”. Un hombre sale de su casa justo en el momento en que José Rodas Orellana se prepara abordar el tren. Sin decir palabra, pone en las manos del migrante un gran emparedado relleno con huevos revueltos.¹⁴⁴

3.2 Hospitalidade sagrada

Dentro do mundo bíblico encontramos transpassado o tema da hospitalidade, a Bíblia em seus livros procura promover a justiça social, a libertação dos mais fragilizados e a denúncia dos opressores. Mas, para que isso aconteça, deve haver uma aceitação do próximo totalmente diferente,

O outro, absolutamente outro, é Outrem. [...], uma espécie de alteridade, mas a original exceção à ordem. Não é porque o Outrem é novidade que “surge” uma relação de transcendência; mas é porque a responsabilidade por Outrem é transcendência que pode surgir algo de novo sob o sol.¹⁴⁵

Os ritos bíblicos de hospitalidade obedecem a códigos precisos que podem ser repartidos em várias categorias: [...]. Ir ao encontro, antecipar-se a um viajante, é uma mostra notável de estima. Assim, quando Jetro visita Moisés no deserto, este último “saiu para receber seu sogro, prosternou-se diante dele e o abraçou (Ex, 18,7).¹⁴⁶

Assim como outras tantas passagens que relatam situações em que a hospitalidade está presente:

¹⁴² LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Trad. Daniel Enrique Guillot. Buenos Aires: Sigilo XXI editores, 2005, p. 138.

¹⁴³ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 114.

¹⁴⁴ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 115.

¹⁴⁵ LEVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à Idéia*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 31.

¹⁴⁶ Anne-Cécile Pottier-Thoby. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 121.

O pai do filho pródigo. [...]. Essa antecipação ao encontro se duplica muitas vezes com prosternações. Sinal de respeito insistente, a prosternação recobre nas Escrituras vários valores. Sinal de temor sagrado diante do numinoso da divindade, gesto coletivo (Números, 14,5) ou individual (Números, 16,4) ela pode indicar também a súplica (Mateus, 15,25) ou gratidão (Levítico, 17,16). Nos dois extremos do encontro (que ela inicia e encerra), a prosternação refere-se ao hospedeiro na sua dupla aceitação: Salomão, ao receber sua mãe Betsabeia, “se levantou para recebe-la e se inclinou diante dela” (1 Reis, 2,19). Sinal de reverência em presença de sua mãe (e do lugar eminente que ela ocupa), esse gesto expressa aqui a honra de acolher um hóspede ilustre (Atos, 10,25). Mas a norma em matéria de hospitalidade permanece o apanágio de Abraão: “Levantando os olhos, Abraão viu na sua frente três homens de pé. Ao vê-los, correu da entrada da tenda ao encontro deles e se prostrou por terra” (Gênesis, 18,2). Este gesto se tornou uma forma simbólica (*aîsthésisi*) que inspirou numerosas representações (Rembrandt).¹⁴⁷

Claro que temos muitos outros exemplos de hospitalidade sagrada na Bíblia, assim como em outras religiões, crenças e filosofias.

O que interessa a Deus é a caridade dos pobres, é nesse sentido que eles serão recompensados. A hospitalidade de tipo homérico, por ser incondicional, se torna de alguma forma pedra angular de caridade cristã. Tem os mesmos fundamentos. Praticar a hospitalidade é abandonar o campo dos mortais e ter acesso ao divino. Acolhida do pobre e do peregrino no Ocidente cristão participa do empreendimento necessário à salvação, é o dever de um cristão. Aqui também existe disparidade dos status entre os protagonistas, igualização, passagem de um estado a outro. A hospitalidade é porta do divino.¹⁴⁸

Temos que ter presente que há muitas maneiras de abordar a hospitalidade na história, por exemplo, as Leis da Hospitalidade em outras religiões e filosofias:

A hospitalidade é tratada como uma cena com dois atores centrais, individuais ou coletivos, um considerado anfitrião e outro, hóspede, com marcações precisas de espaço e tempo. As falas são mais ou menos estudadas, dependendo da intimidade dos atores, mas algumas sempre serão rituais e obrigatórias, como um roteiro teatral. [...]. Na cena hospitaleira, aquele que recebe (o anfitrião) deve honrar seu visitante (hóspede), servir-lhe o que tem de melhor em sua casa, atender às suas necessidades de acolhimento, hospedagem, alimentação e entretenimento, convidando a desfrutar daquilo de que gostar ou necessitar.¹⁴⁹

Consideramos que os vários albergues que se encontram durante todo o percurso que o migrante realiza, do momento que entra pela fronteira sul ao México até quando cruza a fronteira com os Estados Unidos, são incluídos na Hospitalidade Sagrada. Pois, seguindo

¹⁴⁷ Anne-Cécile Pottier-Thoby. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 121.

¹⁴⁸ GRASSI, Marie-Clarice. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 51.

¹⁴⁹ MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 17.

levinasianamente e de forma cristã, não há gesto mais sublime que dar de comer a quem tem fome, ao migrante. Esses inúmeros gestos são sagrados. “Nunca estamos à altura de uma responsabilidade que nos é atribuída, antes mesmo que a tenhamos aceitado”.¹⁵⁰

3.3 A Chegada ao norte

Chegamos ao norte. Este caminho que empreendemos com a mirada ao migrante que saiu do seu país de origem, com o grande sonho de sua vida. O grande objetivo é chegar ao norte. Agora é procurar um trabalho, recuperar-se das consequências da travessia, buscar um lugar para morar, juntar dinheiro para pagar os empréstimos que fez para a viagem, os contrabandistas, as coimas, os *coyotes*.

Depois mudar de vida; ao ter uma vida economicamente mais confortável, também poderá mandar as remessas de dinheiro para sua família que ficou na pátria. Essa pátria que tanto o fez sofrer, que não lhe proporcionou muito, que não lhe deu alimentação nem moradia digna, que não teve o estudo necessário, que teve que morar na violência estrutural de um país submerso na corrupção e a pobreza extrema. Mas essa pátria será amada à distância, pois lá nasceu, lá estão seus amigos, também estão seus pais e, em muitos casos, esposas, esposos, filhos.

Mas o começo no norte não será fácil, o mundo idealizado do norte, onde há abundância de trabalho, o jeito fácil de ganhar muitos dólares, de morar em uma boa casa, chegar do trabalho, sentar-se e tomar uma cerveja e assistir raiby, esse sonho de vida que assistiam nos filmes de migrantes americanos, isso não será possível, pelo menos no começo.

O migrante econômico se encontra em situação de vulnerabilidade quando, no local de destino, continua sem meios para prover a si próprio ou à sua família e, por este motivo, fica mais suscetível às violações de direitos humanos relacionadas ao trabalho (como a formas análogas à escravidão ou a abusos com relação à legislação trabalhista do país em que se encontra, por exemplo).¹⁵¹

Terá que enfrentar, também, muitos preconceitos e muitos abusos pelos comerciantes e famílias de classe média. Esses abusos são estratégicos para poderem explorar ainda mais esses miseráveis que chegam e que andam pelas ruas mendigando uma oportunidade de trabalho e

¹⁵⁰ DERRIDA Jacques. *Papel Máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 334.

¹⁵¹ MARTÍN, Nardão Cássio; GERSZTEIN, Coelho Paola. Cássio Nardão Martin; Paola Coelho Gersztein. In: DUTRA, Cristiane Feldmann; PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Direitos Humanos e xenofobia: violência internacional no contexto dos imigrantes e refugiados*. Curitiba: Editora Prismas, 2017, p. 76.

moradia. Há uma parte da sociedade americana que vive e enriquece do trabalho quase escravo dos migrantes, há comerciantes que exploram e enriquecem com os migrantes. O discurso xenófobo é uma fachada, pois nos porões das suas casas e de seus estabelecimentos vários migrantes estão trabalhando por um mísero salário e um lugar para dormir.

Por otro lado, estos acostumbran asumir trabajos considerados, sucios, peligrosos y degradantes, donde la protección legal suele ser suficiente o inexistente. Es grave, sobre todo, la situación de los trabajadores en situación administrativa irregular, cuyos derechos laborales son frecuente e impunemente violados.¹⁵²

Muitas vezes, os migrantes precisam se sujeitar a circunstâncias laborais degradantes ou precárias e não denunciam ao Ministério Público do Trabalho por medo da retirada compulsória do país (deportação). Os migrantes em situação irregular são certamente os mais vulneráveis à exploração em todos os níveis, principalmente à exploração laboral.¹⁵³

Existem outros casos de migrantes que sofrem porque não lhes é reconhecida nenhuma qualidade profissional, e alguns com cursos técnicos, que gostariam de trabalhar na área que dominam, não terão essa oportunidade, especialmente devido ao não reconhecimento de sua formação. Além de serem rejeitados pela sua aparência física, muitos chegam muito magros, com roupa que mendigaram no caminho, sua pele está sofrida pelas inúmeras queimaduras do sol ou do frio intenso, machucados pelos golpes que sofreram nos assaltos. Todas essas questões, no momento em que chegam ao norte, servem como motivos para a exploração.

Los migrantes se ven seriamente afectados con la falta de reconocimiento de sus calificaciones y de su experiencia profesional previa. Esa situación es agravada por la “sanción étnica”, cuando sus rasgos étnicos o raciales corresponden a dificultades de acceso a la formación y a un progreso profesional más lento.¹⁵⁴

Os habitantes norte-americanos sabem quem são os migrantes, sabem que são honestos, que somente querem trabalhar para mandar dinheiro a sua família que está desesperada para sobreviver. Essa situação é ideal para que possam explorá-los, principalmente porque o

¹⁵² MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane: *Políticas Públicas para las Migraciones Internacionales: Migrantes y refugiados*. Trad. al español: Maruja Cabrera fc Varese. Alliance Gráfica: Brasil, 2007 MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane (Org.). *Políticas públicas para las migraciones internacionales: migrantes y refugiados*. 2. ed. Brasília: Alliance Gráfica, 2007, p. 89-90.

¹⁵³ Cássio Nardão Martin; Paola Coelho Gersztein. In: DUTRA, Cristiane Feldmann; PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima (Orgs.). *Direitos Humanos e xenofobia: violência internacional no contexto dos imigrantes e refugiados*. Curitiba: Editora Prismas, 2017, p. 77.

¹⁵⁴ MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane: *Políticas Públicas para las Migraciones Internacionales: Migrantes y refugiados*. Trad. al español: Maruja Cabrera fc Varese. Alliance Gráfica: Brasil, 2007 MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane (Org.). *Políticas públicas para las migraciones internacionales: migrantes y refugiados*. 2. ed. Brasília: Alliance Gráfica, 2007, p. 90.

migrante não pode reclamar, não tem seus direitos sociais garantidos porque está em uma situação considerada como ilegal.

Non bastasse com isso, a OIT prevê que, com o relaxamento das medidas do isolamento social, a maioria dos migrantes recém desempregados ou alocados em empregos precários tenderão a retornar para seus países de origem, muitos dos quais despreparados para reintegrá-los em sua economia e em seu sistema de proteção social. Tal situação representa uma crise dentro da outra. (OIT, 2020).¹⁵⁵

Assim, apesar dessa realidade, e mesmo que tenha completado e realizado totalmente o sonho americano, é necessário trazer os filhos que ficaram para trás. Neste ponto, queremos destacar essa questão, porque não vai ser uma tarefa fácil trazer crianças, de forma ilegal, voluntária ou involuntariamente. Que acontece quando a criança, depois de sentir-se abandonada pela sua mãe, agora já crescida tem que ir ao encontro dela nos Estados Unidos. Como chegar até lá? Como é a travessia? Como é o encontro e a nova vida, agora junto mãe e filhos?

Um dos problemas que enfrentam as mães que deixaram seus filhos com parentes ou vizinhos, é que somente depois de alguns anos, depois que conseguem trabalho, pagam as dívidas, conseguem uma moradia melhor e certa estabilidade financeira laboral, e apenas nesse momento conseguem trazer seus filhos.

Quando llegan sus hijos, las madres piensan que por fin van a tener la familia perfecta. En lugar de eso, se topan con rechazos y peleas constantes. Los niños, que pensaban que hallarían el amor y el fin de la soledad, descubren que se sienten más lejos que nunca de sus madres aunque ahora están con ellas.¹⁵⁶

Já passaram alguns anos, essa mãe já conheceu pessoas novas e, na maioria dos casos, já tem um novo marido e outros filhos com esse novo marido. Portanto, o encontro não será somente entre mãe e filha, pois terão que partilhar a vida com um novo marido da sua mãe e, também, com irmãos que não conhecem nem fazem parte de sua vida. *“Padres e hijos actúan de manera que empeoran las cosas. Los niños se revelan, haciendo todo lo posible por alejar a sus madres. Es su manera de comprobar si ellas realmente los aman, si pueden confiar en ellas, si los van a abandonar otra vez”*.¹⁵⁷

¹⁵⁵ NETO, Silvio Beltramelli; MENACHO, Bianca Braga. Covid-19 e a vulnerabilidade socioeconômica de migrantes e refugiados à luz dos dados das organizações internacionais. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 56.

¹⁵⁶ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 307.

¹⁵⁷ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 307.

Para algunos niños, la causa de resentimiento es que fueron desatendidos o maltratados por quienes los cuidaban. Una de cada veinte niñas de la escuela admite haber sido víctima de abuso sexual por parte de un pariente de sexo masculino. Les reprochan a sus madres que no hayan estado allí para protegerlas. Las madres exigen que se respete su sacrificio, e insisten en que lo que ganaron con la separación valió la pena. Ven a sus hijos como mocosos desagradecidos. Con frecuencia estas heridas son incurables o tardan años en sanar.¹⁵⁸

Algunas madres siguen trabajando como niñeras de planta o mucamas después de la llegada del hijo. Ubican a este en un apartamento con parientes o amigos y lo visitan por la noche o durante los fines de semana. Los conflictos más agudos que ve Murillo son los casos de niños que fueron los últimos en venir al norte porque su madre no podía pagar el costo de traerlos a todos juntos. Esos niños llegan a creer que la madre prefiere a los niños que hizo traer primero. Las confrontaciones también son graves cuando la madre tiene un nuevo marido o ha tenido más hijos en los Estados Unidos. Por temor a la reacción de los niños que dejaron atrás, algunas madres han ocultado a sus hijos la existencia de estas nuevas familias. Los niños recién llegados tratan de crear discordia entre su madre y el nuevo marido, con la esperanza de que este último se largue. Los niños nacidos en los Estados Unidos, celosos de la atención que la madre prodiga al recién llegado, inventan mentiras para meterlo en problemas para que lo manden de vuelta.¹⁵⁹

¹⁵⁸ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 306.

¹⁵⁹ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 307.

4 SOBRE A TOLERÂNCIA

A intenção deste capítulo é refletir sobre a tolerância, o que é tolerar, como surge esse conceito e como vai entrando no pensamento e nos comportamentos no interior da sociedade, como, historicamente, a tolerância foi disciplinando algumas sociedades, suas limitações e consequências, e de que forma a lógica da tolerância contribui com seus aspectos positivos e negativos na atualidade.

4.1 Surgimento da tolerância

Neste momento aprofundaremos o conceito de tolerância; como passou a ter influência na sociedade até os dias atuais, já que está em voga falar e promover a tolerância, até mesmo o fato de colocá-la como modelo a seguir. A ideia de tolerância toma forma com o iluminismo e com as discussões teológicas entre os seguidores de Lutero¹⁶⁰ e dos católicos, quando a Igreja se divide a partir das profundas críticas que Lutero faz à Igreja Católica, pelo poder que exercia naquele tempo já tinha, em razão dos bens que cresciam rapidamente,¹⁶¹ dando-lhe ainda mais poder e, principalmente, pela simonia¹⁶², com toda a corrupção que isso provocava.

O conceito de tolerância, herança do ideário iluminista e um dos conceitos-chave da construção teórica da ideia de globalização, ainda para se pensar um cosmopolitismo por vir, pois está ela sempre ao lado do mais forte. “É uma marca suplementar de soberania, que fala ao outro sobre a posição elevada do poder, estou deixando que você exista, você não é inaceitável, estou lhe deixando um lugar em meu lar, mas não se esqueça de que este é meu lar”.¹⁶³

A tolerância surge num contexto religioso de guerras que marcou profundamente a Europa nos séculos XVI e XVII, com muitos conflitos de convivência entre católicos e protestantes. Cada credo religioso acreditava que o outro credo estava errado e que, por isso,

¹⁶⁰ De origem alemã, Martinho Lutero era monge agostiniano e professor de Teologia. Sugiro a leitura do livro: *Lutero: renegando e profeta da autora: Lindal Roper*.

¹⁶¹ Reformas iluministas: Usadas e difundidas como uma tentativa de evitar a dissolução imperial. Usada claramente para manter as colônias e aumentá-las em quantidades. Outra dimensão é que os iluministas espanhóis consideravam que a transformação do mundo se conseguiria por meio da educação; consideravam que a reconstrução da Espanha se conseguiria pelo acesso de todos os homens – Jesuítas – à educação elementar, e por isso queriam servir-se dela como instrumento de reforma social. Considerava-se a instrução como fonte principal da felicidade e origem primeira da prosperidade social. Por isso, o direito do Estado, o que está em relação com os esforços de conseguir hegemonia ideológica em detrimento da Igreja Católica. Foi um conflito bem duro porque com a reforma da educação. É isso que causou graves conflitos entre a Igreja e o Estado.

¹⁶² Compra ilícita de sacramentos ou benção espiritual e indulgência.

¹⁶³ PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida*. Florianópolis: Empório do Direito, 2017, p. 75.

era necessário atacar essa maneira de pensar e viver a fé. Quem pensava e professava fora da fé católica era considerado um herege. Os conflitos entre ambos credos levaram à morte famílias inteiras e provocaram vários tipos de repressões. Então, o tolerante seria aquele que tem uma postura superior, capaz de aceitar que o herege conviva em sociedade. Na França, durante o século XVI, desenvolvem-se as primeiras ideias sobre a tolerância, que passaria a ser uma alternativa para conter a crescente violência e os conflitos religiosos.¹⁶⁴

A partir disto, podemos perceber que a noção de tolerância foi importante nesse momento histórico e dentro de um contexto religioso que perpassava todos os aspectos da sociedade. Porém, tendo em conta que já se passaram alguns séculos e que a sociedade não é a mesma, a religião não necessariamente perpassa todos os aspectos da vida da sociedade, faz-se necessário atualizar a ideia de tolerância para que possa dar conta das exigências da atualidade e dos conflitos que o mundo está enfrentando neste momento histórico.

Voltaire tem também o seu crédito propondo a tolerância no seu *Tratado sobre a tolerância*¹⁶⁵, que relata a injusta sentença a um pai pela morte de seu filho, motivado pela intolerância religiosa, por ser protestante e não ter se convertido ao catolicismo¹⁶⁶. Havia uma pressão por parte da sociedade que majoritariamente era católica para que os Protestantes se convertessem ao catolicismo.

Enquanto eles se desincumbiam desse dever, enquanto o pai e a mãe estavam em soluços e lágrimas, o povo de Toulouse se aglomerava em torno de casa. Esse povo é supersticioso e feroso; considera como monstros seus irmãos que não são da mesma religião dele. [...]. Um fanático do povo gritou que Jean Calas havia enforcado seu próprio filho Marco Antônio. Esse grito repetido, tornou-se unânime num instante.¹⁶⁷

Portanto, há uma lógica de que a maioria é a que impõe as normas que os outros também deverão seguir. Ser maioria é ser normal. Mas o que é ser normal? Seguir as normas da maioria. Mesmo sem provas, a maioria da população pensava que Jean Calas era culpado¹⁶⁸ e decidiu culpá-lo. Porém, a maioria estava errada, e os juízes apoiaram a maioria¹⁶⁹. Desse modo, podemos confirmar que a “Intolerância religiosa seria, portanto, protagonista de uma injusta e

¹⁶⁴ Sugiro a leitura do primeiro capítulo do livro de Gustavo de Lima Pereira: *As tradições da tolerância e o desejo de conciliação*. In: PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida*. Florianópolis: Empório do Direito, 2017.

¹⁶⁵ VOLTAIRE. *Tratado sobre a tolerância: A propósito da morte de Jean Calas*. Trad. Paulo Neves. Martins Fontes: São Paulo, 1993.

¹⁶⁶ VOLTAIRE. *Tratado sobre a tolerância: A propósito da morte de Jean Calas*. Trad. Paulo Neves. Martins Fontes: São Paulo, 1993.

¹⁶⁷ VOLTAIRE. *Tratado da tolerância*. Trad. Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Lafonte, 2017, p. 15.

¹⁶⁸ VOLTAIRE. *Tratado da tolerância*. Trad. Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Lafonte, 2017, p. 21.

¹⁶⁹ VOLTAIRE. *Tratado da tolerância*. Trad. Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Lafonte, 2017, p. 20-1.

violenta condenação e da legitimação da pena capital (pena essa que pode ser tida como a maior marca do desejo de soberania, como veremos tardiamente)”.¹⁷⁰

Na lógica da tolerância, os grupos hegemônicos e com forte incidência na sociedade se julgam certos, e não cabe a hipótese de questionamento. Se essa lógica aceita uma possível diferença, dá-se dentro dos parâmetros por ela imposta, que não deixa de ser uma relação, que Levinas chama do mesmo, fechado em si-mesmo.

A tolerância traduz-se, assim, como a “razão do mais forte”, ou seja, é pensada, segundo as instituições de Derrida, como um conceito ainda na encosta do falo-logo-onto-teo-telecentrismo disseminado pelo Ocidente, ansioso pela presença, pela busca da origem unívoca, pela luz e pela visão.¹⁷¹

Dessa forma, o argumento é não ter argumento. Isso acontece nos grupos fechados, nos governos totalitários que impõem suas leis e dizem aplicar uma justiça, uma tolerância que esconde o cinismo que há por trás dessa lógica. Os governos de extrema direita que novamente começam a ressurgir com força, falam muito de tolerância, justiça, mas não são a justiça e a tolerância que têm como fim a dignidade da pessoa humana.¹⁷²

Tolerância, estado de direito, soberania, consenso, contrato social, liberdade-mônada, conceitos que, por óbvio, representam uma inegável ampliação na percepção ético-política do Ocidente, mas que, nos dias de hoje, são legítimos de serem reinventados.¹⁷³

4.2 O consenso e a falsa hospitalidade

Aqui abordaremos o consenso. Há consenso? Quem vai mediar o consenso? Como chegar a um consenso que beneficie as duas partes sem que a parte mais fragilizada seja a mais prejudicada? A tolerância é uma estratégia de dominação do usada pelo mais forte; no consenso e na viabilização dessa estratégia, segundo a qual a parte mais débil acaba aceitando as condições daquele que impõe sua ideia, há um pacto de sobrevivência, e sobreviver é viver mal.

¹⁷⁰ PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução*: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida. Florianópolis: Empório do Direito, 2017, p. 43.

¹⁷¹ PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução*: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida. Florianópolis: Empório do Direito, 2017, p. 74.

¹⁷² Sugere-se a leitura do seguinte livro: TRAVERSO, Enzo. *Las nuevas caras de la Derecha*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2018.

¹⁷³ PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução*: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida. Florianópolis: Empório do Direito, 2017, p. 23.

O consenso, em qualquer esboço de democracia, funciona como um aparato de legitimação procedimental. Tenta organizar e sistematizar as relações sociais, mas nunca toma o lugar do singular recebimento da exterioridade do totalmente outro, já que não é possível decodificar o acolhimento. O consenso, pelo argumento aqui proposto, encaminha-se para uma espécie de fantasia inatingível ou atingível de forma muito reduzida, pois o que se percebe no campo das relações humanas é que são as regras sociais, e não as regras discursivas (impregnadas de estratégias de superação do outro), que encerram uma discussão, uma vez que as bases de uma sociedade não são consensuais.¹⁷⁴

O consenso também é agressivo, porque a parte mais fragilizada, nesse caso o migrante, que é o mais desfavorecido, pois termina se submetendo para ser aceito num grupo, há um preço a pagar, seja a constante discriminação, seja a exploração que acontece no dia a dia. Mas o consenso é aceito para evitar uma expulsão; se não é justo, não importa. Claro que para quem tem o controle da situação, o consenso sugerido sempre é justo.

O consenso também é agressivo, porque a parte mais fragilizada, nesse caso o migrante, que é o mais desfavorecido, acaba tendo que se submeter a determinado grupo para ser aceito, visto que em sua condição está implícito determinado preço a pagar, seja a constante discriminação, seja a exploração no dia-a-dia.

Despolitizar a questão da recepção da estrangeiridade – deste outro que chega de fora sem avisar -, a partir da estratégia da tolerância, é construir um esboço de proposta que se furta de analisar as condições legais e econômicas que criaram a ideia de que “tolerar o outro” é uma alternativa suficientemente consistente para lidar com o problema relacional, com o problema das relações internacionais, ou com, até mesmo, uma simples relação situacional como vizinho que encontramos na calçada da rua.¹⁷⁵

“Há consensos e uma padronização cultural, legalizado com um discurso universalista que reforça a ideia de que somos iguais, fingindo normalidade diante das desigualdades.”¹⁷⁶ Nessa lógica, justificam-se até as possíveis guerras como sendo algo justo diante da ameaça do outro desigual, assimétrico¹⁷⁷ – como impossibilidade de reciprocidade¹⁷⁸ –, que chega para instaurar a desordem e o caos. Nesse caso, a guerra é a justificativa para resolver os conflitos,

¹⁷⁴ PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução*: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida. Florianópolis: Empório do Direito, 2017, p. 72.

¹⁷⁵ PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução*: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida. Florianópolis: Empório do Direito, 2017, p. 21.

¹⁷⁶ RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. Trad. Cidade: Martins Fontes, 1997.

¹⁷⁷ SEBBAH, François David. *A Ética do Sobrevivente*: Levinas, uma filosofia da derrocada. Trad. Leonardo Meirelles. Passo Fundo: Conhecer, 2021, p. 83.

¹⁷⁸ Para estes dois conceitos: desigual e assimétrico, sugiro a leitura dos livros: COSTA, Márcio Luis. *Lévinas*: uma introdução. Petrópolis: Vozes, 2000; PELIZZOLI, Marcelo Luiz. *LEVINAS*: a reconstrução da subjetividade. Porto Alegre: Edipucrs, 2002; CARDO, Llorente Jaime. *Lévinas*: el sujeto debe responsabilizarse de los otros hasta el punto de renunciar a sí mismo. España: Unigraf, 2015. Há outras obras disponíveis na bibliografia.

assim como a morte do outro desigual.¹⁷⁹

Trazendo presente o que Rousseau¹⁸⁰, citado por Rawls¹⁸¹, lembra acerca da intolerância em tempos das guerras religiosas e das grandes intrigas e discussões teológicas, nos impasses a respeito das verdades dogmáticas entre católicos e protestantes.¹⁸² Também podemos trazer presente, neste momento, como já mencionamos, a obra de Voltaire, *Tratado sobre a Tolerância*¹⁸³, que aborda bem essa questão, visto que é a partir desse tempo que surge a ideia de tolerância.

El texto de Voltaire es bellissimo, pero también muy inquietante, presupone a la vez relativismo y dogmatismo: “Nosotros estamos seguros de nuestra verdad; dejamos a paz a los demás, aunque estén en el error; no los perseguimos”. La idea de tolerar a los demás, de soportar su diferencia, porque sabemos que estamos en lo cierto, es simultáneamente dogmática y relativista, no relativista y relativista. E en ciertos casos yo vería en ello, como usted sugirió, una forma de irrespetuosidad. Si se agudiza y refina el concepto de tolerancia, pero preferiría otra palabra y otro concepto para agudizar lo que en mi opinión debe ser la apertura a lo otro, el respeto por el otro.¹⁸⁴

Os países imperialistas sempre mostraram essa lógica se impondo como agentes políticos ou estatais, portadores da verdade absoluta; usaram da tolerância em benefício próprio e em detrimento dos outros. Chegaram e invadiram povos e culturas à força; escravizaram aqueles que lhes pouparam a vida, aceitaram que vivessem neste mundo, mas com a condição de que justificassem sua existência com trabalho, escravo. Hoje, todos os países imperialistas continuam impondo essa lógica aos países subdesenvolvidos; aliás, são subdesenvolvidos porque não permitem que se desenvolvam. São tolerantes, para tal, as condições para uma paz forçada estão dadas por eles.

El *rogue State*, el Estado que no respeta sus deberes de Estado ante la ley de la comunidad mundial ni las obligaciones del derecho internacional, el Estado que escarnece el derecho – y se mofa del Estado de derecho. [...]. “Derecho del más fuerte”.¹⁸⁵

¹⁷⁹ PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida*. Florianópolis: Empório do Direito, 2017, p. 62-3.

¹⁸⁰ Jean-Jacques Rousseau, Filósofo, teórico político, escritor autodidata. Considerado um dos principais filósofos do iluminismo.

¹⁸¹ Professor de filosofia política na Universidade de Harvard. Nasceu em 1921 e faleceu em 2002. Suas obras mais importantes estão disponíveis na bibliografia.

¹⁸² RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. Martins Fontes, 1997, p. 234.

¹⁸³ VOLTAIRE. *Tratado sobre a tolerância: A propósito da morte de Jean Calas*. Trad. Paulo Neves. Martins Fontes: São Paulo, 1993.

¹⁸⁴ DERRIDA, Jacques; FERRARIS, Mauricio. *El gusto del secreto*. Trad. Luciano Padilla López. Buenos Aires: Amorrortu, 2009, p. 86.

¹⁸⁵ DERRIDA, Jacques. *Canallas: Dos ensayos sobre la Razón*. Trad. Cristina Peretti. Madrid: Editorial Trotta, 2002, p. 12.

Na entrevista entre Derrida e Maurizio Ferraris, ambos os filósofos se debruçam sobre a tolerância:

Suscribo lo que usted dijo acerca de la tolerancia represiva. Hay una actitud consiente en decir: Aceptemos que los filósofos se emancipen del escrúpulo de verdad, cedan a la literatura, traten la filosofía como literatura; no los reprimiremos, no los denunciaremos, no los tomaremos en solfa como hacen muchos filósofos académicos; es mas: los toleraremos [...], la tolerancia represiva, la cual consiste en aceptar que se haga literatura con tal de que ya no tenga relación alguna con la filosofía ni con la verdad, ni siquiera, en el limite, con el ámbito público.¹⁸⁶

4.3 Tolerar o migrante

A tolerância esconde essa violência, porque o outro, o hostil, o migrante não tem voz, não pode opinar, pois deve obedecer e aceitar as condições para poder conviver no espaço restrito que lhe foi proporcionado.

A razão elitista, preconceituosa, racista, razão que se justifica com razão¹⁸⁷, que não tem um pensamento crítico ou, no caso da razão servir, é ardilosa¹⁸⁸, usada com vistas a determinados interesses de minorias que se perpetuam no poder.

A razão vulgar é, literalmente, a razão indiferente de cada dia, na qual todas as violências se combinam com a anestesia advinda da massa de acontecimentos que se precipitam. [...]. Razão servil, a razão vulgar é o campo de concentração do pensamento, onde são agrupados os estímulos incapazes de sobreviver à dinâmica feroz da dialética dos interesses; seu único argumento é não ter argumento nenhum e disso se orgulhar.¹⁸⁹

Quando agimos guiados pela norma pensamos que estamos agindo com justiça; estamos agindo dentro do direito, que não é a justiça. O direito é o elemento do cálculo que é imposto por aquele que tem poder e força. Que parte da sua premissa, e máxima, passando pela crítica, que não deixa de ser sua própria crítica. A vontade deve ser administrada sempre por um imperativo. O que vai determinar a *vontade* é a máxima moral, que é a lei que passa a ser universalizada. A máxima tem a pretensão de ser universalizada, mas terá que passar pelo teste da crítica para ver se pode se tornar lei ou não. A máxima não pode ser contrária à lei universal

¹⁸⁶ DERRIDA, Jacques; FERRARIS, Mauricio. *El gusto del secreto*. Trad. Luciano Padilla López. Buenos Aires: Amorrortu, 2009, p. 22-3.

¹⁸⁷ SUSIN, Luiz Carlos. *O Homem Messiânico: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 101.

¹⁸⁸ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 135-6.

¹⁸⁹ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018. p. 44-5.

da natureza¹⁹⁰. Impondo assim seja pela força. “Eu agiria, como dizia Kant, em conformidade com o dever ou por respeito à lei”.¹⁹¹ Derrida, citando Kant, quando aborda o tema da hospitalidade destaca:

Volto por um instante à questão da hospitalidade. O ideal cosmopolítico de Kant, pelo qual tenho o maior respeito, ainda supunha que o cidadão fosse cidadão do mundo “enquanto cidadão”, isto é, enquanto súdito de um Estado-nação. Quando Kant define as condições da hospitalidade universal, refere-se contudo a uma multiplicidade de Estados que jamais formarão um Estado universal. Esses Estados, e seus súditos cidadãos, devem definir as leis da hospitalidade. Devem fazer respeitar essas regras e portanto colocar limites à acolhida do cidadão estrangeiro: por um tempo breve, como visitante e não como residente [...]. Esse conceito de hospitalidade cosmopolita, por mais respeitável que seja, e sempre perfectível, ainda me parece ligado a uma figura da cidadania do Estado-nação, aquela que se encontra em vias de deslocamento, de transgressão, de transformação.¹⁹²

E, ainda, Derrida alerta para a razão artilosa do mais forte que se impõe, esclarecendo que faz consensos:

La tesis de Rousseau es pues a la vez que “la razón del más fuerte” es de hecho la mejor, que ha prevalecido y prevalece de hecho (el más fuerte mete en razón al más débil, y el lobo al cordero), pero que si de hecho la razón del más fuerte vence, de derecho la razón del más fuerte no es siempre la mejor, no debería haber tenido razón, y todo girará en torno al eje semántico de la palabra “razón” en la fábula: cuando ésta dice “la razón del más fuerte es siempre la mejor”, ¿cuál es la mejor: la razón misma, la buena razón, la razón mas justa, la verdadera razón, o la razón dada, la razón aducida por el mas fuerte.¹⁹³

O direito do mais forte é o do imperialismo da razão, dos países soberanos que impõem suas normas para sempre estar em vantagem e lucrando em favor de si próprios, visto que os consensos são realizados e eles mesmos rompem os acordos quando sentirem que não tiram o proveito esperado. O consenso finge ser justo.

Lo político que reduce el ciudadano a la bestia y la comunidad originaria de los hombres a una comunidad animal. Una comunidad animal cuyo jefe sería en resumidas cuentas una especie de lobo, como el lobo-tirano, el tirano transformado en lobo. [...]. Un soberano que simplemente sería más fuerte y, por lo tanto, capaz de devorar a aquellos a los que gobierna, a saber un *rebaño*.¹⁹⁴

¹⁹⁰ KANT, Emmanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos*. Trad. Leopoldo Holzbach. São Paulo: Martin Claret, 2002, p. 54.

¹⁹¹ DERRIDA, Jacques. *Força da Lei: o fundamento místico da autoridade*. Trad. Leyla Perrone-moisés. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018, p. 31.

¹⁹² DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã...: Diálogo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 120.

¹⁹³ DERRIDA, Jacques. *Seminário La Bestia y el soberano: Volumen I: 2001-2002*. 1. ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Manantial, 2018, p. 32.

¹⁹⁴ DERRIDA, Jacques. *Seminário La Bestia y el soberano: Volumen I: 2001-2002*. 1. ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Manantial, 2018, p. 30.

Portanto, temos que estar atentos quando escutamos falar em legalidade: estar dentro da legalidade, agir de acordo a lei, realizar acordos, consensos dentro da legalidade. Legalidade não é sinônimo de justiça; pode ser um caminho para chegar à justiça, mas nem sempre isso acontece. Nos estados atuais, cúmplices do liberalismo econômico e seus sistemas fascistas, nazistas e totalitários, com certeza a legalidade cuida do interesse econômico e dos poderosos em detrimento da dignidade daqueles que eles mesmos empobrecem.

O termo “justiça”, com efeito, situa-se bem melhor lá onde se requer a “equidade” e não minha “subordinação” a outrem. Se é mister a equidade, requer-se a comparação e a igualdade: igualdade entre o que não se compara. Consequentemente, o termo “justiça” aplica-se muito à relação com o terceiro do que à relação com outrem.¹⁹⁵

Como os países podem falar em justiça social, em políticas contra a corrupção e o narcotráfico e em políticas ambientais? A cada dia vemos mais pessoas desempregadas e vivendo abaixo da linha da pobreza. Que justiça é essa que gera tanta desigualdade? A realidade mostra que não é assim. A falta de justiça e o excesso de legalidade em favor de uma classe social privilegiada, de países soberanos que legislam sempre a seu favor e que se comportam como Derrida caracteriza como verdadeiros *canallas*¹⁹⁶, bestas que empobrecem a cada dia os países subdesenvolvidos. Não há interesse de solucionar o problema da desigualdade, os sistemas atuais são injustos e privilegiam alguns poucos e em detrimento da massa e dos que ainda não conseguem fazer parte da massa, os migrantes, refugiados, apátridas. Os sistemas atuais geram mais pobreza e pessoas deslocadas.

En la “democracia por venir”, lo importante no es la “democracia”, es lo “por venir”. Es decir, un pensamiento del acontecimiento, de lo que viene, es el espacio abierto para que haya acontecimiento, lo por venir, y porque la venida sea la venida del otro. No existe venida, acontecimiento que no sea o que no implique la venida de lo heterogéneo, la venida del otro. “Por venir” no quiere decir “futuro”, el presente futuro, lo que estaría presente y sería presentable mañana. Quiere decir el lugar abierto para que el otro, u otros, vengan. Los sistemas no democráticos son ante todo sistemas que cierran, que se cierran a esta venida del otro, son sistemas de homogeneización y de calculabilidad integral.¹⁹⁷

Contra um terceiro que é também meu próximo. É o terceiro que é a fonte da justiça e, por aí, da repressão justificada; é a violência do outro. A ideia de que sou responsável pelo mal feito pelo outro – ideia rejeitada, reprimida mesmo que

¹⁹⁵ LEVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à Idéia*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 119.

¹⁹⁶ *Canalla* é a tradução de vadios, prefiro usar o termo *canalla* em espanhol porque tem uma conotação muito negativa. No contexto que usarei para me referir aos países que usurpam, que são arrogantes, que visam o lucro desmedido, que exploram que usam os métodos mais injustos para explorar países e pessoas.

¹⁹⁷ DERRIDA, Jacques. *Política y amistad: entrevistas con Michael Sprinter. Sobre Marx y Althusser*. Trad. Heber Cardoso. Buenos Aires: Nueva Vision, 2012, p. 64.

psicologicamente possível – conduz-nos ao sentido da subjetividade. É atestada pela frase de Dostoevski que sempre cito – é Aliocha, me parece, quem a diz -: “cada um de nós é culpado diante de todos por todos e por tudo, e eu mais que os outros”.¹⁹⁸

Para finalizar, podemos afirmar que a tolerância é uma maneira de aguentar de modo permanente; se não há convivência pacífica, há alguém que suporta, que aguenta, há uma tensão constante. Portanto, trata-se de uma busca por se ver livre dessa tensão; para isso é necessário eliminar o motivo que provoca esse mal-estar. Então, o outro, nesse caso o migrante, deve ser eliminado, contido, distanciado. O caminho escolhido é inumano e bestial, mas, como Derrida convida a refletir, nem chega a ser bestas, porque o comportamento humano não poderia ser comparado com as bestas, já que as próprias bestas não têm comportamentos racionais tão insensíveis com seus iguais. Elas matam para sobreviver e comer, mas não torturam, não expõem a sofrimentos desnecessários.

El canibalismo mismo es inhumano y cruel porque consiste – lo cual las propias bestias no hacen nunca, al menos es lo que se dice – en comer, en devorar, en tomar dentro de sí, estando vivos, a seres de la misma especie que ellos (*the same Kind*). Ésta es la peor crueldad de esos otros más otros que cualquier otro debido a que se comen al mismo. Éste es un esquema cuya generalidad no parece contar con ninguna excepción. Cuando se habla de la inhumanidad de aquellos que cometen crímenes contra la humanidad, se habla de quienes todavía pertenecen lo suficiente a *la especie humana*. [...]. Como para ser culpables de crímenes contra la humanidad, para degradarse y mostrarse indignos del nombre de hombre e de la dignidad humana. Haber perdido la humanidad humana por ser inhumano está solamente reservado a los seres humanos.¹⁹⁹

4.4 O estranho, o estrangeiro

A palavra estrangeiro vem do latim *extraneus*, que significa estranho, diferente, que não faz parte da família ou do grupo. Devemos destacar, ainda, que o estranho não é somente aquele que chega de fora, mas também aquele que fala diferente, que se veste diferente, que tem outra cultura, religião. Nesse momento os indivíduos são separados, classificados de acordo com seus similares²⁰⁰. Os que se assemelham entre si formam um gueto; os que pensam e sentem que são mais fortes dominarão os outros, impondo normas e comportamentos.

¹⁹⁸ LEVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à Idéia*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 121.

¹⁹⁹ DERRIDA, Jacques. *Seminário La Bestia y el soberano II*. Trad. Luis Ferrero; Cristina de Peretti; Delmiro Rocha. Buenos Aires: Manantial, 2011, p. 186.

²⁰⁰ MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. O desconhecido que bate à minha porta. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 795.

Essa experiência traumática²⁰¹ do encontro com o estrangeiro como outro, como desigual, como ignorado²⁰² pode ser de repulsa. Penso que sempre há uma repulsa para com aquele in-apropriável, diferente, desigual, que não faz par comigo, “ele é tempo da diferença, ou a diferença é o tempo do Outro”²⁰³, que chega a partir da sua epifania²⁰⁴ infinita e acaba com o espaço e a verdade do eu solitário que está em casa.²⁰⁵ O seu tempo é diferente do tempo do eu, não há sincronia dentro da cronologia do eu solitário. O estrangeiro termina com o ritmo estabelecido pela comunidade, pelo grupo. A chegada da alteridade radical é o trauma que, como compreende Freud, provocará uma profunda perturbação no eu solitário e fechado em si mesmo²⁰⁶, usando todos os meios possíveis, éticos e não éticos, para defender-se desse intruso que chega e provoca dentro do eu reações incontroladas.²⁰⁷

A chegada do estrangeiro provoca um encontro traumático, um desencontro, estabelecendo outro ritmo a seguir. Ele traz consigo a sua história – que é trauma²⁰⁸ –, o seu passado, seus vestígios e seu contexto e estabelece com a sua presença concreta,²⁰⁹ a sua verdade, que é desigual à verdade do eu e dos outros. Ele tem um passado imemorial²¹⁰, que não tem presente, sempre é passado, está presentificado²¹¹. Na sua chegada o estrangeiro estabelece uma assimetria e diz que tem fome, tem sede, tem frio, envolvendo determinado grupo em sua realidade desde uma dimensão de altura.²¹²

²⁰¹ LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 179.

²⁰² LEVINAS, Emmanuel. *Escritos Inéditos I: Cuadernos del cautiverio*. Escritos sobre el cautiverio. Notas filosóficas diversas. Trad. Miguel García-Baró López; Mercedes Huarte; Javier Ramos. Madrid: Editorial Trotta, 2003, p. 179.

²⁰³ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 37.

²⁰⁴ LEVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à Idéia*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 199.

²⁰⁵ LEVINAS, Emmanuel. *Escritos Inéditos 2.: Palabra y silencio y otros escritos*. Trad. Miguel García-Baró, Mercedes Huarte. Madrid: Editorial Trotta, 2015, p. 117.

²⁰⁶ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 24.

²⁰⁷ FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: R&PM, 2018, p. 85.

²⁰⁸ SOUZA, Ricardo Timm de. *Em torno à Diferença – aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008, p. 3.

²⁰⁹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 167.

²¹⁰ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018. p. 114-5. Para melhor compreensão de *passado imemorial*, sugiro a leitura do livro: CARDO, Llorente Jaime. *Lévinas: el sujeto debe responsabilizarse de los otros hasta el punto de renunciar a sí mismo*. España: Unigraf, 2015.

²¹¹ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018. p. 65-6.

²¹² LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2014. p. 194-5.

4.5 O outro é um monstro

É a mesma experiência que fez Francisco de Assis²¹³, que tinha nojo, medo, desprezo pelos leprosos.²¹⁴ Ele tinha construído uma imagem do leproso na sua cabeça, que a cada dia se convertia num monstro. Para justificar a violência, a indiferença para com o outro, o eu não poder ver o rosto, precisa fazer dele um monstro, para poder justificar a necessidade de querer matar esse monstro²¹⁵. O leproso que Francisco rechaçava existia na construção fenomenológica, no seu pré-conceito que era o pré-conceito da maioria da população. O pré-conceito é violência para com o outro porque é tematizado, – e ele está além da tematização²¹⁶ –, rechaçado e violentamente, agredido fisicamente, psicologicamente; a fome é uma agressão. Mas o encontro com o leproso real e concreto, quando o beija ou quando o leproso beija Francisco, tendo em conta que a iniciativa sempre é do outro, cada movimento do eu é uma resposta ao outro, “*Al acercarme al Otro, siempre estoy retrasado respecto a la hora de la “cita”*”²¹⁷, ele sempre esteve aí, chega e se impõe.

Presencia que domina a quien la acoge, que viene de las alturas, imprevista y, por consiguiente, que enseña su novedad misma. Es la presencia franca de un ente que puede mentir, es decir, que dispone del tema que ofrece, sin poder disimular su fraqueza de interlocutor, luchando siempre a cara descubierta. A través de la máscara, penetran los ojos, el indisimulable lenguaje <27> de los ojos. El ojo no brilla, habla. La alternativa de la verdad y la mentira, de la sinceridad y el disimulo, es el privilegio de quien se sitúa en la relación de absoluta franqueza.²¹⁸

4.6 Te toquei e te conheci

Francisco, quando toca o leproso, faz a verdadeira experiência do leproso real e concreto. “O invisível se faz contato porque o Olhar nu está associado a uma pele nua, o que

²¹³ Santo italiano, nasceu entre os meses de junho-dezembro de 1181-82. Morreu no dia 4 de outubro do ano 1226. Para informações mais precisas da vida e da obra de Francisco de Assis, sugiro ler o livro das Fontes Franciscanas em qualquer edição.

²¹⁴ São várias as passagens do encontro que Francisco teve com os leprosos, antes e depois da sua conversão. Podemos encontrá-las nas Fontes Franciscanas, em qualquer edição. Por exemplo: LM I 6; Fior 25. 1Rg 8,12; Test 1; 1C 103; LM I 6; II 1; LP 102; Sp 44; Fior 25. 1Rg 8,12; Test 1; 1C 103; Lm I 6; XIV 1; Lm I 8; VII 1; LP 102; Sp 44; Fior 25. Entre outras.

²¹⁵ Dedicatória aos mortos no Holocausto. Também podemos encontrar, na mesma obra, o registro de Levinas sobre a morte do outro, que me torna impuro. LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 196.

²¹⁶ LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 164.

²¹⁷ LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 229.

²¹⁸ LEVINAS, Emmanuel. *Escritos Inéditos 2.: Palabra y silencio y otros escritos*. Trad. Miguel García-Baró, Mercedes Huarte. Madrid: Editorial Trotta, 2015, p. 234.

torna o contato e-norme e ob-sceno. [...] É antes obscenidade de nudez de pele leprosa cuja enormidade e feiura provoca ferimento”²¹⁹. Por isso, o encontro de Francisco com o leproso é uma saída radical, o sair do *si-mesmo*²²⁰ de Francisco para vencer esse espaço que o distanciava do outro, encurtar essa distância, é a tensão ética, que provoca um espanto, não só para Francisco, mas para o leproso também, já que cada um sai correndo, há um rechaço de um para com o outro.²²¹

Nesse momento acontece o tremendo trauma, há uma perda do equilíbrio físico, psicológico e emocional, a seguir Francisco procura o leproso e não o encontra²²². Qual leproso? O que ele tinha construído na sua consciência racional preconceituosa, de uma racionalidade daquele que é mais forte, de uma razão que está a serviço do poder constituído, esse leproso construído não existe, não está, não é concreto. Por esse motivo, pode dizer: “o que antes era amargo se me tornou doçura da alma e do corpo”²²³. O outro que Francisco [eu] construiu na sua imaginação existe na racionalidade ardilosa e violenta²²⁴, que era a racionalidade de uma determinada sociedade e cultura da época, mas realmente, concretamente, esse leproso não existe. O outro sempre se apresenta concretamente.²²⁵ Aqui podemos dizer que há uma passividade da parte dos dois²²⁶, um deixar-se afetar um pelo outro; não há nenhum outro interesse no começo, só aproximação, pois os dois têm essa abertura para com o outro.

Esse contato, cumpre destacar, é um tocar com cuidado e cautela, é um se aproximar trêmulo, pois avança rápido demais, o outro pode fugir da presença, é um tatear, uma carícia com o dorso da mão para ter um cuidado e uma sensibilidade maior.

En la carícia lo que está ahí se busca como si no estuviese, como si la piel fuese la huella de su próprio vacío, languidez que todavía busca allí, como una ausencia, lo que, sin embargo, no puede estar. La caricia significa la no coincidencia del contacto,

²¹⁹ SUSIN, Luiz Carlos. *O Homem Messiânico: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 335.

²²⁰ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014. p. 24.

²²¹ LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Trad. Daniel Enrique Guillot. Buenos Aires: Sigilo XXI editores, 2005, p. 49.

²²² FONTES FRANCISCANAS. Petrópolis: Vozes, 2004, 2Cel 9, 11.

²²³ Há vários biógrafos que contam esta passagem. Neste caso é II Celano. *Fontes Franciscanas*. Petrópolis: Vozes, 2004.

²²⁴ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 49.

²²⁵ LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Trad. Daniel Enrique Guillot. Buenos Aires: Sigilo XXI editores, 2005, p. 58.

²²⁶ LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Trad. Daniel Enrique Guillot. Buenos Aires: Sigilo XXI editores, 2005, p. 183.

un desnudar que nunca está suficientemente desnudo. La ternura de la piel es la brecha misma entre acercamiento y acercado, es disparidad, no-intencionalidad.²²⁷

Não quero fazer a leitura tradicional de que só Francisco tem a experiência traumática, de passividade, pois os dois têm; o eu sofre o trauma, mas também o outro.²²⁸ No momento do encontro, do toque, desse encurtar a distância – e me parece que devo insistir nisto –, porque o encurtar a distância entre o eu e o outro é possibilitar que a ética possa aflorar, já que na atitude de querer conhecer, experimentar há uma abertura, a passividade de acolher o outro na sua identidade e diferença. Com a consequência que isso traz, que é a ruptura, o trauma, a diacronia.

La proximidad, supresión de la distancia que significa la “consciencia-de”, abre la distancia de la dia-cronía sin presente común donde la diferencia es pasado que no se puede alcanzar, un porvenir que no se puede imaginar, lo no responsable del prójimo respecto a lo cual permanezco retrasado, obsesionado por el prójimo, pero donde esta diferencia es mi no-indiferencia para con el otro. La proximidad es desarreglo del tiempo memorable.²²⁹

Voltarei, mais adiante, com o exemplo de Francisco de Assis.

²²⁷ LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 153.

²²⁸ LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Trad. Daniel Enrique Guillot. Buenos Aires: Sigilo XXI editores, 2005, p. 184.

²²⁹ LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 151.

5 DA HOSPITALIDADE CONDICIONAL À TOLERÂNCIA

Sempre que falamos de hospitalidade somos levados a pensar no estrangeiro e no migrante, aquele estranho que faz parte de outro grupo, cidade ou país. Falar em hospitalidade é acolher, receber a outra pessoa. “O homem só pode oferecer hospitalidade a um homem. De fato, que coisa estranha seria oferecer hospitalidade a um animal, e mais ainda a uma planta! A hospitalidade é mesmo uma marca do humano”.²³⁰ Neste trabalho quero propor hospitalidade ao estrangeiro ou migrante, que é o desconhecido que bate na porta, é alguém que vem de fora do território, além da ideia do meu horizonte.²³¹ Há uma presença que chega e que incomoda, questiona, ocupa um espaço e, portanto, quer impor um tempo diferente ao mesmo,²³² ele inaugura um novo tempo,²³³ considerando que ele se personifica no tempo. Por isso, sempre que falamos em hospitalidade devemos ter em conta que há uma relação assimétrica, há uma disparidade, não há sintonia²³⁴ nem relação de reciprocidade com esse estranho que chega. Neste capítulo, gostaria de separar a compreensão de estrangeiro a de migrante e aprofundar e dissociar os conceitos de hospitalidade condicional e incondicional.

5.1 Hospitalidade condicional é tolerância

Quero relacionar neste momento a hospitalidade condicional à tolerância, esse discurso muito popular que escutamos diariamente nos ambientes de convivência, com pessoas simples, e até no meio acadêmico. O discurso da tolerância está presente como uma alternativa ética que solucionaria o problema que temos, da xenofobia, da intolerância religiosa, contra migrantes, contra o feminismo e a diversidade sexual, etc.²³⁵

²³⁰ DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade*: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta: 2003, p. 120; 122.

²³¹ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever*: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 33.

²³² SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever*: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 66.

²³³ SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idólatra*: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre: Zouk, 2020, p. 71.

²³⁴ MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. O desconhecido que bate à minha porta. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade*: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 795.

²³⁵ Trago presente, neste momento, a importância da obra *A Paz perpétua: um projeto filosófico*, de Emmanuel Kant: “Se, pois, se comparar a conduta inospitaleira dos Estados civilizados da nossa região do mundo, sobretudo dos comerciantes, causa assombro a injustiça que eles revelam na visita a países e a povos estrangeiros (o que para eles se identifica com a sua conquista). A América, os países negros, as ilhas das especiarias, o Cabo, etc., eram para eles, na sua descoberta, países que não pertenciam a ninguém, pois os habitantes nada contavam para eles. Nas Índias Orientais (Industão), introduziram tropas estrangeiras sob o pretexto de visarem apenas

Claro que gostaria de dizer que, se a sociedade fosse tolerante, a situação de discriminação e violência que está instalada não seria tão desastrosa como é. Porém, quero destacar que colocar a tolerância como uma meta, que melhoraria a situação de acolhimento, de respeito, não é a melhor saída, porque entraríamos em outra lógica que seria mais perversa. Nessa direção, pretende-se expor, no decorrer desse estudo, uma proposta mais exigente e que supere essa dimensão da tolerância, que consistiria na Hospitalidade.

5.2 Hospitalidade na tradição

Para começar a tratar de hospitalidade condicional, quero trazê-la a partir da história, para poder perceber como surge e vai criando novas facetas. Na história podemos perceber que nas inúmeras culturas existentes encontramos a figura dos migrantes, estrangeiros, profetas, caminhantes do deserto.²³⁶ Há muitas formas de hospitalidade. Os donos das posadas e famílias acolhiam e davam hospedagem para forasteiros e outros ambulantes, mas não era gratuita; há várias culturas. Alain Montandon em *O livro da Hospitalidade* nos apresenta a maneira que as culturas da Noruega, Albânia, Romênia, Império Russo, China, Vietnã, Japão, Índia, Polinésia, Madagascar, Grécia Arcaica e Moderna, além de outras culturas, eram hospitaleiras.²³⁷ Podemos ver as diferentes formas de hospitalidade condicional. Ou seja, aquilo que o hospedeiro tinha que realizar para acolher o hóspede.

O conceito de *hôte* implica, portanto, dois estrangeiros, estrangeiros políticos, estrangeiros culturais, frente a frente e colocados sob o nome teto. Certamente, todos os dois são *hospes*, mas um dos dois é o *extraneus*, o hóspede que vem de fora, do exterior, um *hospitus*, um ser de passagem, não é nem de família, nem do país, é o estranho estrangeiro, e o outro, aquele que recebe, é o amo, que pode usar e até abusar de sua qualidade de déspota e tomar refém. Ao receber o *hostis*, o *hospes*, entretanto, coloca-o no mesmo nível que ele: a hospitalidade em seu sentido primeiro é só gesto de compensação. A origem comum das duas palavras forjadas sobre *hostire* toma toda sua significação.²³⁸

estabelecimentos comerciais, mas com as tropas introduziram a opressão dos nativos, a instigação dos seus diversos Estados a guerras muito amplas, a fome, a rebelião, a perfídia e a ladainha de todos os males que afligem o gênero humano”. KANT, Immanuel. *A Paz Perpétua*: um projeto filosófico. Trad. Artur Morão. Corvilha. Lusofia: 2008, p. 23.

²³⁶ MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade*: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 187. Mas na mesma obra encontramos da página 71 até pelo menos a página 190 vários registros de hospitalidade aos viajantes.

²³⁷ Encontramos este material na segunda parte do livro: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade*: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011.

²³⁸ MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade*: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 58.

Havia ritos das duas partes que deviam ser seguidos. Desde a maneira de comportar-se, do que devia ser conversado, e até do alimento partilhado.

As leis da hospitalidade não abrangem, pois, apenas o anfitrião, mas também a quem é recebido. Ambos estão imbrincados inseparavelmente na cena. A existência desse vínculo encontra sua expressão maior nos termos francês e grego, respectivamente *hôte* e *Xenos*, que designam igualmente quem recebe e quem é recebido.²³⁹

5.3 Hospitalidade condicional

A hospitalidade condicionada consiste em certa resistência ou hostilidade do hóspede para com aquele que chega, criando regras de resistência e, portanto, restritivas. O hospedeiro exige informações para o hostil, antes de dar-lhe pouso, quer saber seu nome, de onde vêm, quais os motivos e porque chega, e depois lhe impõe as normas. Seguir os costumes, falar o mesmo idioma. Essas normas são colocadas pelo soberano, aquele que condiciona o totalmente outro, que tem a prerrogativa de definir as condições para acolhê-lo e dar-lhe pouso.²⁴⁰

Transformação da hospitalidade em hostilidade a partir da perversão sempre possível da Lei. (...) A lei da hospitalidade pura como justiça pede-nos para abrir a hospitalidade para além da família?" pergunta ele. Mas recusar a família (e toda a estrutura na qual ela prossegue, a sociedade civil, o Estado, a nação) é confirmar a hospitalidade pura em sua impossibilidade. É preciso, então, pensa-la a partir desse paradoxo. "Este seria, na Europa", conclui ele, "o espaço de todos os combates a travar".²⁴¹

Por esse motivo, podemos perceber que essa hospitalidade é condicionada porque estabelecemos uma relação de tolerância,²⁴² de respeito, e me relaciono com o outro a partir de algumas condições estabelecidas para ter uma convivência. Há um pacto, normas que devem ser seguidas para que se estabeleça a relação. Há uma tolerância com esse outro, mas não o aceito como absolutamente outro, na diferença, mas por conveniência. A diferença, quando

²³⁹ MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 17.

²⁴⁰ FARIAS, André Brayer de. *Poéticas da hospitalidade: ensaios para uma filosofia do acolhimento*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 60-1.

²⁴¹ DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta: 2003, p. 88-90.

²⁴² Nesse sentido, cabe destacar a importância da obra de Kant, *A Paz perpétua*, sobre a hospitalidade. "A constituição segundo o direito cosmopolita enquanto homens e Estados que, estando em relação de influência mútua exterior, têm de ser considerados como cidadãos de um Estado Universal da humanidade (*ius cosmopoliticum*). Esta divisão não é arbitrária, mas necessária em relação à ideia de paz perpétua." KANT, Immanuel. *A Paz Perpétua: um projeto filosófico*. Trad. Artur Morão. Corvilha. Lusofia: 2008, p. 11.

acolhida, impede a universalização e a totalização, porque há um desencontro, uma ruptura que impede que a razão totalizante se feche no mesmo.

Para além de qualquer fabulação ou imaginação, antes de toda síntese e organização mental, dá-se a diferença: este fato é tão real aqui e agora, nesse exato momento, como o foi para o primeiro pensador que percebeu sua não coincidência com o que não era ele, e entendeu, segundo sua cosmovisão, a necessidade de superar tal não consciência como condição ou realização do processo compreensivo do real enquanto tal.²⁴³

Portanto, não há acolhida desinteressada, há uma troca de favores, uma prestação de serviços como hoje a hotelaria realiza, com seus favores, seu *glamour* para agradar o visitante e mantê-lo como cliente. O que quero dizer é que a hospitalidade condicional sempre tem a racionalidade como fundamento, não há uma abertura ética, e quando digo ética, penso em justiça, alteridade. Nas condições da hospitalidade desaparece essa possibilidade.

A lei da hospitalidade absoluta manda romper com a hospitalidade de direito, com a lei ou a justiça como direito. A hospitalidade justa rompe com a hospitalidade de direito; não que ela a condene ou se lhe oponha, mas pode, ao contrário, coloca-la e mantê-la num movimento incessante de progresso; mas também lhe é tão estranhamente heterogênea quanto a justiça é heterogênea no direito do qual, no entanto, está tão próxima (na verdade, indissociável).²⁴⁴

Vemos que não há possibilidade de falar em hospitalidade incondicional com a hospitalidade condicionada, na primeira não há questionamentos, não há tematização, menos ainda a pré-julgamentos. Num primeiro momento, há abertura e acolhimento, depois pode entrar a razão e o direito. Na segunda hospitalidade condicionada, sempre há pré-julgamento, ou seja, tematização, fechamento:

A hospitalidade absoluta ou incondicional que eu gostaria de oferecer a ele supõe uma ruptura com a hospitalidade no sentido corrente, com a hospitalidade condicional, com o direito ou o pacto de hospitalidade. (...) A hospitalidade absoluta rompe com a lei da hospitalidade como direito ou dever, com o “pacto” de hospitalidade. Em outros termos, a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (provido de um nome de família, de um estatuto social de estrangeiro. Etc.).²⁴⁵

²⁴³ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018. p. 18.

²⁴⁴ DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta: 2003, p. 25.

²⁴⁵ DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta: 2003, p. 23-25.

Quando agimos impulsivamente, sem racionalizar nossos atos humanitários, – veremos isso quando tratarmos da acolhida aos migrantes –, há possibilidade de que a hospitalidade incondicional aconteça. Segundo Kant:

Fala-se aqui, como nos artigos anteriores, não de filantropia, mas de direito, e hospitalidade significa aqui o direito de um estrangeiro a não ser tratado com hostilidade em virtude da sua vinda ao território de outro. Este pode rejeitar o estrangeiro, se isso puder ocorrer sem dano seu, mas enquanto o estrangeiro se comportar amistosamente no seu lugar, o outro não o deve confrontar com hostilidade. Não existe nenhum direito de hóspede sobre o qual se possa basear esta pretensão (para tal seria preciso um contrato especialmente generoso para dele fazer um hóspede por certo tempo), mas um direito de visita, que assiste todos os homens para se apresentarem à sociedade, em virtude do direito da propriedade comum da superfície da Terra, sobre a qual, enquanto superfície esférica, os homens não se podem estender até ao infinito, mas devem finalmente suportar-se uns aos outros, pois originariamente ninguém tem mais direito do que outro a estar num determinado lugar da Terra. – Partes inabitáveis desta superfície, o mar e os desertos dividem esta comunidade, mas o barco ou o camelo (o barco do deserto) tornam possível uma aproximação por cima destas regiões sem dono e o uso do direito à superfície para um possível tráfico, direito que pertence ao género humano comum.²⁴⁶

A ética da responsabilidade com o migrante se dá quando acolho, recebo, ajudo, curo, dou um pedaço de pão; isso é a humanidade da hospitalidade incondicional. A primeira reação tem que ser humanitária, ética; depois a razão pode entrar em ação, mas não se pode permitir que a razão condicione nossa ação. Do contrário, sempre acontecerá a hospitalidade condicionada, que levará à tolerância. Nem todo o agir humano justo e ético, passa pelo crivo da razão. A hospitalidade incondicional não passaria pelo crivo da razão ardilosa.

Alguém que para ser recebido, começa-se por querer saber seu nome; ele é levado a declinar e garantir sua identidade, como se testemunha diante de um tribunal. Alguém a quem se coloca uma questão e dirige uma pergunta, a primeira pergunta: “Como te chamas?”, ou, ainda, “Se me disseres como te chamas, respondendo a esta pergunta tu respondes por ti, tu és responsável diante da lei e diante dos teus hospedeiros, tu és uma pessoa de direito”.²⁴⁷

Isso quer dizer que o hospedeiro kantiano trata aquele que ele abriga como um estrangeiro? Sim e não. Ele o trata como ser humano, mas instala sua relação com aquele que está em sua casa segundo o direito, tanto quanto a relação que o liga aos assassinos, à polícia ou aos juízes. Do ponto de vista do direito, o hóspede, mesmo quando bem-recebido, é antes de tudo um estrangeiro, ele deve continuar estrangeiro. É devida uma hospitalidade ao estrangeiro, claro, mas ela continua, como o direito, condicional, portanto condicionada em sua dependência à incondicionalidade que funda o direito.²⁴⁸

²⁴⁶ KANT, Immanuel. *A Paz Perpétua*: um projeto filosófico. Trad. Artur Morão. Corvilha. Lusofia: 2008, p. 22.

²⁴⁷ DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade*: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta: 2003, p. 25.

²⁴⁸ DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade*: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta: 2003, p. 63.

É importante entender que a verdadeira hospitalidade deve estar desvinculada do direito para não estabelecer uma relação simétrica, de pares, na qual o que chega deve se adaptar aquele que recebe. É possível dizer que a hospitalidade nasce da espontaneidade; não há como pensá-la antes do momento. A hospitalidade se adapta à cada ato concreto que exige hospitalidade.

Porque, se eu pratico a hospitalidade por dever [*e não apenas em conformidade com o dever*], essa hospitalidade de quitação não é mais uma hospitalidade absoluta, ela não é mais graciosamente oferecida para além da dívida e da economia, oferecida ao outro, uma hospitalidade inventada pela singularidade do que chega, do visitante inopinado.²⁴⁹

O problema que podemos perceber quando falamos de hospitalidade condicional e hospitalidade incondicional é o que vai reger seus fundamentos, porque elas estão sujeitas às diferentes culturas, realidades e aos sistemas políticos e econômicos que variam segundo o tempo e as circunstâncias.

Entre essas duas figuras da hospitalidade é que se deve assumir, com efeito, as responsabilidades e as decisões. Prova temível, pois se essas duas hospitalidades não se contradizem, elas continuam sendo heterogêneas, no momento mesmo em que se convocam uma a outra da mesma maneira embaraçosa. Nem todas as éticas da hospitalidade são as mesmas, provavelmente, mas não existem cultura, nem vínculo social, sem um princípio de hospitalidade.²⁵⁰

Logo, podemos dizer que a hospitalidade incondicional será possível se houver um valor social pelo cuidado do ser humano, tendo em vista que a pessoa deve ser sempre um fim a ser cuidado.

Hospitalidade e hostilidade estão, portanto, imbrincadas, e a hospitalidade torna-se, nessa concepção, o remédio contra a hostilidade. Tal valor não deve ter surgido por acaso. Deve ter sido socialmente produzido.²⁵¹

5.4 A hospitalidade tolerante e sua violência

Na tolerância, a possível relação se estabelece a partir de um pacto do hospedeiro *eu* e do hostil *outro*. O outro pode viver na mesma casa, cidade, bairro que eu vivo, desde que respeite o pacto estabelecido. Se sair daquilo que foi convencionado, se tornará um perigo para mim, até mesmo um inimigo que deve ser exterminado. Desse modo, tolero, acolho não na sua

²⁴⁹ DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade*: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta: 2003, p. 75.

²⁵⁰ DERRIDA Jacques. *Papel Máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 249.

²⁵¹ MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade*: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 15.

diferença, mas naquilo que eu permito que seja diferente, diferença que já está pré-estabelecida pelo eu dominador, que coloca os limites e entende a diferença, mas não a acolhe na desigualdade porque nela perde o controle. Há, portanto, uma tolerância ilimitada ou uma tolerância do intolerante, que coloca condições para aceitar a outro na sua verdade, nas suas crenças e nos seus princípios.²⁵²

Vemos isso todos os dias em diferentes situações, quando socialmente até chegamos a aceitar as minorias – que, em muitos casos, não são minorias – que são fragilizadas,²⁵³ violentadas e discriminadas, não têm um poder de se afirmar na sociedade classista e preconceituosa, então a sociedade dita normal e *politicamente correta e de cidadãos de bem*²⁵⁴, lhe dá uma chance para fazer parte do círculo, com as normas e limites impostos. Estes grupos que fogem da “ordem” do socialmente aceitos, são considerados perigosos, que devem ser extirpados da sociedade para que não contaminem uma classe social que se julga superior e é egoísta.²⁵⁵ Percebemos isso nos casos de racismo, intolerância religiosa, xenofobia, ódio aos migrantes econômicos. Esses outros desiguais, inapropriados, porque rompem um esquema de uma lógica preconceituosa e uma certa ordem estabelecida por aqueles que têm o poder para estabelecer essa ordem, tida como certa e normal por uma razão preconceituosa, machista e classista que é a razão totalizadora e branca, que bitola a liberdade ou nega a liberdade do outro.²⁵⁶

Por esse motivo, não há aceitação desse outro, não há acolhida, hospitalidade. Porque ele – outro – sempre exige que eu me desloque, que saia de meu ritmo, exige pensar, agir diferente. Na tolerância, estabeleço algumas condições de convivência. Na sociedade atual está estabelecida essa lógica da tolerância. O direito nos coloca as leis, normas que vão permitir uma possível convivência; mas quem coloca essas normas de convivência? A tolerância se

²⁵² RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. Trad. Almiro Pisetta e Lenita M. R. Esteves, Martins Fontes, 1997, p. 234-5.

²⁵³ Aqui penso que a situação de empobrecimento de milhões de pessoas no mundo inteiro, não o considero como uma minoria.

²⁵⁴ Estes termos usados nos últimos anos aqui no Brasil por grupos que apoiam os partidos com forte viés totalitários, fascistas e nazistas, que se denominam cidadãos do bem e politicamente corretos, que lutam para recuperar a verdadeira política contra o comunismo. Sugiro a leitura dos seguintes livros, de autores e pesquisadores brasileiros que têm refletido sobre esse assunto: BRUM, Elaine. *Brasil, construtor de ruínas: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019. BUGAHLO, Henry. *Minha especialidade é matar: como o bolsonarismo tomou conta do Brasil*. Curitiba: Kotter Editorial, 2020. CARVALHO, Laura. *Valsa brasileira: do boom ao caos econômico*. São Paulo: Todavia, 2018.

²⁵⁵ RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. Trad. Almiro Pisetta e Lenita M. R. Esteves, Martins Fontes, 1997, p. 631-2.

²⁵⁶ RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. Trad. Almiro Pisetta e Lenita M. R. Esteves, Martins Fontes, 1997, p. 235.

fundamenta e se refugia na lei, a do mais forte – porque é ele que faz a lei, a seu favor – e daquele que mais domina e estabelece uma distância e uma barreira diante do outro.²⁵⁷

Como se todo mal-estar da cultura contemporânea pudesse ser resolvido por uma espécie de *pacto de convivência* que mantivesse uma distância respeitosa e segura entre os viventes da comunidade global. Em verdade, a discussão a respeito da tolerância, da ampliação do nível da tolerância em relação ao diferente. [...], não toca a questão central do problema aqui proposto. O discurso da tolerância, ampliado no formato do *consenso*, atua como uma sofisticada estratégia para desviar o foco da questão central. Atua, em outras palavras, como o discurso que profecia a relação entre *amo e senhor*.²⁵⁸

5.5 O limite da tolerância

Tenho medo do migrante porque ele traz consigo a sua cultura, suas roupas, seus modos de falar; é medo da mistura da raça. Ou, simplesmente, o medo que desperta a diferença, porque diante do diferente realmente outro perco meu poder, já não posso mais me apropriar dele através de meus conceitos.²⁵⁹

Por trás desse discurso universalista dos estados liberais ou decentes, cooptado pelo discurso padrão dos direitos humanos, sabemos, mesmo fingindo não saber, que impera um desejo de padronização cultural, legitimado, em linhas gerais, pela ONU e pela dinâmica tradicional do direito internacional, bem como por uma quantia considerável de filósofos e de cientistas políticos que pensam o tema da justiça a partir do procedimentalismo e da normatização já existente.²⁶⁰

Portanto, nessas condições, vai se criando uma distância e um pré-conceito a respeito dele. Há um abismo com a pessoa que está *presentificada* como migrante²⁶¹, há uma pessoa que está numa situação social, discriminada, não podendo ser ela mesma, e não encontra um lugar para viver com dignidade. Quando vemos uma pessoa que está em situação de migrante e a reduzimos ao ser migrante, a tematizamos,

Tematizar tal relación significa ya perderla, salir de la pasividad absoluta de sí. La pasividad que está más acá de la alternativa pasividad-actividad, más pasiva que

²⁵⁷ PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução*: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida. Florianópolis: Empório do Direito, 2017, p. 74.

²⁵⁸ PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução*: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida. Florianópolis: Empório do Direito, 2017, p. 21.

²⁵⁹ DERRIDA, Jacques. *La escritura y la diferencia*: Pensamiento crítico/pensamiento utópico. Trad. Patricio Peñales. Barcelona: Editorial Anthropos, 1989, p. 125.

²⁶⁰ PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução*: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida. Florianópolis: Empório do Direito, 2017, p. 62-3.

²⁶¹ SUSIN, Luiz Carlos. *O Homem Messiânico*: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 201.

cualquier inercia, se describe mediante términos éticos como acusación, persecución, responsabilidad para con los otros.²⁶²

É importante abrir bem os olhos para ver além da categoria, para ver aquilo que não vemos e que existe, ver além da obra.²⁶³ Não só ver, mas também escutar aquilo que não vemos, fechar os olhos para poder ver, sentir a presença do outro. Porém, ele nos vê e tem algo a nos dizer.²⁶⁴ Deixar falar o outro, permitir que se expresse a partir de si, que fale, que diga a partir de seu mundo, pois sempre tem algo a dizer: tenho fome, não me mates!²⁶⁵ O migrante pede pão, oportunidade, trabalho, quando falamos que eticamente não podemos matar o outro, é não matar a oportunidade, o sonho, a esperança de poder viver com dignidade, claro que a morte física acontece com muita frequência.

El 21 de diciembre del año pasado a una señora se le vinieron dos hijos y a los dos los mataron, recibió los dos cadáveres de los hijos con balazos, o sea los mataron con balazos y ellos allá en Guatemala no eran muchachos vagos ni nada de eso, eran muchachos que trabajaban, campesinos.²⁶⁶

5.6 A hospitalidade desacomoda e incomoda

Aquele que aparece sem ser esperado, porque vêm de outro mundo, além do meu horizonte, o horizonte não é mais o sentido da realidade. Daquilo que eu vejo, há algo que vêm depois de meu horizonte de sentido.²⁶⁷ Se vêm de dentro do meu horizonte, não é o outro, é o Mesmo, o outro, o migrante vem do lado, de cima, por trás, pela frente é imprevisível.²⁶⁸

Como acolher esse outro que chega sem ser esperado, nem convidado? o migrante chega no dia menos pensado e numa situação inesperada, há um encontro forçado, inesperado. Como suportar esse ente insuportável, como tolerar o intolerável?

²⁶² LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 192.

²⁶³ DERRIDA, Jacques. *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004)*. Organização Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012, p. 287-8.

²⁶⁴ FARIAS, André Brayer de. *Poéticas da hospitalidade: ensaios para uma filosofia do acolhimento*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 32-3.

²⁶⁵ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 77.

²⁶⁶ FM4 PASO LIBRE. *Travesías migratorias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad. Dignidad y Justicia en el Camino A.C.* Guadalajara, México: Prometeo, 2017, p. 29-30.

²⁶⁷ SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 33.

²⁶⁸ DERRIDA, Jacques. *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004)*. Organização Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012, p. 70-1.

La proximidad nos es configuración que se produce en el alma. Es una inmediatez más antigua que la abstracción de la naturaleza; tampoco es una fusión, sino que es contacto del Otro. Estar en contacto: no se trata ni de investir al otro para anular su alteridad ni tampoco de suprimirme en el otro. En el próprio contacto el que toca y el tocado se separan como si el tocado al alejarse, siendo ya otro, no tuviese conmigo nada en común.²⁶⁹

Portanto, para concluir essa ideia de tolerância e hospitalidade condicionada, que pressupõe um distanciamento e uma barreira cultural que impedem o contato entre diferentes compreensões de existencialidade, na tolerância e na hospitalidade condicionada não há relação com a alteridade²⁷⁰. A chegada desse desconhecido coloca todo um grupo em perigo ou, talvez, o próprio grupo se sente em perigo, porque sempre há uma desconfiança por parte do autóctone para com aquele que chega.²⁷¹

Sempre há uma atitude de estranheza com esse hostil, como hóspede ou inimigo, porque chega de outro tempo, de outro mundo, de um passado imemorial e se apresenta como condensadamente, sem se anunciar, está tudo aí; se impõe, chega com todo seu passado²⁷², com toda a carga da sua história, com toda sua cultura.

O outro é aquele que o eu não aceita, é o estrangeiro, é o outro absolutamente outro, o *hostil*²⁷³ em nós mesmos, como diria Freud, o outro em mim, o desconhecido em mim, que não aceito, que pode ser o objeto, que é o recalque²⁷⁴. Aquilo de estranho que há em mim, que não foi digerido, nem aceito, muito menos tolerado que eu preciso conviver diariamente com esse passado-presente. Assimilar algumas experiências que aconteceram e que foram vivenciadas e interpretadas a partir de mim, das determinadas circunstâncias e que depois de um tempo são reelaboradas de maneira diferente, *dar-se conta que sou pequeno demais para si mesmo*.²⁷⁵

²⁶⁹ LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 147.

²⁷⁰ PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida*. Florianópolis: Empório do Direito, 2017, p. 74.

²⁷¹ MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. *O desconhecido que bate à minha porta*. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 796.

²⁷² SUSIN, Luiz Carlos. *O Homem Messiânico: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 219.

²⁷³ O hostil, em Roma, era aquele a quem lhe seriam reconhecidos direitos. Claro que depois de conhecê-lo e de passar por várias provações e questionamentos. Segundo: MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. *O desconhecido que bate à minha porta*. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 796.

²⁷⁴ MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. *O desconhecido que bate à minha porta*. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 800.

²⁷⁵ SARTRE, Jean-Paul. *O idiota da Família: Gustave Flaubert de 1821 a 1857*. Trad. Ivone C. Benedetti. Porto Alegre: L&PM, 2014, v. 2, p. 1811.

5.7 O hoste e hostil migrante

Podemos perceber que quando falamos de hospitalidade também temos que pensar em hostilidade, visto que só podemos acolher, e ser hospedeiro de um hostil. A verdadeira hospitalidade exige uma abertura com aquele que vem de fora da minha existência, que é o hostil porque entra em meu mundo sem ser convidado nem anunciado, ele vem além do meu horizonte, sua presença a sinto como hostilidade.

Ele é meu *hôte*, eu sou seu *hôte*. Primeiro aspecto de uma ambiguidade sublinguada por numerosos estudos. Em francês, a mesma palavra *hôte* designa simultaneamente aquele que recebe e aquele que é recebido, o acolhedor e o acolhido. [...]. A palavra “hóspede” vem de *hospitem*, acusativo de *hospes*. Mas *hospes* tem um estranho parentesco etimológico com *hostis*, o estrangeiro, o inimigo. O hóspede seria então um inimigo? Esses traços de ordem etimológica se explicam pelo contexto político e jurídico do mundo antigo grego e romano que forjou o conceito de hóspede. Na origem das duas palavras, *hospes* e *hostis*, encontramos o verbo *hostire*, “tratar de igual para igual”, “compensar”, “retribuir”.²⁷⁶

Evidencia-se, desse modo, que há uma força no encontro, há um trauma²⁷⁷, todo encontro com o totalmente outro, com o migrante, com esse hostil que me exige sair da centralidade de meu mundo, e provoca um encontro que leva a um desencontro. Ele [outro] bate em mim – eu – e me tira do meu solipsismo²⁷⁸, obrigando-me a olhá-lo e reconhecê-lo.²⁷⁹ Como tolerar e acomodar dentro do eu aquele que não se deixa tematizar?²⁸⁰ Ao totalizar, fechar em um sistema, não é o eu que se nega ao sistema, é o outro.²⁸¹

Esse estranho que tenho aversão a cada momento que se resiste a mim, porque me exige ser diferente. Como posso dividir este mundo com ele? Por esse motivo, crio normas, faço um pacto de convivência com ele para poder controlá-lo e sentir mais segurança, mas, quem coloca as normas sou eu. A partir desse momento, o eu usa toda sua racionalidade vulgar,²⁸² ardilosa

²⁷⁶ GRASSI, Marie-Clarice. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 55.

²⁷⁷ LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 148-9.

²⁷⁸ LEVINAS, Emmanuel. *Escritos Inéditos I: Cuadernos del cautiverio. Escritos sobre el cautiverio. Notas filosóficas diversas*. Trad. Miguel García-Baró López; Mercedes Huarte; Javier Ramos. Madrid: Editorial Trotta, 2003, p. 237.

²⁷⁹ LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 149.

²⁸⁰ LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 164.

²⁸¹ Cf. LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 27.

²⁸² SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. Porto Alegre: Zouk, 2020, p. 210.

e instrumental²⁸³, usando até a força física, como já aconteceu em inúmeras guerras, nos campos de concentração²⁸⁴, nas ditaduras²⁸⁵ nos regimes militares²⁸⁶ etc., para que o outro respeite as normas por ele impostas. Ao respeitar as normas impostas pela sociedade vigente, o outro se torna normal. Há uma violência nesse ato de tolerar e impor a tolerância.

O hostil é o migrante, e usaremos esta palavra porque pretendemos dissociá-la do estrangeiro, pois o estrangeiro é também o turista, é o intelectual, o empresário, o religioso, que não passam pelas humilhações que o migrante enfrenta²⁸⁷, há uma

[...] desumanização dos migrantes (classificando todos eles, intencionalmente ou não, na categoria de *Homini sacri* – ou seja, na terminologia de Giorgio Agamben, pessoas desprovidas de significação e valor laicos e religiosos). A desumanização abre caminho à exclusão da categoria de seres humanos legítimos, portadores de direitos, e leva, com nefastas consequências, à passagem do tema da migração da esfera da ética para a das ameaças à segurança, prevenção e punição do crime, criminalidade, defesa da ordem e, de modo geral ao estado de emergência comumente associado à ameaça de agressão e hostilidades militares.²⁸⁸

O estrangeiro chega aos países de avião, com visto de turista, ou de trabalho ou estudo, etc.; com roteiro de passeios, reservas de habitação em hotéis e com segurança²⁸⁹. O estrangeiro vive um certo *glamour* por ser estrangeiro, é aceito, acolhido, paparicado; se diferencia por sua postura, daquele que se encontra em lugar privilegiado²⁹⁰. Agora o migrante invade, entra na clandestinidade, é invisibilizado, é rechaçado sem ser identificado nem conhecido, é ignorado.

²⁸³ SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. Porto Alegre: Zouk, 2020, p. 252-254.

²⁸⁴ Ver obras sobre o tema disponíveis na bibliografia.

²⁸⁵ Para uma exposição mais detalhada, em nível de Brasil, sugiro a leitura do livro: ASSIS, Denise. *Claudio Guerra: Matar e queimar*. Curitiba: Kottler Editorial, 2020. Fora do Brasil o livro da história da prisão do ex-presidente do Uruguai, Pepe Mujica: ROSENCOF, Mauricio (Org.). *Memórias del calabozo*. Montevideo: Gráficas Lizarra, 1993.

²⁸⁶ LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Trad. Daniel Enrique Guillot. Buenos Aires: Sigilo XXI editores, 2005, p. 84-5.

²⁸⁷ Neste momento queremos trazer presente a ideia do desprezo ao migrante por ser pobre: “A *aporofobia*, o desprezo pelo pobre, o rechaço a quem não pode entregar nada em troca, ou, ao menos, parece não poder. E por isso é excluído de um mundo construído sobre o contrato político, econômico ou social desse mundo de dar e receber, no qual só podem entrar os que parecem ter algo de interessante para dar em retorno. [...]. Porém, os pobres parecem quebrar esse jogo de dar e receber, porque nossa mente calculadora percebe que não vão trazer mais do que problemas em troca, e, por isso, prospera a tendência de excluí-los” In: CORTINA, Adela. *Aporofobia*, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia. Trad. Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020, p. 19.

²⁸⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, p. 84.

²⁸⁹ Sugiro a leitura do livro: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). *Hospitalidade: Reflexões e perspectivas*. São Paulo: Editora Manole Ltda., 2002.

²⁹⁰ DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). *Hospitalidade: Reflexões e perspectivas*. São Paulo: Editora Manole Ltda., 2002, p. 9.

Como refere Bauman citando o Papa Francisco, *há uma globalização da indiferença*²⁹¹, porque sua presença é indesejada antes de ser migrante, lembrando que a pessoa está migrante, mas não é migrante; há um passado não migrante, pois se tratava de uma pessoa que estudava enquanto foi possível, que trabalhava, porém era mal remunerada, que vivia nas periferias das grandes cidades. Agora, como migrante, é rechaçado não por ser estrangeiro, mas por ser pobre²⁹². Em muitos casos, tem filhos de relacionamentos casuais, que no momento estão separados, além de outras inúmeras situações complexas que milhares de pessoas vivem, antes de empreenderem uma viagem na condição de migrante.

Mi reacción malogra una presencia que es ya el pasado de sí misma. Pasado no en el presente, sino como fase retenida; pasado de este presente, lapso de envejecimiento ya perdido que escapa a toda retención, que alerta mi contemporaneidad con el otro. Esse otro antes de que yo venga me reclamaba.²⁹³

Diante desse passado, o eu sempre chega atrasado.²⁹⁴ Tendo em conta que o migrante é o outro, e *“El outro no es Hermano, sino estrangeiro, indiferente, ignorado”*²⁹⁵. Ele contamina os ambientes e espaços públicos, sua presença desacomoda a beleza do lugar. O migrante tem roupa desajeitada, a pele queimada pelo sol, está despenteado, tem cheiro, está machucado, ele mostra e denuncia, escancara a miséria do ser humano desta cultura inumana. *“Quando el otro está en el suelo hay que levantarlo para hablar con él”*.²⁹⁶

Lembrando que há muitos avanços na regulamentação e na acolhida aos migrantes e refugiados, mais que ainda não saíram do papel. Os processos burocráticos são lentos e ineficientes, provocando mais discriminação aos migrantes. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seus artigos 13 e 14, dispõe que:

²⁹¹ Sugiro a leitura do livro já citado *Estranhos à nossa porta*, de Zygmunt Bauman, e da *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social* do Papa Francisco, as referências se encontram na bibliografia.

²⁹² Sugiro a leitura de Adela Cortina, que cunhou o conceito de *Aporofobia*, em espanhol, e a palavra foi introduzida pela Real Academia Espanhola. A autora defende que o estrangeiro, enquanto migrante no sentido que tentamos diferenciar aqui no trabalho, é rechaçado não por ser estrangeiro, pois os turistas são bem recebidos e acolhidos, mas porque não tem dinheiro. Essa tese defendida pela autora se encontra na obra: CORTINA, Adela. *Aporofobia*, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia. Trad. Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

²⁹³ LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 151.

²⁹⁴ LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 229.

²⁹⁵ LEVINAS, Emmanuel. *Escritos Inéditos I: Cuadernos del cautiverio. Escritos sobre el cautiverio. Notas filosóficas diversas*. Trad. Miguel García-Baró López; Mercedes Huarte; Javier Ramos. Madrid: Editorial Trotta, 2003, p. 179.

²⁹⁶ LEVINAS, Emmanuel. *Escritos Inéditos I: Cuadernos del cautiverio. Escritos sobre el cautiverio. Notas filosóficas diversas*. Trad. Miguel García-Baró López; Mercedes Huarte; Javier Ramos. Madrid: Editorial Trotta, 2003, p. 168.

Artigo 13

1. Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.
2. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio e a esse regressar.

Artigo 14

1. Todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.
2. Esse direito não pode ser invocado em caso de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos objetivos e princípios das Nações Unidas.²⁹⁷

Porém, tais disposições não bastam se, na prática, o migrante ou refugiado ainda está sendo discriminado e impedido de viver com dignidade.²⁹⁸

5.8 O migrante é hostilizado e tolerado

O migrante nem sempre é aceito e acolhido pelo hospedeiro, já que o hostil é para a hospitalidade como o fantasma que se faz lembrar aos vivos sem admitir o esquecimento.

De *hostis* são derivados os termos medievais franceses *ost ou host*, “exército”, “hoste”. Um vassalo deve a seu suserano o serviço de *ost*, auxílio militar ao senhor em caso de guerra; “*crier l’ost*” (“chamar para o *ost*”) é convocar os vassalos para o serviço. Em francês e português, *hostis* deu “hostil”. O hóspede e o inimigo têm, assim, como origem uma noção comum e importante, a de compensação, de tratamento de igual para igual, ato que visa a aplainar o *status*, *hostil* a priori, do hóspede acolhido. Como é que se passou do *hostis* ao *hospes*? Por que esse amálgama, essa confusão, acerca do termo “hóspede”? Por que a ideia de compensação? Para tentar responder, convém se orientar rumo a uma reflexão acerca do *status* político do indivíduo no mundo antigo.²⁹⁹

Na sociedade atual encontramos muitas maneiras de acolher o migrante que chega, desde que se comporte dentro das condições que os habitantes dos países e culturas lhe impõem, também quando os sistemas neoliberais precisam de mão de obra barata e escrava, aceitam o trabalho dos migrantes.

²⁹⁷ FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). Declaração Universal dos Direitos Humanos. Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 15 mar. 2022.

²⁹⁸ Sugiro a leitura do capítulo III do livro *Direitos Humanos e Migrações forçadas: “Direitos dos refugiados e integração local: impasses na revalidação de diplomas”*, de autoria de Carolina Carvalho Kulbieda. In: DUTRA, Cristiane Feldmann; PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima (Orgs.). *Direitos Humanos e Migrações Forçadas: Migrações, xenofobias e transnacionalidade*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

²⁹⁹ GRASSI, Marie-Claire. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 55.

A Fortaleza América – a Área de Livre Comércio do Atlântico Norte, o mercado interno norte-americano ampliado para incorporar o Canadá e o México (“depois do petróleo”, aponta Naomi Klein, “a mão de obra imigrante é o combustível que impulsiona a economia do sudoeste” dos Estados Unidos) - foi complementada em julho de 2001 pelo “Plan Sur”.³⁰⁰

Nos anos noventa, Los Angeles, nos Estados Unidos, cresceu tanto com os imigrantes, entre os anos 1940 a 1960, que a cidade passou a ser a segunda mais populosa do país. Portanto, tornou-se uma atração para novos migrantes.³⁰¹ Os Estados Unidos, que são o ponto que depois vamos aprofundar quando abordarmos a migração centro-americana para o Norte, é um país construído por migrantes.³⁰² Em vários momentos, os migrantes serviram como força de trabalho das grandes corporações, que precisavam da produção em grande escala, sem muitos impostos e com uma mão de obra migrante e escrava.³⁰³ Nessas situações, os migrantes são bem-vindos, não como pessoas, mas como peças de uma grande máquina econômica, que não visa o bem comum, mas o bem de uma parcela mínima da sociedade.

Em outras situações, aquilo que era lícito se torna ilícito, e há um medo a respeito de acolher os migrantes porque podem tirar o trabalho dos autóctones, são vistos como perigosos porque saqueiam e transportam droga.

O governo mexicano assumiu a responsabilidade pelo policiamento maciço de sua fronteira sul e pela interrupção efetiva da onda de lixo humano empobrecido que flui dos países latino-americanos para os Estados Unidos. Desde então, centenas de milhares de migrantes têm sido detidos, encarcerados e deportados pela polícia mexicana antes de atingirem a fronteira norte-americana.³⁰⁴

Estes argumentos fictícios são necessários para combatê-los e expulsá-los dos países. Normas e regras que os países soberanos, com toda sua estratégia de dominação e imposição de seus interesses, implantam. Por exemplo, os Estados Unidos manipulam constantemente a ONU a seu favor, descumprindo as leis que eles mesmo criaram³⁰⁵, pois há momentos em que

³⁰⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 80.

³⁰¹ GARCIA, Sandoval Carlos. *Migraciones en América Central: políticas, territorios y actores*. Costa Rica: Editorial UCR, 2016, p. 30.

³⁰² Sugiro a leitura do Livro: BERLIN, Ira. *Gerações de cativo: uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Trad. Julio Castañón. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

³⁰³ Na introdução do livro a seguir, Carlos Sandoval Gracia nos contextualiza sobre este ponto. “*En las labores agrícolas en el Estado de California, en las procesadoras de carne en medio oeste de los Estados Unidos o en la agricultura de exportación por los cuales Costa Rica es reconocida en los mercados de consumo global, el trabajo de las personas migrantes es indispensable*”. GARCIA, Sandoval Carlos. *Migraciones en América Central: políticas, territorios y actores*. Costa Rica: Editorial UCR, 2016.

³⁰⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 80.

³⁰⁵ DERRIDA, Jacques. *Vadios*. Trad. Fernanda Berndardo; Hugo Amaral; Gonçalo Zagalo. Coimbra, 2009, p. 190-1.

se protegem com as mesmas leis e, em outros, as desconhecem.

El Estado es pues una especie de robot, de monstruo animal que en la figura del hombre, o de hombre en la figura del monstruo animal, es más fuerte, etc., que el hombre natural. Es como una prótesis gigantesca destinada a amplificar, objetivándolo fuera del hombre natural, el poder del ser vivo, del hombre vivo al que protege, sirve, pero como una máquina muerta, incluso una máquina de muerte, una máquina que no es sino la máscara muerta, incluso una máquina de muerte, una máquina que no es sino la máscara del ser vivo, como una máquina de muerte puede servir al ser vivo.³⁰⁶

Como estado soberano e *Estado Rouge*³⁰⁷ usando a força militar que possui, e comportando-se como um verdadeiro estado *Canalla*³⁰⁸. “*Dicha racionalización está orquestrada por unos Estados hegemónicos, empezando por los Estados Unidos. [...]. Como un Estado canalla. [...]. Hay algo de Estado canalla en todo Estado.*”³⁰⁹

³⁰⁶ DERRIDA, Jacques. *Seminario La Bestia y el soberano*. Trad. Cristina de Peretti e Delmiro Rocha. Volumen I: 2001-2002. 1. ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Manantial, 2018, p. 49.

³⁰⁷ Jacques Derrida usa esta expressão para chamar os países e estados imperialista e nacionalistas: “Estado-canalla es la traducción del inglés rogue, *Rogue State*”. DERRIDA, Jacques. *Canallas: Dos ensayos sobre la Razón*. Trad. Cristina Peretti. Madrid: Editorial Trotta, 2002, p. 38-9.

³⁰⁸ Prefiro usar o termo canalla em espanhol, que significa trapaseiro, embaucador. DERRIDA, Jacques. *Canallas: Dos ensayos sobre la Razón*. Trad. Cristina Peretti. Madrid: Editorial Trotta, 2002, p. 37.

³⁰⁹ DERRIDA, Jacques. *Canallas: Dos ensayos sobre la Razón*. Trad. Cristina Peretti. Madrid: Editorial Trotta, 2002, p. 186.

6 A SOCIEDADE TOLERANTE E SEU MAL-ESTAR

Segundo Freud, não há nenhum sistema social ou político que possa eliminar esse “mal-estar” que está intrínseco na vida social, o qual se apresenta como um conflito na sociedade, e também na própria pessoa, a qual muitas vezes o vive como trauma. Esse mal-estar, faz parte da convivência entre as pessoas e é algo estrutural, inerente ao ser humano. Há diferentes “mal-estares”. Há culturas que têm maiores ou menores “mal-estares”, que levam a situações de violência ou de indignidade humana. Como no caso do Holocausto, do Nazismo, das guerras, da intolerância religiosa, da xenofobia.

De acordo com Freud, o ser humano se torna neurótico³¹⁰ porque lhe é exigido que corresponda a um padrão de comportamento que uma determinada cultura lhe impõe,³¹¹ porém, muitas vezes, não consegue atingir ou responder de acordo com essa exigência de comportamento. Caso consiga se adequar e atingir o socialmente aceito, tem sucesso, prazer e felicidade; do contrário, acaba tendo uma experiência de frustração. Nessa direção, podemos questionar: o que é ter sucesso, ser feliz e ter prazer?

6.1 A perda de sentido

Neste capítulo, o foco central situa-se na abordagem acerca da perda do sentido do humano no mundo atual, da valorização das coisas supérfluas e de acúmulo de frustrações para possuir as ilusões que o mercado promete como um bem. O ser humano que busca tornar-se mais solidário, fraterno e, assim, humanizar-se, troca essa busca e se inumaniza quando não coloca a dignidade da pessoa humana no centro do seu projeto, como humanidade. A busca por ser melhor consiste em entrar em um processo pessoal e comunitário de viver dignamente, mas quando não se prioriza esse princípio e se desloca para outro, em que a pessoa se torna de segunda categoria, ou não é a centralidade do projeto de vida de uma comunidade, perde-se a humanidade. A pessoa não pode ser um meio para uma determinada finalidade, posto que sempre é o fim em si. Quando se cria uma sociedade supérflua, a vida se torna supérflua e, por conseguinte, as pessoas tornam-se supérfluas.

³¹⁰ FREUD, Sigmund. *O mal estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. 2. ed. Porto Alegre, L&PM, 2017, p. 84.

³¹¹ FREUD, Sigmund. *O mal estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017, p. 75.

Podemos trazer presente, neste momento, a obra de Sartre sobre a experiência de Gustave Flaubert³¹², que sentia a pressão da sua família, o olhar ameaçador de seu pai, porque não preenchia as expectativas de se tornar um bom médico, assim como seu pai sonhava³¹³. A resistência de falar prematuramente como seu irmão e sua irmã³¹⁴, pelo simples fato que as palavras não expressavam o que ele sentia e pensava³¹⁵. A dor em vários momentos de sentir-se que não cabia, não entrava, não se exauria nele mesmo, que era pequeno demais para ele³¹⁶. Ele era muito mais daquilo que se apresentava.³¹⁷ Essa experiência de uma vida sem sentido, de uma vida que deve ser vivida para os outros.

O sentimento de sentir a náusea de Roquentin³¹⁸ – Sartre – quando se encontrava consigo e refletia sobre o mundo no qual estava e sentia, que não tinha sentido viver nesse mundo vazio, nessa existência que lhe penetrava por todas partes³¹⁹. Cada vez que sentia que havia um excesso de existência³²⁰, ou que aquilo que estava exposto a viver, não tinha nenhum sentido para ele, estar impelido a viver e ter que viver de má vontade.³²¹ Idealizar momentos perfeitos, supervalorizar outros³²², mas quando a realidade se impõe e esses momentos não acontecem, há uma perda de sentido, há náusea.³²³

Também é a paralisia de Gregor Samsa,³²⁴ que não consegue levantar-se da cama, por maior esforço que faça, pois está imobilizado, visto que incorpora em sua condição um excesso

³¹² Gustave Flaubert foi um escritor francês que marcou a literatura da época. Sartre escreve o livro: *O idiota da família*, baseando-se na vida deste autor.

³¹³ SARTRE, Jean-Paul. *El idiota de la Familia*. Trad. Patricio Canto. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporáneo S. A, 1975, p. 291.

³¹⁴ SARTRE, Jean-Paul. *O idiota da Família: Gustave Flaubert de 1821 a 1857*. Trad. Ivone C. Benedetti. Porto Alegre: L&PM, 2014, v. 2, p. 1125.

³¹⁵ SARTRE, Jean-Paul. *El idiota de la Familia*. Trad. Patricio Canto. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporaneo S. A, 1975, p. 39.

³¹⁶ SARTRE, Jean-Paul. *O idiota da Família: Gustave Flaubert de 1821 a 1857*. Trad. Ivone C. Benedetti. Porto Alegre: L&PM, 2014, v. 2, p. 1302.

³¹⁷ SARTRE, Jean-Paul. *O idiota da Família: Gustave Flaubert de 1821 a 1857*. Trad. Ivone C. Benedetti. Porto Alegre: L&PM, 2014, v. 2, p. 1136.

³¹⁸ Personagem central do livro: *A Náusea*, de Sartre.

³¹⁹ SARTRE, Jean-Paul. *La náusea*. 4. ed. Trad. Aurora Bernárdez. Buenos Aires: Editora Losada S. A, 1947, p. 160-1.

³²⁰ SARTRE, Jean-Paul. *La náusea*. 4. ed. Trad. Aurora Bernárdez. Buenos Aires: Editora Losada S. A, 1947, p. 171.

³²¹ SARTRE, Jean-Paul. *La náusea*. 4. ed. Trad. Aurora Bernárdez. Buenos Aires: Editora Losada S. A, 1947, p. 170.

³²² SARTRE, Jean-Paul. *La náusea*. 4. ed. Trad. Aurora Bernárdez. Buenos Aires: Editora Losada S. A, 1947, p. 82-3.

³²³ SARTRE, Jean-Paul. *La náusea*. 4. ed. Trad. Aurora Bernárdez. Buenos Aires: Editora Losada S. A, 1947, p. 171.

³²⁴ Sugiro a leitura de dois livros: KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Trad. Celso Donizete Cruz. São Paulo: Hedra, 2009, p. 29-30. SOUZA, Ricardo Timm de. *Metamorfose e Extinção – sobre Kafka e a patologia do tempo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

de existência, não há leveza, não pode andar, não há movimento e, portanto, não há possibilidade de mudança. Cada possível movimento é um esforço que vira um acidente, uma tragédia. Então, uma situação trágica, aquela vida de excesso de trabalho, sem perspectivas, sem dignidade, passa a ser considerada normal.³²⁵

Trazemos, neste momento, algumas cenas de Alençon³²⁶ que Levinas relata nos *cadernos do cativo*, para expressar a ruptura, esse trauma de uma sociedade fracassada, sem sentido, que colapsou na sua existência, há um excesso de ser³²⁷. Deixou de se viver, não há mais morte porque não há mais vida.³²⁸

Los ropajes que caen en mi escena de Alençon conciernen también a las cosas. Las cosas se descomponen, pierden su sentido: los bosques se vuelven árboles; todo lo que significaba bosque en la literatura francesa desaparece. Descomposición <6> ulterior de los elementos, de los pedazos de madera que quedan tras la partida del circo o sobre el escenario; el trono es un trozo de madera; las joyas, pedazos de vidrio, etc. Pero no quiero hablar simplemente del final de las ilusiones, sino más bien del final del sentido. {El sentido mismo como una ilusión.} Forma concreta de esta situación: las casas vacías y la estancia en estas casas. Queso y champán a las cinco de la mañana. Profundizar en esta idea de la “pérdida de sentido” por las cosas. Y la soledad que se debería de ello.³²⁹

Ocorre uma reprodução de fatos, da rotina mecanizada de viver sem pensar o que se está fazendo, de estar vivo, mas não saber que se vive. Esta é a sociedade da idolatria do mercado, que anteriormente falamos. As pessoas vivem para consumir, há um desespero por consumir, por obter coisas materiais, comprar objetos porque são baratos, mas sem saber se serão usados

³²⁵ KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Trad. Celso Donizete Cruz. São Paulo: Hedra, 2009, p. 29-30.

³²⁶ “Antiga cidade dos duques da Normandia e capital da Orne, a cidade de Alençon, conhecida desde o século XVII pelo seu ponto de renda, tem um rico patrimônio, tanto arquitetônico como cultural. Uma fonte de inspiração para o famoso romancista Balzac, o antigo Alençon, repleto de casas e mansões de xaimel com varandas de ferro forjado, é particularmente convidativo para a descoberta. Entre os locais imperdíveis estão a Igreja de Notre-Dame e sua soberba varanda do início do século XVI em estilo gótico; a casa de Ozé, antiga residência do duque de Alençon, e seu jardim de inverno; o castelo dos duques e suas torres usinadas; o berço de Santa Teresa de Lisieux e sua capela... Outro destaque da cidade, o Museu de Belas Artes e Rendas, abrigado no antigo Colégio dos Jesuítas, que abriga suntuosas coleções de rendas e pinturas.” FRANCE-VOYAGE.COM. *Alençon*. Disponível em: <https://www.france-voyage.com/franca-turismo/alencon-1616.htm>. Acesso em: 15 mar. 2022.

Levinas usa a cena de Alençon para fazer uma crítica acerca da perda de sentido. Há várias cenas de Alençon nos *Cuadernos del cautiverio*, volumen I e II, que se encontram na bibliografia. Usarei esta ideia de Levinas para fazer o jogo de linguagem. Por traz da cena bonita de Alençon, se esconde uma realidade nua e crua.

³²⁷ Para melhor compreender essa parte sugiro a leitura da recente obra, lançada neste ano 2022, que aborda esta temática: SEBBAH, François David. *A Ética do Sobrevivente*: Levinas, uma filosofia da derrocada. Trad. Leonardo Meirelles. Passo Fundo: Conhecer, 2021.

³²⁸ SOUZA, Ricardo Timm de. *Metamorfose e Extinção* – sobre Kafka e a patologia do tempo. Caxias do Sul: EDUCS, 2000, p. 26.

³²⁹ LEVINAS, Emmanuel. *Escritos Inéditos I: Cuadernos del cautiverio*. Escritos sobre el cautiverio. Notas filosóficas diversas. Trad. Miguel García-Baró López; Mercedes Huarte; Javier Ramos. Madrid: Editorial Trotta, 2003, p. 75.

em algum momento. Há um vazio tão imenso que a procura por satisfazer o vazio é apropriável e interminável.

La escena de Alençon donde caen las oriflamas; el tema de Resurrección: como los hombres que aparecen ahora sin ropajes oficiales han podido juzgar, condenar, etc. Lo que quiero describir no es la situación de la inversión de los valores –del cambio de autoridade -, sino la desnudez humana de la ausencia de autoridade.³³⁰

As coisas, os objetos, também perderam o sentido que tinham quando estavam à mostra para serem comprados; no momento que saíam da prateleira, já não serão usados necessariamente para a finalidade a qual foram fabricados. O mesmo que escutamos, que as senhoras de classe média que compram uma bicicleta ergométrica para usarem de cabide. As pessoas estão desorientadas, aquelas que correm nas ruas antes de cada feriado, antes do dia em que tem que mostrar a um ente querido que o amor que sentem, é por ele materializado em uma compra, no dia em que o mercado decidiu que em determinado dia é para todos expressarem o amor e o carinho para com uma pessoa querida, com determinados objetos.

El papel de cartas que sirve para hacer una tortilla. <16> El estanco, con la organización de los paquetes y la sensación especial de frescor que le es propia, transportado a las calles ... El saqueo del escaparate; la gente que se lleva lo que no tiene ningún sentido: un paquete de papel de cartas; uno que sale corriendo con dificultad; se encuentra ridículo en el barullo. En médio de todo esto, el notário Roger que va a lo esencial: el cepillo que podrá servir, la sartén que será útil, etcétera.³³¹

E, para adquirir aquilo que a maioria dos jovens da atualidade desejam, um carro, trabalham dias inteiros, passam anos, deixam de sair, divertir-se, nada tem sentido, somente terá sentido no dia em que a compra do carro lhe dê valor. A pessoa vale, o valor do carro. Depois terá que trabalhar para manter o orçamento do carro novo. O carro deixou de cumprir sua função, que é a de servir ao jovem; agora é o jovem que vive em função do carro. Os termos se inverteram. Há um sem sentido.

Respecto al tema de la degradación de las cosas en Alençon: Fulano que tiene por fin un automóvil. Toda su vida había soñado con un automóvil; había que subir tantos peldaños, y resulta que es muy simple.³³²

³³⁰ LEVINAS, Emmanuel. *Escritos Inéditos I: Cuadernos del cautiverio. Escritos sobre el cautiverio. Notas filosóficas diversas.* Trad. Miguel García-Baró López; Mercedes Huarte; Javier Ramos. Madrid: Editorial Trotta, 2003, p. 85.

³³¹ LEVINAS, Emmanuel. *Escritos Inéditos I: Cuadernos del cautiverio. Escritos sobre el cautiverio. Notas filosóficas diversas.* Trad. Miguel García-Baró López; Mercedes Huarte; Javier Ramos. Madrid: Editorial Trotta, 2003, p. 77.

³³² LEVINAS, Emmanuel. *Escritos Inéditos I: Cuadernos del cautiverio. Escritos sobre el cautiverio. Notas filosóficas diversas.* Trad. Miguel García-Baró López; Mercedes Huarte; Javier Ramos. Madrid: Editorial Trotta, 2003, p. 78.

6.2 A idolatria de mercado leva ao ser

O mundo avançou em muitos aspectos, temos melhorado no avanço tecnológico, na ciência, na astronomia, na pesquisa em geral. Porém, continuamos arrastando a questão da desigualdade social desde milênios. A pessoa está perdendo seu valor de ser humano, a finalidade é usar um determinado grupo humano como meio para enriquecer. Trata-se do que Levinas chama de um anti-humanismo.

Se anuncia el fracaso incluido en el acto humano y se eleva el anti-humanismo que reducirá el hombre a un medio, necesario al ser para que él reflexionarse y mostrarse en su verdad, es decir, en el encadenamiento sistemático de los conceptos. A partir de aquí, está permitido preguntarse: el humanismo no podría tomar algún sentido si se piensa hasta sus últimas consecuencias el desmentido que el ser inflinge a la libertad? No se puede encontrar un sentido (sentido “al revés” de hecho, pero el único auténtico aquí) a la libertad, a partir de la pasividad misma de lo humano, donde parece aparecer su inconsistencia? No se puede encontrar este sentido sin ser rechazado de esta manera hacia el “ser del ente”, hacia el sistema, hacia la materia?³³³

Podemos confirmar, em vários textos mais antigos, que a pobreza gerada pelo egoísmo do homem já estava presente desde aquele tempo³³⁴. Claro, temos que ter em conta todas as questões culturais do momento e de compreensão, além de entendimento da consciência humana do tempo histórico que se vivia, pois não podemos querer julgar a história a partir do momento atual. Porém, na atualidade, com todo o conhecimento avançado em todas as áreas, ainda não se elimina na raiz a desigualdade social. Hoje, sabemos como humanidade que a pobreza pode ser erradicada, que há maneiras de equilibrar esse desastre ambiental que é a pobreza. Emmanuel Kant afirmou que *O direito dos homens deve considerar-se sagrado, por maiores que sejam os sacrifícios que ele custa ao poder dominante*.³³⁵ Pepe Mujica, ex-presidente do Uruguai, afirmou, durante uma entrevista, que o mundo sairá realmente da pré-história quando todas as prisões se converterem em escolas. E, ainda, afirmou:

É a etapa da civilização em que vivemos. O desenvolvimento tecnológico e científico da sociedade atual cria poderes incomensuráveis para o conceito da guerra. Os conflitos contemporâneos têm uma capacidade enorme de destruição e devem ser confrontados com seu custo humano. Podemos matar a distância, sem ver e sem saber

³³³ LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Trad. Daniel Enrique Guillot. Buenos Aires: Sigilo XXI editores, 2005, p. 94.

³³⁴ Na Bíblia Sagrada podemos confirmar em vários livros, começando pelo livro do Gênesis, Êxodo, assim como livros de Tobias, Judite, Rute, Josué, todos eles estão presentes, como outros em: BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

³³⁵ KANT, Immanuel. *A Paz Perpétua: um projeto filosófico*. Trad. Artur Morão. Corvilha. Lusofia: 2008, p. 47.

quem estamos matando. E isso vai ser cada dia mais comum. Temos que perceber que a defesa da vida deve ter outra escala.³³⁶

Por outro lado, se sabe e não se quer tomar medidas sérias. Há pequenos gestos de solidariedade, organizações, ONGs, igrejas, que tentam mitigar o sofrimento de milhões de pessoas no mundo. Governos que dizem tomar medidas de distribuição de renda para diminuir a pobreza, mas cada vez mais a pobreza cresce, tomam mais medidas e a pobreza aumenta significativamente a cada ano.

O mais cabal desmentido dessa promessa distributiva, pela evidência de bolsões de pauperização, de brutal desigualdade das rendas, de abismo crescente entre ricos e pobres, de fosso espantoso entre países, de monopólios, etc., não foi capaz, até hoje, de descaracterizar e invalidar essa promessa, que, por isso mesmo, continua sendo propaganda propagada como mensagem messiânica acerca do caminho necessário para fazer o bem a nossos semelhantes.³³⁷

Que há por trás de tudo isso, qual é a deidade que nos está impondo este jugo terrenal. Por isso, “Num mundo no qual toda certeza é uma farsa, a única saída é confiar no mercado”.³³⁸

Neste mundo que corre sem um rumo comum, respira-se uma atmosfera em que “a distância entre a obsessão pelo próprio bem-estar e a felicidade da humanidade partilhada parecem aumentar: até fazer pensar que, entre o indivíduo e a comunidade humana, já esteja em curso um cisma. (...) Porque uma coisa é sentir-se obrigado a viver junto, outra é apreciar a riqueza e a beleza das sementes de vida em comum que devem ser procuradas e cultivadas em conjunto”. A tecnologia avança continuamente, mas “como seria bom se, ao aumento das inovações científicas e tecnológicas, correspondessem também uma equidade e uma inclusão social cada vez maiores! Como seria bom se, enquanto descobrimos novos planetas longínquos, também descobrissemos as necessidades do irmão e da irmã que orbitam ao nosso redor”.³³⁹

6.3 Alguém tem que ser sacrificado

No contexto atual, estamos vivendo numa sociedade marcada profundamente pelo capitalismo e pelo neoliberalismo selvagem, que está gerando um mundo devastado por guerras e por um processo de inimizade entre os homens, ódio, competição, invejas, ciúmes e luta pela

³³⁶ PERCY, Allan; DÍAZ, Leonardo. *Pepe Mujica: simplesmente humano*. Trad. Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Sextante, 2015, p. 107.

³³⁷ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 157.

³³⁸ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 238.

³³⁹ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 25-6.

sobrevivência. Um dos aspectos que tem gerado essa lógica de idolatrização do mercado e do dinheiro são os processos migratórios forçados.

Visualizamos a idolatria como um fenômeno que impregna as relações mercantis enquanto tais, na medida em que elas transcorrem numa atmosfera praticamente imune a considerações de caráter não-mercantil a respeito do convívio social dos homens. Repetimos, a idolatria do mercado é, em primeira e principal instância, a convivência, prática e acrítica, com os critérios de mercado como forma determinante e tendencialmente exclusiva de avaliar a condução da economia.³⁴⁰

De acordo com a lógica do mercado, com seus deuses idolátricos, quanto maior forem as políticas antissociais e injustas, maior será o lucro. O que mais importa é o lucro, não a pessoa. Gerando assim guerras, competição para obter emprego, por manter com segurança o privilégio de estar com trabalho, coisa que não deveria ser um privilégio, haja vista que o trabalho é um direito, em que a pessoa se dignifica. O outro como indivíduo se torna um perigo que deve ser exterminado. Quanto mais desemprego melhor para os deuses que exigem sacrifícios humanos. O desemprego é a sacralização da lógica do mercado³⁴¹.

Em lugar de cantar o advento do ideal da democracia liberal ou do mercado capitalista na euforia do fim da história, em lugar de celebrar o “fim das ideologias” e o fim dos grandes discursos emancipatórios, não descuidemos nunca desta evidência macroscópica, feita de inúmeros sofrimentos singulares: nenhum progresso permite ignorar que nunca, em número absoluto, nunca tantos homens, mulheres e crianças foram subjugados, passaram fome e foram exterminados sobre a terra.³⁴²

O capitalismo gera este tipo de situações, deuses pessoais, egoístas, caprichosos, pessoas egoístas e imaturas, “o capitalismo se apoia numa espiritualidade necrófila e anti-vida, que só reconhece um ser humano abstrato”³⁴³. Os detentores do capital acreditam que para superar as crises mundiais se deve rezar muito e com fé, para que tudo fique bem; pensam, ainda, que a existência dos pobres é necessária porque Jesus também foi pobre, e ficam romantizando a pobreza.

Ao pobre faltam muitas coisas; ao avaro faltam todas” dizia Públio Síro. Escritor da Roma antiga, foi vendido na Itália como escravo. Seu dono, no entanto, decidiu

³⁴⁰ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 262.

³⁴¹ HINKELAMMERT, Franz. *As armas ideológicas da morte*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 172.

³⁴² DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Trad. Anamaria Skimer. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 117.

³⁴³ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 55.

libertá-lo e o educou. Embora tenha ficado famoso e o próprio Júlio Cesar o tenha premiado por seu conhecimento, Síro nunca esqueceu sua origem pobre.³⁴⁴

Pepe Mujica sempre destaca que a pobreza deve ser extirpada da sociedade e não faz apologia à pobreza, mas a uma vida sóbria. “O pobre se arruína no momento em que deixa de ser sóbrio.”³⁴⁵

Existe o chamado amor “ilícito”, que expressa os atos que brotam diretamente da virtude da caridade, dirigidos a pessoas e povos. Mas há também um amor “imperado”, que traduz os atos de caridade que nos impelem a criar instituições mais sadias, regulamentos mais justos, estruturas mais solidárias. Por isso, é um ato de caridade, igualmente indispensável, o empenho com o objetivo de organizar e estruturar a sociedade de modo que o próximo não venha a se encontrar na miséria”. É caridade acompanhar uma pessoa que sofre, mas é caridade também tudo o que se realiza – mesmo sem ter contato direto com essa pessoa – para modificar as condições sociais que provocam o seu sofrimento. Alguém ajuda um idoso a atravessar um rio e isso é caridade primorosa; mas se o político lhe constrói uma ponte, isso também é caridade. É caridade se alguém ajuda outra pessoa fornecendo-lhe comida, mas se o político lhe cria um emprego, exerce uma forma sublime de caridade, que enobrece a sua ação política.³⁴⁶

É a partir desta mentalidade de morte que o capitalismo com seus deuses idolátricos se apoia³⁴⁷. Na Bíblia Sagrada encontramos o salmo 23, no qual o salmista confia em Deus e canta que “o Senhor é o bom pastor” e nas suas mãos pode confiar porque nada lhe faltará. No capitalismo, quanto mais agressivo, melhor; com certeza, nesse contexto se reza: “O mercado é meu pastor, nada me pode faltar”. Em primeira e última instância, na visão burguesa da economia, toda a produção é obra do Capital, substância divinizada e subtraída a qualquer olhar que se concentre apenas em variáveis econômicas.³⁴⁸

6.4 Fetichismo e mercado

No mercado, em sua constituição, reside o fetichismo, as coisas, a mercadoria, que tomam vida e fazem com que as pessoas criem laços afetivos com os objetos. Cria-se uma

³⁴⁴ PERCY, Allan; DÍAZ, Leonardo. *Pepe Mujica: simplesmente humano*. Trad. Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Sextante, 2015, p. 139-40.

³⁴⁵ PERCY, Allan; DÍAZ, Leonardo. *Pepe Mujica: simplesmente humano*. Trad. Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Sextante, 2015, p. 140.

³⁴⁶ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 98.

³⁴⁷ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 55.

³⁴⁸ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 123.

dependência que deve ser satisfeita, e o mercado tem como satisfazer essa necessidade, “dê-me o que eu quero, e você terá o que quer”³⁴⁹, ou seja, dinheiro.

Não dá para viver sem as mercadorias, por mais supérfluas que sejam, geralmente descartáveis. Os vínculos são imaturos e passageiros, com uma e outra mercadoria, a pessoa cria laços com a mercadoria³⁵⁰. As coisas têm vida, a elas foi dado o poder, e elas nos dão um sentido para viver a vida. Pelo contrário, as pessoas, o outro que não se adapta as nossas exigências, se convertem em coisas descartáveis sem nenhum valor.

As mercadorias, o dinheiro e o Capital se personalizam como agentes ativos, e as pessoas se transformam em coisas (reificação) movidas por esses fetiches. [...]. Os pobres passam a soberbos e invejosos, enquanto os ricos se transformam em humildes servidores. [...]. Os vícios privados se tornando virtudes públicas, enfim, a metamorfose radical da mensagem cristã.³⁵¹

As pessoas são desconsideradas e os objetos passam a ser mais significativos. Os laços afetivos e de dependência são visíveis. As coisas tomam vida e têm o poder de sedução. Marx já identificava claramente essa questão e não precisava saber em que momento essa vida era transladada ao objeto. Marx subentende que elas não podem falar. A pessoa lhe dá vida e sentido de fala, mas para lhes fazer dizer, paradoxalmente, que, enquanto valor de troca, falam, e que só falam ou mantêm um comércio entre si enquanto falam. Podemos confirmar isso nas propagandas de bolachas que dançam, falam, guloseimas que brincam e, quando estão nas gôndolas dos supermercados, provocam um vínculo afetivo e de compra.

A madeira continua madeira quando com ela se faz uma mesa: trata-se, então, de uma coisa prosaica que se oferece aos sentidos. [...]. Trata-se de uma outra coisa quando se torna mercadoria, quando a cortina de um mercado se abre e a mesa-mercadoria, diz Marx, entra em cena (*auftritt*), começa a andar e a se fazer valer como um valor mercadoria. Encenação: a coisa sensível ordinária se transfigura (*verwanelt sich*), torna-se alguém, toma figura. Essa densidade lígnea e obstinada metamorfoseia-se em coisa sobre-natural.³⁵²

A mercadoria parece dar-se espontaneamente seu movimento, mas dá também movimento aos outros, sim, põe tudo em movimento à sua volta, como “para incentivar” (*encourager*) os outros”, esclarece Marx, em francês, em uma nota sobre

³⁴⁹ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 154.

³⁵⁰ HINKELAMMERT, Franz. *As armas ideológicas da morte*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 10.

³⁵¹ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 174.

³⁵² DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Trad. Anamaria Skimer. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 201-2.

a dança do fantasma: “Quando o mundo parecia estar tranquilo, recorde-se, a China es as mesas começaram a bailar, *pour encourager les autres*.”³⁵³

6.5 O Deus que quer sacrifícios humanos

Nesta lógica do mercado não há relação com a alteridade, tudo vira mercadoria, tudo é avaliado economicamente. Não há espaço para a solidariedade, a fraternidade nem com a justiça social. Porque um dos discursos do empresário e da elite, é que não se deve dar o peixe, tem que ensinar a pescar, “Mas quando destruimos seus barcos, roubamos suas varas de pescar e lhes tiramos os anzóis, é preciso começar dando a eles o peixe”.³⁵⁴

Ainda, o Papa Francisco, com certeza outro profeta de nosso tempo, questiona permanentemente esse sistema econômico excludente e genocida e pontua: “se alguém não tem o necessário para viver com dignidade, é porque outrem está se apropriando do que lhe é devido. [...] não fazer os pobres participar dos próprios bens é roubar e tirar-lhes a vida; não são nossos, mas deles, os bens que aferrolhamos”.³⁵⁵

Esta teologia do império contém uma ética baseada no indivíduo como homem solitário, que se defronta com um mundo exterior composto pela natureza objetiva e pelo conjunto de todos os outros indivíduos. O individualismo ético não reconhece senão os valores do mercado para esta relação com o mundo exterior: propriedade privada e cumprimento de contratos. Fora desta justiça pode existir também o valor da caridade. Mas ela não é norma ética nem obrigação.³⁵⁶

Há uma força negativa que atua no interior da sociedade e vai instalando-se como um desejo dentro da pessoa, que se torna possuidora de coisas materiais, posto que, como alteridade, não importa para esse Deus, o que importa é que ela consuma, seja peça dessa máquina que, como Marcuse precisou, é sinônimo de uma ética de morte, porque não gera vida digna para todos.

Trata-se de uma ética sem piedade que exige uma inversão de todos os valores da vida concreta. Ao privatizar a ética do comportamento diário, destrói qualquer relação direta com os outros homens, reduzindo-a a uma relação mediatizada pelo mercado. Exige uma dureza de coração nunca vista, que transforma qualquer relação humana

³⁵³ DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Trad. Anamaria Skimer. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 204.

³⁵⁴ PERCY, Allan; DÍAZ, Leonardo. *Pepe Mujica: simplesmente humano*. Trad. Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Sextante, 2015, p. 147.

³⁵⁵ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 65.

³⁵⁶ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 108.

numa relação abstrata entre objetos. Transforma o “não dar” no princípio máximo da ética, a destruição do outro em imperativo categórico.³⁵⁷

Segundo essa lógica mercantil e idolátrica, a pessoa existe se consome e produz. Essa dinâmica não é passiva, mas extremamente ativa, expressão da ação febril e impiedosa nos mercados, passiva diante dos resultados desastrosos que dá origem em relação aos outros. É uma lógica agressiva contra qualquer compaixão ou misericórdia; um constructo de um indivíduo solitário³⁵⁸. Ele vive para si, se dá seu próprio sentido, vive assim como Levinas assevera: egoistamente e buscando seu próprio prazer.³⁵⁹ Mas esse indivíduo tem um deus, o qual ele e mimetiza e adora. Esse deus é ego-centrista, assim como seu servo.

É, ao contrário, um deus determinável: uma espécie de coringa, essa carta utilíssima em muitas cartadas. O terceiro nível é, pois, o da descoberta das utilidades específicas dos deuses. Eles são úteis para determinadas funções. [...]. É neste nível que aparece o discurso teológico sobre a idolatria, isto é, sobre os ídolos que matam, porque exigem sacrifícios.³⁶⁰

Esse deus não se importa com a pessoa concreta, é um deus da razão ardilosa que quer seu prazer, em se justificar. A razão desse deus vê o outro idealmente, a vida e o sofrimento do outro é racionalidade, o sofrimento idealizado ao máximo, tem sentido sempre que seja para agradar à deidade, todo esforço, porque o sacrifício é fácil de suportar idealmente. Se for intenso é o preço para agradar ao ídolo e ter a satisfação pessoal; todo sacrifício é válido para obter o objeto desejado.

A irracionalidade do mercado é, também, a irracionalidade da sua teologia. [...]. No cerne da implantação do sistema de mercado encontramos as “mercadorias-ficção”: o dinheiro, e todos os bens produzidos pelo homem, reduzidos a mercadorias, a natureza e todos os recursos naturais, reduzidos a mercadorias, e o próprio ser humano jogado em meio aos mecanismos cegos do mercado, como simples mercadoria.³⁶¹

A pessoa se entrega e se submete a sacrifícios diários, que se tornam suportáveis, porque sente que é o preço bom de pagar para obter a satisfação momentânea de possuir um objeto material; há uma satisfação também idealizada, momentânea. Esse deus escondido vai exigir

³⁵⁷ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 109.

³⁵⁸ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 110.

³⁵⁹ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro, Lisboa: Edições 70, 2014, p. 24.

³⁶⁰ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 13.

³⁶¹ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 232.

novos sacrifícios físicos e reais.

Agora, a coisa mais fantástica na “religião econômica” é que ela opera com todas essas profundas experiências devocionais sem precisar apresentar-se como religião. Aliás, ela funciona muito melhor quando a gente nem se dá conta de que está realizando atos devocionais e tendo experiências de caráter religioso. O deus dessa “religião econômica” detesta aparecer, é de uma infinita modéstia, apesar de estar ativo, tão poderosa e providencialmente, em tudo o que se refere à economia.³⁶²

Os sacrifícios nesse estilo de vida são bem concretos. O homem que é idealizado é totalmente abstrato. O deus que exige os sacrifícios nunca mostra a sua face; “o deus dessa ‘religião econômica’ detesta aparecer, é de uma infinita modéstia, apesar de estar ativo, tão poderoso e providencialmente, em tudo o que se refere à economia.”³⁶³ Não é o deus cristão que diz e exige de seus filhos a compaixão, como o deus que está no pobre, órfão, viúva e no estrangeiro, ele está em Jesus, pobre, crucificado por estar em favor da causa do pobre, do órfão de da viúva, categorias para designar o outro totalmente outro³⁶⁴. Tampouco é o Buda, do Sidarta Gautama³⁶⁵, cheio de equilíbrio e compaixão para com o outro. Claro que devemos ter consciência de que nas primeiras gerações do cristianismo, herdeiras do judaísmo, havia um culto idolátrico³⁶⁶. O deus do mercado sempre está presente, dia e noite, mas exige os sacrifícios em seu favor. Quanto mais esforço, sacrifícios, trabalho e produção, mais estará satisfeito.

É o *God who acts*, terminologia teológica que surge, com um sentido preciso, na teologia burguesa: uma divindade adequada ao “culto do homem abstrato”. Este deus oculto incorpora, na sua penumbrosa atividade, na esfera da sua “noite”, o trabalho concreto de todos, transformado em trabalho abstrato. Nesse trabalho do Capital-fetice. [...] É realmente o contrário dos deuses ociosos, porque é o deus dinâmico da *a-scholé*, negador do ócio, *nec-otium* (negócio).³⁶⁷

³⁶² ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 177.

³⁶³ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 177.

³⁶⁴ Luiz Carlos Susin, na sua tese doutoral, define o outro, totalmente outro, como a “Quatridade bíblica”. Sugiro a leitura desta obra prima: SUSIN, Luiz Carlos. *O Homem Messiânico*: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984.

³⁶⁵ Príncipe do Nepal que abandona seu reino em busca do equilíbrio e da iluminação. Meio milênio antes de Cristo, o príncipe hindu Sidarta Gautama deixou seu luxuoso palácio e sua família para seguir os passos da mendicância, do jejum, da meditação. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-principe-hindu-sidarta-gautama-o-iluminado/>.

³⁶⁶ SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idolátrica*: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre: Zouk, 2020, p. 19.

³⁶⁷ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 53.

Pelo fato dessa deidade não mostrar o rosto, diferente do Deus cristão³⁶⁸ e dos deuses da compaixão³⁶⁹, a sua existência e presença são reais e inquestionáveis. O desejo de consumo que é inculcado nas pessoas é incontrolável e leva a pessoa massificada a comportar-se de acordo com as normas que esse deus onipotente vai articulando em seu favor.

Os deuses econômicos são deuses óbvios. Tão óbvio no seu caráter de deuses reais e verdadeiros, que geralmente nem nos ocorre chamá-los de falsos. São deuses verdadeiros demais para serem facilmente questionados. Sua identidade se ocultou no funcionamento da economia. São deuses tão óbvios e verdadeiros que sua presença não é notada. Ninguém os vê caminhando pela rua, mas eles estão na rua, nas casas e sobretudo no comércio e em todas as instituições econômicas.³⁷⁰

Há um momento que essa presença, essa força que atua em todas as esferas da sociedade, torna-se parte da vida cotidiana da grande massa. Podemos perceber isso na grande massa silenciosa que se movimenta, que corre na rua; diariamente vemos pessoas comprando, se endividando. Elas sempre estão correndo; há uma força que lhes exige sacrifícios que devem ser satisfeitos com urgência. Pepe Mujica novamente dá um conselho para seu povo: “[...] quando você vai comprar algo, não está comprando com dinheiro. Está comprando com o tempo de sua vida que precisou gastar para ganhar esse dinheiro. Você compra um negócio qualquer e está pagando com a sua vida. É preciso ser mais avarento, é preciso cuidar da vida”³⁷¹. A grande massa funciona como uma manada de seres que já não pensam. Por isso, o mesmo Pepe diz: “Não costumamos parar para pensar quantas horas de trabalho gastamos para comprar itens que adquirimos em poucos instantes, mas, se fizéssemos isso, na maioria das vezes sairíamos das lojas de mãos vazias”³⁷². Todos pensam dentro de uma mesma lógica. Pensar, acreditar nas mesmas coisas, é deixar de pensar. Isso é o que querem as deidades do mercado idolátrico.

³⁶⁸ Para o cristianismo, o Deus é espírito (João 4, 24), com os seguintes atributos: Incrriado, Onipotente, e Eterno, que se faz carne em Jesus Cristo, que é seu filho para resgatar a humanidade.

³⁶⁹ “Maravilhosos e gloriosíssimos são todos os Budas. Não existem iguais no mundo. Eles nos ensinam o caminho da vida. Saudamos sua chegada com inebriado respeito. Todos os Budas ensinam a mesma Verdade. A Verdade encaminha os extraviados. A Verdade é nossa esperança e nosso sustentáculo. Recebemos felizes e agradecidos a sua luz, que nada pode extinguir. Todos os Budas são da mesma essência. A essência de todos os seres. A essência que santifica os laços entre todas as almas. E temos fé na felicidade do supremo refúgio. AUM! Paz a todos os seres!” In: KHARISHNANDA, Yogi. *O evangelho de Buda: vida e doutrina de Sidarta Gautama, o inspirador do budismo*. Trad. Cinira Riedel de Figueiredo. São Paulo: pensamento, 2009.

³⁷⁰ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 83.

³⁷¹ PERCY, Allan; DÍAZ, Leonardo. *Pepe Mujica: simplesmente humano*. Trad. Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Sextante, 2015, p. 175.

³⁷² PERCY, Allan; DÍAZ, Leonardo. *Pepe Mujica: simplesmente humano*. Trad. Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Sextante, 2015, p. 175.

Deus é a destruição dos pobres, dos movimentos populares e de toda reivindicação do direito à vida de todos. Aparece assim um Deus que devora os pobres, um Deus que não é mais do que a personificação transcendentalizada das leis do mercado, um Deus que pede sacrifícios, não misericórdia. A divinização do mercado seria um Deus-dinheiro: *in God we trust*.³⁷³

Para os ídolos do mercado, a vida de uma pessoa é importante se ela produz alguma coisa e consome o que produz; não importa como é a vida dela, não importa sua dignidade, o que interessa é a contribuição que tem no processo de idolatrização. Há um autoflagelo, mas também um agrado pelo masoquismo; o sofrimento é desejável para ter satisfação e aprovação.

Os deuses óbvios se tornaram óbvios porque ninguém mais os questiona. Que tal se descobríssemos que os deuses econômicos se tornaram óbvios demais, em boa parte porque os economistas nos fizeram acreditar neles? Deuses óbvios se apoiam em pressupostos autovalentes. Portanto, os ídolos nascem também nas teorias. Pressupostos óbvios impõem ídolos óbvios.³⁷⁴

6.6 Deuses nossos de cada dia

Traremos três tipos de deidades que estão presentes nos textos sagrados de milênios passados, que desde aquele tempo são cultuados e se mantêm presentes até os dias de hoje.

Mamon é precisamente um termo aramaico. Há fortes indícios de que tenha sido, na linguagem popular, um insulto – sob a forma de um nome de ídolo – contra os ricos. Por isso, perde-se algo da força da expressão, quando *Mamon* é traduzido sem mais por Dinheiro, porque *Mamon* significa “Dinheiro adorado”. Atualmente temos na cultura essa forte adoração pelo dinheiro; claro que o dinheiro é importante para levar uma vida digna e ter a moeda de troca dos produtos. Mas o acúmulo desenfreado por dinheiro que não sabemos quando e como vamos gastar a cada dia se torna mais obsessivo. Terminamos nos comparando e nos valorizando a partir do valor em dinheiro que temos nas nossas contas bancárias. Avaliamos toda nossa vida a partir do dinheiro de que dispomos. Por isso é bem significativa e atual a frase de Jesus para seus discípulos e discípulas: “Não podeis servir a Deus e a Mamon”.³⁷⁵

Mamon (o Dinheiro) é o “deus deste mundo”; na bolsa de valores e outros conciliábulos financeiros detecta “o templo de Baal”; mas o dinheiro transformado em Capital que ele identifica o deus sanguinário que exige vítimas humanas, com cujo

³⁷³ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 105.

³⁷⁴ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 84.

³⁷⁵ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 401.

sangue o fetiche nutre e prolonga a sua vida, com o Capital Morto se nutre do trabalho vivo.³⁷⁶

O segundo exemplo é *Baal*, que era um deus cultuado pelos israelitas; os judeus depois não poderiam adorá-lo. Essa deidade foi associada pela tradição ao demônio, porque os rituais realizados em seu favor eram abomináveis. Está associado com a chuva, a terra e, portanto, com a fertilidade da terra e das pessoas. Por esse motivo deveriam cultuá-lo para ter êxito na produção da terra e na descendência. Hoje, poderíamos associá-lo ao sucesso econômico que a sociedade nos impõe, nossa vida tem sucesso se temos bens materiais e de consumo. Quem produz é bom e está nas graças de Baal, e quem não é fértil, perece.

Baal deus dos cananeus, é citado com tanta frequência no At que o nome deste ídolo passou a significar quase ídolo em geral. Portanto, além do culto a um ídolo específico, a adoração de Baal significa também a idolatria assimilada da cotidianidade (por exemplo, Jz 6, 25-32; 1Rs 16, 31s; Os 2,15; 11,2 etc.).³⁷⁷

Outro exemplo de deus muito cultuado na antiguidade era *Moloc*:

Moloc, deus dos amonitas, era um ídolo sanguinário, que exigia vítimas constantes. Não parece ainda esclarecida a questão se Melcom, ídolo de iguais característica de insaciabilidade, é simplesmente um outro nome para Moloc, ou outro ídolo parecido (Lv 18,21; 20,2-5; 1Rs 11,7.13; 2Rs 23,10; Jr 32,5; 2Sm 12,30; 2Rs 23,13; Jr 49, 1,3; Sf 1,5). No NT a única referência Moloc é At 7,43.³⁷⁸

Este deus malvado quer sacrifícios constantes, tudo pelo prazer do poder, sua vida depende do sacrifício através do sacrifício de vidas humanas, de sacrifícios inumanos. Conhecido pelo desejo de sacrifícios de crianças que eram queimadas porque agradavam a essa deidade. Também associado à prostituição e a atos imorais. Nas periferias de Jerusalém havia o vale de Bem-Hinom onde se queimavam as crianças. Depois se proibiu essa prática e passou a se queimar lixo nesse lugar, claro que muitos continuaram queimando crianças junto com o lixo. E hoje? Há sacrifícios de crianças? Claro que sim, há milhões de crianças que estão sendo mortas do jeito mais inumano, se mata crianças de fome, de enfermidades, pela falta de acesso a vacinas, à água, pela alimentação insuficiente. E as crianças migrantes? Também são

³⁷⁶ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 400.

³⁷⁷ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 404-5.

³⁷⁸ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 404-5.

violentadas a cada dia quando são desviados recursos que deveriam ser destinados para o cuidado das crianças, ceifando a possibilidade de um futuro melhor.

En un barrio cerca de donde se crió la madre de Enrique, cincuenta y dos niños asisten al jardín de infancia cada mañana. Cuarenta y cuatro llegan descalzos. Una asistente le da a cada uno un par de zapatos que saca de un canasto. A las cuatro de la tarde, antes de irse, los niños deben regresar los zapatos a la canasta. Si se lo llevan a casa, las madres los venderán para comprar comida. Hay ratas y cerdos husmeando en un barraco donde juegan los niños. A la hora de la cena, las madres cuentan las tortillas una por una y le dan tres a cada niño. Si no hay tortillas, tratan de llenarles el estómago dándoles un vaso de agua mezclada con una cucharada de azúcar.³⁷⁹

El número de niños ha alcanzado niveles sin precedentes. En el año fiscal de 2013 las autoridades estadounidenses de inmigración apresaron y detuvieron a unos 24.000 niños, en su mayoría centroamericanos, casi cuatro veces más que dos años antes. En 2013, al menos otros 12.000 niños mexicanos sin un acompañante adulto fueron detenidos y deportados de inmediato. Según cálculos de expertos, por cada migrante capturado hay otros dos que pasan, lo cual implica que ese año ingresaron a los Estados Unidos más de 100.000 niños sin un adulto o padre acompañante.³⁸⁰

“*Moloch*”: o ídolo que exige sacrificios humanos. [...]. O capitalismo é como um castelo mal-assombrado com incríveis cenas de horror. [...]. ‘O capital é trabalho morto que somente adquire vida, à maneira de vampiro, ao chupar trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais chupa dele’³⁸¹

Também a idolatria estava presente desde o tempo da opressão do povo de Deus, os hebreus, no Egito. Depois de libertado pelo Deus que escuta o lamento do povo escravizado, o povo novamente constrói um bezerro de ouro e começa a cultuá-lo, até que Deus fala para Moisés que o povo está se corrompendo³⁸². A idolatria já estava presente naquele tempo; visava o lucro desmedido e a instrumentalização da religião.³⁸³

6.7 Viver de ilusões para esconder o sem sentido

Freud não nega, porém, que nas últimas décadas tenha havido muitos avanços tecnológicos e científicos, o que não aumentou o grau de satisfação pessoal prazerosa, nem trouxe a felicidade para as pessoas, mas o contrário.³⁸⁴ Temos uma sociedade doente,

³⁷⁹ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Random House trade Paperbacks, 2014, p. 29.

³⁸⁰ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique*: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre. New York, Random House trade Paperbacks, 2014, p. 301-2.

³⁸¹ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 404-5.

³⁸² Livro do Deuteronomio, capítulo 9. 7-21, 25-29. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

³⁸³ SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idólatra*: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. Porto Alegre: Zouk, 2020. A respeito da idolatria aos deuses do mercado sugiro ler da página 21 até 23.

³⁸⁴ FREUD, Sigmund. *O mal estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. 2 ed. Porto Alegre, L&PM, 2017, p. 81.

competitiva, triste, insatisfeita, egoísta; que busca prazer e felicidade nas coisas materiais, numa realidade infantil, inventada para almejar satisfação e fica presa à idolatria do mercado. “Nossa questão é um pouco diferente: se falamos em idolatria e ‘perversas ideológicas’, presentes na economia, é porque nos preocupa o sacrifício de vidas humanas legitimado por concepções idolátricas dos processos econômicos”³⁸⁵. Não dá para afirmar que nos tornamos melhores como humanidade, quando há desigualdade crescente, a fome é criminosa³⁸⁶, o tráfico de pessoas, a morte de pessoas para a compra e venda de órgãos, é uma vergonha para a humanidade. Não dá para acreditar nas boas intenções dos governos, mas que tudo segue seu curso anormal.

Uma sociedade que vive de ilusões, de fantasias de que, por exemplo, o mercado, que mede tudo a partir do valor econômico, trata a educação³⁸⁷ como prioridade, que não considera a possibilidade de lucrar também com a doença, com a morte, com a deficiência física e mental, com a natureza, com os pobres, os doentes com transtornos mentais, com a religião que usa o pecado, e, quanto mais mortal for, melhor, como uma forma de matéria-prima para prometer salvação³⁸⁸. A arte, a música são usadas como meio para lucrar e criam necessidades que não irão satisfazer totalmente³⁸⁹, mas que as pessoas são manipuladas a buscar a satisfação sem muita eleição³⁹⁰, só pode escolher dentro do que lhe é proposto, como afirma Marcuse, “Contra todo o fetichismo das forças produtivas, contra a escravização contínua dos indivíduos pelas condições objetivas (que continuam ser as do domínio), a arte apresenta o objetivo derradeiro de todas as revoluções: a liberdade e a felicidade do indivíduo”³⁹¹. A especulação financeira tem essa lógica de mercantilizar tudo, e quanto maior for o lucro, melhor, e se o lucro for fácil

³⁸⁵ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 12.

³⁸⁶ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020, p. 100.

³⁸⁷ Hebert Marcuse, com sua revolução filosófica na educação, denuncia que a educação se tornou peça do mercado e engrenagem de uma grande máquina para servir ao mercado capitalista. Marcuse, ao longo de sua vida, pensou em uma série de temas e problemas, a maioria ligados à forma como os sujeitos são manipulados em sociedade, tendo sua subjetividade usurpada diante de um discurso que homogeneiza a partir da massificação dos sujeitos. Como veremos no próximo ponto, isso tem impactos diretos no processo educacional, uma vez que essa sociedade massificadora busca uma unidimensionalização dos humanos, eliminando assim qualquer individualidade e excluindo as diferenças. Sugiro ler os livros de Hebert Marcuse que estão indicados na bibliografia.

³⁸⁸ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 210.

³⁸⁹ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 104.

³⁹⁰ MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial*: o Homem Unidimensional. 6. ed. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 23. Nesta obra Marcuse procura, entre outras coisas, analisar como os indivíduos, em uma sociedade totalmente administrada, perdem sua liberdade e sua própria individualidade, voltando-se para um individualismo cada vez mais crescente.

³⁹¹ MARCUSE, Herbert. *A dimensão Estética*. Trad. Maria Elizabete Costa. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 71.

melhor ainda. Mas esse lucro fácil tem um estrago enorme porque “beneficiam a poucos; entretanto, a multidão dos abandonados fica à mercê da possível boa vontade de alguns. [...] A especulação financeira, tendo a ganância de lucro fácil como objetivo fundamental, continua a fazer estragos.”³⁹²

Diante disso, cria-se uma luta constante para com o outro, levando as pessoas a não terem mais amor pelo próximo³⁹³. Logo, novas necessidades virão e, assim, num círculo vicioso, acelerando sua rotação. Para o mercado, tudo é mercadoria³⁹⁴, até os alimentos tornaram-se mercadorias³⁹⁵. Há uma constante promessa de liberdade³⁹⁶ e de satisfação que nunca se cumpre porque a espiritualidade do capitalismo é necrófila.³⁹⁷

A massificação e a desigualdade dos indivíduos não são consequências, são um método, uma proposta, uma estratégia. Indivíduos massificados são corpos dóceis, manipuláveis como afirmou Foucault³⁹⁸. Esses corpos³⁹⁹ são controláveis e violentados. São fáceis de convencer e dificilmente se revoltam porque estão alienados. Engrenagens não pensam, apenas executam a função para a qual foram fabricadas. E esse é o termo simbólico que talvez seja capaz de expressar o que Marcuse destaca como consequência das sociedades industriais⁴⁰⁰. Os sujeitos se tornam verdadeiras engrenagens de uma máquina, fabricadas para funcionar de acordo com determinadas necessidades, formatados por um sistema que não permite o livre pensamento por considerá-lo perigoso, desnecessário, inútil e, portanto, libertador.⁴⁰¹

³⁹² FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020, p. 88-9.

³⁹³ MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial: o Homem Unidimensional*. 6. ed. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 163.

³⁹⁴ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 232.

³⁹⁵ POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: As origens políticas e econômicas de nossa época*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021, p. 265-6.

³⁹⁶ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 210.

³⁹⁷ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 55.

³⁹⁸ Michel Foucault foi filósofo, professor, psicólogo e escritor francês.

³⁹⁹ Sugiuro a leitura do livro: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Trad. Petrópolis: Vozes, 2014.

⁴⁰⁰ Marcuse faz, através da sua *Teoria Crítica*, um questionamento forte às contradições do sistema democrático e capitalista americano, porque este padronizava e massificava as pessoas e as tornava peças do sistema capitalista, dessa máquina que as usava para funcionar e as descartava quando não cumpriam a sua função. Com esse método desumanizador, a sociedade americana se mostrava como modelo para o mundo a partir da liberdade, igualdade, cidadania e democracia; porém, essa lógica do sistema escondia a repressão ao indivíduo que estava forçado e retraído em função do bem dessa sociedade exemplar que reproduzia um sistema totalitário e desumano.

⁴⁰¹ MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, p. 50.

Entretanto, é preciso dar a falsa impressão de que esses indivíduos são livres, donos de si, e têm liberdade de viver e de fazer suas próprias escolhas. Então, temos que ter claro que a desigualdade social é uma ideologia⁴⁰² e política, como nos lembra Piketty.⁴⁰³

Para isso é necessário viver de ilusões, para mitigar os sofrimentos que a realidade nos impõe. As ilusões aparecem nesta situação, não só no material, mas também nas ideias, na religião e, nesse sentido, trazemos presente Levinas e a venda dos pepinos ilusórios, que no livro *Do sagrado ao santo*, citando uma *Mishná*⁴⁰⁴ assevera:

No exemplo citado, trata-se de um feiticeiro não muito exigente; não comercia com um produto muito caro, é um pobre feiticeiro que produz pepinos em um campo. Ficar na ilusão não chega a ser coisa grave, mas se o feiticeiro colhe os pepinos, se a ilusão chega grave, mas se o feiticeiro *colhe* os pepinos, se a ilusão chega a se integrar a um processo econômico – e a vida econômica moderna é, afinal, o lugar privilegiado da colheita de pepinos ilusórios e de gordos proveitos que se tiram de uma tal safra -, a feitiçaria torna-se um ato criminoso. É passível de sanções.⁴⁰⁵

Nesse viver de ilusões, as pessoas se tornam vítimas de inúmeras situações em que são iludidas a acreditar nos absurdos que vemos no dia a dia. Vemos, constantemente, nas propagandas nos canais religiosos de todos os credos que há uma parcela de *canallas*⁴⁰⁶ – vadios – que inventam fantasias para que milhares de pessoas comprem e vivam dessas aparências, que passam por objetos materiais, muito simples, de um valor supérfluo, mas que no momento em que esses *vendedores de pepinos ilusórios*, que vendem o objeto necessário para chegar a obter a graça tão esperada pelas pessoas e, portanto, a felicidade completa, porém momentânea. Da crítica do culto aos ídolos brotam os mais profundos critérios humanistas e revolucionários de Marx, que se revolta com o fato de que seres humanos sejam sacrificados como simples meios para obter dinheiro e capital.⁴⁰⁷

⁴⁰² Citando Piketty, que conceitua a ideologia como o conjunto de ideias que uma sociedade tenta organizar. PIKETTY, Thomas. *Capital e ideologia*. Trad. Maria de Fátima Oliva do Coutto; Dorothée de Bruchard. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020, p. 13.

⁴⁰³ PIKETTY, Thomas. *Capital e ideologia*. Trad. Maria de Fátima Oliva do Coutto; Dorothée de Bruchard. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020, p. 16.

⁴⁰⁴ Para melhor esclarecimento do que é *Mishná* e *Guemará*, sugiro a leitura da introdução da obra de Levinas: LEVINAS, Emmanuel. *Cuatro lecturas talmúdicas*. Trad. Miguel García-Baró. Riopiedras Ediciones: Barcelona, 1996. Também podemos encontrar na obra: LEVINAS, Emmanuel. *Do Sagrado ao santo: cinco novas interpretações talmúdicas*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001, p. 17. Dessa leitura podemos concluir que a *Mishná* é considerada a primeira obra importante do judaísmo rabínico. Os comentários rabínicos à *Mishná*, nos três séculos seguintes, foram redigidos como *Guemará*.

⁴⁰⁵ LEVINAS, Emmanuel. *Do Sagrado ao santo: cinco novas interpretações talmúdicas*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001, p. 99-100.

⁴⁰⁶ Trago aqui o conceito derridiano em espanhol, que significa trapaceiro, desonesto, aproveitador de situações, mau caráter.

⁴⁰⁷ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 397.

A luta contra a idolatria é hoje um tema de enorme vigência, tanto na Igrejas como na sociedade. Este tema só adquire a sua verdadeira densidade e significação quando entendemos, bíblicamente, por idolatria o culto aos “deuses que oprimem”, aos “ídolos que matam”. Portanto, quando a realidade do sacrifício de vidas humanas é vista como o elemento central do culto aos ídolos.⁴⁰⁸

Por meio dessa ganância desmedida só podemos encontrar o mal já estabelecido. As pessoas se tornaram egoístas, gananciosas e compreendem as coisas e as relações a partir da ganância.

La esencia del mal es su ambigüedad insalvable. El mal, seductor y fácil es, talvez, incapaz de romper la pasividad de la sujeción pre-liminar, pre-histórica, de aniquilar el más acá, de repudiar lo que el sujeto jamás ha contraído. El mal se muestra como pecado, es decir responsabilidad, a pesar suyo, de la no aceptación de las responsabilidades. Ni al lado, ni frente al Bien, sino en el segundo lugar, por debajo, más abajo que el Bien.⁴⁰⁹

El ser que persevera en el ser, el egoísmo o el Mal, perfila así la dimensión misma de la bajeza y el nacimiento de la jerarquía. Aquí comienza la bipolaridad axiológica. Pero el Mal se pretende contemporáneo, igual, y Hermano mellizo del Bien. Mentira irrefutable – mentira luciferina. Sin él que es el egoísmo mismo del Yo puesto como su propio origen – increado – principio soberano, príncipe – sin la imposibilidad de abatir este orgullo.⁴¹⁰

⁴⁰⁸ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 396.

⁴⁰⁹ LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Trad. Daniel Enrique Guillot. Buenos Aires: Sigilo XXI editores, 2005, p. 108.

⁴¹⁰ LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Trad. Daniel Enrique Guillot. Buenos Aires: Sigilo XXI editores, 2005, p. 108.

7 SOBRE A IDOLATRIA DO MERCADO CAPITALISTA

Perceberemos, neste ponto da reflexão, que a idolatria está presente em várias dimensões de nossa vida, visto que há um mundo idolátrico no qual permanecemos, dando vida aos ídolos que nos pressionam a cultuá-los, que querem sacrifícios diários para manter nosso vínculo com eles. O capitalismo desumano ainda está muito vigente com a ajuda dos governos fascistas, nazistas, totalitários, em ascensão escancarada, com toda clareza e sem nenhuma intimidação.

Finalmente, más allá de toda crítica clásica de la violencia fascista, nazi, totalitaria, en general, etc., se puede decir que son sistemas que cierran el “por venir” y que se encierran en la presentación de lo presentable. [...], del venir, del acontecimiento, del “ven”, de la diferencia y de la deconstrucción de la presencia.⁴¹¹

Essa situação gera uma cultura de massa excluída e excludente, posto que há uma massa inconsciente, que não sabe que está sendo manipulada, que oprime e manipula aqueles que estão em situação de miséria. “A revolta das massas contra o ‘realismo’, o bom senso e todas ‘as plausibilidades do mundo’ (Burke) resultou da sua atomização, da perda de seu *status social*, juntamente com todas as relações comunitárias em cuja estrutura o bom senso faz sentido”⁴¹². Uma das inúmeras consequências desastrosas dessa lógica da *razão ardilosa*, como sabiamente denominada por Ricardo Timm de Souza, é a fuga de pessoas empobrecidas, que se tornam estrangeiros-migrantes, apátridas, refugiados.

7.1 Da idolatria de mercado à perda do sentido

Os migrantes, que por diferentes razões são arrancados da sua terra, são expulsos pelos sistemas políticos excludentes que servem ao mercado cruel. Não há lugar para todos aqueles que querem fazer parte desse sistema. As concepções idolátricas dos processos econômicos sacrificam vidas⁴¹³. As pessoas se veem obrigadas a sair de suas comunidades, povoados e periferias das grandes cidades e abandonar seu país para tentar viver com mais dignidade. “É nesse nível que aparece o discurso teológico sobre a idolatria, isto é, sobre os ídolos que matam,

⁴¹¹ DERRIDA, Jacques. *Política y amistad: entrevistas con Michael Sprinter. Sobre Marx y Althusser*. Trad. Heber Cardoso. Buenos Aires: Nueva Vision, 2012, p. 64.

⁴¹² ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 486.

⁴¹³ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 12.

porque exigem sacrifícios humanos”⁴¹⁴.

Nossa questão é um pouco diferente: se falamos em idolatria e “perversas ideológicas”, presentes na economia, é porque nos preocupa o sacrifício de vidas humanas legitimando por concepções idolátricas dos processos econômicos. É de supor que todo economista seja sensível a esse problema, mesmo se tiver chegado à visão “realista” de que não todas as vidas humanas podem ser integralmente protegidas de ameaças de destruição. Provalvemente concordará que vale a pena preocupar-se com a preservação do maior número possível de vidas humanas.⁴¹⁵

Quando os migrantes decidem sair, levam consigo diferentes objetos que vão lembrar da terra da saudade; mas também levam objetos que vão motivá-los, são lembranças de familiares, sonhos, ou esperanças por uma terra por-vir⁴¹⁶. Um dos exílios mais conhecidos da história⁴¹⁷ foi o dos diferentes grupos que saíram do Egito e se aventuraram a entrar e a passar pelo deserto para chegar numa possível *Terra Prometida*⁴¹⁸, onde poderiam viver com mais dignidade⁴¹⁹. Podemos corroborar que a saída do Egito deu-se pela extrema pobreza gerada pela idolatria a serviço de vários deuses e ao Faraó, que era considerado um semi-deus. O povo vivia sacrifícios extremos para servir aos deuses⁴²⁰, assim como vimos no caso do culto aos deuses Mamon, Baal e Moloc.

É, ao contrário, um deus determinável: uma espécie de coringa, essa carta utilíssima em muitas cartadas. O terceiro nível é, pois, o da descoberta das utilidades específicas dos deuses. Eles são úteis para determinadas funções. [...]. É neste nível que aparece o discurso teológico sobre a idolatria, isto é, sobre os ídolos que matam, porque exigem sacrifícios.⁴²¹

Os migrantes, quando enfrentam o exílio e as dificuldades no percurso à terra prometida, levam fotos dos filhos, mãe, esposo, levam cartas, pedras, terra. Todos esses objetos são

⁴¹⁴ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 13.

⁴¹⁵ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 12.

⁴¹⁶ Na Bíblia Sagrada podemos confirmar no relato do Povo de Deus que sai da opressão do Egito. No seu Êxodo levam a Arca que foi carregada por várias gerações, levam os ossos de seus antepassados e daqueles que morreram no exílio. O que salvou, o que alimentou a esperança não foram esses objetos concretamente, mas aquilo que eles simbolizavam e despertavam na sua memória.

⁴¹⁷ SIN-LÉQI-UNNÍNNI. *Ele que o abismo viu*: epopeia de Gilgamesh. Trad. Acádio. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

⁴¹⁸ Livro de Êxodo, capítulo 23. In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

⁴¹⁹ Sugiro a leitura do livro: SICRE. José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁴²⁰ A história da saída do Egito e as peripécias que o povo hebreu passou nos quarenta anos no deserto podem ser encontradas na Bíblia Sagrada, no livro de Êxodo.

⁴²¹ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 13.

estímulos para se encorajar a cada instante, para chegar com vida ao lugar desejado e poder empreender uma vida mais digna para eles e para os parentes que deixaram. Os objetos não são o que salvam os migrantes, somente são a ponte, o meio para ir além. Não há idolatria e, por isso, em determinadas situações têm que entregar esses objetos em troca de liberdade, como pagamento, e muitas vezes os perdem em emboscadas, acidentes, caídas, intempéries, mas não se agarram a eles, estes não os paralisam; não há o estabelecimento de uma relação de idolatria.

Ao chegarem ao lugar desejado, a sua presença carrega a história e a carga de dificuldades que enfrentaram, eles não são o presente, mas um passado, que se expressa, no texto ou a imagem e que se exterioriza, se presentifica na pessoa⁴²². O migrante carrega esse passado, que está velado, está por trás do que aparece como migrante; o que se faz presente é resultado de uma vida vivida, de um passado imemorial, que não se pode tematizar.

Só outrem escapa à tematização. A tematização não pode servir para fundamentar a tematização – porque já a supõe fundamentada, é o exercício de uma liberdade segura de si própria na sua espontaneidade natural; ao passo a presença de Outrem não equivale à sua tematização e não requer, por conseguinte, a espontaneidade simples e segura de si própria. O acolhimento de Outrem é *ipso facto* a consciência de minha injustiça – a vergonha que a liberdade sente por si própria. Se a filosofia consiste em saber de uma maneira crítica, ou seja, em procurar um fundamento para sua liberdade, para a justificar, ela começa com a consciência moral em que o Outro se apresenta como Outrem em que o movimento da tematização se inverte.⁴²³

A pessoa do migrante foi golpeada pelos sistemas econômicos, juntamente com os deuses do mercado, esses deuses sacrificiais que exigem e querem tudo da pessoa e provocam um desejo insaciável de consumo nelas.

Os teólogos da Libertação têm lutado muito contra o ardil pouco honesto dos economistas, que sempre pretendem fazer-nos aceitar que as suas teorias estão corretas, mas que lamentavelmente elas não são devidamente aplicadas. É certo que muitos teólogos da Libertação não tiveram ainda a oportunidade ou a preocupação de estudar, com mais detalhes, como estão estruturadas teoricamente essas mentiras econômicas. Isto, porém, não invalida a sua certeza de que se trata efetivamente de mentiras econômicas, mesmo quando estas entram em conluio com mentiras políticas.⁴²⁴

Há várias religiões que se juntam à lógica do mercado capitalista. Ambas exigem sacrifícios humanos sem limites. As Igrejas Neopentecostais, com a sua teologia da

⁴²² LEVINAS, Emmanuel. *De outro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 151.

⁴²³ LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 76.

⁴²⁴ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 60.

prosperidade⁴²⁵, investindo sua pregação em meios de comunicação em massa, se aliando a políticos, com membros assumindo cargos para usufruir e poder lucrar com seu apoio e subornar seus seguidores para eleger candidatos a cargos de deputados e senadores.⁴²⁶ A Igreja Católica, também dividida e fragmentada,

deve se reconhecer que os fanatismos, os quais induzem a destruir os outros, são protagonizados também por pessoas religiosas, sem excluir os cristãos, que podem fazer ‘parte das redes de intercâmbio digital’. Mesmo com a perda do discurso de solidariedade, justiça e fraternidade nos meios de comunicação católicos⁴²⁷

O Papa Francisco orientou o clero que volte à centralidade do Evangelho e à essência do cristianismo.

Este é nosso pior perigo, pois então estaremos anunciando não exatamente o Evangelho, mas algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas. A mensagem cristã correrá o risco de perder seu frescor e já não ser ‘o perfume do Evangelho’.⁴²⁸

Os deuses dessas lógicas são rígidos, diabólicos, inumanos, até o ponto de gerar uma movimentação humana forçada, indigna sem precedentes no mundo atual. Há pessoas migrando, pedindo refúgio, não porque querem, mas porque são obrigadas por esses deuses idolátricos do mercado.⁴²⁹

As raízes econômicas da idolatria são desvendadas ainda no politeísmo de novo cunho de Max Weber, no fetichismo feliz de Milton Friedman, no credo econômico da Comissão Trilateral e na mentalidade fetichista dos empresários. Quanto às formas do pensamento cristão, o leitor se surpreende com a maneira como são trazidas à luz as inversões dos valores cristãos no pensamento conservador. “O Deus mortal: Lúcifer e a Besta. A legitimação da dominação na tradição cristã” é outra amostra do fascínio de Hinkelammert pelo rastreamento histórico das formas de perversão do ideário cristão.⁴³⁰

⁴²⁵ A corrente denominada Teologia de Prosperidade, cuja visão é calvinista, surge nos Estados Unidos, no século XIX, e chega aos países da América Latina a partir da década dos anos 70. Hoje está presente em todos os países, usando os principais meios de comunicação como meio de evangelização. O propósito desta corrente é a comercialização da fé cristã.

⁴²⁶ **56ª Legislatura (2019-2022)**. Na 56ª Legislatura, a bancada evangélica cresceu de 75 para 84 deputados e de 6 para 7 senadores. Já a Frente Parlamentar Evangélica foi formada com 195 deputados federais e 8 senadores. Podemos confirmar esses dados no portal da Câmara de deputados e senadores.

⁴²⁷ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020, p. 32.

⁴²⁸ FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica do Sumo Pontífice. *Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 31-32.

⁴²⁹ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 33-4.

⁴³⁰ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado*: Ensaio sobre Economia e Teologia. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 56.

7.2 As coisas vivem e as pessoas viram coisas. Migrante lugar sem lugar

O migrante como estrangeiro, inimigo, totalmente outro, o fora da polis, que não tem lugar, que não se encaixa nos novos contextos onde chega. Na sua terra, não podia viver com dignidade, não tinha espaço para viver, não tinha casa, trabalho, nem moradia digna. Foi expulso como um expurgo social, não havia espaço para ele, não tinha lugar, porque nenhum lugar é lugar para ele.

O Estado, portanto, tem sua única legitimidade na destruição das forças sociais que se opõem ao mercado. É um Estado militante do mercado, cuja necessidade tem sua origem na falta de compreensão dos intervencionistas e reformistas. Trata-se, neste sentido, de um Estado “anti-Estado”, de um Estado empenhado na destruição do Estado para que o mercado possa ser o meio de socialização exclusivo de toda a sociedade. É um Estado que rapidamente se transforma num Estado terrorista, Estado totalitário montado em cima do mercado total.⁴³¹

O migrante no exílio tem que viver no anonimato, sempre fugindo, pois nessa condição nenhum lugar lhe pertence, não pode ser visto. Há uma invisibilidade. Quando chega à terra desejada, continua sem ter lugar, todo espaço está ocupado, nenhum espaço lhe pertence. Incomoda, não há lugar para o migrante, mas ele existe, está aí, não é visibilizado, mas está aí. Não é sujeito nem substantivo, “*Khôra* não é um sujeito. Não é sujeito. Nem *substrato*. Os tipos hermenêuticos não podem informar, não podem dar forma à *Khôra*, a não ser à medida que inacessível, impassível, ‘amorfa’”⁴³². Os migrantes vivem nos receptáculos da sociedade, no *não lugar*. É nesse não lugar, na miséria, no sangue, na indignidade das pessoas que se alimentam os deuses idolátricos, este é o resultado de um mundo que vê e não acredita, daí dá lugar ao negacionismo em ascensão.

Khôra é um território fora da polis, Derrida pensa *khôra* como uma alteridade radical. “*Khôra* (significa *localidade* em geral, espaçamento, intervalo) um outro *lugar* sem idade, um outro “ter-lugar”, o sítio ou a situação insubstituível” de um “deserto no deserto” espaçamento de “antes” de toda a crono-fenomenologia, de toda a revelação, de todo o “como tal” e de todo o “como se”, de toda a dogmática e de toda a historicidade antropto-teológica. Mas aquilo que lhe daria *lugar*, mesmo se não assegura nenhum solo e nenhum fundamento, seria justamente *khôra*. Ela daria lugar ao que se chama a vinda o evento.⁴³³

⁴³¹ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Trad. Franz J. Hinkelammert. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 102.

⁴³² DERRIDA, Jacques. *Khôra*. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Papyrus, 1995, p. 19.

⁴³³ DERRIDA, Jacques. *Vadios*. Trad. Fernanda Berndardo; Hugo Amaral; Gonçalo Zagalo. Coimbra, 2009, p. 35.

8 O OUTRO COMO MIGRANTE

O encontro com o migrante é com o outro totalmente outro levinasiano; não há assimetria, e a diferença não é a estabelecida pelo eu, não é diferente do eu, é totalmente diferente. Conforme referimos anteriormente, o migrante vem de outro horizonte, vem do além, não está no meu campo de comparação. Por esse motivo que o encontro com ele é traumático e indesejado, porque tira do lugar de conforto o eu totalizador.

8.1 O encontro se dá na diferença

A relação com o estrangeiro ou migrante sempre é assimétrica, de acordo com o exposto por Levinas⁴³⁴ e Derrida⁴³⁵, posto que compreende a relação com o absolutamente outro, que não é uma relação sincrônica, simétrica, de pares, entre iguais, mas uma relação com o absolutamente diferente. Há uma aposta nessa diferença porque é tão desigual que rompe com o ritmo da sincronia, porque não faz parte comigo, não fecha com meu sistema. “Há a necessidade de acreditar na diferença – não a diferença específica no interior de um gênero, parte de um todo solitário maior –, mas naquela diferença que é a própria condição do perceber e do pensar a realidade”.⁴³⁶ É aquele que está fora da polis⁴³⁷ é o vadio⁴³⁸ que Derrida designa como o não irmão, aquele que está fora da lei, que representa a desordem estruturada e, portanto, deve ser punido e criminalizado, por chegar e instalar a desordem. “*Lo que me desafía nos es la libertad del otro, sino su existencia. Su existencia y su privilegio estan inscritos en mi creación misma*”⁴³⁹. O que incomoda o eu é a ousadia do outro a exigir sua liberdade para existir, sua insistência para ser aceito na sua diferença.

É sempre o outro, o vadio, sempre ele é apontado a dedo pelo burguês bem-pensante, pelo representante da ordem moral ou jurídica. É sempre uma segunda ou uma terceira pessoa. Mesmo se se diz *eu*, aqui, por exemplo, “eu sou [*je suis*] e persigo [*pursuis*]

⁴³⁴ LEVINAS, Emmanuel. *Deus, a Morte e o Tempo*. Trad. Fernanda Bernardo. Portugal: Edições 70, 2015, p. 211.

⁴³⁵ DERRIDA, Jacques. *La escritura y la diferencia: Pensamiento crítico/pensamiento utópico*. Trad. Patricio Peñales. Barcelona: Editorial Anthropos, 1989, p. 139.

⁴³⁶ SOUZA, Ricardo Timm de. *Em torno a Diferença – aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008, p. 197.

⁴³⁷ ARISTÓTELES. *A Política*. Trad. Néstor Silveira Chaves. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 21-2.

⁴³⁸ DERRIDA, Jacques. *Vadios*. Trad. Fernanda Bernardo; Hugo Amaral; Gonçalo Zagalo. Coimbra: Terra Cocre-unip lda, 2009, p. 134-9.

⁴³⁹ LEVINAS, Emmanuel. *Escritos Inéditos 2.: Palabra y silencio y otros escritos*. Trad. Miguel García-Baró, Mercedes Huarte. Madrid: Editorial Trotta, 2015, p. 135.

um vadio, ninguém dirá, em princípio, “eu sou, *ego sum*, um vadio”. A palavra não tem apenas uma origem e um uso populares, está destinada a designar alguém que de qualquer maneira, pela sua proveniência social ou pelas suas maneiras, pertence também ao que de mais popular há no povo. O *demos* não está portanto longe quando se fala de vadio.⁴⁴⁰

Por isso, é importante acolher essa estrangeiridade, para que ao incorporá-la possa fazer parte de nossa identidade. Em outras palavras, não basta acolher com hospitalidade o estrangeiro e o migrante, o outro desigual e totalmente outro, é necessário que ele faça parte do grupo sem perder sua identidade. Desse modo, devemos ter em conta que é preciso escutar a pessoa que chega, na condição de estrangeiro. Na escuta do outro, na linguagem que é presença e é a verdadeira alteridade, porque o eu se abre para acolher o que o outro tem a lhe dizer. Acolher essa infinitude, aquilo que é dito, mas que esconde muito mais do que diz, é um enigma.⁴⁴¹

Quando se recebe o outro necessariamente há modificações, há um desinstalar e um acomodar-se de maneira diferente para que todos os membros do novo grupo constituído possam viver harmoniosamente.⁴⁴² Tem que dividir o espaço em que se movimentam e aceitar que o outro esteja no mesmo tempo; essa luta por espaço vai provocar muitos desencontros e despertar nas pessoas situações constrangedoras. O ciúme infantil de ter que dividir os objetos, ‘brinquedos’, pessoas e o “meu mundo”, a minha casa⁴⁴³, poderá provocar muitas brigas infantis, porque há uma ameaça constante em deixar o outro fazer parte de meu mundo.⁴⁴⁴

8.2 Estrangeiro-Migrante-Apátrida-Refugiado: quem são?

Para iniciarmos, faz-se necessário contextualizar o conceito de migrante, apátrida e refugiado a partir de alguns intelectuais que se aprofundam a cada dia sobre a migração. Gustavo Pereira⁴⁴⁵ define essa noção nos seguintes termos:

⁴⁴⁰ DERRIDA, Jacques. *Vadios*. Trad. Fernanda Berndardo; Hugo Amaral; Gonçalo Zagalo. Coimbra, Terra Cocre-unip lda, 2009, p. 135-6.

⁴⁴¹ SUSIN, Luiz Carlos. *O Homem Messiânico: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 245.

⁴⁴² MANZI, Joachim; TOUDOIRE-SURLAPIERRE, Frédérique. O desconhecido que bate à minha porta. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 800-2-3.

⁴⁴³ SUSIN, Luiz Carlos. *O Homem Messiânico: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 33.

⁴⁴⁴ FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: R&PM, 2018, p. 88.

⁴⁴⁵ Possui várias publicações sobre o tema das migrações. Os livros por ele publicados estão na bibliografia.

É importante anotarmos que o conceito de “estrangeiro” assume-se pelo radical da palavra latina *etranger* como “estranho”, ou aquele que vem de fora e estranha a cultura, a língua e o modo de ser do nativo. Vimos já que a própria condição de se pensar a si mesmo é também a condição de se pensar a exterioridade do outro.⁴⁴⁶

Para Derrida, os migrantes são pessoas deslocadas da possibilidade de fazer parte de uma massa manipulada, estão em condição pior que a massa porque não fazem parte dela nem do mercado, devem sair e abandonar a sua própria terra.

As “pessoas deslocadas”, os exilados, os deportados, os expulsos, os desenraizados, os nômades, têm em comum dois suspiros, duas nostalgias: seus mortos e sua língua. *De uma parte*, eles gostariam de voltar, pelo menos em peregrinação, aos lugares em que seus mortos inumanos têm sua última morada (a última morada dos seus situa, aqui, o *ethos*, a habitação de referência para definir o lar, a cidade ou o país onde os pais, o pai, a mãe, os avós, repousam num repouso que é o lugar de imobilidade a partir do qual se mede todas as viagens e todos os distanciamentos). *De outra parte*, os exilados, os deportados, os expulsos, os desenraizados, os apátridas, os nômades anômicos, os estrangeiros absolutos, continuam muitas vezes a reconhecer a língua, a língua dita materna, como sua última pátria, mesmo a sua última morada.⁴⁴⁷

Para Levinas, o extranjero-migrante

No tiene ningún otro sitio, no es autóctono, sino desenraizado, apátrida, no-habitante, expuesto al frío y al calor de las estaciones. Encontrarse reducido a recurrir a mí, eso es lo que significa ser apátrida o ser extranjero por parte del prójimo. Eso me incumbe.⁴⁴⁸

Os refugiados são o refugio da globalização, pessoas que não conseguem ingressar no mercado de trabalho e não conseguem consumir por não terem acesso aos produtos, terminam sendo expulsos do seu país,

refugio humano da terra de fronteira global, são os forasteiros absolutos, ‘forasteiros personificados’, os forasteiros absolutos, forasteiros em toda parte e em todo canto deslocados – exceto nos lugares que são, eles próprios, deslocados: os ‘lugares de nenhures’ [...]. Uma vez de fora, indefinidamente de fora, uma cerca segura com torres de vigia é o único mecanismo necessário para fazer com que a ‘indefinitude’ do deslocado se sustente pela eternidade.⁴⁴⁹

⁴⁴⁶ PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução*: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida. Florianópolis: Empório do Direito, 2017, p. 144.

⁴⁴⁷ DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade*: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta: 2003, p. 79.

⁴⁴⁸ LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 155.

⁴⁴⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 101.

A legislação internacional necessita de uma mudança completa. O conceito e a experiência dos “refugiados” conheceu neste século uma mutação que torna as políticas e o direito radicalmente arcaicos a respeito deles. As palavras “refugiado”, “exilado”, “deportado”, “pessoa removida” e mesmo “estrangeiro” mudaram de sentido; elas pedem um outro discurso, uma outra resposta prática, e transformam todo o horizonte do “político”, da cidadania, do pertencimento nacional e do Estado ...⁴⁵⁰

Para o ACNUR⁴⁵¹, os refugiados⁴⁵² são as pessoas que fogem por causa de conflitos armados e devem cruzar fronteiras para proteger a sua vida e, desse modo, procuram segurança através do ACNUR e de outros Estados e organizações.

Que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.⁴⁵³

Os *apátridas*⁴⁵⁴ são aquelas pessoas que tiveram que sair de seus países, que se encontram em estado quase permanente de guerra por conquistas de territórios. Essas pessoas saem e muitas crianças também nascem nesse exílio e, portanto, terminam perdendo sua pertença a um território. Os pais já não têm pátria porque se exilaram, as crianças nascem fora do país de origem dos pais, mas ao mesmo tempo, não lhes é reconhecido como pátria pelo fato de estar indocumentado e no exílio.

Até a terminologia aplicada ao apátrida deteriorou-se. A expressão “povos sem Estado” pelo menos reconhecia o fato de que essas pessoas haviam perdido a proteção do seu governo e tinham necessidade de acordos internacionais que salvaguardassem a sua condição legal.⁴⁵⁵

⁴⁵⁰ DERRIDA Jacques. *Papel Máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 251, p. 326.

⁴⁵¹ ACNUR: Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados.

⁴⁵² Sugiro a leitura do Artigo I do ACNUR sobre a Convenção de Genebra Relativa ao Estatuto dos Refugiados.

⁴⁵³ Artigo I (2) ACNUR. Convenção de Genebra Relativa ao Estatuto dos Refugiados.

⁴⁵⁴ Hannah Arendt, já falava sobre os apátridas. “O apátrida, sem direito à residência e sem o direito de trabalhar, tinha, naturalmente, de viver em constante transgressão à lei. Estava sujeito a ir para a cadeia sem jamais cometer um crime. Mais do que isso, toda a hierarquia de valores existente nos países civilizados era invertida no seu caso. Uma vez que ele constituía a anomalia não prevista na lei geral, era melhor que se convertesse na anomalia que ela previa: o criminoso. [...] Como criminoso, mesmo um apátrida não será tratado pior que outro criminoso, isto é, será tratado como qualquer outra pessoa nas mesmas condições. Só como transgressor da lei pode o apátrida ser protegido pela lei” In: ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 390.

⁴⁵⁵ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 383.

Segundo o ACNUR, o termo apátrida é definido da seguinte forma:

Artigo 1.º Definição do Termo Apátrida 1 - Para efeitos da presente Convenção, o termo apátrida designará toda a pessoa que não seja considerada por qualquer Estado, segundo a sua legislação, como seu nacional. 2 - Esta Convenção não será aplicável: i) Às pessoas que atualmente beneficiam de proteção ou assistência por parte de organismos ou agências das Nações Unidas, que não seja o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, enquanto estiverem a receber essa proteção ou assistência; ii) Às pessoas a quem as autoridades competentes do país onde tenham fixado a sua residência reconheçam os direitos e obrigações inerentes à posse da nacionalidade desse país; iii) Às pessoas sobre as quais haja razões fundadas para considerar que: 2 a) Cometeram um crime contra a paz, um crime de guerra ou um crime contra a Humanidade, como definido nos instrumentos internacionais que contém disposições relativas a esses crimes; b) Cometeram um grave crime de direito comum fora do país da sua residência antes da sua admissão no referido país; c) Praticaram atos contrários aos objetivos e princípios das Nações Unidas.⁴⁵⁶

De acordo com Hannah Arendt, na obra *Origens do Totalitarismo*:

A expressão *displaced persons* [pessoas deslocadas] foi inventada durante a guerra com a finalidade única de liquidar o problema dos apátridas de uma vez por todas, por meio do simplório expediente de ignorar a sua existência. O não reconhecimento de que uma pessoa pudesse ser “sem Estado” levava as autoridades, quaisquer que fossem, à tentativa de repatriá-la, isto é, deportá-la para o seu país de origem, mesmo que este se recusasse a reconhecer o repatriado em perspectiva como cidadão ou, pelo contrário, desejasse o seu retorno apenas para puni-lo. [...]. Contudo, sabe-se pelo menos que, enquanto existia 1 milhão de apátridas “reconhecidos”, havia mais de 10 milhões de apátridas de fato, embora ignorados. O pior é que o número de pessoas que são apátridas em potencial continua a aumentar.⁴⁵⁷

⁴⁵⁶ Artigo I sobre o Apátrida. ACNUR.

⁴⁵⁷ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 383.

9 JESUS COMO MIGRANTE, HOSTIL E HÓSTIA

Neste momento, traremos a figura de Jesus como migrante, como *vadio* e *canalla*⁴⁵⁸, como aquele desejado e indesejado, aquele que traz a Boa Notícia⁴⁵⁹ e que era uma má notícia para os comerciantes que vendiam seus produtos àqueles que frequentavam o templo para adorar somente a Yhavé⁴⁶⁰. Jesus com certeza é uma das personalidades mais contraditórias e conhecidas no mundo. Ele e seu grupo caminhavam pelo deserto e passavam pelos povoados, onde eram acolhidos, falavam de partilha, de solidariedade, de fraternidade e de hospitalidade.⁴⁶¹

Um dos aspectos fundamentais da representação da hospitalidade é sua dimensão sagrada. A hospitalidade humilde se vincula a isso. Num plano simbólico, trata-se de uma outra ultrapassagem, do acesso ao divino, da passagem do mortal por um jogo de ações e de recompensas divinas. [...], a hospitalidade bíblica põe à prova a caridade e a recompensa divina. Sob forma de mensageiro, de anjo. Deus testa os homens, como na mitologia os deuses testavam os pobres humanos.⁴⁶²

Portanto, Jesus como migrante, *vadio*, *canalla* é também o hostil, o indesejado⁴⁶³, o hóspede e, ao mesmo tempo, hostil. “Aqui, Deus, sempre outro, se faz hóspede”.⁴⁶⁴ Na hóstia consagrada em que os Católicos Apostólicos Romanos acreditam pela sua fé na *transubstanciação*⁴⁶⁵, eles comungam o hostil, acolhem na sua hospedaria, no seu hospital

⁴⁵⁸ Há uma tradução do livro “Vadios”, de Jacques Derrida, que em espanhol foi traduzido por *Canallas*. Quando me refiro ao migrante, gostaria de usar a tradução portuguesa “vadio”. Como a palavra *canalla* em espanhol tem uma conotação muito pejorativa e mais no sentido de vil, desonesto, depreciável pelo seu comportamento vil, usarei o termo *canalla* para dar o aspecto puramente negativo. Aqui, quando uso o termo *canalla* para referir-me a Jesus, quero dizer que essa é a forma como era visto pelo poder dominante, com toda a conotação negativa e de vileza. Jesus foi boa notícia para os empobrecidos, mas uma má notícia para o poder dominante. Portanto, Jesus oscilava entre os dois conceitos em português e espanhol.

⁴⁵⁹ A *Boa Notícia* é a do Evangelho, que traz uma mensagem de esperança para os empobrecidos e oprimidos. A *má notícia* é para aqueles que a consideram perigosa porque esclarece os pobres e oprimidos, abrirá seus olhos para a realidade e os encorajará para se revoltarem contra os seus opressores.

⁴⁶⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002, Evangelho de João 2, 13-25.

⁴⁶¹ Sugiro a leitura do livro: BOHN GASS, Ildo. *Uma Introdução à Bíblia*. As comunidades Cristãs a partir da segunda geração. São Paulo: Paulus, RS: Cebi, 2011.

⁴⁶² GRASSI, Marie-Claire. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 51.

⁴⁶³ Jesus foi rechaçado de vários lugares. Há muitas citações dos Evangelhos em que Jesus aparece sendo mal recebido, como, por exemplo, no Evangelho de Lucas 9:51-56: “Estava chegando o tempo de Jesus ser levado para o céu. Então ele tomou a firme decisão de partir para Jerusalém, e enviou mensageiros a sua frente. Estes puseram-se a caminho, entraram em um povoado de samaritanos, para conseguir alojamento para Jesus. Mas os samaritanos não o receberam, porque Jesus dava a impressão de que se dirigia para Jerusalém. Vendo isso, os discípulos Tiago e João disseram: ‘Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para acabar com eles?’ Jesus, porém, voltou-se e os repreendeu. E partiram para outro povoado.”

⁴⁶⁴ MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 60.

⁴⁶⁵ Para a fé cristã da Igreja Católica Apostólica Romana, Jesus se faz realmente presente na hóstia consagrada e permanece nela.

aquele [Deus] que se abaixou, se fez menor, um ser humano, para poder ser dado como alimento e acolhido como frágil-hóstia-hostil, na hospedaria, no hospital – corpo – da pessoa cristã.

O verbo deu *hostimentum*, “compensação”; hóstia, a vítima, no sentido de “vítima destinada a compensar a cólera dos deuses”, o *hostis*, “inimigo”. Convém fazer uma distinção entre *hóstia e vítima*: *hóstia* designa a vítima oferecida como expiação aos deuses – a hóstia é a oferenda do corpo em martírio; *vítima*, a vítima oferecida em agradecimento.⁴⁶⁶

Como si aquél mismo que invita o recibe, como si el habitante, ese huésped al que cree dar hospitalidad cuando, en verdad, él es quien empieza por recibirla de éste. Como si en verdad, fuese recibido por aquél que él cree recibir. [...]. En casa de uno, consigo, recibir, acoger, aceptar, admitir otra cosa distinta de uno mismo, al otro distinto de uno mismo. Con esto, se puede entender una cierta experiencia de la hospitalidad así como ese pasar el umbral el invitado, que debe ser a la vez convocado, deseado, esperado pero siempre libre de venir o de no venir. Se trata de efeito de admitir, aceptar y de invitar.⁴⁶⁷

Possivelmente uma parábola muito conhecida que representa a hospitalidade, a solidariedade e a responsabilidade é a do Bom samaritano. Com essa parábola Jesus mostra a diferença do doutor da lei e a justiça. Mas também é a partir dessa parábola e de outras mensagens que Jesus vai se tornando aceito e repudiado. Sempre quando se busca denunciar a injustiça e quer praticar-se a justiça, estará como uma faca de dois gumes. Para uns, será a possibilidade de esperança e, para outros, uma ameaça:

Certa ocasião, um perito na lei levantou-se para pôr Jesus à prova e lhe perguntou: “Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna? “O que está escrito na lei?”, Jesus respondeu. “Como você a lê?” Ele respondeu: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento” e “Ame o seu próximo como a si mesmo”. Disse Jesus: “Você respondeu corretamente. Faça isso, e viverá”. Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: “E quem é o meu próximo?” Em resposta, disse Jesus: “Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e lhe disse: Cuide dele. Quando eu voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver’ “Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” “Aquele que teve misericórdia dele”, “Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” “Aquele que teve misericórdia dele”, respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: “Vá e faça o mesmo”.⁴⁶⁸

⁴⁶⁶ MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 55.

⁴⁶⁷ DERRIDA, Jacques. *Aporías: Morir – esperar-se* (en) “los límites de la verdad”. Trad. Cristina de Peretti. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1998, p. 28.

⁴⁶⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. Lc 10, 25-37.

Maria da Betânia também acolhe e tem gestos de hospitalidade com aquele desconhecido, migrante, *canalla* que se dirige para Jerusalém. A mulher faz um gesto que vai se tornar um símbolo para o cristianismo, quando se abaixa e lava os pés e unge os pés de Jesus, com um gesto de humildade e de serviço. Seguidamente veremos esse mesmo gesto, que Jesus vai realizar por primeira e última vez na ceia com os discípulos.

Seis dias antes da festa da Páscoa, Jesus foi para a Betânia, onde morava Lázaro, que ele havia ressuscitado dos mortos. Ali ofereceram um jantar para Jesus. Maria servia e Lázaro era um dos que estavam à mesa com Jesus. Então Maria levou quase meio litro de perfume de nardo puro e muito caro. Ungiu com ele os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos. A casa inteira se encheu com o perfume. Muitos judeus ficaram sabendo que Jesus estava aí em Betânia. Então foram aí não só por causa de Jesus, mas também para verem Lázaro, que Jesus havia ressuscitado dos mortos. Então os chefes dos sacerdotes decidiram matar também Lázaro, porque por causa dele, muitos judeus deixavam seus chefes e acreditavam em Jesus.⁴⁶⁹

Ele é meu *hôte*, eu sou seu *hôte*. Primeiro aspecto de uma ambiguidade sublinguada por numerosos estudos. Em francês, a mesma palavra *hôte* designa simultaneamente aquele que recebe e aquele que é recebido, o acolhedor e o acolhido. [...]. A palavra “hóspede” vem de *hospitem*, acusativo de *hospes*. Mas *hospes* tem um estranho parentesco etimológico com *hostis*, o estrangeiro, o inimigo. O hóspede seria então um inimigo? Esses traços de ordem etimológica se explicam pelo contexto político e jurídico do mundo antigo grego e romano que forjou o conceito de hóspede. Na origem das duas palavras, *hospes* e *hostis*, encontramos o verbo *hostire*, “tratar de igual para igual”, “compensar”, “retribuir”. O verbo deu *hostimentum*, “compensação”; *hóstia*, a vítima, no sentido de “vítima destinada a compensar a cólera dos deuses”, o *hostis*, “inimigo”. Convém fazer uma distinção entre *hóstia* e *vítima*: *hóstia* designa a vítima oferecida como expiação aos deuses – a *hóstia* é a oferenda do corpo em martírio; *vítima*, a vítima oferecida em agradecimento.⁴⁷⁰

De *hostis* são derivados os termos medievais franceses *ost* ou *host*, “exército”, “hoste”. Um vassalo deve a seu suserano o serviço de *ost*, auxílio militar ao senhor em caso de guerra; “*crier l’ost*” (“chamar para o *ost*”) é convocar os vassalos para o serviço. Em francês e português, *hostis* deu “hostil”. O hóspede e o inimigo têm, assim, como origem uma noção comum e importante, a de compensação, de tratamento de igual para igual, ato que visa a aplainar o *status*, *hostil* a priori, do hóspede acolhido. Como é que se passou do *hostis* ao *hospes*? Por que esse amálgama, essa confusão, acerca do termo “hóspede”? Por que a ideia de compensação? Para tentar responder, convém se orientar rumo a uma reflexão acerca do *status* político do indivíduo no mundo antigo.⁴⁷¹

⁴⁶⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002. João 12, 1-3, 9-11.

⁴⁷⁰ GRASSI, Marie-Claire. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 55.

⁴⁷¹ GRASSI, Marie-Claire. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 55.

9.1 Mais idolatria ao mercado, mais migrantes

A migração nas últimas décadas tem crescido significativamente, dada a situação de exclusão social e econômicas que a população em geral está sofrendo, os sistemas inumanos que estão se instalando nos países, gerando miséria ecológica e humana sem precedentes. Quando consideramos sem precedentes, referimo-nos que hoje sabemos dos efeitos devastadores de nossas ações para o meio ambiente e as consequências para uma vida digna da população.

Entre 1960 e 2000, como calculou Collier (tendo disponíveis, no momento em que escreveu, apenas as estatísticas até aquele último ano), “o que descolou, de 20 milhões para mais de 60 milhões, foi a migração dos países pobres para os ricos. Além disso, esse aumento acelerou-se a cada década É razoável supor que no ano 2000 essa aceleração tenha continuado”.⁴⁷²

Cada uno manifiesta un rostro y una fisionomía original, algunas de ellas nunca vistas por las tierras istmeñas. Todos ellos tienen en común el sufrimiento y la pobreza. Todos ellos hallaron puertas cerradas en sus países; o por lo menos no tuvieron las oportunidades necesarias. Allí en sus terruños se conformaban con sobrevivir de cultivos tradicionales, o de oficios menores, pero un buen día se enteraron por los medios de comunicación, y por los que han ido y venido del Norte, que existía algo mejor que lo que tenían.⁴⁷³

Cada año, ingresan a los Estados Unidos casi un millón de inmigrantes legales, más del doble que en la década de 1970. La recesión y el incremento de los controles fronterizos redujeron la inmigración ilegal en dos tercios desde su pico en 2007, pero aún ingresan ilegalmente a los Estados Unidos 300.000 personas por año. Hoy en día, más de 41 millones de residentes de los Estados Unidos han nacido en el extranjero; el 28 por ciento de ellos son indocumentados. A pesar de la caída reciente, la década entre 2000 y 2010 ha tenido el mayor número jamás registrado de inmigrantes hacia los Estados Unidos. Hoy en día, si bien la proporción de habitantes de los Estados Unidos nacidos en el extranjero es del 13 por ciento – levemente menor al pico de 15 por ciento alcanzado en 1890 – ha aumentado en relación al 5 por ciento registrado en 1970. En California, más de uno de cada cuatro residentes es nacido en el extranjero. En Miami, la relación es de seis extranjeros por cada diez residentes. Algunos mexicano-estadounidense llaman en broma a este influjo “la reconquista” de los territorios que lagunas vez pertenecieron a México.⁴⁷⁴

Hoje sabemos que há milhões de pessoas, crianças que morrem de fome e que vivem em situação de indignidade. Calcula-se que aproximadamente um milhão de crianças mexicanas e centro-americanas vivem de forma ilegal nos Estados Unidos⁴⁷⁵. A cada ano

⁴⁷² BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, p. 15.

⁴⁷³ MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014, p. 83.

⁴⁷⁴ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 311-2.

⁴⁷⁵ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014, p. 299.

48.000 crianças entram de forma ilegal aos Estados Unidos, muitas fogem de casa e saem à procura das suas mães, pois sabem que elas ainda as amam, mas que um dia tiveram que ir para o norte; as crianças enfrentam o perigo sem saber⁴⁷⁶. Depois trataremos desse assunto com mais profundidade.

Toda essa situação é gerada pelo egoísmo e pelo acúmulo desmedido de uma parcela mínima da sociedade. Também há situações de crianças que são abandonadas pelos *coyotes*, contrabandistas que roubam filhos de migrantes e, depois que adquirem o dinheiro da recompensa, os abandonam nas estradas, nas rodoviárias, nos aeroportos⁴⁷⁷. Assim mesmo parece que há uma indiferença para com essa realidade.

O Papa Francisco nos convida a refletir sobre isso ao observar que há uma globalização da indiferença. Como já mencionamos anteriormente, a indiferença é uma estratégia para não se responsabilizar pelo outro e pelas más ações.

Essa perigosa indiferença que leva a não parar, inocente ou não, fruto do desprezo ou de uma triste distração, [...]. Um reflexo não menos triste daquela distância menosprezadora que isola da realidade. Há muitas maneiras de passar ao largo, que são complementares: uma é ensimesmar-se, desinteressar-se dos outros, ficar indiferente: outra seria olhar só para fora. Relativamente a essa última maneira de passar ao largo, em alguns países ou em setores deles, verifica-se um desprezo pelos pobres e por sua cultura, bem como um viver com o olhar voltado para fora, como se um projeto de país importado procurasse ocupar o seu lugar. Assim se pode justificar a indiferença de alguns, pois aqueles que poderiam tocar os seus corações com suas reivindicações simplesmente não existem; estão fora do seu horizonte de interesse.⁴⁷⁸

Os migrantes não saem de sua terra deixando família, filhos, pais, amigos e vizinhos para se aventurarem e fazerem novas experiências, trazendo seus triunfos para mostrar as suas conquistas. Não é a experiência de Ulisses, que volta sempre para casa⁴⁷⁹ triunfante e egoistamente arrogante; sua saída sempre termina com um retorno pomposo de glória. O migrante quando sai é uma saída Abrahâmica⁴⁸⁰; ele não sabe de nada, sabe somente que sai

⁴⁷⁶ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Random House trade Paperbacks, 2014, p. 10-11.

⁴⁷⁷ NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Random House trade Paperbacks, 2014, p. 23-4.

⁴⁷⁸ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 44-5.

⁴⁷⁹ Na introdução à edição em castelhano: “Levinas recuerda varias veces [...] el mito de Ulises como símbolo de la ontología: Ulises sale de su patria conservando todas sus pertinencias y, al final de su périplo, retornará a la misma”. In: LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 23.

⁴⁸⁰ “Levinas coloca la historia de Abraham que deja definitivamente su tierra hacia lo nuevo e ignoto. In: LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 30.

em busca de uma vida melhor, para ele e para seu povo, confia encontrar a terra prometida. Para o migrante, a terra prometida é o norte, mas não sabe se algum dia retornará de volta para casa. A maioria dos migrantes nos quais este trabalho pretende se focar não tem como retornar para seus países; poucos conseguirão um visto de trabalho e de permanência. A maioria estará ilegal e passará anos, décadas sem retornar.

As “pessoas deslocadas”, os exilados, os deportados, os expulsos, os desenraizados, os nômades, Têm em comum dois suspiros, duas nostalgias: seus mortos e sua língua. *De uma parte*, eles gostariam de voltar, pelo menos em peregrinação, aos lugares em que seus mortos inumanos têm sua última morada (a última morada dos seus situa, aqui, o *ethos*, a habitação de referência para definir o lar, a cidade ou o país onde os pais, o pai, a mãe, os avós, repousam num repouso que é o lugar de imobilidade a partir do qual se mede todas as viagens e todos os distanciamentos). *De outra parte*, os exilados, os deportados, os expulsos, os desenraizados, os apátridas, os nômades anômicos, os estrangeiros absolutos, continuam muitas vezes a reconhecer a língua, a língua dita materna, como sua última pátria, mesmo a sua última morada.⁴⁸¹

9.2 O migrante econômico

O migrante, diferentemente do estrangeiro, sai de casa, da pátria por uma questão econômica, conforme veremos nos relatos dos migrantes nos próximos capítulos. O migrante não sai por opção, é impelido a sair, não tem trabalho, não tem como manter sua família, não tem estudo, não tem acesso à saúde pública, está fechado num círculo vicioso que não lhe permite fazer nenhuma opção porque todas lhes serão ceifadas. Ele quer trabalhar, dar uma vida mais digna para sua mãe, pai, filho, esposa, porém, para isso deverá sair e procurar isso em outro lugar. Claro, devemos ter em conta que esse outro lugar não será o lugar ideal para realizar seu sonho, mas é a melhor das piores decisões, que deverá tomar.

Os “migrantes econômicos” quase desapareceram dos olhos do público; e que, com toda a excitação produzida pelo recente casamento no inferno dos dois primeiros grupos, a desaparecimento deste último passou despercebida. Uma explicação é que, embora o sinal de chamada tenha mudado, os sentimentos e atitudes que ele desencadeia continuam os mesmos. Tanto as imagens dos “migrantes econômicos” quanto as das “pessoas em busca de asilo” representam “refugos humanos”.⁴⁸²

Mas como é possível que jovens, com toda a força de trabalho, com perspectivas, com sonhos para seres realizados, não tenham trabalho? O que acontece é o que gera essa razão

⁴⁸¹ DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade*: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta: 2003, p. 79.

⁴⁸² BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 76.

ardilosa do mercado capitalista com todos os sistemas *istas*⁴⁸³; é isso que eles querem, que sobre gente, porque não há lugar para todos que desejam entrar. As pessoas que não têm lugar nesse sistema terão que pedir, implorar, se rebaixar, passar por humilhações. O migrante é uma das tantas figuras que terá que fazer isso. Na realidade, qual a saída que ele tem, qual a saída que nós temos?

Os imigrantes, permitam-me observar, se ajustam melhor a esse propósito que qualquer outra categoria de vilões genuínos ou supostos. Há uma espécie de “afinidade eletiva” entre os imigrantes (aquele refugio humano proveniente de lugares distantes descarregado em “nosso próprio quintal”) e os menos toleráveis de nossos próprios temores domésticos. Quando todos os lugares e posições parecem balançar e não são mais considerados confiáveis, a presença de imigrantes joga sal na ferida. Os imigrantes, e em particular os recém-chegados, exalam o odor opressivo de depósito de lixo que, em seus muitos disfarces, assombra as noites das potenciais vítimas da vulnerabilidade crescente.⁴⁸⁴

9.3 O Migrante como refugio

O migrante, em geral, é um dos refugos das sociedades capitalistas e neoliberais, é uma classe social que somente servirá para ser explorada, por outros explorados. No começo, quando chega nas grandes metrópoles, é visto como uma ameaça, mas aos poucos é aceito como alguém de quem se pode tirar proveito.

A produção do “refugio humano”, ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (os “excessivos” e “redundantes”, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade. É um inescapável efeito colateral da *construção da ordem* (cada ordem define algumas parcelas da população como “deslocadas”, “inaptas” ou “indesejáveis”) e do *progresso econômico* (que não pode ocorrer sem degradar e desvalorizar os modos anteriormente efetivos de “ganhar a vida” e que, portanto, não consegue senão privar seus praticantes dos meios de subsistência).⁴⁸⁵

Ele já era o refugio da sociedade na sua terra, sobrava no sistema, já era explorado, sobrevivia no mercado informal, alguns na prostituição, no crime, junto com as *maras* e os *coyotes*, como observaremos depois. Como refugio, busca sair dessa situação na esperança de ter uma boa oportunidade para se realizar na vida e ter sucesso. Todos os migrantes, antes de estarem em situação de migrante, já foram refugio da sociedade. Mas, quando saem, passam no

⁴⁸³ Consumistas, totalitaristas, escravagistas, fascistas, neonazistas, negacionistas, entre outras.

⁴⁸⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 74.

⁴⁸⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 13-4.

momento de trânsito⁴⁸⁶, são explorados e, quando chegam ao destino, que nem sempre é o esperado, pela fragilidade física e emocional serão explorados e reciclados como lixo até a última gota de dignidade que lhes será tirada por dinheiro.

A remoção desse refugio humano da modernização. A remoção desse refugio produzido nas partes “modernizadas” e em “modernização” do globo foi o mais profundo significado da colonização e das conquistas imperialistas – ambas tornadas possíveis, e de fato inevitáveis, pelo poder diferencial continuamente reproduzido pela completa desigualdade de “desenvolvimento”. [...]. Resultante, por sua vez, do confinamento do modo de vida moderno a uma parte “privilegiada” do planeta.⁴⁸⁷

O migrante como estrangeiro, como inimigo, como totalmente outro, o fora da polis, não tem lugar, não se encaixa. Na sua terra, não podia viver com dignidade, não tinha espaço para viver, não tinha casa, trabalho, moradia. Foi expulso como um expurgo social, não havia espaço para ele, não tinha lugar, nenhum lugar é lugar para ele. No exílio, tinha que viver no anonimato e fugindo, aí nenhum lugar foi dele, pois não podia ser visto. Há uma invisibilidade. Quando chega à terra desejada, continua sem ter lugar, todo espaço está ocupado, nenhum espaço lhe pertence. Incomoda, não há lugar para o migrante, mas ele existe, está aí, é invisibilizado, porque ao refugio, ao lixo deve ser tirado da visão, deve ser escondido, levado para fora do ambiente de convivência.

Poderíamos imaginar que o tema do lixo, embora apareça nas manchetes com relativa frequência, ganhou lugar estável e permanente entre as preocupações contemporâneas num plano global. Dado que a comparativa raridade de suas aparições nos discursos das figuras públicas e nos manifestos e plataforma dos partidos dificilmente equivale à extensão das preocupações subterrâneas, como se evidencia pelo número recorde de sites sobre o assunto, o refugio pode ser descrito como *simultaneamente o problema mais angustiante e o segredo mais guardado* de nossos dias. “O refugio”, podemos dizer, seguindo a deixa de Ítalo Calvino, pertence àquela Aglaura que “cresce sobre o solo”, mas não à Algura “com que” crescem os aglaurianos⁴⁸⁸

Mas o lixo e o refugio também têm que ser jogados fora da casa, para manter o ambiente saudável e agradável à convivência, e passam a se tornar lixo de lixo, que terá que sair de nossas casas porque contamina, será jogado na rua e passará a ser um incômodo para todos e, no passo seguinte, terá que ser tirado de nossos bairros e de nossas cidades. Aí será exposto para que outros ainda se alimentem desse lixo.

⁴⁸⁶ É considerada migrante em trânsito a pessoa que ainda não chegou ao lugar que ele deseja. Os migrantes passam meses até chegarem a um lugar precário. Trabalham em diversos locais para poder comer, pagar a comida. Muitos são assaltados, raptados, etc.

⁴⁸⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 13.

⁴⁸⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 38.

Para resumir uma longa história: a nova plenitude do planeta significa, essencialmente, uma crise aguda da indústria de remoção do refugio humano. Enquanto a produção de refugio humano prossegue inquebrantável e atinge novos ápices, o planeta passa rapidamente a precisar de locais de despejo e de ferramentas para a reciclagem do lixo. Como que para tornar ainda mais complexa e ameaçadora uma situação que já é preocupante, uma nova e poderosa fonte de “pessoas refugadas” veio se acrescentar às duas primeiras. A globalização se tornou a terceira – e atualmente a mais prolífica e menos controlada – “linha de produção” de refugio humano ou de pessoas refugadas. Também deu nova roupagem ao velho problema e encheu-o de um novo significado e de uma urgência sem precedentes.⁴⁸⁹

9.4 O Migrante, o Outro – o Vadio e o Refugio

Quando o outro é esperado, é pensado, calculado, se prepara o espaço, se prevê. Não há acolhida, não há hospitalidade. Porque o hospedeiro que já sabe que alguém chega, prepara o ambiente para aquele que já é esperado e anunciado. A verdadeira hospitalidade é aquela na qual o hospedeiro não sabe do hostil, de quando ou como chega. Porque quando o convidado está para chegar o hospedeiro se prepara para recebê-lo e pode colocar até as leis, ou condutas que devem ser seguidas pelo estranho que chega, aliás já não é um totalmente estranho.⁴⁹⁰

Transformação da hospitalidade em hostilidade a partir da perversão sempre possível da Lei. [...] A lei da hospitalidade pura como justiça pede-nos para abrir a hospitalidade para além da família?” pergunta ele. Mas recusar a família (e toda a estrutura na qual ela prossegue, a sociedade civil, o Estado, a nação) é confirmar a hospitalidade pura em sua impossibilidade. É preciso, então, pensá-la a partir desse paradoxo. “Este seria, na Europa”, conclui ele, “o espaço de todos os combates a travar”.⁴⁹¹

Na obra “Vadios”, estranhos, segundo Derrida, é o termo apontado pelo burguês para referir-se ao outro, ao fora da lei e, por isso, representam a desordem estruturada. Os vadios eram aqueles que moravam fora de Paris.

É sempre o outro, o vadio, sempre ele é apontado a dedo pelo burguês bem-pensante, pelo representante da ordem moral ou jurídica. É sempre uma segunda ou uma terceira pessoa. Mesmo se se diz *eu*, aqui, por exemplo, “eu sou [*je suis*] e persigo [*pursuis*] um vadio, ninguém dirá, em princípio, “eu sou, *ego sum*, um vadio”. A palavra não tem apenas uma origem e um uso populares, está destinada a designar alguém que de qualquer maneira, pela sua proveniência social ou pelas suas maneiras, pertence

⁴⁸⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p.13-4.

⁴⁹⁰ PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida*. Florianópolis: Empório do Direito, 2017, p. 149.

⁴⁹¹ DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta: 2003, p. 88; 90.

também ao que de mais popular há no povo. O *demos* não está portanto longe quando se fala de vadio.⁴⁹²

Vadia também era a mulher emancipada e qualquer personagem duvidosa. Os vadios são os estados mais fracos. Os vadios são os mendigos, vagabundos, gentilhas, e os fora da lei. Vadio, é o outro totalmente outro, que não é esperado, nem desejado, muito menos bem-vindo. É aquele que chega provocando um trauma, um mal-estar, porque desautoriza o direito, invade, coloca em perigo a ordem estabelecida como certa. Há uma invasão no espaço e no tempo. O vadio chega debilitado, vulnerável, porém questiona o direito estabelecido e que produz esse vadio, mostra a outra face do direito perverso⁴⁹³. Por exemplo, os países desenvolvidos são os que criam as leis, que eles mesmos podem desconsiderar, mas que os outros devem cumprir, leis que geram desigualdade e criminalizam os países mais pobres. Leis para se protegerem do estranho que chega; e essas mesmas leis justificam o extermínio do outro que está fora da ordem estabelecida por eles e a favor deles. Eles criam o vadio.⁴⁹⁴

Estado-canalla es la traducción del inglés rogue, *Rogue State*. [...]. Estados Unidos está acusado de practicar un terrorismo de Estado y de violar con regularidad las decisiones de la ONU o las instancias del derecho internacional que están tan dispuestos a acusar a los otros, los Estados así llamados canallas, de violar. [...]. Estados Unidos, que es tan propenso a acusar a otros Estados de ser *Rogue States*, sería de hecho el más “canalla” de todos, los que violan mas a menudo el derecho internacional.⁴⁹⁵

Os Rogue Estates: Cuba, Nicarágua, Coreia do Norte, Irã, Venezuela, Rússia.⁴⁹⁶

A fronteira é presa de uma turbulência jurídico-política em vias de desestruturação-estruturação, desafiando o direito existente e as normas estabelecidas. A partir do momento em que uma autoridade pública, um Estado, tal ou qual poder de Estado se dá ou se vê reconhecer no direito de controlar, vigiar, interditar trocas que os trocadores julgam privadas, mas que o Estado pode interceptar já que essas trocas privadas atravessam o espaço público e nele se tornam disponíveis, então todo o elemento da hospitalidade se encontra perturbado.⁴⁹⁷

⁴⁹² DERRIDA, Jacques. *Vadios*. Trad. Fernanda Bernardo; Hugo Amaral; Gonçalo Zagalo. Coimbra: Terra Ocre – unip. Lda, 2009, p. 135-6.

⁴⁹³ DERRIDA, Jacques. *Vadios*. Trad. Fernanda Bernardo; Hugo Amaral; Gonçalo Zagalo. Coimbra: Terra Ocre – unip. Lda, 2009, p. 34-5).

⁴⁹⁴ DERRIDA, Jacques. *Vadios*. Trad. Fernanda Bernardo; Hugo Amaral; Gonçalo Zagalo. Coimbra: Terra Ocre – unip. Lda, 2009, p. 136-7.

⁴⁹⁵ DERRIDA, Jacques. *Seminario La Bestia y el soberano*. Trad. Cristina de Peretti e Delmiro Rocha. Volumen I: 2001-2002. 1. ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Manantial, 2018, p. 38-9.

⁴⁹⁶ DERRIDA, Jacques. *Vadios*. Trad. Fernanda Bernardo; Hugo Amaral; Gonçalo Zagalo. Coimbra: Terra Ocre – unip. Lda, 2009, p. 40.

⁴⁹⁷ DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade*: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta: 2003, p. 45.

O outro, quando chega, vem de outro mundo e não tem contexto, chega com seu rosto nu, é incompreensível. Tudo aquilo que podemos entender da sua presença é a finitude; saber ver o outro é olhar e descobrir que há algo na sua presença que não dá para compreender porque, ao mesmo tempo que está presente, vem de um tempo que é imemorial, um tempo que não é meu, é do outro.⁴⁹⁸

Este sistema Imperialista de canallas, oportunistas a serviço do capitalismo selvagem, do comércio idolátrico gera toda essa massa de gente considerada como lixo, refugio social. Portanto, essa massa é considerada desnecessária neste mundo. O migrante como parte dessa massa sente que sobra, que não faz falta, que sua existência é desnecessária.

Ser “redundante” significa ser extranumerário, desnecessário, sem uso –quaisquer que sejam os usos e necessidades responsáveis pelo estabelecimento dos padrões de utilidade e de indispensabilidade. Os outros não necessitam de você. Podem passar muito bem, e até melhor, sem você. Não há uma razão autoevidente para você existir nem qualquer justificativa óbvia para que você reivindique o direito à existência. Ser declarado redundante significa ter sido dispensado pelo fato de ser dispensável – tal como a garrafa de plástico vazia e não retornável, ou a seringa usada, uma mercadoria desprovida de atração e de compradores, ou um produto abaixo do padrão.⁴⁹⁹

É necessário ver essa pessoa; quando acolhemos o migrante, o refugiado ou o apátrida reconhecemos sua dignidade que lhe foi negada por muito tempo. “São reduzidos a uma massa sem rosto, e lhes é negado o acesso às amenidades elementares das quais se extraem as identidades, assim como dos fios com que elas são tecidas. Tornar-se ‘um refugiado’ significa perder”⁵⁰⁰. Não é possível que neste momento histórico em que vivemos, com todo o conhecimento, todo o acesso à informação e aos meios tecnológicos para dignificar as pessoas, ainda tenhamos e, pior ainda, em número crescente, tantas pessoas sendo consideradas lixo e refugio humano. O refugio é o segredo sombrio e vergonhoso de toda produção. De preferência permaneceria como segredo. Os capitães da indústria prefeririam não mencioná-lo – precisam ser muito pressionados para admitir isso.⁵⁰¹

Os refugiados são o refugio humano, sem função útil para desempenharem na terra a que chegaram e na qual permanecerão temporariamente, nem a intenção ou perspectiva realista de serem assimilados e anexados ao novo corpo social. De sua localização atual, o depósito de lixo, não há retorno nem estrada que leve em frente (a menos que seja para lugares ainda mais longínquos, como no caso dos refugiados

⁴⁹⁸ SUSIN, Luiz Carlos. *O Homem Messiânico: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984, p. 308.

⁴⁹⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 20.

⁵⁰⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 97.

⁵⁰¹ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 39.

afegãos escoltados por navios de guerra australianos para uma ilha distante de todas as rotas navegadas).⁵⁰²

Todo refugio, incluindo as pessoas refugadas, tende a ser empilhado de maneira indiscriminada nos mesmos depósitos. O ato de destinar ao lixo põe fim a diferenças, individualidades, idiosincrasias. O refugio não precisa de distinções requintadas e matizes sutis, a menos que seja marcado para a reciclagem. Mas as perspectivas dos refugiados de serem reciclados em membros legítimos e reconhecidos da sociedade humana são, para dizer o mínimo, reduzidas e muitíssimo remotas.⁵⁰³

Uma vez refugiado sempre refugiado. Todas as estradas que levam de volta ao paraíso doméstico perdido (ou melhor, no mais existente) foram bloqueadas, e todas as saídas do purgatório que o campo de refugiados representa conduzem ao inferno....⁵⁰⁴

⁵⁰² BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 98.

⁵⁰³ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 99.

⁵⁰⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 100.

10 “QUEDA-TE EM CASA”: A migração em tempos de pandemia

Neste capítulo quero trazer presente a realidade dos migrantes neste tempo de pandemia. A *glamourização* da pandemia, o lema de “quedar-se em casa”, a preocupação de não sair e cuidar-se, cuidar da vida, as inúmeras publicações nas redes sociais de pessoas que ficam em casa, fazem apresentações de músicas nas sacadas ou janelas de prédios de classe média, de danças nas coberturas dos prédios; a preocupação com o aumento de peso por não poderem realizar os exercícios diários. A preocupação pelo estresse, as crianças que não se adaptam com a presença dos pais durante o dia todo em casa, e os pais que também não sabem como lidar com seus filhos durante tanto tempo. A preocupação de ter que trocar passagens aéreas de passeios já agendados, pacotes de viagens. Esse é o problema que as pessoas que têm condições econômicas para ficar em casa e postar nas redes sociais as peripécias para “sobreviver” na quarentena. Essas pessoas têm segurança econômica e a *glamourização* do “quedar-se em casa” é possível; mas há um mundo que se cai em pedaços, há uma realidade nua e crua, uma vida nua.

Neste capítulo está presente a reflexão que François-David Sebbah fez no *III Seminário Internacional de Emmanuel de Levinas*, acontecido em Belo Horizonte⁵⁰⁵, e que resultou na publicação do livro *A ética do sobrevivente*, quando ele coloca a sociedade francesa decadente à beira do abismo e em derrocada⁵⁰⁶, no *Palco de Alençon*, que nos *Cadernos do cativo* Levinas descreve um mundo em pedaços que se decompõe. Enquanto isso, há sobreviventes que sentem compaixão pela dor dos empobrecidos e outros que são indiferentes.

Muitas famílias que não têm esta segurança econômica. Quem? Os empobrecidos, a classe trabalhadora dos serviços essenciais, os trabalhadores informais, os migrantes.

São recorrentes as notícias sobre imigrantes indocumentados, em meio à pandemia que, sem ter acesso ao auxílio emergencial de R\$ 600,00 (seiscentos reais) instituído pelo governo brasileiro, lutam para retornar para seus países de origem, sobre galpões clandestinos abrigando dezenas de famílias imigrantes nos grandes centros urbanos, em condições extremamente indignas.⁵⁰⁷

⁵⁰⁵ As palestras apresentadas nesse Seminário foram organizadas e publicadas no Livro: *Amor e justiça em Levinas*, que se encontra na bibliografia.

⁵⁰⁶ SEBBAH, François David. *A Ética do Sobrevivente*: Levinas, uma filosofia da derrocada. Trad. Leonardo Meirelles. Passo Fundo: Conhecer, 2021, p. 18.

⁵⁰⁷ SIMONETTI, Tatiana Leal Bivar. Exploração Laboral, Pandemia e seus Legados. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 35.

A OIT estima que, somente no segundo trimestre de 2020, a queda do horário global de trabalho entre os trabalhadores da economia informal seria equivalente à perda de mais de 305 milhões de empregos em período integral. [...]. A perda de emprego entre os trabalhadores migrantes é agravada pelo fato dessas ocupações, geralmente, não serem cobertas por proteções das leis trabalhistas padrão ou sistema de proteção social e pelo risco de demissões desencadearem a expiração de vistos ou autorizações de trabalho.⁵⁰⁸

10.1 Queda-te em casa! Que casa?

Já indo para o final de nosso trabalho, que foi uma aventura, uma viagem ao norte junto com os migrantes, não quero deixar de falar desta situação que estamos enfrentando da pandemia de Covid-19, que tem assolado o mundo, já estamos beirando os dois anos de pandemia, com um clima de incertezas, desconhecimento, retração, medo, insegurança. Como fica a questão da mobilidade humana? Não aquela do turismo, dos passeios programados, com roteiros turísticos, compras, *self* e *glamour*. Penso na mobilidade humana forçada, nos migrantes, nos apátridas e refugiados. Como é lidar com Covid-19 sendo migrante. Como falar com o migrante em tempos de pandemia? Ele que já era rotulado como criminoso, como o outro perigoso que chega, agora com a pandemia ainda está sendo mais rechaçado e discriminado. Não é só o criminoso que chega, o assaltante, este está chegando com o terceiro, o vírus.

Em 5 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) difundiu seu primeiro boletim sobre uma pneumonia de origem desconhecida, identificada pela China em 31 de dezembro de 2019. A doença contava à época, segundo o governo chinês, 44 casos, sendo 11 deles graves, todos detectados na cidade de Wuhan. [...]. Oficialmente, porém, a doença foi deferida como do “novo coronavírus” sendo depois batizada em definitivo como “Covid-19”. [...]. Diante do aumento da difusão global de notícias sobre a doença e a sua crescente propagação internacional, multiplicam-se os casos de discriminação e de violência contra populações asiáticas, inclusive entre migrantes e seus descendentes radicados no Ocidente.⁵⁰⁹

O migrante não teve como seguir a recomendação de “*queda-te em casa*”, ele já não tem casa, sua casa está lá em centro-américa, a sua futura casa está no norte, na metade de caminho. Não tem como voltar, mas também, agora, com a pandemia, não tem como prosseguir o

⁵⁰⁸ NETO, Silvio Beltramelli; MENACHO, Bianca Braga. Covid-19 e a vulnerabilidade socioeconômica de migrantes e refugiados à luz dos dados das organizações internacionais. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 56.

⁵⁰⁹ VENTURA, Deisy de Freitas Lima. Pandemia e estigma: nota sobre as expressões 'vírus chinês' e 'vírus de Wuhan'. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 95.

caminho. Há ordem de quarentena, de não circular, agora ele deve se esconder porque vai ser duplamente criminalizado. É alguém perigoso, que não faz isolamento social, não tem como provar que não porta o vírus. Se antes uma parcela muito significativa da população queria vê-lo longe, agora mais ainda. Se tornou o leproso atual do caminho, aqueles de Francisco de Assis, de que falávamos anteriormente.

Mas não só as pessoas mostravam seu racismo pelos migrantes, reforçado agora pela pandemia. Os governos também foram os encarregados de promover xenofobia para com os contaminados por Covid-19 e para com os migrantes que já estavam sendo taxados como portadores do vírus. Os Estados Unidos se mostraram – como não podia ser de outra maneira como *Estates Rouge*⁵¹⁰ – extremamente racistas, escancarando o racismo e a xenofobia.

Os migrantes em situação irregular foram drasticamente afetados, por perderem emprego e renda ou por estarem diretamente expostos ao continuarem trabalhando (faxineiros, auxiliares de enfermagem, motoristas entregadores de delivery e funcionários de supermercados). Nos Estados Unidos, essas pessoas, provenientes na sua maioria provenientes da América Latina, estão impedidas de receber seguro desemprego ou auxílio financeiro do governo. Vivendo aglomeradas em casas com muitas pessoas para poderem pagar o aluguel e todas tendo pouca ou nenhum acesso à saúde. Os municípios de Nova York, Massachussets e Flórida que concentram maior população latina têm de 20 a 33% mais chances de adoecimento e óbito em relação ao número global do respectivo Estado.⁵¹¹

10.2 A chegada do terceiro

O migrante, agora, é alguém de quem se deve ter muito cuidado, não chega sozinho, pode trazer um inimigo consigo, chega com o outro do outro⁵¹², porque, para uma parcela da população, o migrante já tem o vírus de Covid-19, e esse é mortal, é o terceiro que chega.

El tercero es otro distinto que el prójimo, del Otro pero es también otro prójimo, es también un prójimo del Otro. [...]. El otro se mantiene en una relación con el tercero, de la cual yo no puedo responder enteramente, incluso si respondo de mi prójimo

⁵¹⁰ DERRIDA, Jacques. *Seminario La Bestia y el soberano*: Volumen I: 2001-2002. 1. ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Manantial, 2018, p. 49.

⁵¹¹ IFANGER, Fernanda Carolina Araújo; POGGETTO, João Paulo Ghiraldelli Dal. Processos migratórios em tempos de pandemia: acentuação da punição e do controle social. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 173.

⁵¹² “O singular sempre inaugura, ele chega mesmo, de modo imprevisível, como o “chegante” mesmo, por meio da repetição. “Outrem é secreto porque é outro” In: DERRIDA Jacques. *Papel Máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 251, p. 331.

solamente antes de toda cuestión. El otro y el tercero, mis prójimos, contemporáneos uno del otro me alejan del otro y del tercero.⁵¹³

Esse terceiro é o vírus que veio para destruir o ser humano e se está no migrante é necessário destruir os dois.

Coronavirus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. Os primeiros coronavirus humanos foram isolados pela primeira vez em 1937 e descritos como tal em 1965 em decorrência de seu perfil parecendo uma coroa na microscopia. O novo microorganismo agente infeccioso do coronavirus foi descoberto em dezembro de 2019. [...]. Embora seu grau de contágio seja moderado, o fato de ser uma doença de transmissão respiratória, por meio de gotículas respiratórias, dificulta as medidas de controle. Além disso, o grau de letalidade influencia diretamente na capacidade de contágio da doença.⁵¹⁴

Nesse sentido, o migrante se tornou um perigo duplo porque pode portar – e a insegurança leva a pensar que é portador mesmo – um vírus que ninguém conhece, mas do qual todo mundo fala. Os albergues começam a ficar lotados. Como proceder nos albergues? Há uma pandemia que exige, por uma questão sanitária, a não aglomeração. Os albergues começam a receber centenas de migrantes que chegam de todas partes. Como manter a distância em albergues, que são peças em lugares inventados, que não têm uma arquitetura idealizada?

A pandemia do COVID-19 tem sido responsável por uma crise mundial no setor de saúde e na economia, cujos impactos imediatos foram a queda da bolsa de valores e a diminuição do consumo, em função da adoção da quarentena como método de prevenção à doença. Entretanto, a OIT estima que, em virtude da pandemia, o desemprego poderá atingir entre 4,3 e 24,7 milhões de pessoas em todo o mundo, além de estarem previstos impactos na vida dos trabalhadores autônomos e a existência de um risco iminente de aumento das desigualdades, sendo que os grupos segregados são os que mais padecem nesses momentos de crise.⁵¹⁵

Os organismos internacionais dos Direitos Humanos, ACNUR, OIT, OMS, ONU e outros já expressaram sua preocupação a respeito dos migrantes que ainda estão em curso, ao norte ou de retorno a casa. Do cuidado para com eles, do pedido de não criminalizar, contra a xenofobia, contra o trabalho escravo. O pedido para que os governos atendam os migrantes e

⁵¹³ LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987, p. 237.

⁵¹⁴ DANTAS, Sylvia. Pandemia, mentiras e xenofobia: a saúde pública requer interculturalidade. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 104.

⁵¹⁵ ACCIOLY, Gustavo. Ações para inserção laboral de grupos vulneráveis na pandemia de Covid-19. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 45.

refugiados que buscam asilo no meio desta pandemia, deem asilo. Só que os governos estão preocupados em resolver outras questões sanitárias como compras de vacinas. Os recursos que tinham destinado para a mobilidade humana foram reorientados para enfrentar a pandemia.

As medidas políticas de suporte perene em resposta à crise migratória têm sido insuficientes e, em função da pandemia de 2020 do coronavírus, vírus causador da doença COV-19, recursos destinados a migrantes foram redirecionados para outras ações. A discursão dos movimentos migratórios passou a ser secundária. Detendo pouca atenção nos meios de comunicação. Estratégias isoladas nos países fronteiriços de destinos não são suficientes para tratar crise convergentes da pandemia, economia e migração.⁵¹⁶

Importante dar assistência aos desempregados e às famílias que se empobrecem ainda mais com essa pandemia. Essa também é a desculpa perfeita para desconsiderar e ser indiferente com a questão migratoria:

[...] más allá de toda crítica clásica de la violencia fascista, nazi, totalitaria, en general, etc., se puede decir que son sistemas que *cierran* el ‘por venir’ y que se encierran en la presentación de lo presentable. [...] del venir, del acontecimiento, del ‘vem’, de la diferencia e de la deconstrucción de la presencia.⁵¹⁷

A pandemia trouxe no cenário internacional e nacional severas restrições aos Direitos Humanos e Fundamentais aos migrantes. As medidas restritivas de circulação e fechamento de fronteiras, em prol da saúde coletiva não podem se dar de forma absoluta a fim de não garantir a proteção do núcleo essencial dos direitos fundamentais em condições permanente de dignidade, sendo a todos, independentemente da origem, sexo, raça, especialmente em situações de grave e generalizada violação de Direitos Humanos. Não é suficiente para efetividade dos direitos fundamentais e promoção de uma inclusão social aos migrantes apenas a distribuição de kits de higiene básicos e a manutenção de isolamento em campos de acolhimento e internação coletiva. A promoção de medidas de acesso à informação aos direitos básicos e controle da doença, garantia de atendimento em redes hospitalares de forma integral, auxílio na promoção e manutenção de empregos e condições de atividades laborais, e a facilitação para acesso aos benefícios sociais estabelecidos por políticas públicas de natureza não-discriminatória e inclusiva se revela fundamental para concretização da hospitalidade e preservação do dever de humanidade presente em todo e qualquer Estado, como garantia do princípio da solidariedade. Se a dignidade da pessoa humana é a baliza do direito e se o migrante é um sujeito de direito e não uma ameaça a segurança nacional é fundamental a realização da mencionada solidariedade. A preservação da própria humanidade depende da atuação estatal e da mudança de mentalidade da população.⁵¹⁸

⁵¹⁶ SPERANDIO, Ana Maria Girotti; BONETTO, Bárbara; LIN, Pamela Shue Lang. Mobilidade humana e promoção da saúde no contexto da pandemia. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 197-8.

⁵¹⁷ DERRIDA, Jacques. *Política y amistad*: entrevistas con Michael Sprinter. Sobre Marx y Althusser. Trad. Heber Cardoso. Buenos Aires: Nueva Vision, 2012, p. 64.

⁵¹⁸ MARTINI, Maria Carolina Gervásio Angelini de; OLIVEIRA, Viviane de Arruda Pessoa. Hospitalidade e migrações: o acesso aos direitos humanos fundamentais em tempos de pandemia. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 309.

10.3 O protecionismo e o negacionismo na pandemia

A instabilidade foi geral, muitas pessoas perderam seus empregos, outras entraram no seguro de trabalho. Havia medo, receio de tudo. O controle epidemiológico era contínuo. Havia controle de entrada em farmácias, aeroportos, rodoviárias, supermercados, hospitais. Decretaram quarentena contra a vontade de boa parte da população. Em alguns países houve uma boa adesão por parte da população; em outros os governantes desconsideraram as medidas da OMS, como foram os casos mundialmente conhecidos de Trump e de Bolsonaro.

O “vamos voltar ao trabalho” é um caso exemplar da falsidade da preocupação de Trump com a classe trabalhadora: ele se dirige a pessoas comuns de baixa renda para as quais a pandemia também significa uma catástrofe econômica, pessoas que não têm condições financeiras de se isolar e para as quais o colapso econômico representa uma ameaça ainda maior que o vírus. A pegadinha aqui é clara, é dupla. Primeiro, a política econômica de Trump (desmantelamento do Estado de bem-estar social) é em larga medida responsável pelo fato de muitos trabalhadores de baixa renda se encontrarem em uma situação calamitosa a ponto de a pobreza representar, para eles, uma ameaça maior que o próprio vírus. Segundo, aqueles que realmente “voltariam a trabalhar” são eles, os pobres, enquanto os mais ricos permaneceriam confortavelmente em isolamento.⁵¹⁹

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) começou o domingo com um novo ataque ao isolamento social, medida necessária ao enfrentamento da pandemia do coronavírus. Em sua página no Twitter, o mandatário afirmou que, se a quarentena continuar, “não está difícil de saber o que nos espera” [...]. Depois de demitir o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta (DEM), na última sexta-feira (17), devido a divergências sobre a necessidade ou não de o governo incentivar o isolamento social, Bolsonaro partiu para o ataque contra a medida recomendada pelas autoridades de saúde em todo o planeta.⁵²⁰

No momento da pandemia, o mercado se blindou e deu um passo atrás, exigindo do Estado que assumisse o controle e desse um respaldo para a sociedade. Mas, em muitos países, o Estado mínimo e o mercado neoliberal, que sempre lucraram às custas do trabalho da população, encontraram dificuldade em assumir o papel de Estado protetor. Nos dois casos citados dos países que se destacaram negando a pandemia, podemos perceber que são países com regimes totalitários, populistas e negacionistas.

⁵¹⁹ ZIZEK, Slavoj. *Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo*. Trad. Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 128.

⁵²⁰ ANDRADE DE; Hanrrikson. Bolsonaro ataca quarentena: “Não está difícil saber o que nos espera”... Publicado em: 19 de abril de 2020. In: UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/19/bolsonaro-ataca-quarentena-nao-esta-dificil-saber-o-que-nos-espera.htm>. Acesso em: 15 jul. 2022.

Vemos aqui que a violência do estado é a violência da impessoalidade que não toma em consideração as pessoas em particular. Ao julgar o eu e o Outro segundo leis universais, a política os deforma. Um Estado homogêneo traz em si mesmo o germe do totalitarismo. São a neutralidade e a impessoalidade os perigos constantes que deformam o Estado.⁵²¹

No tempo de crise, como, por exemplo, na pandemia, o Estado deve ser um Estado forte⁵²² que se impõe, quando necessário, no que se refere às medidas sanitárias.

A China foi capaz de submeter dezenas de milhares de pessoas à quarentena. Imagine só a mesma epidemia massiva em um país como os Estados Unidos – será que o Estado seria capaz de implementar as mesmas medidas? Podemos até imaginar que, diante de uma situação dessas, milhares de libertarianistas pegariam em armas para combater quaisquer medidas das autoridades, suspeitando que a quarentena seja uma conspiração de Estado [...].⁵²³

O Estado, portanto, tem sua única legitimidade na destruição das forças sociais que se opõem ao mercado. É um Estado militante do mercado, cuja necessidade tem sua origem na falta de compreensão dos intervencionistas e reformistas. Trata-se, neste sentido, de um Estado “anti-Estado”, de um Estado empenhado na destruição do Estado para que o mercado possa ser o meio de socialização exclusivo de toda a sociedade. É um Estado que rapidamente se transforma num Estado terrorista, Estado totalitário montado em cima do mercado total.⁵²⁴

Nessa situação estão os migrantes que ainda perambulam pelo mundo, e não é diferente no corredor do inferno mexicano. Aquele migrante que já era criminalizado, e agora mais, porque com certeza traz o inimigo – vírus – portanto, são dois inimigos que aparecem. Diante desta realidade a situação do migrante se complica ainda mais. A hospitalidade fica tensa demais, lembrando que aqueles que têm gestos de hospitalidade incondicional são famílias simples, pobres; os albergues são sustentados pela solidariedade de pessoas trabalhadoras e simples. “No solo acoger al extranjero a fin de integrarlo sino asimismo a fin de reconocer y

⁵²¹ CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Ideias & Letras, 2010, p. 136.

⁵²² “Em tempos de pandemia, é preciso um Estado forte, uma vez que medidas de larga escala, como quarentenas, devem ser implementadas com disciplina militar. A China foi capaz de submeter dezenas de milhares de pessoas à quarentena. Imagine só a mesma epidemia massiva em um país como os Estados Unidos – será que o Estado seria capaz de implementar as mesmas medidas? Podemos até imaginar que, diante de uma situação dessas, milhares de libertarianistas pegariam em armas para combater quaisquer medidas das autoridades, suspeitando que a quarentena seja uma conspiração de Estado” In: ZIZEK, Slavoj. *Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo*. Trad. Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 28-9.

⁵²³ ZIZEK, Slavoj. *Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo*. Trad. Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 28-9.

⁵²⁴ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 102.

aceptar su alteridad: dos conceptos de la hospitalidad que dividen, hoy en día, nuestra consciência europea y nacional”.⁵²⁵

Vemos aqui que a violência do estado é a violência da impessoalidade que não toma em consideração as pessoas em particular. Ao julgar o eu e o Outro segundo leis universais, a política os deforma. Um Estado homogêneo traz em si mesmo o germe do totalitarismo. São a neutralidade e a impessoalidade os perigos constantes que deformam o Estado.⁵²⁶

No tempo de crise, como, por exemplo, na pandemia, o Estado deve ser um Estado forte⁵²⁷ que se impõe, quando necessário, no que se refere às medidas sanitárias.

A China foi capaz de submeter dezenas de milhares de pessoas à quarentena. Imagine só a mesma epidemia massiva em um país como os Estados Unidos – será que o Estado seria capaz de implementar as mesmas medidas? Podemos até imaginar que, diante de uma situação dessas, milhares de libertarianistas pegariam em armas para combater quaisquer medidas das autoridades, suspeitando que a quarentena seja uma conspiração de Estado [...].⁵²⁸

O Estado, portanto, tem sua única legitimidade na destruição das forças sociais que se opõem ao mercado. É um Estado militante do mercado, cuja necessidade tem sua origem na falta de compreensão dos intervencionistas e reformistas. Trata-se, neste sentido, de um Estado “anti-Estado”, de um Estado empenhado na destruição do Estado para que o mercado possa ser o meio de socialização exclusivo de toda a sociedade. É um Estado que rapidamente se transforma num Estado terrorista, Estado totalitário montado em cima do mercado total.⁵²⁹

Nessa situação estão os migrantes que ainda perambulam pelo mundo, e não é diferente no corredor do inferno mexicano. Aquele migrante que já era criminalizado, e agora mais, porque com certeza traz o inimigo – vírus – portanto, são dois inimigos que aparecem. Diante desta realidade a situação do migrante se complica ainda mais. A hospitalidade fica tensa demais, lembrando que aqueles que têm gestos de hospitalidade incondicional são famílias

⁵²⁵ DERRIDA, Jacques. *Aporías: Morir – esperar-se* (en) “los limites de la verdade”. Trad. Cristina de Peretti. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1998, p. 39.

⁵²⁶ CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Ideias & Letras, 2010, p. 136.

⁵²⁷ “Em tempos de pandemia, é preciso um Estado forte, uma vez que medidas de larga escala, como quarentenas, devem ser implementadas com disciplina militar. A China foi capaz de submeter dezenas de milhares de pessoas à quarentena. Imagine só a mesma epidemia massiva em um país como os Estados Unidos – será que o Estado seria capaz de implementar as mesmas medidas? Podemos até imaginar que, diante de uma situação dessas, milhares de libertarianistas pegariam em armas para combater quaisquer medidas das autoridades, suspeitando que a quarentena seja uma conspiração de Estado” In: ZIZEK, Slavoj. *Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo*. Trad. Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 28-9.

⁵²⁸ ZIZEK, Slavoj. *Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo*. Trad. Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 28-9.

⁵²⁹ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 102.

simples, pobres; os albergues são sustentados pela solidariedade de pessoas trabalhadoras e simples. “No solo acoger al extranjero a fin de integrarlo sino asimismo a fin de reconocer y aceptar su alteridad: dos conceptos de la hospitalidad que dividen, hoy en día, nuestra consciência europea y nacional”.⁵³⁰

10.4 Migrantes nos Estados Unidos e a pandemia

Os migrantes, já morando nos Estados Unidos, também passaram por situações difíceis. De um momento para outro, tiveram que repensar a sua vida. Migrantes indocumentados que trabalhavam em supermercados, bares, restaurantes, na limpeza e outros serviços, diante da quarentena se viram com o trabalho reduzido ou extinto. Ficaram jogados à sorte, sem direitos trabalhistas, sem poder recorrer à justiça, o que seria a pior opção porque significaria entregar-se à fera. Tiveram que sair das suas moradias por falta de dinheiro para pagar o aluguel e se juntar com outros migrantes para partilhar os gastos indispensáveis. Sem poder receber auxílios emergenciais, por serem ilegalizados, se viram em uma situação alarmante. Sem saúde pública, morando em pequenos lugares e aglomerados, a alternativa – ideal para o mercado – de trabalhar em condições sanitárias inexistentes para poder sobreviver economicamente.

Agrava-se a isso o fato de que, no caso da pandemia do Covid-19, muito dos trabalhadores vitimados pelo desemprego dela decorrente já viviam a margem da sociedade. Eram pessoas pobres ou abaixo da linha da pobreza, sendo a pandemia fator de extremo agravamento da situação. Premiadas pelas necessidades mais básicas e sem consciência do quadro de vulnerabilidade em que estão inseridas, tornam-se vítimas fáceis ao tráfico de pessoas.⁵³¹

Conhecida a notícia de milhares de migrantes indocumentados que foram enterrados numa fossa comum na ilha Hart Island, na região de Bronx. Os migrantes mortos, contaminados pelo Covid-19 tiveram que ser enterrados de forma indigna, já que seus familiares não se apresentavam para responsabilizar-se pelos corpos. Porque, tanto o familiar morto quanto eles eram imigrantes ilegalizados que, ao se fazerem presentes, teriam que se apresentar à polícia.⁵³²

Em Nova York, um dos bairros mais afetado pelo vírus é o Queens, que também abriga grande parcela da população migrante da cidade. Em parte, os altos índices de

⁵³⁰ DERRIDA, Jacques. *Aporias: Morir – esperar-se* (en) “los limites de la verdade”. Trad. Cristina de Peretti. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1998, p. 39.

⁵³¹ ZUBEN, Catarina von. Pandemia e tráfico de pessoas. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 29.

⁵³² JACKSON, Lucas. Com 5.000 mortes, NY usa valas comuns para enterrar vítimas da Covid-19. Publicado em 10 de abril de 2020. In: VEJA. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/ny-destina-ilha-para-enterro-de-vitimas-do-coronavirus/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

contaminação se devem ao fato de que os migrantes são empregados em setores da economia informal ou que exigem pouca qualificação e, portanto, não podem optar pelo trabalho remoto. Em parte, isso se deve à falta de seguro médico e do acesso à saúde, assim como ao medo de serem detidos e deportados, já que muitos desses migrantes, são indocumentados e criminalizados pelo governo de Trump. Como sabemos, a ilegalização dos migrantes, é produzida pelo Estado e tem se tornado um mecanismo eficaz para produzir a mão de obra barata, precarizada e disciplinada pelo medo.⁵³³

Os Estados Unidos de fato se comportaram como um país soberano, pertencente aos *Rogue Estates*⁵³⁴, aquele país totalitarista e nacionalista que exige dos outros aquilo que ele nunca faria.

Estados Unidos, es decir, Estados delinquentes, Estados criminales, Estados que se conducen como bandoleros, como bandoleros de grandes caminos o como vulgares asilvestrados que hacen lo que les da la gana, que no respetan el derecho internacional, se mantienen al margen de la urbanidad internacional, violan la propiedad, las fronteras, las reglas y las buenas costumbres internacionales.⁵³⁵

Ele exigiu que as vacinas e os implementos de saúde fossem vendidos com exclusividade para os Estados Unidos⁵³⁶. Como todo país soberano – e era de esperar – deixam de vigorar as leis que não são a favor e impõe novas leis para os outros.

El soberano puede matar en cualquier momento, de todas las maneras. La guerra colonial no está sometida a reglas legales e institucionales, nos es una actitud legalmente codificada. El terror colonial se entremezcla más bien incesantemente con un imaginario colonialismo de tierras salvajes y de muertes, y con ficciones que crean la ilusión de lo real.⁵³⁷

No caso da migração, a pandemia foi a melhor escusa para fechar suas fronteiras e expulsar a maior quantidade possível de migrante.

⁵³³ RUSEISHVILI, Svetlana. Quatro lições da pandemia sobre a mobilidade no mundo contemporâneo. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 165.

⁵³⁴ Aqui o termo usado por Derrida, em espanhol, *Canalla* se aplica perfeitamente. O *canalla* aquele que se aproveita de toda situação para lucrar para tirar proveito de tudo. Não está interessado em seguir ética, nem morais, religiosas nem filosóficas. O *canalla* sempre pensa em seu bem-estar. De tudo e de todos pode tirar proveito. Os Estados Unidos, é esse *canalla*, que até na pandemia que enfrentamos do Covid-19, ele pensa em si próprio.

⁵³⁵ DERRIDA, Jacques. *Seminário La Bestia y el soberano*: Trad. Cristina de Peretti e Delmiro Rocha. Volumen I: 2001-2002. 1. ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Manantial, 2018, p. 37-8.

⁵³⁶ GUIMÓN, Pablo. Trump assina ordem executiva para priorizar norte-americanos na vacinação. Publicado em: 08 de dezembro de 2020. In: El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-12-09/trump-assina-ordem-executiva-para-priorizar-norte-americanos-na-vacinacao.html>. Acesso em: 15 jul. 2022.

⁵³⁷ MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Trad. Elisabeth Falomitr Archambault. España. Editorial Melusina, S. L. 2011, p. 40-1.

El soberano – disse Schmitt – es aquel que tiene el derecho a suspender el derecho. [...] Estados canallas (Rogue Estates) y de sus líderes que a menudo son comparados, com algunas “bestias” en la retórica política de los Estados más poderosos.⁵³⁸

Diante desta realidade o migrante não existia para o Estado, agora muito menos. O indocumentado morando nos Estados Unidos se viu totalmente abandonado à própria sorte. Isso coloca em perigo a questão sanitária porque os migrantes ilegalizados estão fora das estatísticas e, portanto, fora de todas as medidas sanitárias de prevenção e fora do acesso à saúde. Por esses motivos os migrantes indocumentados, já fragilizados, tornam-se mais vulneráveis e expostos à contaminação.⁵³⁹

A crise desdobra-se pelo acesso reduzido dos migrantes ao asilo – 99 países não estão abrindo exceções para admissão de asilo em caso de fronteiras fechadas, por exemplo –, pelo aumento das detenções, retorno forçado e deportações – que não raramente têm ocorrido em condições de superlotação e insalubridade, aumentando riscos de contaminação –, pela retenção dos migrantes, pelos processos de separação familiar e pela exposição ao risco de tráfico humano.⁵⁴⁰

Para piorar ainda mais a situação, os migrantes que já não têm os recursos financeiros para se sustentar, como consequência não tem como ajudar a seus familiares no seu país de origem natal. As remessas de dinheiro que mensalmente eram enviadas deixam de acontecer. Lembrando que as famílias empobrecidas que recebem essas remessas, dependem dela; ainda que como vimos anteriormente os valores das remessas movimentam significativamente a economia global. “[...] a perda de rendimento causada pela COVID-19 levará provavelmente a uma queda colossal de 109 bilhões de dólares em remessas. [...] ‘Isto equivale a quase três quartos de toda a assistência oficial ao desenvolvimento que já não está a ser enviada para casa aos 800 milhões de pessoas que dependem dela’, informou o secretário-geral”⁵⁴¹

⁵³⁸ DERRIDA, Jacques. *Seminario La Bestia y el soberano II*. Trad. Luis Ferrero; Cristina de Peretti; Delmiro Rocha. Buenos Aires: Manantial, 2011, p. 14.

⁵³⁹ RUSEISHVILI, Svetlana. Quatro lições da pandemia sobre a mobilidade no mundo contemporâneo. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 165.

⁵⁴⁰ NETO, Silvio Beltramelli; MENACHO, Bianca Braga. Covid-19 e a vulnerabilidade socioeconômica de migrantes e refugiados à luz dos dados das organizações internacionais. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 54-5.

⁵⁴¹ ACNUR. Refugiados e migrantes enfrentam ‘três crises de uma só vez’, alerta secretário-geral da ONU Novembro 2020. Publicado em: 03 de junho de 2020. In: OCHA. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/06/03/refugiados-e-migrantes-enfrentam-tres-criises-de-uma-so-vez-alerta-secretario-geral-da-onu>. Acesso em: 15 jul. 2022.

Mesmo aos deslocados que adquirem certa capacidade financeira, sua aptidão para contribuir com os países em que decidem, bem como de prover suporte financeiro para as famílias e comunidades do país de origem, sofrerá forte abalo, estimando-se um declínio nas remessas de recursos de US\$ 109 milhões, causando dificuldade para 800 milhões de pessoas nos países de baixa e média renda que dependem desse montante remetido.⁵⁴²

A previsão não é nada alentadora para os migrantes, já que a economia vai levar um bom tempo para se recuperar. Provavelmente, os migrantes enfrentarão dificuldades para encontrar um trabalho que lhes permitam viver com o mínimo indispensável queiram retornar a seus países de origem. Aqueles que estão a caminho do norte, diante desta situação, empreendem o caminho de regresso a sua pátria natal.

Não bastasse com isso, a OIT prevê que, com o relaxamento das medidas do isolamento social, a maioria dos migrantes recém desempregados ou alocados em empregos precários tenderão a retornar para seus países de origem, muitos dos quais despreparados para reintegrá-los em sua economia e em seu sistema de proteção social. Tal situação representa uma crise dentro da outra. (OIT, 2020).⁵⁴³

10.5 A pandemia em centro-américa

Novamente, quem mais sofre nessas situações são sempre os mesmos, os mais empobrecidos. Muitas pessoas em centro-américa trabalhavam no mercado informal com a venda de produtos de baixa qualidade nos centros e nas regiões do turismo. Quando a pandemia chegou nesses países, e ao fecharem as fronteiras e pararem com o turismo internacional, os trabalhadores informais que sobreviviam do turismo e dos diversos trabalhos informais ficaram sem nenhuma entrada de dinheiro.

As pessoas em movimento enfrentam uma crise de proteção. Segundo a ONU, mais de 150 países impuseram restrições nas fronteiras para conter a propagação do vírus. Pelo menos 99 estados não abrem exceção para pessoas que buscam refúgio por perseguição.⁵⁴⁴

⁵⁴² NETO, Silvio Beltramelli; MENACHO, Bianca Braga. Covid-19 e a vulnerabilidade socioeconômica de migrantes e refugiados à luz dos dados das organizações internacionais. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 55.

⁵⁴³ NETO, Silvio Beltramelli; MENACHO, Bianca Braga. Covid-19 e a vulnerabilidade socioeconômica de migrantes e refugiados à luz dos dados das organizações internacionais. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 56.

⁵⁴⁴ ACNUR. Refugiados e migrantes enfrentam ‘três crises de uma só vez’, alerta secretário-geral da ONU Novembro 2020. Publicado em: 03 de junho de 2020. In: OCHA. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/06/03/refugiados-e-migrantes-enfrentam-tres-criSES-de-uma-so-vez-alerta-secretario-geral-da-onu>. Acesso em: 15 jul. 2022.

O secretário Geral da ONU faz o seu apelo a todos os países para que sejam solidários neste momento. Mas, na realidade, os *Estados Roubados* se fecham e desconsideram as recomendações do organismo internacional. Geralmente neste tempo de crise os mais solidários são os países em desenvolvimento, os mais empobrecidos.

“Ao mesmo tempo, o medo da COVID-19 levou ao aumento exponencial da xenofobia, do racismo e da estigmatização. E a situação já precária de mulheres e meninas é cada vez mais terrível, pois enfrentam maiores riscos de exposição à violência de gênero, ao abuso e à exploração”. [...]. “Agradeço aos países, especialmente aos países em desenvolvimento, que abriram as suas fronteiras e corações aos refugiados e migrantes, apesar dos seus próprios desafios sociais, econômicos e, agora, de saúde”, afirmou Guterres. Segundo o secretário-geral, esses países dão um “exemplo importante aos outros num período em que as portas estão fechadas”. É essencial, acrescentou, que esses países recebam o maior apoio e total solidariedade. “Todos temos interesse em garantir que a responsabilidade de proteger os refugiados do mundo seja partilhada de forma equitativa e que a mobilidade humana permaneça segura, inclusiva e respeite o Direito Internacional dos Direitos Humanos e dos Refugiados. Nenhum país pode combater a pandemia ou gerir a migração sozinho. Mas juntos, podemos conter a propagação do vírus, mitigar o seu impacto sobre os mais vulneráveis e recuperar melhor para o benefício de todos”, concluiu António Guterres. O ACNUR segue atuando no Brasil e no mundo para proteger refugiados, pessoas deslocadas e comunidades que os acolhem do novo coronavírus.⁵⁴⁵

A lentidão de alguns governos em oferecer ajuda econômica para os mais empobrecidos obrigou essa camada de gente a procurar uma oportunidade no norte.

A crise econômica mundial atual como demonstração da incapacidade do sistema capitalista de garantir o pleno emprego e uma distribuição adequada de renda. Considerado do ponto de vista do sistema de coordenação, o sistema capitalista não pode realizar metas como o pleno emprego ou uma distribuição de renda que permita a satisfação das necessidades básicas.⁵⁴⁶

Durante a campanha política, Biden prometeu flexibilizar a entrada de migrantes econômicos aos Estados Unidos. A partir dessa promessa, muitos migrantes se arriscaram a enfrentar o caminho ao norte, mesmo em tempos de pandemia. Como em todos os países, muitos trabalhadores perderam seus trabalhos e não tinham como pagar suas contas. Dessa

⁵⁴⁵ ACNUR. Refugiados e migrantes enfrentam ‘três crises de uma só vez’, alerta secretário-geral da ONU. Novembro 2020. Publicado em: 03 de junho de 2020. In: OCHA. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/06/03/refugiados-e-migrantes-enfrentam-tres-criises-de-uma-so-vez-alerta-secretario-geral-da-onu>. Acesso em: 15 jul. 2022.

⁵⁴⁶ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Série V: Desafios da vida em Sociedade. São Paulo: Vozes, 1989, p. 183.

maneira, aqueles que não podiam pagar o aluguel foram expulsos de suas casas e ficaram com as famílias na rua, assim como podemos confirmar no testemunho de migrantes.

Como Jayson e seu filho, várias outras famílias foram expulsas dos Estados Unidos recentemente vítimas do "Título 42", uma lei norte-americana que autoriza o fechamento das fronteiras para evitar a entrada de doenças no país. Datando de 1944, o texto começou a ser defendido e usado novamente pelo ex-presidente Donald Trump como pretexto para expulsar migrantes, alegando a prevenção à propagação da pandemia de Covid-19. E Biden, que durante sua campanha eleitoral deu sinais de que adotaria uma política migratória menos rígida, continua usando essa mesma lei para enviar migrantes de volta para o outro lado da fronteira.⁵⁴⁷

Acrescentando ao horror que a pandemia provocou nos bairros centro-americanos mais pobres, o furacão ETA⁵⁴⁸ e IOTA causaram destruição, afetando mais ainda a realidade social das famílias mais empobrecidas. Desse modo, as pessoas foram obrigadas a sair de suas casas.

El 17 de noviembre, apenas dos semanas después del impacto de Eta, el huracán Iota de categoría 5 tocó tierra sobre el nor-este de Nicaragua con vientos de 260 km/h, alcanzando una intensidad suficiente para calificarse como el huracán más fuerte del Atlántico en 2020. Según el INETER, Iota es el huracán más fuerte que ha tocado tierra en Nicaragua desde que se empezó a registrar la actividad de los ciclones tropicales. Se estima que Iota afectó alrededor del 60% del territorio nicaragüense, impactando inicialmente en el municipio de Puerto Cabezas, en la Región Autónoma de la Costa Caribe Norte (RACCN), los municipios del Triángulo Minero, el borde norte fronterizo con Honduras, antes de afectar a la zona del Pacífico sur. Las lluvias torrenciales y los fuertes vientos afectaron a muchas de las mismas zonas que habían sufrido el impacto devastador de Eta.⁵⁴⁹

Várias caravanas de famílias inteiras caminham com seus filhos no colo rumo ao norte, viajam com medo de serem portadores do Covid-19. Se antes sofriam discriminação por estar migrantes, agora também são vistos como uma peste, já que podem portar uma peste desconhecida⁵⁵⁰.

⁵⁴⁷ UOL. Migrantes são expulsos dos EUA por meio de lei sanitária de 1944 adotada por Trump e mantida por Biden. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2021/03/31/migrantes-sao-expulsos-dos-eua-por-meio-de-lei-sanitaria-de-1944-adotada-por-trump-e-mantida-por-biden.htm>.

⁵⁴⁸ “El Huracán Eta fue un poderoso Huracán que se ubicaba sobre aguas del Mar Caribe según el Centro Nacional de Huracanes (NHC por sus siglas en inglés) y su trayectoria pasó por el estado de Florida. Después de convertirse en el segundo huracán más fuerte registrado en noviembre y el segundo más fuerte de la Temporada de huracanes en el Atlántico de 2020, superado por el huracán Iota”. HURACÁN Eta. In: WIKIPEDIA: la enciclopedia libre. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Hurac%C3%A1n_Eta. Acesso em: 12 jul. 2022.

⁵⁴⁹ OCHA, Nicaragua: 2020 plan de acción - Huracanes Eta e Iota, Noviembre 2020. Publicado em: 07 de fevereiro de 2020. In: OCHA. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/nicaragua/nicaragua-2020-plan-de-acci-n-huracanes-eta-e-iota-noviembre-2020>. Acesso em: 12 jul. 2022.

⁵⁵⁰ Convido a ler o livro *A Peste*, de Caums, que este ano tem sido muito lido, já que o autor escreve naquele tempo e parece que está escrevendo e contextualizando a nossa realidade atual. CAMUS, Albert. *A Peste*. Trad. Valeire Rumjanex. Edições BestBolso: Rio de Janeiro, 2020.

É cada vez maior o número de migrantes que desembarcam no norte do México, expulsos dos Estados Unidos. Atraídos pela política migratória anunciada pelo presidente norte-americano Joe Biden, que prometeu ser mais favorável aos estrangeiros que vivem no país, eles são alvo de uma lei de defesa sanitária defendida desde o início da pandemia por Donald Trump e que continua sendo aplicada pelo novo chefe da Casa Branca. O texto tem servido de argumento para continuar as expulsões, muitas vezes enganando os migrantes antes de mandá-los de volta para o território mexicano.⁵⁵¹

Diante dessa situação, *Biden*, que tinha prometido flexibilizar a entrada e a regularização de migrantes, volta atrás e pede para não mais irem para os Estados Unidos, fechando ainda mais as fronteiras e aumentando o controle policial.

A legislação internacional necessita de uma mudança completa. O conceito e a experiência dos “refugiados” conheceu neste século uma mutação que torna as políticas e o direito radicalmente arcaicos a respeito deles. As palavras “refugiado”, “exilado”, “deportado”, “pessoa removida” e mesmo “estrangeiro” mudaram de sentido; elas pedem um outro discurso, uma outra resposta prática, e transformam todo o horizonte do “político”, da cidadania, do pertencimento nacional e do Estado.⁵⁵²

A pandemia acaba sendo a escusa perfeita para deixar de lado o tema migratório.

O governo Biden já pediu que os migrantes parem de tentar entrar nos Estados Unidos, avisou que a fronteira mexicana estava fechada e alertou para o perigo da travessia. Mesmo assim, os vizinhos do sul continuam cruzando a fronteira ilegalmente. Muitos atravessam o Rio Grande com crianças no colo e, na esperança de que a política do novo chefe da Casa Branca os acolha, se entregam espontaneamente às patrulhas fronteiriças do lado norte-americano. Sem saber que serão mandados de volta em razão da medida sanitária. Apenas em fevereiro, mais de 100 mil pessoas sem documentos foram presas na fronteira ao sul dos Estados Unidos, entre elas cerca de 9.500 menores desacompanhados.⁵⁵³

Essa realidade social não aconteceu somente nos países centro-americanos, foi uma realidade geral de todos os países. Claro que em tempo de crise, neste caso de crise e pandemia, os países emergentes são os que mais sofrem.

Em um curto espaço de tempo, diversas formas de trabalho foram atingidas sem que seus atores pudessem se preparar para tanto. Desemprego e precarização foram consequências imediatas, cujas intensidade e duração ainda são imprevisíveis. Como em toda crise, os mais desassistidos e aqueles com pouca ou nenhuma instrução foram

⁵⁵¹ UOL. Migrantes são expulsos dos EUA por meio de lei sanitária de 1944 adotada por Trump e mantida por Biden. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2021/03/31/migrantes-sao-expulsos-dos-eua-por-meio-de-lei-sanitaria-de-1944-adotada-por-trump-e-mantida-por-biden.htm>.

⁵⁵² DERRIDA Jacques. *Papel Máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 251, p. 326.

⁵⁵³ UOL. Migrantes são expulsos dos EUA por meio de lei sanitária de 1944 adotada por Trump e mantida por Biden. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2021/03/31/migrantes-sao-expulsos-dos-eua-por-meio-de-lei-sanitaria-de-1944-adotada-por-trump-e-mantida-por-biden.htm>.

os primeiros afetados. Diversos trabalhadores, principalmente os informais, perderam suas fontes de subsistência, agravando as já profundas diferenças sociais, tornando-os vulneráveis a toda sorte de exploração. Preocupa ao sistema de justiça essa vulnerabilidade, uma vez que esta expõe trabalhadores e familiares a possíveis práticas exploratórias, como ocorre no caso de trabalho infantil, escravidão contemporânea e tráfico de pessoas.⁵⁵⁴

10.6 Migração na América Latina durante a pandemia

Também vimos como a migração em outros países latino-americanos implodiu. Peruanos, bolivianos, venezuelanos e colombianos invadiram o Brasil e o Uruguai. Podemos confirmar a quantidade de venezuelanos que tentaram entrar pela fronteira seca com o Brasil e foram expulsos da maneira mais vil; o Brasil mostrou sua xenofobia e seu racismo estrutural, como denomina Almeida⁵⁵⁵. Claro que medidas também foram tomadas, há exceções, porém, não por parte da institucionalidade, mas, como sempre, por parte das organizações não governamentais e organizações religiosas, que deram um suporte para os migrantes que chegavam em caravana.

Ofrecer una hospitalidad a todos los excluidos. [...]. Que es lo que los convierte en seres parate, en excluidos o en extraviados, en descentrados que deambulan por las calles, sobre todo las de las afuera? [...] y son designados, denunciados, juzgados, condenados, señalados con el dedo como si fuesen delincuentes actuales o virtuales, como si fuesen acusados; y son perseguidos por el ciudadano civilizado, por el Estado o la sociedad civil, por la buena sociedad, por su policía, a veces por el derecho internacional y sus policías armadas que velan por la ley y las costumbres, por la política y por la cortesía, en todas las vías de circulación, las zonas peatonales, las zonas de autopistas, las marítimas e aéreas, la informática, el e-mail y la Web.⁵⁵⁶

Os pequenos grupos solidários e hospitaleiros conseguiram dar o suporte mínimo àqueles que chegavam desesperados por segurança.

O terceiro não está aí por acidente. Em certo sentido, todos os outros estão presentes no rosto de outrem. Se fôssemos dois no mundo, não haveria problema: é outrem que passa à frente de mim. [...], eu sou responsável por outrem, mesmo quando me aborrece, inclusive quando me persegue. [...]. Mas eu sou responsável pela

⁵⁵⁴ ZUBEN, Catarina von. Pandemia e tráfico de pessoas. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 28.

⁵⁵⁵ “O conceito de racismo institucional foi um enorme avanço no que se refere ao estudo das relações raciais. Primeiro, ao demonstrar que o racismo transcende o âmbito da ação individual, e, segundo, ao frisar a dimensão do poder como elemento constitutivo das relações raciais, não somente o poder de um indivíduo de uma raça sobre outro, mas de um grupo sobre outro, algo possível quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional. [...]. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista.” In: ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, p. 46-7.

⁵⁵⁶ DERRIDA, Jacques. *Canallas: Dos ensayos sobre la Razón*. Trad. Cristina Peretti. Madrid: Editorial Trotta, 2002, p. 85-6.

perseguição dos próximos. Se pertencem a um povo, este povo e meus parentes são também meus próximos. Eles têm direito à defesa como aqueles que não são meus parentes.⁵⁵⁷

Com certeza houve, nesses gestos, a hospitalidade incondicional.

A hospitalidade incondicional – hospitalidade pura ou hospitalidade de visita, que consiste em deixar advir o visitante, o que chega inesperadamente sem lhe pedir contas, sem lhe exigir o passaporte – à hospitalidade de convite. A hospitalidade pura ou incondicional supõe que o que chega não foi convidado para ali onde permaneço senhor em minha casa e ali onde controlo minha casa, meu território, minha língua, lá onde ele deveria (segundo as regras da hospitalidade condicional, ao contrário) se curvar de certa forma às regras em uso intruso perigoso, eventualmente suscetível de fazer o mal. Essa hospitalidade pura e incondicional não é um conceito político ou jurídico. Com efeito, para uma sociedade organizada que possui suas leis e quer manter o controle soberano de seu território, de sua cultura, de sua língua, de sua nação, para uma família, para uma nação que quer controlar sua prática de hospitalidade, é preciso de fato limitar e condicionar a hospitalidade. Pode-se fazê-lo às vezes com as melhores intenções do mundo, pois a hospitalidade incondicional também pode ter efeitos perversos.⁵⁵⁸

A pandemia de COVID-19 continua arrasando vidas e meios de subsistência em todo o mundo – atingindo de forma mais dura os mais vulneráveis. Isso é particularmente verdade para os milhões de pessoas que estão em movimento – como refugiados e pessoas deslocadas internamente forçados a fugir de suas casas por causa da violência e calamidades, ou migrantes em situações precárias. “Agora, elas enfrentam três crises de uma só vez”, alertou o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres [...] ao lançar um relatório com recomendações de políticas públicas sobre o tema. As três crises envolvem os âmbitos socioeconômico, de saúde e de proteção. Primeiro, uma crise de saúde – à medida que são expostos ao vírus, geralmente em contextos de grandes aglomerações onde o distanciamento social é um luxo impossível – e onde coisas básicas como cuidados de saúde, água, saneamento e nutrição são muitas vezes difíceis de encontrar. Este impacto, diz Guterres, será ainda mais devastador para o grande número de pessoas em movimento que vivem em países menos desenvolvidos. Um terço da população mundial internamente deslocada vive nos 10 países que estão mais expostos à COVID-19.⁵⁵⁹

A hospitalidade, em muitas situações, tem que ser conquistada à força. Os albergues brasileiros também são foco de racismo, um racismo que mata. Não importa se o que está em perigo é uma vida humana, o racismo cega, pois sempre parte do lado do mais forte e privilegiado. Nos regimes *populista, polarista e negacionista*, como no caso do Brasil e dos

⁵⁵⁷ LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós*. Ensaio sobre a alteridade. Trad. Pergentino Stefano Pivatto [et al.]. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 133-4.

⁵⁵⁸ DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã...: Diálogo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p.77.

⁵⁵⁹ ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). Notícias - Local. *Refugiados e migrantes 'enfrentam três crises de uma só vez', alerta secretário-geral da ONU*. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/refugiados-e-migrantes-enfrentam-tres-criises-de-uma-so-vez-alerta-secretario-geral-da-onu>.

Estados Unidos, o racismo está presente, principalmente neste momento político que estamos vivendo no Brasil e no mundo.

O Estado moderno é ou Estado racista – casos da Alemanha nazista, da África do Sul antes de 1994 e dos Estados Unidos antes de 1963 –, ou Estado racial – determinados estruturalmente pela classificação racial –, não havendo uma terceira opção. Com isso, quer dizer Goldberg que o racismo não é um dado acidental, mas é um elemento constitutivo dos Estados modernos.⁵⁶⁰

Diante da pandemia escancarou-se o racismo, já não há quem impeça as pessoas de expressá-lo e torná-lo público.

Em março, a freira Ana Maria da Silva, de 60 anos, foi levada a prestar depoimento na delegacia, depois que equipes da Polícia Federal, Militar e Civil fizeram uma operação em uma casa de acolhida de refugiados que ela ajudava a supervisionar, em Pacaraima, Roraima. A casa, gerida pela Pastoral do Migrante, acolhia cerca de 55 mulheres e crianças venezuelanas. A ideia era que essas famílias fossem deportadas, mas acabaram sendo levadas à Operação Acolhida. “Eu me senti como se fosse a maior traficante de drogas do mundo”, disse à Folha de S. Paulo a irmã Ana Maria. “Eles entraram aqui sem ordem judicial e me levaram para a delegacia de camburão. Qual é o meu crime, abrigar grávidas e crianças que estariam na rua?” Segundo a DPU (Defensoria Pública da União) e o MPF (Ministério Público Federal), que entraram com uma ação na justiça para impedir a deportação pela União, os agentes não tinham mandados, e ingressaram no local com armas e capuzes. A batida policial em Pacaraima está longe de ser a única ameaça aos migrantes e refugiados que buscam acolhida no Brasil. Segundo Camila Asano, diretora de programas da Conectas, muitos daqueles que já estão regularizados enfrentam dificuldades econômicas, uma vez que se encontram em situação de vulnerabilidade, lembrando que o acesso ao auxílio emergencial, a que muitos têm direito, foi interrompido ou voltou com um valor irrisório. Além disso, muitos dos que chegam com formação acadêmica não conseguem exercer sua profissão, por conta da cobrança de revalidação de diploma. Situação pior podem enfrentar os refugiados e migrantes que chegaram depois de março de 2020, quando foi decretada a pandemia. A portaria interministerial 652, que entrou em vigor em 25 de janeiro de 2021, por exemplo, tem barrado a entrada por terra de qualquer pessoa proveniente da Venezuela, mesmo que, desde o meio do ano passado, turistas de qualquer nacionalidade possam entrar no Brasil. Questionado pela Conectas, o Governo informou que esta seria uma determinação sanitária da Anvisa. A agência sanitária, no entanto, negou qualquer orientação do tipo.⁵⁶¹

No Uruguai entraram muitos migrantes venezuelanos, dominicanos e cubanos. O que facilitou a entrada neste tempo de pandemia foi uma política assumida para atrair e facilitar o ingresso de migrantes, já que o país mantém o número de habitantes, sem aumentar, faz 30 anos.

⁵⁶⁰ ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, p. 87.

⁵⁶¹ FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). Crise migratória venezuelana no Brasil: o trabalho do UNICEF para garantir os direitos das crianças venezuelanas migrantes. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>. Acesso em: 26 set. 2022.

A população uruguaia, de cerca de 3,5 milhões de habitantes, é praticamente a mesma há 30 anos e equivale quase à metade do número de habitantes da cidade do Rio de Janeiro. Um dos primeiros planos anunciados pelo presidente eleito, Luis Lacalle Pou, que toma posse em 1º de março, é o de tentar elevar o tamanho da população, facilitando a entrada de residentes estrangeiros. Na semana passada, Lacalle Pou (centro-direita) afirmou que lançará um pacote de medidas para "flexibilizar" as regras atuais de residência, tanto burocráticas como fiscais, de forma a atrair moradores do exterior para o país, que é vizinho do Brasil e tem uma das menores populações da América do Sul.⁵⁶²

Mas é claro que também há manifestações contra os migrantes que chegam, se bem que a maior parte da população aceita os migrantes, há um número reduzido de pessoas que se mostram claramente contra os migrantes. Segundo eles, o Estado lhes proporciona muitos privilégios, como auxílio emergencial para os primeiros meses, e moradia. A xenofobia num país pequeno, de velhos aposentados, também racista⁵⁶³, de descendentes de espanhóis, turcos, armênios e judeus. Nos 10 últimos anos de governo, um dos promotores pela conscientização à população da importância de acolher novos migrantes como os nossos antepassados⁵⁶⁴ foi o ex-presidente Mujica.

Los cubanos y dominicanos que, según las investigaciones del Programa de Población de la Udelar, son las colectividades más vulnerables en Uruguay, enfrentan el desafío extra de la informalidad laboral o la dificultad del acceso a la vivienda. Y aunque en Uruguay -como sucede en Brasil y Ecuador- el acceso de los migrantes al servicio nacional de salud está garantizado por la Constitución, los demógrafos advierten que son grupos que quedan más expuestos a los coletazos del COVID-19. Incluyendo la xenofobia.⁵⁶⁵

Nos últimos três meses, 37 imigrantes foram presos tentando entrar ilegalmente no Uruguai pelo Rio Grande do Sul. Pelo menos 30 deles são cubanos e estão detidos no Clube Atlético Cuñapiru, em Rivera, fronteira com Santana do Livramento. Segundo a polícia do Uruguai, de Cuba os imigrantes fazem escalas no Panamá, Suriname e na Guiana até entrarem no Brasil por Roraima, de onde os grupos se deslocam pelo país até chegarem ao Rio Grande do Sul. Chuí e Santana do Livramento são as principais cidades escolhidas devido à proximidade com o país.

Às vezes passam um mês viajando para chegar à fronteira. Eles têm conhecimento de que o Uruguai tem uma grande tradição de considerar asilo político a refugiados e vêm preparados por amigos e familiares", afirma o inspetor geral de Rivera, Carlos Migorena. Entre os cubanos presos, cinco foram detidos nesta semana. Dos 30, quatro testaram positivo para Covid-19 e outros cinco apresentaram sintomas da doença.

⁵⁶² CARMO, Marcia. Uruguai prepara programa para atrair moradores estrangeiros. Publicado em: 19 de janeiro de 2020. In: El País. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51143614>. Acesso em: 13 jul. 2022.

⁵⁶³ "Marca-se, portanto, uma importante separação entre o racismo individual, que corresponde a 'indivíduos brancos agindo contra indivíduos negros', e o racismo institucional, que se manifesta nos "atos de toda comunidade branca contra a comunidade negra" In: ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019, p. 43.

⁵⁶⁴ Sugiro a leitura do livro: PERCY, Allan; DÍAZ, Leonardo. *Pepe Mujica: simplesmente humano*. Trad. Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

⁵⁶⁵ YOMER, URWICZ. Pese a la pandemia, llegaron más personas a Uruguay de las que se fueron. Publicado em: 17 de janeiro de 2021. In: El País. Disponível em: <https://www.elpais.com.uy/informacion/sociedad/pese-pandemia-llegaron-personas-uruguay.html>. Acesso em: 15 jul. 2022.

Quem testa negativo, pode seguir viagem a Montevideú. Autoridades uruguaias estão analisando o pedido de asilo político de todos os imigrantes detidos.⁵⁶⁶

O governo do Uruguai anunciou nesta terça-feira que vacinará migrantes e solicitantes de asilo contra a covid-19, de acordo com um comunicado divulgado pelo Ministério da Saúde Pública (MSP). A pasta informou que as pessoas que estiverem no território uruguaio "há um período superior a 90 dias (limite estabelecido para turistas) e não tiverem iniciado previamente um procedimento de residência" podem se registrar para a vacina. "A aprovação deste pedido não implica a atribuição imediata de vaga com data e hora para um vacinatório, mas sim a confirmação de que está em condições de inserir os seus dados no sistema de agendamento de vacinação contra a covid-19 [...]".⁵⁶⁷

10.7 Hospitalidade na pandemia

Claro que, apesar da situação social ser muito difícil neste momento de pandemia, sempre houve gestos de hospitalidade para com migrantes e refugiados no Brasil como nos Estados Unidos e no mundo. No tempo de crise, de instabilidade, de insegurança, medo, conflito, é aí que pode surgir a hospitalidade incondicional. Porém, no meio de tudo isso, há gestos que mancham as boas iniciativas. Devemos destacar que no Brasil e nos Estados Unidos – que são os dois países sobre os quais estamos refletindo neste contexto – o governo deu ajuda emergencial⁵⁶⁸ para os mais empobrecidos⁵⁶⁹, e alguns outros aproveitaram a situação para se cadastrar sem precisar do benefício⁵⁷⁰ e foram contemplados. Também houve bons gestos de hospitalidade para com os migrantes e refugiados por parte de ONGs que assumiram o papel do Estado, que, como sempre, nesses momentos, se comporta como Estado mínimo, a serviço do poder econômico.

O grande risco da relação social, no entanto, é a despersonalização que o Estado realiza ao destruir tanto a unicidade do eu quanto a alteridade do Outro. [...]. O poder do estado não pode ser incondicional e absoluto. O indivíduo se oferece então com a

⁵⁶⁶ BELLO, Lucas. Imigrantes são detidos após tentar entrar ilegalmente no Uruguai pelo RS. Publicado em: 28 de agosto de 2020. In: Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/08/28/imigrantes-sao-detidos-apos-tentar-entrar-ilegalmente-no-uruguai-pelo-rs.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2022.

⁵⁶⁷ BOL. Uruguai vacinará migrantes e solicitantes de asilo contra covid-19... Publicado em: 23 de junho de 2021. In: Portal BOL. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2021/06/23/uruguai-vacinara-migrantes-e-solicitantes-de-asilo-contra-covid-19.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 15 jul. 2022.

⁵⁶⁸ GLOBO. Auxílio Emergencial 2021: veja perguntas e respostas. Publicado em 23 de março de 2021. In: GLOBO. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/eua-comecam-a-pagar-auxilio-emergencial-a-cidadaos-15042020>. Acesso em: 15 jul. 2022.

⁵⁶⁹ BRASIL. Portal do cidadão. In: Receita Federal. Disponível em: <https://www.gov.br/receitafederal/pt-br/assuntos/noticias/2021/junho/receita-federal-esclarece-sobre-situacoes-de-fraude-no-auxilio-emergencial>. Acesso em: 20 jul. 2021.

⁵⁷⁰ BRASIL. Portal do cidadão. In: Receita Federal. Disponível em: <https://www.gov.br/receitafederal/pt-br/assuntos/noticias/2021/junho/receita-federal-esclarece-sobre-situacoes-de-fraude-no-auxilio-emergencial>. Acesso em: 20 jul. 2021.

única força ética capaz de lhe oferecer resistência.⁵⁷¹

A pandemia trouxe no cenário internacional e nacional severas restrições aos Direitos Humanos e Fundamentais aos migrantes. As medidas restritivas de circulação e fechamento de fronteiras, em prol da saúde coletiva não podem se dar de forma absoluta a fim de não garantir a proteção do núcleo essencial dos direitos fundamentais em condições permanente de dignidade, sendo a todos, independentemente da origem, sexo, raça, especialmente em situações de grave e generalizada violação de Direitos Humanos. Não é suficiente para efetividade dos direitos fundamentais e promoção de uma inclusão social aos migrantes apenas a distribuição de kits de higiene básicos e a manutenção de isolamento em campos de acolhimento e internação coletiva. A promoção de medidas de acesso à informação aos direitos básicos e controle da doença, garantia de atendimento em redes hospitalares de forma integral, auxílio na promoção e manutenção de empregos e condições de atividades laborais, e a facilitação para acesso aos benefícios sociais estabelecidos por políticas públicas de natureza não-discriminatória e inclusiva se revela fundamental para concretização da hospitalidade e preservação do dever de humanidade presente em todo e qualquer Estado, como garantia do princípio da solidariedade. Se a dignidade da pessoa humana é a baliza do direito e se o migrante é um sujeito de direito e não uma ameaça a segurança nacional é fundamental a realização da mencionada solidariedade. A preservação da própria humanidade depende da atuação estatal e da mudança de mentalidade da população.⁵⁷²

Devemos pensar que os migrantes, o refugio social⁵⁷³, não têm nenhum tipo de seguro desemprego, nem há políticas governamentais para atendê-los. Eles são protegidos por organizações religiosas e por outras entidades caridosas que aplicam a hospitalidade incondicional. O Estado não proporciona hospitalidade⁵⁷⁴; quando muito atende e subsidia um direito da pessoa, que geralmente lhe é negado. “Violência sofrida pelo estrangeiro: ter que fazer valer seus direitos numa língua que ele não fala. Suspender essa violência é quase impossível, uma tarefa interminável em todo caso”.⁵⁷⁵

Por esse motivo, as organizações não governamentais se organizaram para ajudar economicamente esse refugio social estrangeiro, com a confecção de máscaras, por exemplo, aproveitando que a população, principalmente no Brasil, acreditou, num primeiro momento,

⁵⁷¹ CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Ideias & Letras, 2010, p. 120-1.

⁵⁷² MARTINI, Maria Carolina Gervásio Angelini de; OLIVEIRA, Viviane de Arruda Pessoa. Hospitalidade e migrações: o acesso aos direitos humanos fundamentais em tempos de pandemia. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 309.

⁵⁷³ DERRIDA Jacques. *Papel Máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 251, p. 326.

⁵⁷⁴ “Há no Estado uma parte de violência que, todavia, pode comportar a justiça. Isto não quer dizer que não é necessário evita-la, à medida do possível; tudo o que a substitui na vida entre os Estados, tudo o que se pode deixar para a negociação, para a palavra, é absolutamente essencial, mas não se pode dizer que não haja nenhuma violência que seja legítima.” In: LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós*. Ensaio sobre a alteridade. Trad. Pergentino Stefano Pivatto [et al.] Petrópolis: Vozes, 2010, p. 132.

⁵⁷⁵ DERRIDA Jacques. *Papel Máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 251.

que as máscaras que eram de procedência chinesa estavam contaminadas com o vírus Covid-19.⁵⁷⁶

As máscaras artesanais de tecidos africanos foram confeccionadas por imigrantes, refugiados e pessoas transexuais, que buscam visibilidade na sociedade por meio da execução de um trabalho digno. Essas pessoas foram fortemente atingidas pelo COVID-19, e, portanto, necessitam de uma renda para sua sobrevivência. A máscara passa a ser um símbolo de solidariedade e de respeito ao outro, independentemente de raça, cor, nacionalidade ou qualquer critério de diferenciação, já que a pandemia atinge a todos, sem distinguir indivíduos.⁵⁷⁷

Na esteira de Papa Francisco, que convida aos legisladores a praticar a caridade através de uma política no seu sentido profundo, de possibilitar os meios para que o outro viva com dignidade, quando usamos a política⁵⁷⁸ para que os mais empobrecidos tenham suas necessidades mais básicas atendidas estamos praticando a caridade⁵⁷⁹. Nesse sentido, os governos tentaram auxiliar os mais empobrecidos, mas não estão contemplados todos os migrantes, motivo pelo qual não considero hospitalidade.

Observações de campo realizadas durante missões e compartilhadas entre as agências apontam que o nível de vulnerabilidade dos migrantes que entram no Brasil tem aumentado. Mais pessoas chegam ao País com necessidades urgentes de assistência humanitária, sem acesso a comida, saúde e outros serviços básicos e expostos a diversos tipos de violência. Estima-se que, até o final de 2019, o número de venezuelanos migrantes no Brasil dobrará, chegando a 195 mil pessoas, das quais 175 mil em situação de vulnerabilidade. O governo brasileiro adotou quatro áreas de atuação na resposta à migração venezuelana: 1. Fornecimento de acomodação e assistência humanitária básica nos abrigos para migrantes em Roraima; 2. Realocação de migrantes em outros Estados do País (interiorização); 3. Integração de migrantes na sociedade brasileira e no mercado de trabalho; e 4. Apoio aos migrantes dispostos a voltar para a Venezuela voluntariamente.⁵⁸⁰

⁵⁷⁶ PENNAFORT, Roberta; ALVES, Raoni. É #FAKE que máscaras importadas da China são distribuídas contaminadas com o novo coronavírus. Publicado em 20 de abril de 2020. In: Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/04/20/e-fake-que-mascaras-importadas-da-china-sao-distribuidas-contaminadas-com-o-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2022.

⁵⁷⁷ ACCIOLY, Gustavo. Ações para inserção laboral de grupos vulneráveis na pandemia de Covid-19. In: BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020, p. 46.

⁵⁷⁸ “A política ética é a política da responsabilidade e do reconhecimento do outro e não justifica moralmente a violência contra o outro. Ela não pergunta se minha ação deve estar conforme as exigências da universidade. Ela é aquela que não iguala, mas que escuta o outro e está atenta às suas reivindicações que tem prioridade sobre as reivindicações dos que já têm sua igualdade reconhecida pela cidadania”. In: CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Ideias & Letras, 2010, p. 195.

⁵⁷⁹ “Alguém ajuda um idoso a atravessar um rio e isso é caridade primorosa; mas se o político lhe constrói uma ponte, isso também é caridade. É caridade se alguém ajuda outra pessoa fornecendo-lhe comida, mas se o político lhe cria um emprego, exerce uma forma sublime de caridade, que enobrece a sua ação política” In: FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 98.

⁵⁸⁰ FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). *Crise migratória venezuelana no Brasil: o trabalho do UNICEF para garantir os direitos das crianças venezuelanas migrantes*. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>. Acesso em: 26 set. 2022.

10.8 Tolerância e migração na Guerra da Ucrânia

Também nos últimos meses temos assistido ao êxodo de milhares de famílias que estão deixando seus trabalhos, suas moradias e seu país, a Ucrânia, devido ao conflito entre Rússia e Ucrânia, uma guerra econômica e midiática⁵⁸¹ que empobrece a classe trabalhadora e joga na miséria aqueles já estavam empobrecidos. Não assistimos, durante este tempo, a ucranianos necessariamente empobrecidos que fogem à procura de emprego para poder viver dignamente, mas sim a ucranianos em uma situação de migração forçada e sendo hostilizados, obrigados a fugir em trens superlotados, empilhados como animais, caminhando quilômetros por falta de condução que os leve para um lugar menos perigoso. Com essa guerra, segundo o ACNUR, o mundo tem mais de 100 milhões de refugiados. Esse número é alarmante, porém não o suficiente para parar com os conflitos que condenam milhões de pessoas inocentes.⁵⁸²

A Guerra da Rússia x Ucrânia é a manifestação extrema do poder. Na obra *A paz perpétua*, Kant explicita que a paz deve ser um dever a ser concretizado. Somente através de um estado de união entre os povos que possibilite o diálogo e a paz, de uma liga criada por meio do contrato entre todos os estados, é possível chegar a um acordo.⁵⁸³ Mas a Liga criada – Nações Unidas – está desacreditada, silenciada e em mãos de países autoritários e *canallas* que nem levam em consideração as decisões da própria Liga.⁵⁸⁴

Nos últimos dois anos, a pandemia de Covid-19 desestabilizou o mundo. Os ricos ficaram muito mais poderosos do que estavam, como vimos anteriormente, e os empobrecidos, trabalhadores, migrante e refugiados sofreram com mais intensidade. Muitas vezes se falava que estávamos em situação de guerra, e não bastou essa pandemia que ceifou milhares de pessoas de todas as classes sociais; neste ano somos testemunhas e sobreviventes, como nos diz François-David Sebbah, somos forçados a testemunhar um mundo em derrocada, em pedaços, e somos testemunhas dessa derrocada⁵⁸⁵, do ser sem sentido ou, como afirma Kant, estamos em

⁵⁸¹ La manipulación periodística, los “4 pecados de la comunicación”, el poder de los medios, son algunos de los temas abordados por el Papa Francisco durante esta cuarta parte de una entrevista exclusiva con Télam. Francisco Bergoglio recibió en el Vaticano a Bernarda Llorente, presidenta de la Agencia Nacional de Noticias de Argentina, con quién compartió una charla histórica sobre sus 9 años de papado, su visión del futuro y el desafío de nuevas respuestas para enfrentar transformaciones. FRANCISCO. Manipulación mediática, comunicación y poder. *In: YouTube*. Publicado em 01 de jul. de 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=mPPxS7U7jZg&list=LL&index=2>. Acesso em: 26 set. 2022.

⁵⁸² ACNUR, 2022. Os dados mais preciso ainda serão publicados pela ONU nos próximos meses deste ano.

⁵⁸³ KANT, Immanuel. *A Paz Perpétua*: um projeto filosófico. Trad. Artur Morão. Corvilha. Lusofia: 2008.

⁵⁸⁴ Nos artigos preliminares e definitivos encontramos a reflexão sobre a utopia kantiana sobre a paz perpétua, a hospitalidade está na transversalidade desta obra.

⁵⁸⁵ SEBBAH, François David. *A Ética do Sobrevivente*: Levinas, uma filosofia da derrocada. Trad. Leonardo Meirelles. Passo Fundo: Conhecer, 2021, p. 26.

um estado de natureza, que é um estado de guerra.⁵⁸⁶ Nos *Artigos preliminares*, Kant pontua que não se pode se apossar do outro pela força porque fere a paz.

Nessa guerra, o que mais temos visto é a violência com a qual os poderosos se apossam de um estado mais débil; o que mais temos visto é o que Kant, no artigo II dos *Artigos preliminares*, sugere sobre o fim dos exércitos. Vemos a militarização, cada vez mais violenta e com grandes orçamentos desviados da educação e da saúde, que a cada dia estão mais desmanteladas, a soberania e a dignidade da autonomia dos países sendo violada pelas grandes potências, não só da Rússia mas dos aliados da Ucrânia que, como lobos, oferecem ajuda que tem um alto custo financeiro.

Quero destacar essa situação que está infligindo a todos, um conflito que, enquanto escrevo este trabalho, não está resolvido, possivelmente porque economicamente a resolução não compensa. Trago presente, novamente, a entrevista que foi realizada este ano com o Papa Francisco⁵⁸⁷, quando uma periodista argentina perguntou o que ele pensava sobre os ensinamentos que a pandemia de Covid-19 nos deixou, e o Papa disse que nunca se sai do mesmo jeito de uma pandemia. A periodista questionou, ainda, como estamos saindo da pandemia, e ele responde que não está gostando de como estamos saindo dela porque se tornou seletiva; veja que a África não tem acesso à vacina e isso quer dizer que a salvação da pandemia – vacina – foi dosificada por outros interesses⁵⁸⁸. Nessa entrevista, o Papa destacou que da crise não se sai sozinho, se sai junto, oferecendo a mão ao outro. Aproveitar-se da situação para enriquecer às custas da crise, como aconteceu durante a pandemia em muitos setores, é sair mal da crise pandêmica.⁵⁸⁹

⁵⁸⁶ KANT, Immanuel. *A Paz Perpétua*: um projeto filosófico. Trad. Artur Morão. Corvilha. Lusofia: 2008, p. 10.

⁵⁸⁷ FRANCISCO. Manipulación mediática, comunicación y poder. In: *YouTube*. Publicado em 01 de jul. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mPPxS7U7jZg&list=LL&index=2>. Acesso em: 26 set. 2022.

⁵⁸⁸ FRANCISCO. Manipulación mediática, comunicación y poder. In: *YouTube*. Publicado em 01 de jul. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mPPxS7U7jZg&list=LL&index=2>. Acesso em: 29 set. 2021

⁵⁸⁹ Nesta entrevista o Papa Francisco faz uma crítica aos meios de comunicação quando fala dos quatro pecados da comunicação, que são: Primeiro: a desinformação, dizer o que convem e calar o outro, não dizer tudo, não se pode desinformar, tem que ser informado tudo! Segundo: é a calúnia, se investigam coisas e adveces se destroem pessoas sem ter certeza do que se diz. Terceiro: é a difamação, que não é calúnia, mais é trazer ao presente o que uma pessoa fazia o pensava no passado e que já está superado. É como trazer a uma pessoa adulta as fraldas sujas do tempo que era criança. Quarto: é o pecado da coprofilia, que é o amor a matéria fecal – cocô. A mídia gosta de ensujar, procurar o escândalo pelo escândalo, é amor à sujeira, ao ruim. Os médios de comunicação devem estar atentos a estes três pecados. FRANCISCO. Manipulación mediática, comunicación y poder. In: *YouTube*. Publicado em 01 de jul. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mPPxS7U7jZg&list=LL&index=2>. Acesso em: 15 mar. 2021.

11 CONCLUSÃO

É estranho pensar que a luta de todos os migrantes é por uma vida com mais dignidade, a luta não deixa de ser uma busca para fazer parte de um mundo consumista, com suas consequências nefastas de exclusão, violência, preconceito, tolerância excludente e que gera o próprio migrante. Podemos afirmar que a maioria dos migrantes que chegaram e já estão estabelecidos nos Estados Unidos, e que têm uma estabilidade econômica, vivem presos ao consumismo e a uma luta constante e exagerada pelos bens econômicos. Muitos deles não gostam de ser reconhecidos como migrantes e não querem voltar nem para visitar seus países de origem.

Conheci uma mulher cubana que estava casada com um uruguaio e tem dois filhos, mas ela, sem saber que eu era uruguaio, dizia para todos que sua nacionalidade era uruguaia. Tempo depois, quando foi questionada em que região do Uruguai tinha nascido, confessou que de fato não é uruguaia, que é cubana, mas que não gosta de ser cubana e não pretende voltar para seu país.

Durante algumas confraternizações, estando em Beyonne, muitos expressavam sua discordância com relação à chegada de novos migrantes aos Estados Unidos, visto que são a favor de leis repressivas para controlar a migração de seus próprios países de origem. Entraram numa mesma lógica de tolerância e de preconceito, a mesma que os expulsou anos atrás de seus países. Resistem a falar o espanhol nativo e, quando o falam, forçam um sotaque americano.

Porém, há muitos migrantes que são solidários com aqueles que estão em processo de regularização dos documentos e, principalmente, daqueles indocumentados que trabalham clandestinamente. Há migrantes indocumentados que não podem sair à noite, e isso aconteceu em vários momentos, quando em diversas oportunidades mostravam as atrações e os lugares turísticos de Beyonne e da região, de Nova York e Manhattan, pois durante o dia não havia problema, mas à noite alguns ficavam em casa e não participavam do passeio. Um indocumentado pego pela polícia – de noite, visto que há muito controle policial – era considerado um criminoso e, imediatamente, seria deportado para seu país de origem.

Ao longo do percurso reflexivo que empreendemos no decorrer da presente pesquisa e do que foi partilhado, quero trazer algumas propostas concretas que possam nos ajudar a acolher melhor o outro totalmente outro, o migrante, mas também o estrangeiro, aquele que vem de fora do meu horizonte. Estrangeiro porque é Jesus que nele mora.

Tendo em conta que durante nossa reflexão confrontamos os dois conceitos de Tolerância e Hospitalidade Incondicional, a tolerância, dada sua significação e seu caráter opressor e preconceituoso, não é o caminho para um mundo mais inclusivo e fraterno; assim mesmo devemos ter presente que se o mundo fosse tolerante, já estaríamos avançando como seres mais empáticos. Claro que a empatia também é tolerante, a questão é como acolhemos àqueles que não sinto empatia? Mas, devemos alargar, ampliar e nos exigir ir além, propor uma *Hospitalidade Incondicional* como resultado de uma desconstrução para que, assim, possamos começar a vislumbrar pequenas conquistas, avanços em nossa maneira de pensar e viver, que o princípio de realidade e o nosso pensamento sejam mais próximos. Já não há mais tempo, o tempo parou e, precisamente por isso, urge darmos passos decisivos: cada um de nós, com gestos bem concretos de hospitalidade.

Em primeiro lugar, para quem se assume como cristão permanece a recomendação bíblica legada a todos aqueles que vivenciam o cristianismo, com sua herança judaica, como um modo de existir, como uma ética de vida, tal como fosse como uma filosofia de vida. Tratar bem o estrangeiro, porque *também fostes estrangeiro, na terra do Egito*, e não oprimi-lo de nenhuma forma, porque é Jesus que mora nele.

Proponho uma vida mais comunitária, para que tudo comece a ser mais partilhado, até os bens, na solidariedade. Dar passos significativos em vista de superar a ânsia de acumular e de concentrar tudo para mim mesmo, como um eu *egoísta* e *solipsista*. Criar laços com as pessoas com as quais convivemos, e não somente cuidar, proteger os mais próximos ou familiares. Somente quando criarmos laços de amizade com os outros criaremos uma racionalidade mais aberta, mais flexível, inclusiva e mais acolhedora. Somente com os laços de amizade com várias pessoas e grupos seremos mais hospitaleiros, numa amizade incondicional. Ao estabelecermos laços de amizade, de amor, elos afetivos com os outros, poderemos entender que quanto mais me relaciono, quanto mais os *outros do outro* fazem parte da minha vida, mais cresço e mais individual e autêntico me torno. Nosso ser se amplia, cresce e se torna melhor. É com o *outro* e os *outros* dele que me torno melhor, mais humano, mais solidário e hospitaleiro. Nessa senda, constrói-se uma dimensão de bem querer, de querer que os outros façam parte da minha vida, da minha comunidade de meu círculo de amizades, de meu mundo, porque me trazem o bem, e o bem deve ser partilhado. Nesse momento, os outros que vêm do além deixam de ser uma ameaça, pois trazem um mistério que eu desejo acolher, o desejo insaciável que o metafísico provoca em mim, e que eu quero sempre mais. Uma busca para que o outro esteja sempre perto de mim, sem deixar de ser ele, e que não seja uma ameaça, mas um bem que faz

com que eu me torne melhor como pessoa. O bem que entra na hospedaria para trazer cura, esperança e vida. Nessa ocasião, o migrante já não é visto nem aniquilado em sua alteridade, mas acolhido como uma benção.

REFERÊNCIAS

OBRAS DE DERRIDA

DERRIDA, Jacques. *Positions*. 6. ed. Paris: Les Editions de Miuit, 1972.

DERRIDA, Jacques. *La escritura y la diferencia: Pensamiento crítico/pensamiento utópico*. Trad. Patricio Peñales. Barcelona: Editorial Anthropos, 1989.

DERRIDA, Jacques. *Do Espírito: Heidegger e a questão*. Trad. Onstança Marcondes César, São Paulo: Papirus, 1990.

DERRIDA, Jacques. *A voz e o Fenômeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Trad. Anamaria Skimer. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. *Khôra*. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Papirus, 1995.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 1997.

DERRIDA, Jacques. *Aporías: Morir – esperarse (en) “los limites de la verdade”*. Trad. Cristina de Peretti. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1998.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. 2. ed. Trad. Miriam Chnaiderman; Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DERRIDA, Jacques. *Estados-da-alma da psicanálise: O impossível para além da soberana crueldade*. Trad. Antonio Romane Nogueira; Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Canallas: Dos ensayos sobre la Razón*. Trad. Cristina Peretti. Madrid: Editorial Trotta, 2002.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta: 2003.

DERRIDA Jacques. *Papel Máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

DERRIDA, Jacques. *O cartão-postal: de Sócrates a Freud e além*. Trad. Simone Perelson e Ana Valéria Lessa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DERRIDA, Jacques. *Vadios*. Trad. Fernanda Bernardo; Hugo Amaral; Gonçalo Zagalo. Coimbra: Terra Ocre – unip. lda, 2009.

DERRIDA, Jacques. *Seminario La Bestia y el soberano II*. Trad. Luis Ferrero; Cristina de Peretti; Delmiro Rocha. Buenos Aires: Manantial, 2011.

DERRIDA, Jacques. *Política y amistad: entrevistas con Michael Sprinter. Sobre Marx y Althusser*. Trad. Heber Cardoso. Buenos Aires: Nueva Vision, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004)*. Organização Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

DERRIDA, Jacques. *Esporas: os estilos de Nietzsche*. Trad. Rafael Haddock-Lobo; Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva; Pedro Leite Lopes; Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DERRIDA, Jacques. *Adeus a Emmanuel Levinas*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DERRIDA, Jacques. *Glas: Clamor*. Trad. Cristina de Pertte; Luis Ferrero Carracedo. Madrid: Oficina de Arte y Ediciones, 2015.

DERRIDA, Jacques. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2016.

DERRIDA, Jacques. *Força da Lei: o fundamento místico da autoridade*. Trad. Leyla Perrone-moisés. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

DERRIDA, Jacques. *Seminario La Bestia y el soberano*. Trad. Cristina de Peretti e Delmiro Rocha. Volumen I: 2001-2002. 1. ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Manantial, 2018.

DERRIDA, Jacques; STIEGLER, Bernard. *Ecografías de la Televisión: entrevistas filmadas*. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1998.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã...: Diálogo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DERRIDA, Jacques; FERRARIS, Mauricio. *El gusto del secreto*. Trad. Luciano Padilla López. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni. *A religião: o seminário de Capri*. Trad. Maurizio Ferraris. São Paulo: Liberdade, 2018.

OBRAS DE LEVINAS

LEVINAS, Emmanuel. *Totalité et Infinité: Essai sur l'extériorité*. Martinus Nijhoff, 1971.

LEVINAS, Emmanuel. *Fuera del sujeto*. Trad. de R. Ranz Torrejón y C. Jarillot Rodal. 2. ed. Madrid: Caparrós Editores, S. L., 1987.

LEVINAS, Emmanuel. *De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. 5. ed. España: Ediciones Sígueme: 1987.

LEVINAS, Emmanuel. *Cuatro lecturas talmúdicas*. Trad. Miguel García-Baró. Riopiedras Ediciones: Barcelona, 1996.

LEVINAS, Emmanuel. *Do Sagrado ao santo: cinco novas interpretações talmúdicas*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidad e infinito: ensayo sobre la exterioridad*. Trad. Daniel E. Guillot. 6. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2002.

LEVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à Idéia*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2003.

LEVINAS, Emmanuel. *Quatro leituras talmúdicas*. Trad. Fabio Landa. São Paulo. Perspectiva, 2003.

LEVINAS, Emmanuel. *Escritos Inéditos I: Cuadernos del cautiverio. Escritos sobre el cautiverio. Notas filosóficas diversas*. Trad. Miguel García-Baró López; Mercedes Huarte; Javier Ramos. Madrid: Editorial Trotta, 2003.

LEVINAS, Emanuel. *Difícil Libertad*. 1. ed. Trad. Nilda Prados, Buenos Aires: Lilmod, 2004.

LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del outro hombre*. Trad. Daniel Enrique Guillot. Buenos Aires: Sigilo XXI editores, 2005.

LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós. Ensaio sobre a alteridade*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto [et al.] Petrópolis: Vozes, 2010.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2014.

LEVINAS, Emmanuel. *Escritos Inéditos 2.: Palabra y silencio y otros escritos*. Trad. Miguel García-Baró, Mercedes Huarte. Madrid: Editorial Trotta, 2015.

LEVINAS, Emmanuel. *Deus, a Morte e o Tempo*. Trad. Fernanda Bernardo. Lisboa: Edições 70, 2015.

OUTRAS OBRAS

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção* (Homo Sacer, II, 1). Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. 2ª impressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. *O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo: homo sacer II*. Trad. Selvino J. Assmann, São Paulo: Boitempo, 2011.

AGAMBEN, Giorgio. *Altíssima pobreza: regras monásticas e formas de vida*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2014.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno*. Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Principis, 2020.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Purgatório*. Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Principis, 2020.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Paraíso*. Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Principis, 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ÁLVAREZ, Serrano Pablo; SIMÕES, Bebianno Marcia. *Migración y Familia en Hidalgo*. México D F: Letra Impresa GH S.A., 2014.

ANTELME, Robert. *A espécie humana: Um relato clássico sobre a vida nos campos de concentração*. Trad. Maria de Fátima Oliva do Coutto. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

ARAGONÉS, Ana María (2013). *Migración y desarrollo: Debates y propuestas*. México, D.F: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Económicas, 2013.

ARENDT, Hannah. *Crises da Republica*. Trad. José Volkmann. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

ARENDT, Hannah. *Da revolução*. Trad. Fernando Dídimo Vieira. Editora Ática: São Paulo, 1988.

ARENDT, Hannah. *A dignidade da Política: ensaios e conferências*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. Companhia das Letras: São Paulo, 1999.

ARENDDT, Hannah; HEIDEGGER, Martin. *Correspondencia 1925 – 1975: y otros documentos de los legados*. Edición de Ursula Ludz. Trad. Adan Kovacsics. Barcelona: Empresa Editorial Herder, 2000.

ARENDDT, Hannah. *Responsabilidad y juicio*. Trad. Jerome Kohn. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A., 2007.

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 11 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARES, Mateos. *Hijos e hijas de un peregrino*. Barcelona: Cristianismo y Justicia, 2017.

ARISTÓTELES. *A Política*. Trad. Néstor Silveira Chaves. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ARRABAL, Fernando. *A virgem vermelha: romance*. Trad. Vera Adami. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ASSIS, Denise. *Claudio Guerra: Matar e queimar*. Curitiba: Kotter Editorial, 2020.

ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. *A idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia. Série V: Desafios da vida em Sociedade*. Trad. Franz J. Hinkelammert. São Paulo: Vozes, 1989.

AUSTER, Paul. *4321*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BADIOU, Alain; CASSIN, Barbara. *Heidegger: o nazismo, as mulheres, a filosofia*. Trad. Maria Inês Duque Estrada. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2011.

BAENINGER, Rosana; VEDOVATO, Luís Renato; NANDY, Shailen (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia do Covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2020.

BAKER, Nicholson. *Fumaça Humana: o início da segunda guerra, o fim da civilização*. Trad. Luiz A. de Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BALDWIN, James. *O quarto de Giovanni*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BALZAC, Honoré de. *A pele de onagro*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&P, 2018.

BARBOSA, Muryatan S. *A razão africana: Breve história do pensamento africano contemporâneo*. São Paulo: Todavia, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida a crédito: conversas com Citlali Rovirosa-Madrado*. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BEAUVOIR, Simone. *A Convidada*. Trad. Vítor Ramos. São Paulo: Círculo do Livro S. A. 1976.

BEER, Edith Hahn; DWORKIN, Susan. *A mulher do oficial nazista*. Trad. Natalie Gerhardt. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o programa da filosofia por vir*. Trad. Helano Ribeiro, 1 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Vol. I, II, III. Edição alemã de Rolf Tiedemann. Trad. do alemão: Irene Aron; Trad. do francês: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BENJAMIN, Walter. *Ensaio sobre Brecht*. Trad. Claudia Abeling, São Paulo: Boitempo, 2017.

BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Susana Kampff; Ernani Chaves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

BENNINGTON, Geoffrey; DERRIDA, Jacques. *Derrida base. Circunfissão*. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. Trad. Adolfo Casais Monteiro. Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi: 1971.

BERLIN, Ira. *Gerações de cativo: uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Trad. Julio Castañón. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

BERNARDO, Fernanda. *Levinas Refém: a assinatura ético-metafísica da experiência do cativo*. Coimbra: Palimage, 2012.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BIRULÉS, Fina. (compiladora). *Hannah Arendt: El orgullo de pensar*. Trad. Xavier Calvo, Martha Hernandez, Juan Vivanco, Ángela Ackermann. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.

- BOHN GASS, Ildo. *Uma Introdução à Bíblia: As comunidades Cristãs a partir da segunda geração*. São Paulo: Paulus, RS: Cebi.
- BORIS, Pahor. *Necrópole: Uma obra – prima da literatura do Holocausto*. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- BOURETZ, Pierre. *Testemunhas do futuro: filosofia e messianismo*. Trad. J. Guinsburg; Fany Kon; Vera Lúcia Felício. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BRAY, Mark. *Antifa: o manual antifascista*. Trad. Guilherme Ziggy. São Paulo: 2019.
- BREPOHL, Marion. *Eichmann em Jerusalém: 50 anos depois*. Curitiba: Editora UFPR, 2013.
- BROWN, Dan. *Origem*. Trad. Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2017.
- BRUM, Elaine. *Brasil, construtor de ruínas: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.
- BRUZZONE, Andrés. *Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital*. São Paulo: Contexto, 2021.
- BUBER, Martin. *Eclipse de Deus: considerações sobre a relação entre religião e filosofia*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Campinas: Verus Editora, 2007.
- BUGAHLO, Henry. *Minha especialidade é matar: como o bolsonarismo tomou conta do Brasil*. Curitiba: Kotter Editorial, 2020.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.
- CAMUS, Alberto. *O estrangeiro*. Trad. Valeire Rumjanek. Editora Record. Rio de Janeiro; São Paulo, 1995.
- CAMUS, Albert. *A Peste*. Trad. Valeire Rumjanex. Edições BestBolso: Rio de Janeiro, 2020.
- CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman; Paulina Watch. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.
- CAMUS, Albert. *O primeiro homem*. Trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca e Maria Luiza Newlands Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- CAMUS, Albert. *El primer hombre*. Trad. Aurora Bernárdez. Barcelona: Editions Gallimard, 1994.
- CANETTI, Elias. *Sobre os escritores*. Trad. Kristina Michahelles. Rio de Janeiro, José Olympio, 2009.
- CANETTI, Elias. *Uma luz em meu ouvido: história de uma vida/1921-1931*. Trad. Kurt Jahn. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

CARDO, Llorente Jaime. *Lévinas: el sujeto debe responsabilizarse de los otros hasta el punto de renunciar a sí mismo*. España: Unigraf, 2015.

CARRARA, Ozanan Vicente. *Levinas: do sujeito ético ao sujeito político*. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.

CARVALHO, Laura. *Valsa brasileira: do boom ao caos econômico*. São Paulo: Todavia, 2018.

CEHILA. *A mulher pobre na história da igreja latino-americana*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

CLÉMENT, Catherine. *Martin e Hannah: romance*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CORREIA, Adriano. DRUCKER, Cláudia. OLIVEIRA, Jelson. RIBEIRO, Nilo. *Heidegger, Jonas, Levinas*. São Paulo: Anpof, 2017.

COSTA, Márcio Luis. *Lévinas: uma introdução*. Petrópolis: Vozes, 2000.

COSTA, José André da. *Ética e política em Levinas*. Passo Fundo: Ifibe, 2013.

COLLINS, Jeff. *Heidegger e os nazistas*. Trad. Fernando Gurgel. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

CORTINA, Adela. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. Trad. Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

CRARY, Jonathan. *24/7 O capitalismo tardio e dos fins do sono*. Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

CUSSET, François. *A influência de Foucauld, Derrida, Deleuze & Cia*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CHALIER, Catherine. *Lévinas: a utopia do humano*. Trad. António Hall. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusóé: a conquista do mundo numa ilha*. Trad. Werner Zotz. Editora Scipione.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta: e outros textos*. Org. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DE QUINCEY, Thomas. *Os últimos dias de Immanuel Kant*. Trad. Tomaz Tadeu, Belo Horizonte: Autêntica Editorial, 2011.

DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). *Hospitalidade: Reflexões e perspectivas*. São Paulo: Editora Manole Ltda., 2002.

DORIA, Francisco Antônio. *Marcuse: vida e obra*. II ed. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor S.A./Paz e Terra, 1974.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar (org). *Espectros de Derrida*. Rio de Janeiro: Editora Nau; Editora Puc Rio, 2008.

DURAND, Jorge. *Historia mínima de la migración México–Estados Unidos*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2016.

DUTRA, Cristiane Feldmann; PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima (Orgs.). *Direitos Humanos e xenofobia: violência internacional no contexto dos imigrantes e refugiados*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

DUTRA, Cristiane Feldmann; PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima (Orgs.). *Direitos Humanos e Migrações Forçadas: Migrações, xenofobias e transnacionalidade*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

ECO, Umberto. *O Fascismo eterno*. Trad. Eliana Aguar. Rio de Janeiro: Record, 2018.

EYBEN, Piero; WALACE, Fabrícia. *Derrida, Escritura & diferencia: no limite ético-estético*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

EYBEN, Piero; WALACE, Fabrícia. *Cada vez o impossível: Derrida*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2015.

EYBEN, Piero. *Pensamento Intruso: Jean-Luc Nancy & Jacques Derrida*. São Paulo: Editora Horizonte, 2014.

EVANS, Richard J. *A chegada do Terceiro Reich*. Trad. Lúcia Brito. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

FANCELLI, Uriã. *Populismo e negacionismo: o uso do negacionismo como ferramenta para a manutenção do poder populista*. Curitiba: Appris, 2021.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FARIAS, André Brayer de. *Poéticas da hospitalidade: ensaios para uma filosofia do acolhimento*. Porto Alegre: Zouk, 2018.

FEST, Joachim. *Hitler v. I*. Trad. Analúcia Teixeira Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

FEST, Joachim. *Hitler v. II 1933-1945*: Trad. Analúcia Teixeira Ribeiro; Antônio Nogueira Machado; Antônia Pantoja; Francisco Manuel da Rocha Filho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

FEST, Joachim. *No bunker de Hitler: Os últimos dias do Terceiro Reich*. Trad. Jens e Patricia Lehmann. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

FLUSSER, Vilém. *A Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FM4 PASO LIBRE. *Sin lugar en el mundo: desplazamiento forzado de mujeres por Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A. C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017.

FM4 PASO LIBRE. *Travesías migratórias: testimonios de vida en torno a la migración y la solidaridad*. Dignidad y Justicia en el Camino A. C. Guadalajara, México: Prometeo, 2017.

FM4 PASO LIBRE. *El desafío de transitar-vivir en la ciudad para las personas migrantes en Guadalajara*. Dignidad y Justicia en el Camino A. C. Segundo Informe de Investigación. Guadalajara: Tepache, 2017.

FONTES FRANCISCANAS. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Repensar a Política*. Trad. Ana Lúcia Paranhos Pessoa, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. Exortación Apostólica. *Amoris Laetitia*. São Paulo: Loyola, 2016.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica do Sumo Pontífice. *Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRANCO, Júnior Hilário. *Os três dedos de Adão: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

FRANCO, Júnior Hilário. *A Eva Barbada: ensaios de Mitologia Medieval*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: R&PM, 2018.

FREUD, Sigmund. *O mal estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. 2. ed. Porto Alegre, L&PM, 2017.

- FREUD, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da vida cotidiana*. Trad. Lúcia Lopes. São Paulo: Editora escala.
- FREUD, Sigmund. *Moisés e o Monoteísmo*. Trad. Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.
- FUKS, Betty Bernardo. *Freud e a Judeidade: a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FUSER, Igor. *Geopolítica: O mundo em conflito*. (Série Radar). São Paulo: Editora Salesiana, 2006.
- FUSER, Igor. *México em transe*. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda., 1995.
- GALEANA, Patricia. *Historia comparada de las migraciones en las Américas*. México, D.F. Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Jurídicas, 2014.
- GARCIA, Sandoval Carlos. *Migraciones en América Central: políticas, territorios y actores*. Costa Rica: Editorial UCR, 2016.
- GENET, Jean. *Um cativo apaixonado: romance autobiográfico*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2003.
- GENET, Jean. *Diário de um ladrão*. Trad. Jacqueline Laurence e Roberta Lacerda. Rio de Janeiro: Editora Rio Gráfica Ltda., 1986.
- GENET, Jean. *Nossa Senhora das Flores*. Trad. Newton Goldman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- GENET, Jean. *Pompas fúnebres*. Trad. Ronaldo Lima Lins. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968.
- GEORGE, Susan. *O relatório Lugano: sobre a manutenção do capitalismo no século XXI*. Trad. Afonso Teixeira Filho, São Paulo: Boitempo, 2003.
- GHIRALDELLI, Paulo. *A filosofia explica Bolsonaro*. São Paulo: Leya, 2019.
- GOÑI, Uki. *A verdadeira odessa: o contrabando de nazistas para a Argentina de Perón*. Trad. Berildo Vargas. Editora Record: Rio de Janeiro, 2004.
- GREENBLATT, Stephen. *Ascensão e queda de Adão e Eva*. Trad. Donaldson M. Garshagem. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- GROS, Frédéric. *Desobedecer*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

GUEDEZ, Annie. *Foucault*. Trad. Edson Braga de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

GUTIERREZ, Luis Alberto Mendez. *O Migrante como lugar Ético-metafísico: Uma leitura a partir da obra Totalidade e infinito*, de Emmanuel Levinas. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2006.

HAESBAERT, Rogério. *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HESSE. Hermann. *O Lobo da Estepe*. Trad. Ivo Barroso. 7. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

HESSE. Hermann. *Demian: História da juventude de Emil Sinclair*. Trad. Ivo Barroso. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

HINKELAMMERT, Franz. *As armas ideológicas da morte*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1983.

HITLER, Adolf. *1889-1945. Minha Luta*. Trad. Klaus von Puchen. São Paulo: Centauro, 2016.

HOPPE, Hans-Hermann. *Democracia: o deus que falhou*. Trad. Marcelo Werlang de Assis. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2014.

HUBERMAN-DIDI, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2018.

INSTITUTO HISTÓRICO CENTROAMERICANO. *América Central 1979-1986: O beco sem saída da política dos EUA no terceiro mundo*. São Paulo: L&PM, 1986.

IOM. Internacional Organization Migration (IOM). World Migration Report 2022. In: IOM. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2022> Acesso em: 15 jul. 2022.

IRWIN, William; CONARD, Mark T; SKOBLE, Aeon J. *Los Simpson y la Filosofía*. Trad. Diana Hernández. España: Blackie Books, 2011.

JÚNIOR, Fayet Ney; FERREIRA, Marta da Costa. *Fenômeno Marero na América Central: Uma abordagem criminológica de sus pressupostos existenciais*. 2. ed. Porto Alegre: Nuria Fabris Editora, 2014.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Trad. Celso Donizete Cruz. São Paulo: Hedra, 2009.

- KAFKA, Franz. *Diários II (1914-1923)*. Trad. Feliu Formosa. Barcelona: Editorial Bruguera, 1983.
- KAFKA, Franz. *Um artista da fome e a construção*. Trad. Modesto Carone. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1987.
- KAFKA, Franz. *Um médico rural*. Trad. Modesto Carone. 2. ed. São Paulo: 1991.
- KAFKA, Franz. *Josefina, a cantora*. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Editora Clube do livro Ltda., 1977.
- KANT, Immanuel. *A Paz Perpétua: um projeto filosófico*. Trad. Artur Morão. Corviglia: Lusofia, 2008.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- KANT, Emmanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos*. Trad. Leopoldo Holzbach. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- KERTÉSZ, Imre. *Kadish por uma criança não nascida*. Trad. Raquel Abi – Sâmara. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- KERTÉSZ, Imre. *A língua exilada*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- KERTÉSZ, Imre. *Liquidação*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- KHARISHNANDA, YOGI. *O evangelho de Buda: vida e doutrina de Sidarta Gautama, o inspirador do budismo*. Trad. Cinira Riedel de Figueiredo. São Paulo: Pensamento, 2009.
- KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do terceiro Reich*. Trad. Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- KLEMPERER, Victor. *Os Diários de Victor Klemperer: testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista 1933-1945*. Trad. Irene Aron. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- KNOBEL, Marcelo. *A ilusão da Lua: ideias para decifrar o mundo por meio da ciência e combater o negacionismo*. São Paulo: Contexto, 2021.
- KUPFER, Maria Cristina. *Freud e a Educação: O Mestre do Impossível*. São Paulo: Editora Scipione, 1997.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-luc. *O mito nazista*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- LANGER, C. Walter. *A mente de Adolf Hitler: o relatório secreto que investigou a psique do líder da Alemanha Nazista*. Trad. Carlos Szlak. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

- LARA KLAHR; Marco. *Hoy te toca la muerte: el império de las Maras vistos desde dentro*. México: Planeta, 2006.
- LEÃO, Júlia Maria Pinto de. *Lévinas e a fenomenologia: o Rosto como facticidade de outrem*. Lisboa: Campo das Letras, 2007.
- LECLAIRE, Serge. *O país do outro: o inconsciente*. Trad. Jacques-Alain; Judith Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- LEMAIRE, Gérard-Georges. *Kafka*. Trad. Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&M, 2015.
- LEVENSON, Devorah. *Por si mismos: un estudio preliminar de las “maras” en ciudad de Guatemala*. Guatemala: Avancso, 1998.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- LOCKE, John. *Os pensadores*. Trad. Anoar Aiex. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- LOWER, Wendy. *As mulheres do nazismo*. Trad. Ângela Lobo. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- MACHTAN, Lothar. *O secreto de Hitler*. Trad. Hitler Geheimnis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MAJOR, René. *Lacan com Derrida*. Trad. Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2002.
- MALAPARTE, Curzio. *A pele*. Trad. Alexandre O`Neill. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1972.
- MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Trad. Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MANN, Thomas. *Os Buddenbrook: Decadência de uma família*. Trad. Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MANN, Thomas. *A morte em Veneza; Tonio Kroger*. Trad. Herbert Caro, Mário Luiz Frungillo. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MANN, Thomas. *Doutor Fausto: A vida do compositor alemão Adrian Leverkuhn narrada por um amigo*. Trad. Herber Caro, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MANSO, Paes Bruno. *A república das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2020.
- MANSO, Paes Bruno; DIAS, Nunes Camila. *A Guerra: A ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil*. São Paulo: Todavia, 2018.

- MARCUSE, Herbert. *O homem unidimensional: Estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. 2. ed. Trad. Robespierre de Oliveira, Deborah Chistina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial: o Homem Unidimensional*. 6. ed. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARCUSE, Herbert. *A dimensão Estética*. Trad. Maria Elizabete Costa. Lisboa: Edições 70, 1977.
- MARTÍNEZ, Isabel Martínez. *Elogio de la Diversidad: Estudio interdisciplinar de las migraciones*. Salamanca: Universidad Pontificia De Salamanca, 2005.
- MARTINEZ Sanjuana; PARRA, Ruiz Emiliano; SOLALINDE, Alejandro; MARTINEZ, Óscar; OSORNO, Enrique Diego. *Todos somos migrantes*. Impresos Albatros: México, 2014.
- MARX, Karl. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política (Grundrisse)*. 1857 – 1858. 8. ed. España: Siglo XXI, 1986, v. 3.
- MAYER, Hans. *Os marginalizados*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Editora Guanabara: Rio de Janeiro, 1989.
- MAYOR, René; TALAGRAND, Chantal. *Freud*. Trad. Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&P, 2007.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Trad. Elisabeth Falomitr Archambault. España: Editorial Melusina, 2011.
- MELO, Nélio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- MILESI, Rosita; LACERDA, Rosane. *Políticas Públicas para las Migraciones Internacionales: Migrantes y refugiados*. Trad. al español: Maruja Cabrera fc Varese. Alliance Gráfica: Brasil, 2007.
- MODIANO, Patrick. *Flores da ruína*. Trad. Maria de Fátima Oliva do Coutto. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- MODIANO, Patrick. *Remissão da pena*. Trad. Maria de Fátima Oliva do Coutto. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- MODIANO, Patrick. *Primavera de cão*. Trad. Maria de Fátima de Oliva do Coutto. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011.

MORAES NETO, Joaquim José de. *Aristóteles*. Londrina: Ed. UEL, 1999.

MORALES, Abelardo. *La diáspora de la pós-guerra: regionalismo de los migrantes y dinamicas territoriales en América Central*. Costa Rica: Flacso, 2007.

MUÑOZ, Fernández Manuel. *El Grial de la Alianza: un viaje de Arca perdida en Etiopía*. España: Editorial Almuzara, S. L., 2018.

NABOKOV, Vladimir. *Lolita*. Trad. Jorio Dauster. Rio de Janeiro: O Globo: Folha de São Paulo, 2003.

NANCY, Jean-Luc. *Banalidade de Heidegger*. Trad. Fernanda Berndardo e Victor Maia. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

NAZARIO, Sonia. *La travesía de Enrique: La arriesgada odisea de un niño en busca de su madre*. New York, Randon House trade Paperbacks, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. Trad. Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, Demasiado Humano*. Trad. Antonio Carlos Braga. 2. ed. São Paulo: Editora Escala, 2007.

NORBERTO, Marcelo S; CAPRIO, Fabio Leite de Castro (Orgs.). *Sartre e a Política*. Via Verita: Ed. PUC-Rio, 2019.

ORTEGA, Francisco. *Para uma politica da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

OHLER, Norman. *High Hitler: como o uso de drogas pelo Führer e pelos nazistas deditou o ritmo de Terceiro Reich*. Trad. Silvia Bittencourt, 1ed. São Paulo: Planeta, 2017.

PASTERNAK, Natalia; ORSI, Carlos. *Ciência no cotidiano: Viva a razão. Abaixo a ignorância*. São Paulo: Contexto, 2020.

PECORARO, Rossano; BAPTISTE, Grasset. *Sexo, política e desconstrução: sobre Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2018.

PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. *LEVINAS: a reconstrução da subjetividade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

PELLEGRINO, Adela; BENGOCHEA, Julieta; KOOLHAAS, Martín. *La migración calificada desde América Latina: tendencias y consecuencias*. Uruguay: Ediciones Trilce, 2013.

- PERAZA, Pablo José. *Sobre encuentros y reencuentros. Caravana de madres “Libertando la esperanza”*. In: GARCÍA, Sandoval Carlos. *Migraciones en América Central: políticas, territorios y actores*. Costa Rica: Editorial UCR, 2016.
- PERCY, Allan; DÍAZ, Leonardo. *Pepe Mujica: simplemente humano*. Trad. Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.
- PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Democracia em desconstrução: da tolerância à hospitalidade no pensamento de Jacques Derrida*. Florianópolis: Empório do Direito, 2017.
- PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *Direitos humanos e hospitalidade: A proteção internacional para os apátridas e refugiados*. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2014.
- PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. *A pátria dos sem pátria: Direitos humanos & Alteridade*. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2011.
- PERES, Marcos. *O evangelho segundo Hitler*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.
- PICCIANATO, Ricardo (Org.). *40 fatos para entender a revolução russa*. São Paulo: Editora Alto Astral, 2019.
- PIKE, Sid. *Nós mudamos o mundo: um pioneiro revela a história da CNN Internacional*. Trad. Eduardo Lasserre. São Paulo: Manole, 2006.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- PLATÃO. *Timeu e críticas ou a Atântida*. Trad. Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, 1981.
- POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevistas*. Trad. J. Guinsburg [et al.] São Paulo: Perspectiva, 2007.
- POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: As origens políticas e econômicas de nossa época*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.
- POLANYI, Karl. *A subsistência do homem: e ensaios correlatos*. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- POLANYI, Michael. *A Lógica da Liberdade: reflexões e réplicas*. Trad. Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Topbooks editora e distribuidora de livros Ltda., 2003.
- POLIAKOV, Léon. *Europa Suicida: 1870-1933 história do anti-semitismo IV*. Trad. Hilde Teixeira. Perspectiva: São Paulo, 1985.
- POLIAKOV, Léon. *De Voltaire a Wagner: história do antissemitismo III*. Trad. Ana M. Goldberger. Perspectiva: São Paulo, 1985.

- POLIAKOV, Léon. *De Maomé aos marranos: história do anti-semitismo II*. Trad. Ana M. Goldberger Coelho; J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.
- POLZONOFF, Paulo Jr. *A face oculta de Nova York*. São Paulo: Globo, 2007.
- POSAS, Mario. *El movimiento campesino hondureño: una perspectiva general*. Tegucigalpa: Editorial Guaymuras, 1981.
- POSSANI, Fátima de Lourdes; FRANCO, Bernardete Cecília. *Somos todos migrantes: por uma cidade acolhedora*. 31 Curso de Verão. São Paulo: Paulus, 2018.
- RAWLS, John. *O direito dos povos*. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. Trad. Almiro Pisetta e Lenita M. R. Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- REMHU - Revista Interdisciplinar da Modalidade Humana. Migrações e fronteiras. Nº 44 jan-jun 2015, Brasília: Centro Scalabriniano de Estudos Migrações, 2014.
- RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005.
- RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria da Paz: ética e teo-lógica em Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2008.
- RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria da Carne: Uma filosofia da sensibilidade ética em Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2019.
- RIBEIRO, Nilo Junior; AGUIAR, Diogo Villas Bôas; RIAL, Gregory; CARVALHO, Felipe Rodolfo de. *Amor e Justiça em Lévinas*. São Paulo, Perspectiva, 2018.
- RIBEIRO, Renato Jaime. *Recordar Foucault*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- RODRIGUES, Carla. *Duas palavras para o feminino: Hospitalidade Responsabilidade: sobre ética e política em Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Nau, 2013.
- RODRIGUEZ, Roxana Ortiz, Roxana. *Cartografía de las fronteras*. México: CDMX, 2017.
- ROSENCOF, Mauricio; HUIDOBRO, Eleuterio Fernández. *Memórias del calabozo*. Montevideo: Gráficas Lizarra, 1993.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social: princípios do direito político*. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2018.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. Trad. Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&M, 2009.
- RUFO, Juan. *Pedro Páramo*. Trad. Jurema Finamour. São Paulo: Editora Brasiliense, 1969.

- SALERNO, Silvana. *Os miseráveis/Victor Hugo*. Trad. Silvana Salerno. São Paulo: Seguinte, 2014.
- SARTRE, Jean-Paul. *A idade da Razão*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- SARTRE, Jean-Paul. *Diário de uma guerra estranha: Novembro de 1939 – Março de 1940*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1983.
- SARTRE, Jean-Paul. *El idiota de la Familia*. Trad. Patricio Canto. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporaneo S. A., 1975.
- SARTRE, Jean-Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- SARTRE, Jean-Paul. *O idiota da Família: Gustave Flaubert de 1821 a 1857*. Trad. Ivone C. Benedetti. Porto Alegre: L&PM, 2014, v. 2.
- SARTRE, Jean-Paul. *El ser y la nada*. Trad. Juan Valmar. Buenos Aires: Editora Losada S.A. 1966.
- SARTRE, Jean-Paul. *La náusea*. 4. ed. Trad. Aurora Bernárdez. Buenos Aires: Editora Losada S. A., 1947.
- SARTRE, Jean-Paul. *Reflexiones sobre la custión judia*. Trad. Juana Salabert. Barcelona: Editorial Seix Barral S. A., 2005.
- SARTRE, Jean-Paul. *Saint Genet: comédien et martyr*. Paris: Éditions Gallimard, 1952.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Diabo e o Bom Deus*. Trad. Maria Jacinta. São Paulo: Círculo do Livro S. A., 1973.
- SARTRE, Jean-Paul. Teatro. NEKRASOF KEAN. Adatación de la obra de Alexandre Dumas. Buenos Aires: Editorial Losada S.A., 1962.
- SAYÃO, Sandro. *Levinas: entre nós*. Recife: UFPE, 2014.
- SCHUR, Max. *Freud: Vida e agonia. Uma Biografia*. V. 1. Trad. Marco Aurelio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- SCHUR, Max. *Freud: Vida e agonia. Uma Biografia*. V. 2. Trad. Marco Aurelio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- SCHUR, Max. *Freud: Vida e agonia. Uma Biografia*. V. 3. Trad. Marco Aurelio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- SCHWOB, Marcel. *A cruzada das crianças*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Iluminuras, 1987.
- SCHWOB, Marcel. *Vidas imaginárias*. Trad. Duda Machado. São Paulo: editora 34, 1997.

SCHWAB, Jean-Luc. *Triângulo rosa: um Homossexual no campo de concentração nazista*. Trad. Angela Cristina Salgueiro Marques, São Paulo: Mescla, 2011.

SCURATI, Antonio. *M, o filho do século*. Trad. Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

SEBBAH, François David. *A Ética do Sobrevivente: Levinas, uma filosofia da derrocada*. Trad. Leonardo Meirelles. Passo Fundo: Conhecer, 2021.

SEBBAH, François David. *Levinas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SHIRER, L. William. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. Vol. III. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

SICRE, José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1994.

SIN-LÉQI-UNNÍNNI. *Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgamesh*. Trad. Acádio. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SKLIAR, Carlos (Org.). *Derrida & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SLOTERDIJK, Peter. *Derrida, um egípcio: O problema da pirâmide judia*. Trad. Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SÓFOCLE. *Édipo Rei – Antígona*. Trad. Sir Richard Jebbs. 4. ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2013.

SOUKI, Nádia. *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 1998.

SOUZA, Ricardo Timm de. *O Tempo e a máquina do tempo*. Estudos de filosofia e pós-modernidade. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Sujeito, ética e história – Levinas, o traumatismo infinito e a crítica da filosofia ocidental*, Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Sentido e alteridade: dez Ensaio sobre o Pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Metamorfose e Extinção: sobre Kafka e a patologia do tempo*. Caxias do Sul: Educ, 2000.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ainda além do medo – filosofia e antropologia do preconceito*. Porto Alegre: DaCasa-Palmarinca, 2002.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Éticas em diálogo: Levinas e o pensamento contemporâneo: questões e interfaces*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Razões Plurais: itinerários da Racionalidade Ética no Século XX*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Em torno à Diferença – aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Justiça em seus termos. Dignidade humana, dignidade do mundo*. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2010.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Adorno & Kafka: paradoxos do singular*. Passo Fundo: Ifibe, 2010.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Kafka: a justiça, o veredicto e a colônia penal, um ensaio*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SOUZA, Ricardo Timm. *Hegel e infinito*. Disponível em: timmsouza.blogspot.com/2012/09/hegel-e-o-infinito.html. Acesso em: 15 nov. 2018.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

SOUZA, Ricardo Timm de; FARIAS, André Brainer de; FABRI, Marcelo (Orgs.). *Alteridade e ética: obra comemorativa dos 100 anos de nascimento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. 2. ed. Trad. Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2019.

STRATHERN, Paul. *Derrida: em 90 minutos*. Trad. Cassio Boechat. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SUSIN, Luiz Carlos. *O Homem Messiânico: Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Est/Vozes, 1984.

THOMAS, Henry; THOMAS, Dana Lee. *Vidas de Grandes Filósofos*. Trad. Otávio Mendes Cajado. Porto Alegre: Livraria do Globo S. A., 1956.

TRAVERSO, Enzo. *Las nuevas caras de la Derecha*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2018.

TRAWNY, Peter. *Heidegger e o mito da conspiração judaica mundial*. Trad. Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

TUGENDHAT, Ernest. *Não somos de arame rígido: conferências apresentadas no Brasil em 2001*. Valério Rohden (Org.). Canoas: Ed. Ulbra, 2002.

ULTRERAS, Pedro. *La Bestia: La tragédia de migrantes centroamericanos en México*. Arizona: Hispanic Institute of Social Issues, 2012.

URRY, John. *Anatomia das sociedades capitalistas: a economia, a sociedade civil e o estado*. Trad. Irlés Coutinho de Carvalho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VOLTAIRE. *Tratado sobre a tolerância: A propósito da morte de Jean Calas*. Trad. Paulo Neves. Martins Fontes: São Paulo, 1993.

VOLTAIRE. *Tratado da tolerância*. Trad. Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Lafonte, 2017.

WEBER, Thadeu. *Ética e Filosofia do Direito: Autonomia e dignidade da pessoa humana*. Petrópolis: Vozes, 2013.

WEIL, Simone. *Carta a um religioso*. Trad. Monica Stahel. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

WITTMAN, Robert K.; KINNEY, David. *O diário do diabo: os segredos de Alfred Rosenberg, o maior intelectual do nazismo*. 1. ed. Trad. Cristina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2017.

ZIZEK, Slavoj. *Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo*. Trad. Artur Renzo. São Paulo: Boitempo, 2020.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Trad. George Schlesinger. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda., 2021.

EXCURSO I

VIDA E OBRA DE EMMANUEL LEVINAS E JACQUES DERRIDA

Neste primeiro capítulo, faremos uma breve descrição biográfica dos autores que são centrais nesta reflexão. Não nos ateremos a uma biografia extensa e minuciosa, simplesmente contextualizaremos na história, o tempo e a situação na qual nasceram, suas influências e seu legado.

Emmanuel Levinas

Levinas nasceu em Kovno, Lituânia, no dia 12 de janeiro de 1906 pelo calendário gregoriano; pelo calendário juliano, então em vigor na Rússia, seu nascimento foi no dia 24 de dezembro de 1905. De família judia, recebeu educação judaica e russa.⁵⁹⁰ Teve, desde cedo, acesso às literaturas russa e judaica, já que seu pai possuía uma sortida livraria na cidade; também recebeu educação em escolas vinculadas à sinagoga em sua terra natal. Nestas escolas, estudava-se hebraico e lia-se a Torá, além de fazer estudos talmúdicos que eram muito conhecidos, aos quais Levinas teve acesso aos seis anos de idade.⁵⁹¹

Levinas, em 1914, foi profundamente marcado pela primeira Guerra Mundial. Com oito anos de idade, a família teve que migrar para Cracóvia, onde ficou refugiada. Ele estudava no Liceu local. Neste tempo, começa a Revolução Russa (1917), com a qual não assume compromisso ou militância na Revolução. Foi uma época em que teve profundo contato com a literatura russa, impregnada de inquietudes metafísicas e de ordem moral. No ano de 1920, a sua família deixou a Rússia e se fixou novamente na Lituânia. Depois em Kaunas, ingressou no curso secundário estudando intensamente a língua hebraica e os costumes judaicos, depois desse tempo se preparou para ir à França.⁵⁹²

⁵⁹⁰ POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaios e entrevista*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 53.

⁵⁹¹ POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaios e entrevista*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 52.

⁵⁹² RIBEIRO, Nilo Júnior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 28.

Seu êxodo e suas influências

No tempo em que morou em Estrasburgo, teve que estudar francês e latim para depois começar os estudos de filosofia, pois viveu como em dois mundos. Essas línguas foram de singular importância para que entrasse em contato com muitas personalidades do mundo filosófico. Em 1923, começou seus estudos de filosofia na Universidade Estrasburgo. Realizou um curso de Ética Política ministrado por Maurice Pradines com uma influência do pensador judeu Dreyfus com a relação que fazia entre Ética e Política, esse pensamento acabou influenciando o pensamento de Levinas.⁵⁹³

Também aproximou-se das ideias de Maurice Blanchot⁵⁹⁴ e sua literatura, também foi influenciado pelo pensamento de Husserl, que parece-lhe um filósofo menos interessante que Heidegger porque este era mais imprevisível em suas análises sobre a afetividade, os novos acessos ao cotidiano, a diferença entre ser e ente⁵⁹⁵. Na literatura Russa, o influenciaram precisamente Púschkin, Lermontov, Dostoiévski e Tolstói. Foi influenciado ainda por Charles Blondel, que era professor de psicologia; Maurice Halbwachs, sociólogo; Henri Carteron⁵⁹⁶, professor de filosofia. A filosofia de Bergson era a ensinada na França entre os anos 1924 a 1930; Levinas sentiu muita curiosidade por esse pensamento. Concluindo seu doutorado com sua tese sobre Husserl: “*La Théorie de l’intuition dans la phénoménologie de Husserl*”. Em 1924, terminou a sua dissertação e começou os estudos no Instituto de Filosofia, aprofundando os grandes filósofos Platão, Aristóteles, Descartes e Kant⁵⁹⁷. Assistiu às aulas com Maurice

⁵⁹³ RIBEIRO, Nilo Júnior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 29.

⁵⁹⁴ Escritor e filósofo francês, Maurice Blanchot nasceu a 22 de setembro de 1907 em Quain, na região do Saône-et-Loire. [...]. Em 1940 juntou-se às fileiras da Jeune France, uma associação cultural ligada ao chamado Regime de Vichy e, no ano seguinte, estreou-se como romancista, ao publicar *Thomas l’Obscur* (1941), que viria a tornar-se na sua obra mais conhecida, e que contava a história de um estrangeiro viajando em busca de um lugar vazio, metáfora para o arquétipo do Judeu Errante. Foi seguido de perto por *Aminabad* (1942), que não conseguiu ser tão popular. [...]. Maurice Blanchot faleceu nos arredores de Paris a 20 de fevereiro de 2003. BLANCHOT, Maurice. *Maurice Blanchot* na Infopédia Publicado em: 03 de agosto de 2022 Porto: Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$maurice-blanchot](https://www.infopedia.pt/$maurice-blanchot). Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁹⁵ POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevista*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 53.

⁵⁹⁶ BAR, Marco Antonio. Os grandes fotógrafos da história: Henri Cartier-Bresson. Publicado em: 10 de janeiro de 2017. In: *BlogeMania*. Disponível em: <https://blog.emania.com.br/os-grandes-fotografos-da-historia-henri-cartier-bresson>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁹⁷ POIRIÉ, François. *Emmanuel Lévinas: ensaio e entrevista*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 64.

Pradines, Charles Blondel⁵⁹⁸, Maurice Halbwachs⁵⁹⁹ e Henri Carteron.⁶⁰⁰

Sua tese sobre a teoria da intuição em Husserl, que defendeu no dia 4 de abril de 1930, o levou a destacar-se como filósofo e a ser convidado a participar dos cursos de Husserl e de Heidegger. Ao participar dos seminários, aproximou-se muito das ideias de Heidegger, mas, com o tempo, se decepciona quando Heidegger mostrou a sua simpatia partidária com o hitlerismo.

Em 1931, recebeu a cidadania francesa e, posteriormente, em 1932, prestou o serviço militar. Em 1932 assumiu a administração da Aliança Israelita Universal, com a intenção de fomentar a reflexão religiosa-filosófica. Morando na França, frequentou seminários de outros filósofos como L. Brunschvicg⁶⁰¹ e Jean Wahl.⁶⁰²

Os anos no cativo

Quando a França foi ocupada, na Segunda Guerra Mundial, no dia 18 de junho de 1940, tornou-se prisioneiro, em Rennes. Depois foi transferido para Hannover, na Alemanha, onde ficou prisioneiro de guerra no campo de concentração de Stammlager. Porém, pelo fato de usar uniforme militar francês e pela letra da Convenção de Genebra⁶⁰³, não foi deportado, mas protegido do destino dos deportados e reagrupado com outros judeus num campo especial. Durante os cinco anos no cativo em Stammlager, Levinas ocupou seu tempo livre com leituras e cumprindo uma rotina diária de trabalhos na agricultura.

⁵⁹⁸ BLONDEL, Charles. Dicionário. Publicado em: 20 de fevereiro de 2008. In: *RedePsi*. Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2008/02/20/blondel-charles-1876-1939/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁵⁹⁹ Maurice Halbwachs (Reims, 11 de março de 1877 — Buchenwald, 16 de maio de 1945) foi um sociólogo francês da escola durkheimiana. Escreveu uma tese sobre o nível de vida dos operários, e sua obra mais célebre é o estudo do conceito de memória coletiva, que ele criou. In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Maurice_Halbwachs

⁶⁰⁰ POIRÉE, François. *Emmanuel Levinas: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Perspectiva. 2007, p. 59-60.

⁶⁰¹ (París, 1869 - Aix-les-Bains, 1944) Filósofo francês. Es autor de numerosas obras de historia del pensamiento científico y filosófico en las que, por lo demás, son evidentes las líneas de una original postura especulativa suya, que puede definirse como un idealismo crítico (*El idealismo contemporáneo*, 1905), que concede amplio margen a la solitud de las ciencias física y matemática (*Les étapes de la philosophie mathématique*, 1912; *La experiencia humana y la causalidad física*, 1922), pero la dirige hacia una concepción humanista de la vida en la que acaban por imponerse las exigencias morales y religiosas, reafirmando los valores propiamente espirituales de la libertad y del amor como fundamento de la sociedad humana. In: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/b/brunschvicg.htm>.

⁶⁰² RIBEIRO, Nilo Junior. *Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 33.

⁶⁰³ Segundo a III Convenção de Genebra Relativa ao Tratamento de Prisioneiro de Guerra – 1949 – que diz que as pessoas prisioneiras serão tratadas com humanidade, sem distinção de raça, cor, religião ou crença, sexo, nascimento ou fortuna. Não poderão sofrer ofensas contra a vida e a integridade física, nem mutilações, tratamentos cruéis, torturas e suplícios. Para melhor compreensão, é possível pesquisar na própria Convenção de Genebra de 1949.

Uma experiência chamou a atenção de Levinas: um cachorrinho, Bobby⁶⁰⁴, inseriu-se na rotina das idas e vindas entre o campo de concentração e o local de trabalho. *Nesse rincão da Alemanha, onde ao atravessar o povoado éramos vistos pelos moradores como judeus, esse cachorrinho evidentemente nos considerava como humanos.*⁶⁰⁵

Nessa época, como prisioneiro, teve oportunidade de realizar várias leituras filosóficas de Hegel, Proust, Rousseau e outros autores de diferentes procedências. Era um tempo em que estavam tranquilos e isolados, porém desconectados da família e dos amigos, que não respondiam mais às cartas que eram enviadas. No tempo do cativo, Levinas, além de fazer vários tipos de leituras, começou a escrever o texto *“De l’existence à l’existent”*. Nesse texto, aparecem diálogos temáticos com certo número de categorias filosóficas, consideradas como os pilares do mundo do ser e do pensar do Ocidente moderno. Quando termina a guerra, Levinas volta para Paris, reencontra sua esposa para recomeçar a vida no meio de uma Europa, que teve seu projeto colocado à prova por duas guerras, somado a isto Auschwitz.⁶⁰⁶

Quando terminou a guerra, obteve sua libertação em 1942, ano em que os judeus foram expulsos da Espanha pelos Reis que eram católicos⁶⁰⁷. Levinas voltou para Paris, conseguindo escapar do genocídio perpétuo aos judeus, mas seus pais, seus dois irmãos e dois avós foram vítimas desse ódio. Ficou sabendo do extermínio de seus familiares no final de seu cativeiro. Dedicando uma frase a eles em sua obra

“Autrement que être ou au-delà de lé essence”: A la memória de los seres más próximos entre los seis millones de asesinados por los nacional-socialistas, al lado de los millones y millones de humanos de todas las confesiones y todas las naciones, víctimas del mismo odio del otro hombre, del mismo antisemitismo.⁶⁰⁸

Levinas radicaliza a relação com o Outro que de tão próximo leva a um desinteressamento radical do sujeito. *A situação ética é a situação da proximidade, da responsabilidade, que desemboca na substituição pelo Outro. A linguagem ética é a única capaz de expressar o desinteressamento pelo ser.*⁶⁰⁹ Suas obras mais destacadas são:

⁶⁰⁴ LEVINAS, Emanuel. *Difícil Libertad*. 1. ed. Trad. Nilda Prados, Buenos Aires: Lilmod, 2004. p. 181.

⁶⁰⁵ POIRÍE *apud* COSTA. *Levinas*: uma introdução. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 40.

⁶⁰⁶ POIRÉ, François. *Emmanuel Levinas*: Ensaios e entrevistas, p. 74-5.

⁶⁰⁷ BERNARDO, Fernanda. *Levinas Refém*: a assinatura ético-metafísica da experiência do cativo. Coimbra: PALIMAGE, 2012, p. 16-17.

⁶⁰⁸ LEVINAS, Emmanuel. *De outro modo que ser o mas allá de la esencia*. Trad. Antonio Pintor Ramos. Salamanca: Ediciones Sígueme S. A, 1987, p. 7.

⁶⁰⁹ RIBEIRO, Nilo Júnior. *Sabedoria de amar*: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas. São Paulo: Loyola, 2005, p. 23.

Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl (1930); De l'évasion (1935); Da existência ao existente (1947); Le temps et le autre (1948); En découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger (1949); Totalidade e Infinito (1961); Dificile Liberté. Essai sur Le Judaïsme (1963); Quatro leituras Talmúdicas (1964); Humanismo do outro Homem (1972); Autrement qu'être ou au-delà de l'essence (1972); Nous popres (1976); Sur Maurice Blanchot (1975); Do Sagrado ao santo – cinco novas interpretações talmúdicas (1977); L'au – dela Du verset. Lectures Et discours Talmudiques (1982); De deus que vem à idéia (1982); Ética e infinito. Diálogos com Philippe Nemo (1982); Transcendência e inteligibilidade (1984); Hors Sujet (1987); À l'Heure des Nations (1988); De l'obligation. Entretien avec Françoise Armegand à propos de l'oeuvre de sosno (1990); Entre nós. Ensaio sobre a alteridade (1991); La mort et Le temps (1991); Dieu, la mort et El temps (1993); Liberté et commandement (1994); Les imprévus de la histoire (1994); L'intrigue de l'infini (1994); Nouvelles lectures Talmudiques (1995); Alterite et transcendence (1985); Quelques réflexions sur la philosophie du l'hitlérisme (1997); Ethique comme philosophie première (1998). A última obra, Nouvelles Lectures Talmudiques (1996), foi editada em 1995, no ano em que Levinas faleceu.⁶¹⁰

Hoje estamos pesquisando bastante sobre os *Escritos inéditos I e II* que se encontram na bibliografia.

Levinas morre em Paris no dia 25 de dezembro de 1995, com 89 anos de idade.

Vida e obra de Jacques Derrida

Jacques Derrida nasceu no dia 15 de julho de 1930, em El-Biar, na Argélia, filho de uma família judia. Nesse ano, a Argélia comemorava o centenário da conquista francesa, momento do apogeu da Argélia Francesa. A cidade Argel, “a Branca”, era o cartão postal da França ao mundo, porém uma sociedade desigual politicamente e economicamente. Os grupos étnicos viviam isolados entre si e não se misturam no casamento.⁶¹¹

A Família de Derrida, como judia, passa pela experiência do decreto de *Crémieux*, que obrigava os grupos religiosos a assimilar-se à vida Francesa. Os judeus podiam ter suas práticas na vida privada, mas os jovens judeus passavam a ser afrancesados ou relegados a uma segunda categoria, como foi o caso de Derrida.⁶¹²

⁶¹⁰ GUTIERREZ, Luis Alberto Mendez. *O Migrante como lugar Ético-metafísico*: Uma leitura a partir da obra Totalidade e infinito, de Emmanuel Levinas. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019, p. 22.

⁶¹¹ PEETERS, Benoît. *Derrida*: Biografia. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 34-5.

⁶¹² PEETERS, Benoît. *Derrida*: Biografia. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 36.

Infância e influência intelectuais

Aos nove anos de idade, Derrida passa pelo triste acontecimento da morte de seu irmão Norbert, de dois anos, que sofreu meningite tuberculosa, o que impacta significativamente Derrida e sua família⁶¹³. Em 30 de setembro de 1941, uma nova lei instituiu *numerus clausus*⁶¹⁴, que estabelecia que uma porcentagem de crianças poderia estudar nas escolas, tanto na primária como na secundária. O nome de seu irmão René e da sua irmã Janine estão na lista dos expulsos. Derrida passa a estudar num ex-mosteiro perto de El-Biar, onde fará amizade com futuras personalidades, como Fernando Achaanok e Jean Taousson.⁶¹⁵

No ano seguinte, ao voltar às aulas, é comunicado que a porcentagem de judeus aceitos nas salas de aula argelinas tinha reduzido de 14% a 7%. Para Derrida, essa expulsão da sala de aula foi marcante para o resto de sua vida.⁶¹⁶ Porém, em abril de 1943, Derrida pôde voltar a reintegrar-se ao liceu de Bem Aknoun, no final da quinta série, depois que as medidas antissemitas que haviam sido revogadas, até que o decreto de Crémieux voltará a vigorar.⁶¹⁷

Na Sorbonne, assiste ao curso que Levinas ministrava às terças-feiras à noite. Empreende uma leitura cuidadosa e crítica da obra *Totalidade e infinito*; essa crítica chega às mãos de Levinas através do artigo *Rastro do Outro*⁶¹⁸. Essa aproximação com Levinas se dá a conhecer por meio da dedicatória que Derrida lhe faz, por exemplo, no artigo *A resistência do pensamento: saudação a Jean Beaufret*, no qual registra: “Para Emmanuel Levinas, a quem, há quarenta anos, sou ligado por uma amizade que me é mais próxima que eu mesmo: em relação de invisibilidade com o judaísmo”.⁶¹⁹ Também nas cartas que os dois filósofos trocaram, assim como na troca de artigos.⁶²⁰

Derrida sofre momentos de depressão e, depois de passar por tratamento, é convencido a ocupar um posto na Sorbonne como professor assistente. Entre os anos 1963-1964 é nomeado

⁶¹³ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 39.

⁶¹⁴ Em Latim: número fechado.

⁶¹⁵ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 43.

⁶¹⁶ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 45.

⁶¹⁷ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 49-50.

⁶¹⁸ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 181.

⁶¹⁹ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 243.

⁶²⁰ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 221.

professor pesquisador. Em 1964 deixa a Sorbonne para finalizar a tese. Escreve vários artigos e livros: *A origem da geometria; Força e significação; Cogito e história da loucura; Violência e Metafísica*.⁶²¹

Em 1990, Derrida decide depositar seus arquivos na Langson Library na biblioteca principal. Os arquivos foram doados ao *Critical Theory Archive*. A consulta aos arquivos era submetida à aprovação de Derrida.⁶²² Thomas Dutoit, aluno de Derrida, organiza e classifica os escritos, os cursos e inventaria todo o material. Desta maneira, Derrida vai se tornando muito conhecido em New York University, onde ministra cursos intensivos de três semanas. Na *Maison Française*, os seminários eram fechados e realizados ao redor de uma mesa com não mais de 30 pessoas. Também dava aula na *City University* e na *Cardoso Law School*. Muitas vezes chegou a dar três palestras no mesmo dia.⁶²³

Seu primeiro livro pessoal foi: *Escritura e a Diferença*. O seguem outras publicações: *Força e significação; Violência e Metafísica: ensaio sobre o pensamento de Emmanuel Levinas; Cogito e história da loucura; Genesis e estrutura; A palavra/fala soprada; Freud e a cena da escritura; O teatro da crueldade e o fechamento da representação; Da economia restrita à economia geral: um hegelianismo sem reserva; A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*.⁶²⁴ A partir do ano 1972 começa a publicar: *La Dissémination; Margens e posições; La quinzaine Littéraire; Gramatology; Glas*.⁶²⁵

Em 1964, deixa a Sorbonne durante dois anos (período de licença) para terminar sua Tese⁶²⁶. Novamente se apresenta no final do verão de 1996, quando está por retornar ao ensino na *École Normale*. Em vários momentos Derrida viaja para os Estados Unidos para dar aulas e cursos. Em 1976 a sua fama progride significativamente. Em Yale, a cada ano que passa, os alunos são mais numerosos, apesar dos cursos serem ministrados em francês.⁶²⁷

⁶²¹ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 182.

⁶²² PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 549.

⁶²³ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 551.

⁶²⁴ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 220.

⁶²⁵ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 306.

⁶²⁶ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 192.

⁶²⁷ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 333-4.

As viagens e as traduções se multiplicam por todas as partes do mundo. No ano de 1990, Derrida dá conferências e seminários em diversos países. Foi para Moscou, São Petersburgo, Grécia, Espanha, Portugal, Uruguai, Argentina, Chile, Brasil e África do Sul. Em 1997 vai pela primeira vez à Índia e dá várias conferências e entrevistas, inaugurando *Salão do livro* em Bombaim e Nova Deli. Também viaja para Dubai, Baltimore, Villanova, Montreal, Madrid, Istambul, Tilburg, Turin, Pisa, Londres, Brighton, Porto. Na Polônia recebe um doutorado Honoris Causa em Katowice.⁶²⁸

No ano de 1983, assume a direção do *Colégio Internacional* de pesquisa⁶²⁹. Em 12 de junho de 1992, no senado de *King's College*, recebe o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Cambridge⁶³⁰. No mês seguinte recebe a ordem de cavaleiro da *Legião de Honra*, indicado pelo ministro JackLang, condecoração que é entregue na Sorbonne.⁶³¹

Em 1998, vai para a Universidade Hebraica de Jerusalém em Tel Aviv. No mesmo ano realiza uma longa viagem pela África do Sul, encontrando-se com Mandela. Neste tempo está no cerne do filme a ele dedicado *D'ailleurs Derrida*, exibido no canal *Arte*. No auge das viagens, palestras, conferências e escrita, Derrida enriquece a língua francesa com novas palavras que podem ser encontradas no livro *O vocabulário de Jacques Derrida*.⁶³²

Em parceria entre o Consulado da França, no Rio de Janeiro, e a Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais, é realizado um colóquio em torno de sua obra. Derrida chega pela primeira vez ao Brasil no dia 14 de agosto de 2004 e é recebido por uma multidão que participa da abertura da Conferência com um colóquio: *O perdão, a reconciliação, a verdade: qual o gênero?*⁶³³ Retornará uma segunda vez ao Brasil com uma intensa agenda e passando por complicações com a saúde.

Reproduzindo aquilo que seu pai tinha feito, Jacques compôs seu próprio epitáfio:

Jacques não quis ritual nem oração. Sabe por experiência a provação que é para o amigo encarregado disso. Ele me pede para agradecer-lhes por terem vindo, para abençoá-los, suplicando-lhes para não ficarem tristes, para pensarem nos inúmeros

⁶²⁸ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 586-7.

⁶²⁹ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 423-4.

⁶³⁰ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 539.

⁶³¹ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 540.

⁶³² PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 591.

⁶³³ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 645.

momentos felizes que lhe deram a oportunidade de compartilhar. Sorriam, diz ele, como eu lhes teria sorrído até o fim. Prefiram sempre a vida e afirmem incessantemente a sobrevivência... Amo-os e sorrio-lhes de onde quer que eu esteja.⁶³⁴

Derrida morre no dia 9 de outubro de 2004, aos 74 anos.

⁶³⁴ PEETERS, Benoît. *Derrida: Biografia*. Trad. André Telles. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 649.

EXCURSO II

REGISTRO DE FOTOS. ACERVO PESSOAL



Figura 1. Dicas para o comportamento dos migrantes.



Figura 4. Pátio interno. Migrante descansando após chegar exausto ao Refúgio.



Figura 2. Almoço com os migrantes.



Figura 5. Mensagens que deixam os migrantes nas divisórias dos quartos.



Figura 3. Missión: "El Migrante", Guadalajara, México.



Figura 6. Beliches para os migrantes quando há superlotação.



Figura 7. Pátio interno do Refúgio em Guadalajara.

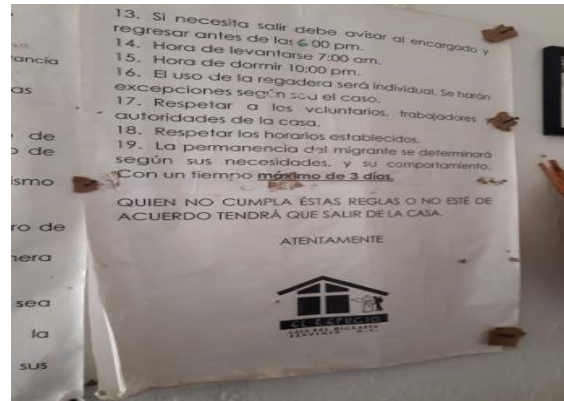


Figura 10. Instruções de como movimentar os migrantes quando estão em trânsito.



Figura 8. Jovens e adolescentes hondurenhos que viajam para Estados Unidos na *Bestia*.



Figura 11. Instruções para os Migrantes.



Figura 9. Crianças hondurenhas de 7, 9 e 10 anos que viajam com seu pai para os Estados Unidos usando a *Bestia* como transporte.

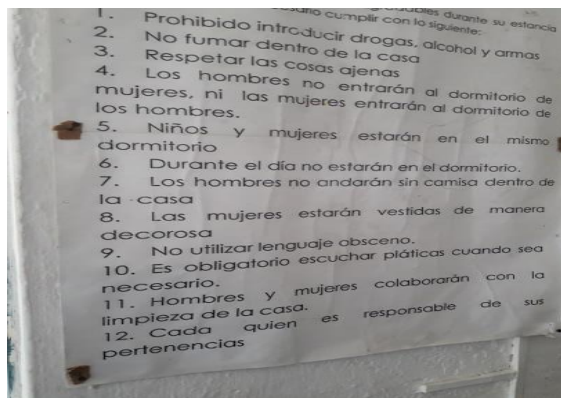


Figura 12. Migrante que retorna de seu êxodo depois de dois dias de descanso no Refúgio.



Figura 13. Casa del Migrante em Guadalajara.



Figura 16. Museu Ellis: Island National Museum of Immigration



Figura 14. Refúgio em Guadalajara.



Figura 17. Pertences dos primeiros migrantes chegados aos Estados Unidos.



Figura 15. Trilhos do trem Guadalajara.



Figura 18. Malas de Migrantes chegados da Europa.



Figura 19. Pertences de migrantes no Island National Museum of Immigration.

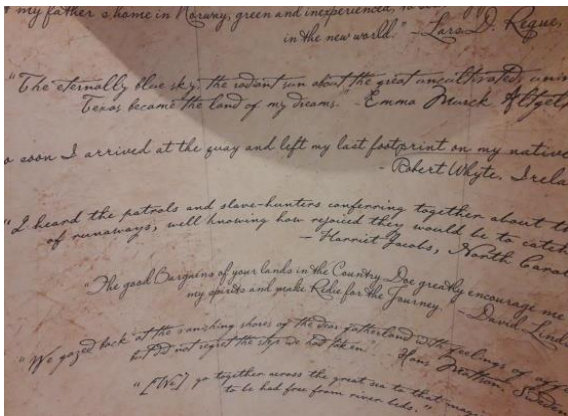


Figura 20. Atas de controle de migrantes.

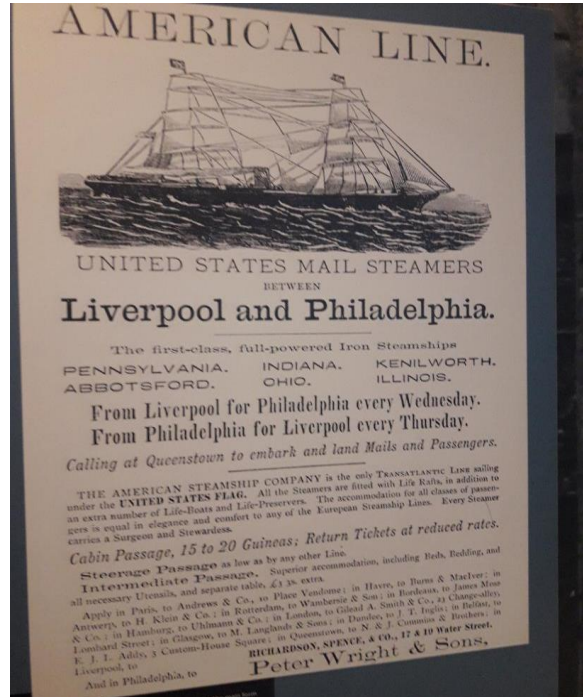


Figura 21. Divulgação que era realizada na Europa para migrar para os Estados Unidos.

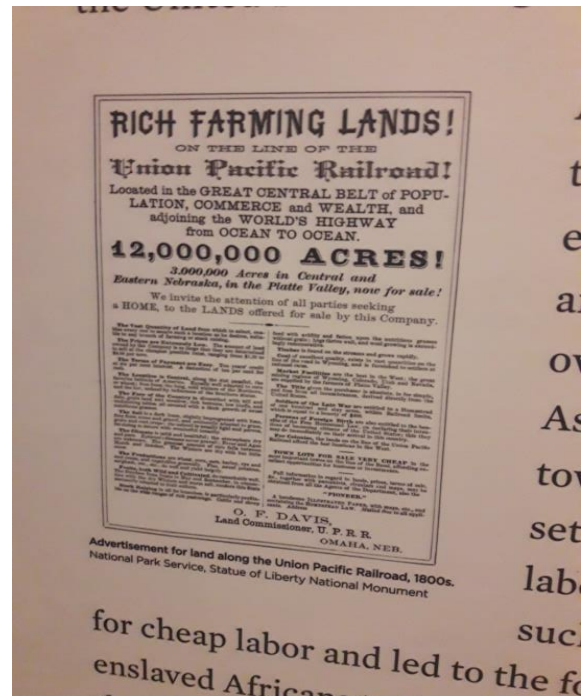


Figura 22. Divulgação de valores para migrar para os Estados Unidos.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br